

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

DM.
CARV/C. 7

**"E DEPOIS DO ADEUS:
IDENTIDADE DO EGO E MATURIDADE RELACIONAL
NUMA POPULAÇÃO DE JOVENS ADULTOS"**

**Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica
Sob a Orientação do
Prof. Doutor Frederico Pereira**

Cláudia Maria Constante Ferreira de Carvalho

LISBOA 1995

Reg. 9510

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

*O estudo aqui apresentado foi subsidiado pelo
programa Ciência da Junta de Investigação Científica
e Tecnológica através do contrato de Bolsa de
Mestrado n° BM/1948/91*

*Quis saber quem sou
o que faço aqui
quem me abandonou
de quem me esqueci
perguntei por mim
quis saber de nós
mas o mar, não me traz tua voz
Em silêncio amor
em tristeza e fim
eu te sinto em flor
eu te sofro em mim
eu te lembro assim
partir é morrer
como amar, é ganhar e perder
tu vieste em flor
eu te desfolhei
tu te deste em amor
eu nada te dei
em teu corpo, amor
eu adormeci
morri nele
e ao morrer, renasci
e depois do amor
e depois de nós
o dizer adeus
o ficarmos sós
teu lugar a mais
tua ausência em mim
tua paz, que perdi
minha dor, que aprendi
de novo vieste em flor
te desfolhei
e depois do amor
e depois de nós
o adeus
o ficarmos sós*

(José Niza)

Gostaria de agradecer a todos aqueles que pessoal ou profissionalmente, em muito contribuíram para a concretização deste projecto.

À Prof. Doutora Maria Emília Costa, pela sua amável colaboração ao nível da disponibilização de material bibliográfico, a que de outra forma não teria tido acesso.

Ao Dr. Pedro Almeida que me facultou a listagem dos alunos.

Aos estudantes do I.S.P.A. que aceitaram ser entrevistados.

Aos colegas que realizaram as entrevistas (Helena Dulce Cruz, Osvaldo Santos e Gustavo Freitas) e que avaliaram os protocolos (Dr.^a Sílvia Duarte Prazeres).

À Prof. Doutora Glória Ramalho, pela sua amável e sempre disponível colaboração na realização do tratamento estatístico dos dados.

Ao Carlos e ao Gil pela longa paciência.

A todos os amigos e colegas que com a sua disponibilidade prestaram uma colaboração inestimável.

Ao meu pai.

ÍNDICE

	Pág.
Primeira Parte - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
Capítulo I - NOTAS PARA UM ENQUADRAMENTO SOCIO - HISTÓRICO DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE E INTIMIDADE	8
1. Da Identidade	9
2. Da Intimidade	22
3. Da Identidade e da Intimidade	37
Capítulo II - IDENTIDADE E INTIMIDADE NUMA PERSPECTIVA COGNITIVO - DESENVOLVIMENTAL	44
1. Considerações Prévias	45
2. A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik H. Erikson	49
2.1. As Etapas do Desenvolvimento Psicossocial	53
2.2. Conclusão e Limites da Conceptualização de Erikson	60
3. A Operacionalização e Avaliação dos Estádios Psicossociais Identidade e Intimidade	64
3.1. A Identidade	65
3.1.1. A Avaliação da Identidade: O Modelo dos Estatutos de Identidade	71
<i>A Exploração de Alternativas ou Crise</i>	72
<i>O Compromisso</i>	73
<i>Relação dos Estatutos de Identidade com outras Variáveis</i>	77
<i>Implicações para a Clínica Psicológica</i>	78
<i>Limitações do Modelo</i>	81

3.2. A Intimidade	82
3.2.1. A Avaliação da Intimidade: O Modelo da Maturidade Relacional	93
<i>Relação da Intimidade com Outras variáveis</i>	97
<i>Implicações para a Clínica Psicológica</i>	99
<i>Limitações do Modelo</i>	101
2.3. Identidade e Intimidade	103
 Segunda Parte - METODOLOGIA	107
1. Introdução	108
2. Formulação da Situação Problema	115
3. Instrumentos de Medida	118
4. Definição e Caracterização das Variáveis	128
5. Selecção dos Sujeitos e Procedimento	135
6. Análise dos Dados	138
 Terceira Parte - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	140
1. Considerações Gerais	141
2. Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos	143
2.1. Variáveis de Caracterização Pessoal	145
2.2. Variáveis de Caracterização Familiar	153
2.3. Estatutos de Identidade	158
<i>Discussão</i>	160
2.4. Níveis de Maturidade Relacional	187
<i>Discussão</i>	189
2.5. Estatutos de Identidade, Níveis de Maturidade Relacional e Variáveis de Caracterização Pessoal e Familiar	205
<i>Discussão</i>	230

2.6. Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional	237
<i>Sequência Desenvolvidamental Identidade - Intimidade</i>	237
<i>Áreas dos Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional Globais</i>	241
<i>Discussão</i>	256
 Quarta Parte - CONCLUSÃO	 263
 ÍNDICE de QUADROS	 270
ÍNDICE de FIGURAS	274
ÍNDICE de APÊNDICES E ANEXOS	277
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	278

VOLUME II

APÊNDICES

ANEXOS

Primeira Parte

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

CAPÍTULO I

NOTAS PARA UM ENQUADRAMENTO SÓCIO-HISTÓRICO DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE E INTIMIDADE

O objectivo deste capítulo é traçar, em breves linhas, a evolução da forma como o sujeito se vê a si próprio e se relaciona com os outros, da Idade Média aos nossos dias.

Partindo do pressuposto comumente aceite de que as diferentes sociedades em diferentes épocas facilitam diferentes visões do que é ser uma pessoa, o que por sua vez vai circunscrever a forma e o conteúdo da experiência individual, apresentar-se-á uma revisão interdisciplinar da evolução dos conceitos de identidade e de intimidade.

Iniciar-se-á por um enquadramento do conceito de Identidade, da sua crescente problematização ao longo da história, e das mutações recentes que se fazem sentir na auto definição dos sujeitos.

Seguidamente traçaremos um percurso similar para a noção de Intimidade, através das várias expressões por que pode ser abordada - casamento, amor, paixão, revelação de si, sexualidade. Num percurso desde a cortesia às concepções ocidentais actuais do amor, procurámos lançar pistas para a compreensão das condições que levaram à falência dos modelos tradicionais, e à emergência de novas modalidades de relacionamento afectivo.

1. Da Identidade

O conceito de Identidade é tão normal ao pensamento humano que faz parte não só da linguagem comum, como do vocabulário teórico de quase todas as ciências. Da Lógica (por exemplo, distinção entre a identidade numérica e identidade específica), à Matemática (por exemplo, a distinção entre a identidade e equação), passando naturalmente pelas Ciências Humanas: *identidade pessoal* (Psicologia), *identidade jurídica* (Direito), *identidade cultural* e *identidade nacional* (Antropologia, Sociologia e História) (Abreu, 1985).

Se no domínio lógico da analítica dos conceitos, a identidade é a singularização, (Identidade, do latim tardio *identitate*, significa "o mesmo sentido") no domínio psicológico, a identidade pessoal resulta da singularização do eu por oposição a outros e pela diferenciação interpessoal.

Se o momento originário da constituição da identidade pessoal é o da visão especular ou visão narcísica do próprio corpo, momento em que o sujeito pela primeira vez se percebe e experiencia como figura separada, limitada e limitadora, o corpo e a sua representação, não são suficientes para a constituição da identidade pessoal.

A visão especular do corpo próprio, com o reconhecimento da separação com o Outro, abre uma série de interrogações fundamentais cujas respostas se apresentam fundamentais para a formação da identidade do eu: quem sou eu e quem são os outros? qual a minha origem, donde vim e como vim?

As respostas a estas perguntas passam pelo posicionamento relativo do eu e dos outros, num sistema triádico que deixa de ser integralmente da *ordem da natureza* para passar a ser da *ordem da cultura*: a atribuição do nome próprio e do nome de família, as normas reguladoras das relações entre pai - mãe - filhos, as permissões e proibições, a distribuição dos alimentos e dos sentimentos, a partilha dos afectos e do amor, as normas, as interdições (Abreu, 1985). Estão pois aqui presentes, e intimamente ligadas, identidade pessoal e identidades jurídica, nacional e cultural.

Segundo Azevedo (1992) este carácter de charneira entre o individual e o social do conceito de identidade, longe de contribuir para a sua clarificação, dificulta-a, na medida em que as interrogações que o estudo da identidade coloca, não podem ser respondidas no âmbito exclusivo de uma só teoria/ciência. Os estudos e tentativas de compreensão do fenómeno encontram-se assim fragmentados ao longo das várias disciplinas que têm o homem por objecto.

Porém o interesse do seu estudo não só se mantém, como tem vindo a aumentar recentemente. As razões para esse interesse prendem-se com um conjunto de mudanças que se fazem sentir na sociedade contemporânea. Azevedo refere três grandes razões:

(1) o recrudescimento do nacionalismo nos vários países da Europa, demonstra que este fenómeno não pode ser só encarado na sua vertente política, mas também na sua vertente cultural, onde o conceito de identidade nacional aparece implicado. Como exemplos actuais, podemos citar a desagregação dos estados da Europa de Leste por fronteiras ligadas ao conceito de nacionalidade, a oposição dos países nórdicos ao tratado de Maastrich, os intermináveis conflitos na ex-Jugoslávia.

(2) o aumento de perturbações psicológicas ligadas à definição da identidade pessoal. Azevedo cita Erikson quando este escreve que "o paciente de hoje sofre mais o problema de em que acreditar e em quem se tornar ou ser, enquanto que o paciente do princípio da psicanálise sofria de inibições que o impediam de alcançar o que e quem ele pensava ser".

Parece ser opinião generalizada dos técnicos de saúde mental que se tem verificado uma alteração nas características dos utentes que acorrem aos serviços de saúde mental. De um predomínio de diagnósticos de neurose há uns anos atrás, assiste-se hoje a uma prevalência de utentes que apresentam perturbações de tipo narcísico (Lipovetsky, 1982).

Para Azevedo é a perda dos valores transcendentais, como Revolução, Progresso, Utopia, etc, que remete o indivíduo para os limites de si próprio, obrigando-o, na ausência de um ideal, a identificar-se com uma imagem, que servindo apenas de pele, tende a gerar no indivíduo sensações de vazio. É a "*era do vazio*" denominação de G. Lipovetsky (1982), para relevar a atitude de apatia e indiferença que caracteriza as relações sociais na sociedade ocidental neste final de século.

(3) as modificações nos papéis sexuais que vieram pôr em causa não só os comportamentos e valores sexuais, como a natureza das identidades masculina e feminina. E. Badinter (1993) na sua análise da evolução dos papéis sexuais masculinos e femininos, descreve a forma como as fronteiras "naturais" e "inquestionáveis" entre o homem e a mulher se têm vindo a desvanecer, conduzindo actualmente a uma crise das identidades masculina e feminina.

De facto, a construção da identidade sexual ultrapassa em muito o factor genético, pondo em jogo factores psicológicos, sociais e culturais. A alteração profunda das relações sociais e familiares, das estratégias educativas, do estatuto da mulher na sociedade, vem segundo esta autora, colocar em questão sobretudo a identidade masculina, espartilhada entre a falência do modelo da virilidade, e a invenção de uma nova masculinidade reconciliada com a sua própria feminilidade.

É pois impossível abordar a identidade de uma perspectiva unicamente individual, e esquecer a vertente social. O conceito de identidade apresenta íntimas conexões com a realidade sócio-histórica (Azevedo, 1992), pelo que uma primeira abordagem do conceito terá de fazer referência à evolução histórica da forma como o homem se foi vendo a si próprio e à sua experiência, ao longo da história.

Baumeister (1987) procurou evidenciar a relação entre a problemática da identidade e o desenvolvimento histórico. Partindo de dados históricos, biográficos e literários, Baumeister vai traçar uma sequência desenvolvimental da definição de identidade na sociedade Ocidental, da Idade Média aos nossos dias.

O pressuposto do seu trabalho é simples: a literatura tende a usar temas e personagens que retratam os dilemas correntes da condição humana. Mudanças no conteúdo temático e na caracterização dos personagens de época para época, encontradas nas obras literárias, reflectiriam mudanças na condição humana. Dada a subjectividade deste tipo de dados, Baumeister baseia-se unicamente no trabalho dos historiadores, não interpretando directamente os dados, de forma a não enviesar a sua análise.

A sua tese principal é a de que a identidade *tornou-se* um problema ao longo do desenvolvimento histórico no Ocidente, constituindo esta problemática um fenómeno essencialmente moderno.

Baumeister (1987) inicia a sua análise na parte final da Idade Média, distinguindo três períodos históricos até aos nossos dias: a parte final da Idade Média (séculos XI e XV), do início da idade moderna ao Romantismo (século XVI até ao início do século XIX) e do período Vitoriano (meados do século XIX) até à actualidade. Cada um destes períodos históricos seria marcado por diferentes concepções da identidade.

Assim, na Idade Média o conhecimento de si próprio não era objecto de preocupação por parte dos indivíduos. A introspecção, e a consciência da unicidade de cada indivíduo como entidade separada, pré-requisitos para transformar a identidade num problema, só vão florescer no final da Idade Média.

Até esta época, a identidade do sujeito medieval é definida pelo papel social, pela linhagem e especialmente pelo seu género de pertença. As transições, como o tornar-se adulto, o casamento, a parentalidade são bem marcadas, tornando o processo de auto definição simples e linear. Dada a forte ascendência do Cristianismo, o indivíduo acredita que o lugar que ocupa na sociedade lhe foi destinado por Deus, não o questionando, nem aspirando a outro.

Consequentemente as relações entre o indivíduo e a sociedade são estáveis e não problemáticas. A realização pessoal, tal como hoje a entendemos, é um problema que não se coloca para o homem medieval. A crença cristã da salvação no céu após a morte, adia a satisfação da vida terrena para a eternidade, tornando a frustração normal e esperada.

Apenas na cavalaria, encontramos alguma evidência de satisfação terrena através da Honra (proezas guerreiras) e do Amor. Porém, à excepção de algumas histórias de adultério, como a de Tristão e Isolda, e Lancelot e Guinevere, o Amor não ocupa um papel central na vida Medieval. É reconhecido como uma força poderosa, mas não é idealizado como um ingrediente necessário para a realização pessoal e para a auto definição.

Com o aumento do comércio no final da Idade Média e início da Idade Moderna, cresce também a classe burguesa e aumenta a mobilidade social. A sociedade torna-se mais flexível, primeiro com o declínio do sistema feudal de papéis sociais, depois com o rápido crescimento urbano e industrial que acarretam novas oportunidades de trabalho, e finalmente com uma reforma política que enfatiza as liberdades individuais.

Este contexto permite que o sujeito como indivíduo comece a destacar-se do papel social por ele desempenhado, na medida em que tem à sua disposição um leque de opções de como viver a sua vida (pelo menos para os homens). Inicia-se assim a separação entre os domínios público e o privado, até aí inexistente, e que reflecte o esboçar de uma nova atitude, que considera haver uma parte do eu que não pertence ao domínio público, à sociedade.

O indivíduo define-se agora mais pela riqueza do que pela linhagem, o que levanta questões de competitividade, incerteza, mutabilidade, e portanto necessidade de fazer opções. Ao sujeito é agora permitido escolher a melhor forma de realizar o seu potencial, em vez de aceitar passivamente o que a sociedade lhe havia destinado. O potencial humano deixa assim de ser pré-determinado para se tornar numa questão em aberto.

Esta concepção tem influências nas atitudes educativas. As crianças passam a ser encaradas como tábuas rasas, podendo desenvolver-se em qualquer sentido segundo a orientação que lhes seja dada.

Ariés e Stone (citados por Azevedo, 1992) referem o surgimento neste período de um maior investimento afectivo na relação pais-filhos, tornando esta relação mais individualizada.

De facto, até à Revolução Francesa, na França urbana, o desinteresse dos pais pelos filhos nos seus primeiros tempos de vida era manifesto. E. Badinter (1980) refere que "das vinte e uma mil crianças que nascem em Paris no século XVII, mal chega a mil o número das que são criadas pela mãe" (p.15). As restantes, são entregues aos cuidados de amas que as levavam para o campo, longe dos centros urbanos, onde este costume era regra, e não apenas entre os socialmente mais favorecidos. Os dados recolhidos por Badinter, referem ser vasto o leque social de mães que entregavam os seus filhos às amas "da burguesia às classes populares, do conselheiro ao servidor doméstico".

Porém, no decorrer do século XVIII, de que a publicação em 1762 de *Emílio* de Rousseau é um marco importante, assistimos a uma inversão total dos valores maternais, transformando a mãe (pelo menos aparentemente) indiferente, na "mãe-galinha" dos nossos dias, dando o impulso de arranque à família moderna, isto é, assente no amor maternal.

Sem nos demorarmos na reflexão sobre as condições que levaram a esta tão radical mudança de valores, objecto da obra de E. Badinter (1980), referiremos apenas as suas consequências. Dizem-nos Ariés e Stone (citados por Azevedo) que com a introdução da afectividade nas relações pais-filhos as relações tornam-se cada vez mais individualizadas e especiais. A criança cresce acreditando que é única ou especial, e portanto em adulto tenderá a pensar da mesma forma. Assim se fomenta o individualismo, emergindo a identidade como uma questão à qual os indivíduos começam a ter de responder.

O potencial humano torna-se, assim, uma questão problemática, reflectindo-se na crescente preocupação que cada indivíduo começa a mostrar com o seu auto conhecimento. Contudo, dado que os critérios e os procedimentos para a definição da identidade são ainda socialmente claros e bem definidos, a auto definição da identidade não é ainda tão problemática como se virá a tornar na sociedade contemporânea.

Neste contexto histórico-social, o Romantismo (finais do sec XVIII, início do século XIX) aparece definido por Baumeister como um período de hipertrofia do Eu por excelência. O Eu é entendido pelos Românticos como algo interior e escondido, que se distingue claramente da actuação pública do sujeito. Há uma enorme preocupação com a compreensão do destino e potencial únicos de cada pessoa, que se faz acompanhar por uma "obrigatoriedade " de o descobrir e realizar.

O Período Vitoriano (meados do século XIX) vem ampliar a crença de um Eu interior e escondido, até mesmo do seu possuidor, como Freud veio a sustentar, e que ainda hoje encontramos nas concepções psicológicas correntes. A forte repressão moral levou os vitorianos a estarem permanentemente em guarda, para impedir que o seu eu privado se revelasse involuntariamente.

Desenvolve-se, assim, uma atitude cultural que enfatiza o auto conhecimento, ao mesmo tempo que é reconhecida a dificuldade dessa tarefa. Baumeister aponta como factores prováveis que terão contribuído para essa nova atitude, o declínio progressivo da religiosidade, que priva as pessoas de um conjunto de respostas para a compreensão de si próprias, e o fortalecimento da nova cultura familiar, moderna, caracterizada pelos laços de ternura e intimidade que ligam os pais aos filhos.

Não encontrando respostas nas instituições, o indivíduo volta-se para a esfera do privado. A vida familiar torna-se assim o valor e o refúgio privilegiado, substituindo a sua função inicial (medieval) de unidade económica, pela de fonte de suporte afectivo e emocional. A realização pessoal começa assim a passar pelo preenchimento das necessidades afectivas, encontrado na vida íntima, privada.

O vazio deixado pelo declínio do Cristianismo é preenchido pelo Romantismo com as imagens do Trabalho e do Amor como fontes de realização pessoal. É o que encontramos na resposta de Freud a um seu contemporâneo que lhe terá perguntado o que é que uma pessoa normal estaria habilitada a fazer bem: "*Lieben und arbeiten*", "Amar e trabalhar", fórmula retomada por Erikson (1968) aquando da sua conceptualização da adolescência como um processo psicossocial de construção da identidade.

Amor e Trabalho, são estas as imagens que a modernidade se encarregou de desenvolver, conduzindo à concepção actual, em que estes dois vectores jogam um papel central na definição da identidade e na realização pessoal dos indivíduos. São estas fundamentalmente, ainda, as características da sociedade contemporânea.

Certamente que o século XX introduziu mudanças radicais que produziram uma alteração substancial nas relações entre os indivíduos e a sociedade. Não resistimos aqui a citar um trecho de Boaventura Sousa Santos, que nos traça em breves linhas a "história" do século XX.

"O Século XX ficará na história (ou nas Histórias) como um século infeliz e sobretudo desconcertante. Alimentado pelo pai, o século XIX, para ser um século prodígio revelou-se um jovem frágil, dado às maleitas e aos azares. Aos catorze anos teve uma doença grave que, tal como a tuberculose e a sífilis de então, demorou a curar e deixou para sempre um relógio. E tanto que aos trinta e nove anos teve uma fortíssima recaída que o privou de gozar a pujança própria da meia idade. Apesar de dado seis anos depois por clinicamente curado, tem tido desde então uma saúde precária e muitos temem uma terceira recaída, certamente mortal. Uma tal história clínica tem-nos vindo a convencer - a nós cuja inocência está garantida por não termos escolhido a data do nosso nascimento - que, em vez de um século-prodígio, nos coube um século idiota, dependente dos pais e incapaz de montar casa própria e ter uma vida autónoma"

(Boaventura Sousa Santos, 1988)

Por outras palavras, o século XX, um século à procura da sua identidade? A tese de muitos analistas da sociedade contemporânea, como A. Giddens e J.F. Lyotard tem sido a de que a modernidade é o tempo de problemática da identidade (Azevedo, 1992).

O projecto sócio cultural da modernidade constitui-se entre o século XVI e os finais do século XVIII. Mas é sobretudo entre 1880 e 1930, com a emergência do capitalismo como modo de produção dominante nos países da Europa que integram a primeira onda de industrialização, que o modernismo ganha toda a sua amplitude (Santos, 1988).

Caracterizado pela negação da tradição, o culto da novidade e da mudança, o modernismo vem romper a continuidade com o passado, introduzindo uma descontinuidade entre o antes e o depois, e afirmando uma ordem nova. Mas mais do que um movimento estético, de repercussões directas na literatura e na arte, de que em Portugal é símbolo o "Orfeu" de Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Almada Negreiros, o modernismo é um movimento de revolta contra todas as normas e valores da sociedade burguesa.

Longe de reproduzirem os valores da classe economicamente dominante, os modernistas defendem valores inspirados no Romantismo, a saber a exaltação do eu, a autenticidade e o prazer, valores estes hostis aos da burguesia, centrados no trabalho, na poupança, na moderação e no puritanismo: "A cultura modernista é por excelência uma cultura da personalidade, tem por centro o eu" cita Lipovetsky (1982).

Promove-se assim uma cultura estritamente individualista, resultado de um processo secular iniciado no século XVIII que culmina no advento das sociedades democráticas assentes na soberania do indivíduo e do povo. Trata-se de uma verdadeira revolução individualista, através da qual pela primeira vez na história, o ser individual, igual a qualquer outro, é percebido e percebe-se como fim último, concebendo-se isoladamente e conquistando o direito à livre disposição de si próprio.

Fechado sobre si próprio e considerando-se à parte, o indivíduo quebra a cadeia das gerações, o passado e a tradição perdem o seu prestígio. Libertando-se do passado limitador do seu direito absoluto de ser ele próprio, o ideal da autonomia pessoal prevalece, o indivíduo reconhece-se finalmente livre. Os valores dominantes são agora a liberdade, a igualdade e a revolução.

Contudo, esta ideologia individualista tem custos psicológicos elevados. Diz-nos Lipovetsky que o homem livre é também móvel, sem contornos definíveis. A sua existência está votada à indeterminação e à contradição. O processo de construção da identidade, outrora ritualizado, permitindo ao indivíduo de forma não problemática saber quem era, e como se posicionar no seio do seu grupo, é agora complexificado pela diversidade de opções e possibilidades. A identidade transforma-se num problema, não só no plano pessoal, mas também no plano teórico.

Mas é com o esgotar da cultura modernista, que o processo de construção da identidade se torna verdadeiramente problemático. A cultura modernista cujo objectivo era gerar ininterruptamente o novo, vê-se agora incapaz de continuar a inovar, na medida em que a vanguarda deixou de suscitar indignação e o que era revolução e provocação, tornou-se cultura de massas. Por outras palavras, a revolta modernista institucionalizou-se. Entra-se na cultura pós-moderna, ou seja no interior de uma sociedade que conseguiu neutralizar na apatia, aquilo que fundamentava o impulso modernista, isto é, a mudança.

O individualismo hedonista é legitimado, pois não encontra mais oposição nem revolta. É o tempo da banalização do novo, da indiferença, da ausência total de referentes, ídolos ou tabus. Por essa razão Lipovetsky denomina-a de "era do vazio". Diz-nos Jeudy (1988) que esta expressão é o título de uma verdadeira tragédia. Tragédia que para Lipovetsky se encena na perda de todos os valores e na dessubstancialização do indivíduo, que marca a sociedade contemporânea.

Em suma, com a dissolução das "grandes narrativas" de crença e de verdade que estabelecem o sentido e a ligação entre passado presente e futuro, como escreve Lyotard em "*A condição pós-moderna*" (citado por Azevedo), com a institucionalização da dúvida, o processo de construção de identidade pessoal perde-se agora na multiplicidade de papéis e valores que se oferecem ao indivíduo, mas que não se fazem acompanhar agora por referentes orientadores.

A realização da autonomia e da liberdade individual criou na sociedade pós-moderna um estranho paradoxo: a de com a emergência do individualismo iniciar um processo de dissolução da individualidade e de perda da identidade (Vavakova, 1988).

Kellner (1992) apresenta uma interessante proposta de análise da cultura pós-moderna. Partindo da constatação da quase inexistência de análises da cultura popular por parte dos analistas da sociedade contemporânea, nomeadamente Lyotard, Kellner vai fazer falar a identidade do pós modernismo através de alguns ícones mediáticos actuais: a televisão e a publicidade. Para Kellner a identidade não desapareceu na sociedade contemporânea, antes se redefiniu e reconstruiu. Nessa redefinição os meios de comunicação social desempenham um papel fundamental.

Segundo Kellner a televisão e as formas de cultura mediática de massas assumem as funções tradicionalmente atribuídas aos mitos e aos rituais, nomeadamente, a integração dos indivíduos na ordem social, a celebração dos modelos culturalmente dominantes, a oferta de modelos de pensamento e comportamento e a resolução das contradições sociais, desempenhando assim um importante papel na estruturação da identidade contemporânea.

A lógica da análise de Kellner, é a mesma da de Baumeister, só que aplicada aos meios audio-visuais. Através da análise dos heróis televisivos e do simbolismo latente na publicidade durante a década de 80, Kellner conclui que a identidade pós-moderna apresenta características singulares, que a distinguem claramente da identidade do modernismo.

Enquanto que a identidade moderna constitui uma questão que envolve escolhas fundamentais nas esferas ocupacionais, política e familiar, permitindo ao indivíduo definir-se e afirmar-se, a identidade pós-moderna tende a construir-se a partir do lazer, da imagem e do consumismo, consistindo mais numa escolha de estilo e de comportamentos do que em qualidades psicológicas ou morais intrínsecas.

Os heróis actuais caracterizam-se pela instabilidade na sua auto definição, pelo polimorfismo, assumem múltiplas identidades e vivem num presente eterno. Estes heróis são muito diferentes dos heróis de identidade sólida e estável, que povoavam o universo televisivo até aos anos 70.

Kellner sugere que, o que se designa por identidade pós-moderna, constitui uma extensão da liberdade de escolha entre as múltiplas identidades do modernismo, mas que aceita e afirma a sua condição instável, transitória e aberta à redefinição permanente. Ainda será talvez cedo para afirmar se tal multiplicidade de imagens é positiva ou negativa. Por um lado, a possibilidade de mudança radical de vida aumenta consideravelmente a liberdade individual, mas por outro poderá levar a vivências fragmentadas e dispersas de si, produzindo ansiedade e crises de identidade.

É neste contexto que surge agora no fim do século uma nova figura, a da Geração X. Quem são? Os sociólogos americanos inventaram esta designação para os jovens que têm actualmente entre 18 e 25 anos. mas a expressão popularizou-se com a publicação recente de um livro de um jovem autor canadiano, Douglas Coupland, intitulado precisamente "*Geração X*".

Aqui, a identificação desta geração é mais alargada: são todos os jovens nascidos depois dos anos 60, os "*twenty-something*". Coupland define-a como uma geração em crise, a "*crise dos vinte-e-tal*", isto é,

"um período de derrocada mental que tem lugar pelos vinte-e-tal anos, muitas vezes causado por uma incapacidade de funcionar fora da escola ou dos ambientes estruturados, associada à consciência de solidão quase completa. Assinala com frequência a propensão para o ritual do uso de fármacos" (p. 35)

ou mais exactamente

"um grupo sem nome - uma geração X - que se esconde propositadamente" (p.65).

Apesar da acção do romance se situar no sul dos Estados Unidos, o fenómeno não parece circunscrito apenas aos E.U.A. Nos países da Europa, nomeadamente em França (a revista *Nouvelle Observateur* dedicou um número especial a este tema em Abril de 1993), e também em Portugal.

Aqui, especialistas da adolescência são convidados a pronunciarem-se sobre este assunto, indicando que parece haver de facto "um conjunto de vivências, sentimentos e angústias comuns aos indivíduos com idades compreendidas entre os vinte e os trinta anos, que resulta de uma divulgação maciça dos padrões de uma cultura juvenil urbana através do áudio-visual e da comunicação social em geral" (Martins, 1994). Este conjunto de indivíduos começam assim a despertar o interesse de psicólogos, psiquiatras, sociólogos, políticos, professores, pais, e claro, dos próprios sujeitos que cabem nesta faixa etária.

Porque o que é curioso é que, ao contrário dos outros grupos, a geração X é uma geração que não se vê como tal, que não se reconhece, daí talvez a sua designação - X - que reflecte uma incógnita não só para o observador, mas sobretudo para os próprios sujeitos que a ela pertencem.

Senão, vejamos: a geração de 60, apresenta-se claramente como um movimento contra-cultura, "expressão de uma nova crise da modernidade" (Vavakova, 1988), que conquistou, como nenhuma outra o havia feito, a liberdade na expressão política e ideológica, mas também na forma de amar, recuperando valores inquestionáveis. O modelo *yuppie* que marcou a década de 80, afirmava-se pelos valores da competitividade, do sucesso e consumismo. Quando ouvimos porém um jovem de "vinte-e-tal" anos, aquilo que é saliente até mesmo antes do desencanto e do cepticismo que parece marcar esta geração, é o não reconhecimento da pertença:

Entrevistador: *"E tu, tens uma geração?"*

Resposta: *"Sim , mas é mais etária que outra coisa. Não estamos espartilhados em referências claras, não lutamos contra as mesmas coisas... se lutamos por alguma coisa, é por uma afirmação individual da diferença. Nunca tive desejo de entrar em nenhum grupo, tipo punks ou skins, mas luto pela minha diferença."*

(Diogo Infante, actor, 27 anos em entrevista à revista "Visão" 11/08/94)

O reconhecimento de ser diferente, de ser único, especial, por um lado, e o ter nascido na mesma época, eis apenas aquilo que estes jovens sentem ter em comum. Nada mais.

O que é interessante, é que esta geração é filha dos homens e mulheres que fizeram, ou pelo menos assistiram à revolução dos anos 60. São os "*Jonas que teriam 25 anos no ano 2000*", e para quem estava prometido um futuro de liberdade, justiça e amor. O que eles encontraram chegados à idade adulta, é a recessão económica com a inerente impossibilidade de planear uma carreira e um futuro. Os rituais de passagem à idade adulta - o emprego e o casamento - tornam-se consequentemente fronteiras reversíveis, o que leva o sociólogo Machado Pais (citado por Martins) a referir-se a estes jovens como a "geração io-iô", para acentuar a mobilidade social e a ausência de marcos que a caracteriza.



(in Douglas Coupland, 1994)

Sem possibilidade de perspetivar uma carreira, mas permanentemente solicitados pela sociedade de consumo, os jovens empregam-se naquilo que é possível, e não nos empregos compatíveis com a sua formação. É o que D. Coupland denomina de *macjob*, um "emprego mal pago, sem prestígio, sem dignidade, sem lucros, sem futuro, no sector dos serviços". Diversos trabalhos se sucedem, prolongam-se indefinidamente os estudos, mantém-se a ligação económica aos pais para assegurar o acesso aos produtos que se desejam.

A religião deixou de ser uma referência orientadora da vida privada. A geração X é provavelmente a primeira geração que foi criada sem Deus (Coupland, 1994). Deus deixou de fazer parte da existência, a religião tornou-se uma espécie de super mercado onde cada um vai buscar aquilo em que quer acreditar. Consequentemente todo um conjunto de perguntas importantes foram deixadas sem resposta (Martins, 1994).

E Coupland interroga-se: " o que acontece quando se é educado sem qualquer espécie de crença ?" Para além da crença religiosa, também as crenças políticas deixaram de ser assuntos apaixonantes. O sistema deixou de ser credível, mas o sentimento é de que não há alternativas. Vota-se (quando se vota...) no mal menor, e os políticos, independentemente da sua orientação, são todos "metidos dentro do mesmo saco" da demagogia e da corrupção, do jogo de poder, de onde não há possibilidade de escapar (Martins, 1994). Em sumà, todo um sistema ideológico desapareceu deixando em seu lugar o vazio e o desencanto.

Os modelos de comportamento deixam de ser os mais velhos, e passam a ser o grupo de amigos, que vem substituir a família. As relações familiares alteram-se. As relações amorosas, consequência de novas atitudes face à sexualidade, também. Os compromissos afectivos deixaram de conter promessas de futuro. A própria linguagem juvenil reflecte esta mudança: os jovens não "estão comprometidos", "andam juntos", expressão esta que reflecte uma visão menos estática da relação, do que a primeira.

Um a um todos os pilares que sustentavam a identidade vão sendo minados pelo relativismo: a ocupação, a política, a religião, e as relações afectivas e sexuais. Sobre este tema, o relacionamento interpessoal de intimidade, ocupar-nos-emos já de seguida. Para já terminaríamos esta parte com um belo e amargo excerto de D. Coupland, que serve também de introdução à secção seguinte:

"A vida era um encanto, mas não tínhamos política nem religião. Era uma vida de filhos dos filhos dos pioneiros, a vida depois de Deus (...) Acho que houve uma transacção algures no percurso. Acho que o preço que pagámos pela nossa vida dourada foi a incapacidade de acreditarmos verdadeiramente no amor; em vez disso, adquirimos uma ironia que distorce tudo aquilo em que tocamos. E pergunto-me se essa ironia foi o preço que pagámos pela perda de Deus"

(Douglas Coupland, *"The Life After God"* 1994)

2. Da Intimidade

Se o conceito de identidade se encontra presente em quase todos os campos do saber, como atrás referimos, o conceito de intimidade, pelo contrário, encontra-se explorado até à exaustão na linguagem comum. Numa das suas expressões - a experiência amorosa - o conceito é vastamente utilizado, quer no dia-a-dia, das conversas de café, às revistas femininas, quer na produção literária, televisiva e cinematográfica, produzindo assim, por outras vias, um efeito similar ao que ocorre com o conceito de identidade: o da dificuldade de operacionalização por via dos múltiplos discursos que sobre ele se produzem.

Mas se o conceito de identidade, aparece fragmentado ao longo dos vários corpos teóricos, o que em certa medida reforça a importância e a dignidade do seu estudo, o conceito de intimidade, nomeadamente numa das suas expressões mais comuns, a experiência amorosa, aparece frequentemente como aquele sobre o qual todos já tentaram fornecer uma explicação, e todos falharam, à excepção talvez dos poetas. Fica assim dificultada a tarefa do estudo rigoroso e científico desta variável, demasiado fútil e efémera para ser levada a "sério", isto é, para que sobre ela se produza um discurso científico.

Aliás, como escreve Barthes (1972) o discurso amoroso é actualmente de uma extrema solidão (...) "é talvez falado por milhares de pessoas, mas não é defendido por ninguém. Está completamente banido das linguagens circundantes: ignorado, desacreditado ou ridicularizado por elas, cortado não somente do poder, mas também dos seus mecanismos (ciências, conhecimentos, artes)".

No entanto, a universalidade da experiência amorosa por um lado (poucos serão aqueles que nunca experimentaram o Amor), e a singularidade dessa vivência (que torna a experiência amorosa diferente para cada indivíduo), torna-a passível de estudo no campo das ciências humanas. Dentro destas, a Psicologia será talvez a mais habilitada, dado esse carácter que transforma cada experiência amorosa em qualquer coisa de único, e muitas vezes de indizível.

Diz-nos Torres (1987), que, como é sabido, não é o objecto de estudo, mas sim a construção desse objecto que permite distinguir as diferentes disciplinas das ciências sociais. Ou seja, a economia, a sociologia, a psicologia, redimensionam ou elaboram segundo um enfoque próprio, a mesma realidade social. A observação de um dado fenómeno segundo apenas um destes ângulos, constitui assim uma visão amputada da realidade, na medida em que privilegia apenas uma dimensão.

Quando pretendemos abordar a problemática da intimidade, nas suas múltiplas expressões - amor, paixão, casamento, sexualidade, vida privada, isto é, relações afectivas de uma forma geral - de um ponto de vista psicológico, o enfoque será naturalmente sobre a subjectividade e a natureza intrapsíquica da experiência afectiva, (Intimidade, do latim *intimus*, significa "o que está mais no interior").

Certamente que esta é uma dimensão de extrema importância, dado que o indivíduo é sempre único e diferente de todos os outros. Todavia, em interacção com os outros, o sujeito é agente e protagonizador das sociedades em que vive, no seio das quais, "associadas à dimensão relacional da afectividade encontram-se formas de padronização da afectividade ou mesmo códigos amorosos que dominam ou se impõem de forma diferenciada por épocas, no tempo e no espaço" (Torres, 1987).

Por outras palavras, as representações individuais e colectivas sobre as relações afectivas e particularmente sobre a experiência amorosa, variam de época para época, de cultura para cultura. É pois necessário, quando se parte para uma abordagem sobre as relações afectivas situá-las num contexto cultural e espaço-temporal. Concordamos com Torres quando escreve que o sentimento amoroso é quase eterno ou universal naquilo que ele contém, mas as formas e as categorizações próprias do Amor dependem de códigos, da semântica própria de uma época.

Vimos já, a propósito da identidade e do pós-modernismo, de que forma se alteraram substancialmente os valores da sociedade ocidental nas últimas décadas, onde as respostas tradicionais foram substituídos pela incerteza.

Também no que no que diz respeito à sexualidade, à vida privada, às mulheres, houve uma mutação de valores, que priva as novas gerações de viver as relações afectivas, e particularmente o Amor, como as gerações que a precederam. Talvez por essa razão, avança Torres, se assista na sociedade actual a um consumo pela divulgação científica ou pseudo científica, ou simplesmente mediática, das coisas do Amor: uma vontade de saber em busca de novas respostas, para talvez novas formas de relacionamento afectivo.

Na sociedade ocidental actual, o Amor é uma preocupação central, e um ideal poderoso de realização pessoal. O amor tornou-se a condição primeira para a realização do casamento, e uma pessoa que achesse a vida sem amor, é tipicamente considerada como não tendo alcançado a sua realização pessoal (Baumeister, 1987).

Sabe-se porém que nem sempre foi assim. Os elementos recolhidos pelos historiadores, como M. Sot, G. Duby ou P. Ariés, indicam que na Antiguidade Clássica e até ao século XII, o amor não era uma assunto que preocupasse grandemente os indivíduos. O amor humano era concebido como um prazer, simples volúpia física. A paixão era rara e desvalorizada pela moral convencional, que lhe atribuía o valor de "acesso" ou mesmo "doença frenética", como atestam os escritos de Plutarco: " aos que estão apaixonados é preciso perdoar-lhes, como se estivessem doentes" (citado por Rougemont, 1982).

Mesmo entre os cristãos, as evidências indicam que o casamento durante o primeiro milénio, era um acto e um direito civil, que dispensava a bênção da igreja, e que não tinha por base nenhuma das características que actualmente lhe conhecemos, a saber: monogamia, indissolubilidade e consentimento recíproco de dois indivíduos.

A família inicialmente tinha um papel de unidade produtiva, sendo a escolha dos cônjuges feita com base em interesses económicos. "A estratégia matrimonial é uma estratégia de poder. O casamento negocia-se" escreve M. Sot (1991). A aliança matrimonial, fruto de um consentimento entre famílias e não entre duas pessoas, tem como objectivo unir patrimónios, e impedir que os domínios já existentes se desmembrem, pelo menos entre a classe aristocrática.

Em face desta estratégia, quem casava eram os filhos primogénitos, nas mãos dos quais se detinha a gerência da fortuna familiar indivisa. Só este filho será procriador, impedindo que a linhagem se diversifique, em cada geração, em ramos adventícios. Os irmãos mais novos, estão geralmente condenados ao celibato, levando uma educação militar, ou sendo destinados à vida monástica.

Os primeiros possuem no dizer de Duby (1991), uma sexualidade errante, predadora: violam as plebeias, consolam as viúvas, gastam os prémios dos torneios com as prostitutas. Têm apenas um único objectivo: apoderar-se de uma herdeira para casar, o que lhes conferirá o poder e a independência, apanágio dos homens casados. Daí a importância da cortesia e da sedução nos ritos de expressão amorosa cavaleirescos desta época.

Nesta sociedade medieval, as mulheres não têm melhor sorte. São educadas com o propósito de "servir um marido". Aprendem a bordar, a cantar, a dançar, a ler, isto é, como escreve Duby, "aprendem a distrair os guerreiros em descanso".

Mas nem todas, apesar dos dotes aliciantes que muitas vezes possuem, arranjam quem as queira. As que têm a má sorte de permanecer solteiras, ficam com as tias e as viúvas da família, num pequeno convento instituído no interior da residência familiar para esse fim. O seu consolo reside na moral eclesiástica que propõe um modelo de perfeição feminina que considera acima de tudo a virgindade, e só depois o casamento.

De facto, a castidade e a virgindade são consideradas pela Igreja como superiores, pois elas aproximam o homem do Senhor. A sexualidade no casamento é uma concessão, como escreve S. Paulo aos Coríntios:

"Digo aos celibatários e às viúvas que é bom que continuem assim tal como eu. Mas se não puderem viver em continência, casem-se; pois é melhor casar do que abrasar-se..."

(1 Coríntios, 7:8,9).

Porém, isso não impede os leigos de considerarem o casamento das filhas um ideal. Como escreve Duby, quando Tristão e Isolda decidem separar-se e cumprir a função social que se adapta a cada um deles, ele vai treinar os jovens guerreiros, ela vai promover o casamento das raparigas pobres - isto é, dar-lhes dinheiro, constituir o dote que lhes permitirá deixar-se engravidar legitimamente.

Nesta estratégia matrimonial, ao qual acresce a proibição do incesto que abrange parentes até ao 7º grau, o casamento está assim reservado aos filhos varões, e às donzelas que possuem um dote atraente. A sexualidade dos indivíduos é assim desordenada, e a poligamia é prática corrente, pelo menos entre os varões da nobreza. Até ao século XII a devolução das esposas era prática comum quando estas demoravam a dar à luz um filho varão, ou quando o marido encontrava um partido melhor.

Naturalmente que estas práticas não agradavam à moral da Igreja, mas é só no século XII que a difusão da doutrina cristã, ajudada pela evolução económica, social e política que marca a transição para o século XIII, que se vai operar uma síntese entre a moral laica e a moral cristã, que tem implicações profundas no casamento: de acto e direito civil, passa de uma vez só para a jurisdição eclesiástica. De agora em diante, e até à nossa era, o casamento irá assentar no consentimento recíproco, não já de duas famílias, mas de duas pessoas, abençoado e validado pelo padre.

É neste contexto que se inscreve a emergência de um modelo que irá deixar marcas nas concepções ocidentais do amor até aos nossos dias. Trata-se de uma forma de resistência à aculturação eclesiástica por parte da aristocracia laica mal convertida, que se propõe proporcionar uma compensação às novas restrições impostas pela Igreja ao casamento: o culto do amor paixão, ou como é também denominado pelos especialistas da literatura, o amor cortês.

Segundo Denis de Rougemont, no seu livro "*O Amor no Ocidente*", com textos escritos entre 1935 e 1954, que analisa os mitos que organizam a vida amorosa na cultura ocidental, do amor cortês aos nossos dias, o culto do amor paixão, teria sido uma forma de manter o culto pagão a *Eros*.

Eros é o Desejo total, é um *entusiasmo*, o que etimologicamente significa um *transporte divino* da alma para Deus, através do êxtase proporcionado pelo Amor. Este é um Amor para além do razoável, para além do bem e do mal, para além da morte, única via de ascensão para a origem única de tudo o que existe.

O amor paixão, é o Amor que não procura a realização do Desejo através da união dos corpos, pelo contrário, recusa-a, pois aquilo que é amado não é o Outro, mas a própria ideia do Amor. E, aquilo que ele busca, não é a consumação do Desejo, mas o consumir-se na mortal e deliciosa queimadura do fogo da paixão.

"De amor sei que dá grande alegria àquele que observa as suas leis", escreve aquele que é conhecido como o primeiro trovador, Guillaume, sexto conde de Poitiers e nono duque de Aquitânia, que morreu em 1127. E as "leis de Amor" são sete: Mesura, Serviço, Proeza, Longa Espera, Castidade, Segredo e Mercê. Sete virtudes que conduzem à Alegria, garantia de Amor verdadeiro.

Trata-se pois de um jogo, com regras fixas e bem determinadas. Assim o descreve Duby: um cavaleiro celibatário escolhe a sua dama - esposa de um senhor - para a servir. O jogo da cortesia exige que ela se dê progressivamente, envolvida em homenagens e juras de amor eterno, mas sem nunca realmente ceder os seus favores.

A Castidade é um aspecto particularmente importante, pois o cavaleiro coloca-se ao serviço da dama, mas não espera receber o que esta prometeu. Pelo contrário, no jogo da cortesia, a castidade liberta a tirania do desejo, levando o Desejo cortês ao extremo, onde a presença física do objecto amado se tornará, no limite, indiferente. Como escreve R. Barthes (1977):

"[...] é o meu desejo que desejo e o ser amado mais não é do que o seu subordinado. Exalta-me o pensamento uma tarefa tão grande que deixa longe e para trás a pessoa que me serviu de pretexto."

Segundo Rougemont (1982), o amor cortês opera uma inversão total no estatuto da mulher medieval. Do seu papel tradicional de inferioridade, ela é enaltecida e idealizada, elevando-se acima do homem.

Mas Duby é mais céptico. Segundo este autor, trata-se de um jogo de homens, conduzido pelo próprio esposo, que finge entregar a mulher, que não é nunca cedida, nem tomada pela força. O seu objectivo é, através da competição por ela suscitada, segurar os jovens que fazem a glória da sua casa. E Duby prossegue dizendo que se o desejo é o motor do amor cortês, o que está em jogo é o desejo masculino, nunca o feminino. A cortesia, mais do que o casamento, faz da mulher nobre um objecto.

Todavia, Rougemont reconhece que é a *Dama* e não a *mulher* que é enaltecida. A mulher, diz-nos Duby, é para o homem medieval uma Eva tentadora e portadora de malefícios, corrompida e corruptora, dissimulada e perversa, que só o casamento e a maternidade pode regularizar. Objecto menos de Desejo e mais de medo, ela é desprezada, como evidenciam as trovas de Raimbaut D'Orange:

*"Se quiserdes conquistá-las, sêde brutais, dai-lhes socos no nariz,
forçai-as: é disso que elas gostam".*

A Dama, pelo contrário, é idealizada. Porém, curiosamente o cavaleiro cortês dá muitas vezes à sua Dama o título de senhor no masculino - *mi dominus* - em vez de *domina* (senhora).

Por outro lado, segundo alguns intérpretes da mística dos trovadores (citados por Rougemont), a dama dos pensamentos não seria mais do que a parte espiritual e angélica do homem, o seu verdadeiro eu, o que parece indicar uma componente narcísica no amor cortês, contrariando assim a alegada valorização da mulher.

Em oposição a *Eros*, o cristianismo faz aparecer um outro tipo de Amor, *Agape*. Este Amor, concebido à imagem do amor de Cristo pela Igreja, é um amor de sentido inverso ao amor cortês.

Onde o amor paixão procurava a morte como fim último, o amor cristão começa na morte e volta-se para a vida. Onde o jogo da cortesia era movido pelo desejo masculino sobre uma imagem, o amor cristão opera uma verdadeira revolução pois introduz a noção do amor ao próximo. Porque amar, é amar a Deus e obedecer-Lhe, e Ele ordena que nos amemos uns aos outros. Onde o amor paixão amava uma imagem, o amor cristão ama o outro tal como ele é. O Amor pode ser agora recíproco e feliz, pois é ordenado e santificado pelo casamento, como testemunham as Epístolas de S. Paulo aos Coríntios:

*"para evitar o desregramento, que cada homem tenha a sua mulher,
e cada mulher o seu homem"*

e confere direitos iguais ao homem e à mulher, em S. Paulo:

*"não é a mulher que tem poder sobre o seu próprio corpo, mas sim
o seu marido. Da mesma maneira, o marido não tem poder sobre o seu
corpo, mas sim a sua mulher".*

Um ponto comum nestas duas tradições: a valorização da castidade. No amor cristão, tal como no amor paixão, a castidade é glorificada, naquele menos nas palavras que nos factos, como comprova o celibato de Jesus ou a virgindade de Maria. S. Paulo insiste na superioridade da virgindade:

*"quanto aos virgens [...] penso que é bom para o homem continuar
assim".*

No contexto do casamento, a mesma lógica de castidade permanece. Os esposos devem eximir-se do prazer sexual e praticar apenas a sexualidade com fins de procriação.

No século XII defrontaram-se assim duas morais: a moral laica, que exaltava o amor-paixão, e desprezava a sexualidade e o casamento, e a moral cristã, que institui o casamento como sacramento no seio da qual a sexualidade é rigorosamente regulada. Segundo Rougemont, é esta contradição que sobrevive ainda na nossa cultura e que seria responsável pelo comportamento moral e religioso do homem moderno.

Por um lado o adolescente da moderna sociedade ocidental é educado na ideia do casamento cristão com as suas características de fidelidade e consentimento mútuo. Ora, com a modernidade, as coacções sociais e religiosas em que assentava a instituição matrimonial dissolveram-se. O casamento deixou de ser decidido pelos interesses familiares, económicos ou de linhagem, para passar a ser decidido pelas determinações individuais, isto é, pelos valores que presidem à escolha do Outro.

Por outro lado, o homem moderno acha-se banhado numa atmosfera romântica onde a sociedade, de forma mais ou menos explícita, fá-lo acreditar que a paixão é condição fundamental para a felicidade. O sujeito escolhe assim o Outro com base no ideal da paixão, mitificando-o, e esquecendo que as características que presidem à valorização e escolha do Outro tendem a alterar-se com o tempo, o que coloca em risco a ideia de estabilidade que define o casamento.

Mais, no ideal da paixão, este Outro, segundo Rougemont, não é suposto ser alcançado. O objecto da paixão é "a mulher de que estamos separados", a "princesa longínqua". Na modernidade porém, os obstáculos para alcançar esta mulher idealizada desapareceram. Tristão casa com Isolda, e perde-a por a possuir. Não tendo a paixão os componentes transcendentais e sublimes de outrora, só resta ao sujeito resignar-se ao tédio, ou entrar num desregramento de entusiasmos sucessivos que lhe permitam recriar a paixão, ou encontrar novas e sucessivas Isoldas.

Rougemont conclui assim que é a paixão que arruina a própria ideia de casamento, na medida em que, amor e paixão são antagónicos, e a modernidade tenta basear o casamento, precisamente, em valores elaborados por uma ética de paixão, o que cria um conflito irressolúvel, e seria, na sua óptica, responsável pela crise moderna do casamento.

Apesar dos textos de Rougemont datarem de algumas décadas atrás, é inegável que ainda hoje encontramos muitas evidências na nossa cultura da ética do Amor Paixão. Como atesta R. Aragão (1985) no seu ensaio sobre a psicologia e identidade nacional, o culto do Amor Paixão está bem patente numa das mais conhecidas formas de expressão da vivência amorosa portuguesa - o Fado.

O amor à portuguesa, escreve Aragão, parece comprazer-se na distanciação, na ausência, na impossibilidade de realização, em suma num amor a fogo brando, com as características do amor paixão. No Fado, tratar-se-ia mesmo de um amor sem objecto, onde "uma certa sensualidade insatisfeita e uma certa espiritualidade impura se temperam".

Todavia, nesta atitude romântica dos portugueses, observa-se uma bifurcação em duas linhas, herdeira da poesia trovadoresca: uma de idealização da mulher amada, de teor devotado e casto, e outra satírica, de carácter grosseiro e obsceno, de que é alvo a mulher que não corresponde, ou que trai aquela idealização. Esta, à qual não é admitida a volubilidade carnal reservada apenas ao macho, se o desilude, habilita-se a ser alvo da recriminação satírica.

O apaixonado português tenderia assim, segundo Aragão, a ser exclusivista e aventureiro, mas, na continuidade, incómodo e cauteloso, procurando reaver após a consagração da união conjugal, a situação de comando de que só transitoriamente abdicara. Aragão refere que esta atitude deixaria entrever um reconhecimento implícito do valor do sexo feminino, cuja vantagem chegaria, em certos aspectos a ser temida.

Adivinham-se aqui ainda reminiscências do espírito medieval, em que a mulher era vista como uma "Eva portadora de todos os malefícios", como escreve Duby.

Luhman (1985) (citado por Torres), procurou caracterizar as diversas semânticas do Amor desde o século XVII até aos tempos-modernos. Da sua análise é possível concluir que o Amor nos tempos-modernos sofreu uma profunda alteração.

Segundo Luhman, a sociedade moderna caracteriza-se por um maior número de possibilidades de estabelecer relações interpessoais, e uma maior intensificação dessas relações. Por outro lado, a modernidade acarreta a dificuldade de prever a evolução da própria sociedade, aparecendo a sociedade aos indivíduos como opaca e complexa. Estes factores levariam o sujeito a ter necessidade de se refugiar num mundo próximo e compreensível, que lhes transmita uma sensação de confiança - um mundo "íntimo".

Neste mundo íntimo, as relações de proximidade, como as amizades, são revalorizadas, mas ao mesmo tempo, aumentam as exigências que o sujeito tem para com essas relações. Essas exigências são por vezes excessivas e difíceis de cumprir, daí resultando uma maior conflitualidade.

Sem liames administrativos que regulem as relações sociais, estas, nomeadamente as relações de amor e amizade, ficam sujeitas à fragilidade dos sentimentos e tornam-se excessivamente vulneráveis. Por outras palavras, a personalização das relações amorosas e afectivas, leva à destituição do seu carácter regulador do conflito, passando a ser elas próprias afectadas por ele.

Esta noção de que a erosão dos papéis sociais conduz ao desenvolvimento de relações interpessoais marcadas pelo conflito, é também desenvolvida por Sennett (1972) (citado por Lipovetsky, 1982). Para este autor, a libertação dos códigos e costumes inicia o "reinado da personalidade" que caracterizaria a cultura moderna. Trata-se de um desejo do homem moderno não só de se conhecer a si próprio, a sua identidade, mas também de se revelar, naquilo que ele tem de mais privado, mais íntimo.

Engendra-se assim uma sociedade "intimista", no seio da qual, tudo é dito na primeira pessoa, isto é, o indivíduo deve desvendar a todo o momento a sua personalidade, as suas motivações e emoções e exprimir os seus sentimentos íntimos. Nesta sociedade, a autenticidade e a sinceridade tornam-se assim virtudes cardiais, sem as quais o sujeito incorrerá na frieza e no anonimato.

Só que, diz-nos Sennett, esta exigência de proximidade entre os indivíduos encerra em si uma armadilha. Com a obsessão da verdade psicológica, do desvendar da intimidade de cada um, com o assalto da privacidade do Outro, perde-se a distância necessária à sociabilidade. As confidências fazem cair as máscaras dos actores sociais, enfraquecendo a capacidade dos indivíduos para lidar com a vida social.

Porque a sociabilidade, segundo Sennett, exige barreiras, regras, que permitem os indivíduos protegerem-se uns dos outros, para que possam fruir da companhia uns dos outros. Neste processo, o uso da máscara é fundamental, e é a essência da civilidade. A dissolução da distância entre o que se sente e o que se exprime, gera a destrutividade nas relações humanas, como exprime Sennett de forma pessimista: "quanto mais íntimas são as pessoas, mais as suas relações se tornam dolorosas, fraticidas e associais" (citado por Lipovetsky).

Todavia, para Lipovetsky esta ideia desenvolvida por Sennett afigura-se como maniqueísta, na sua asserção de homem "civilizado" regido por códigos sociais de conduta vs homem sem convenções sociais, autêntico, e portanto "incivilizado" e "destrutivo".

Para Lipovetsky o desejo de maior autenticidade e liberdade nas relações interindividuais não faz cair os códigos sociais. Inversamente, faz emergir novos valores e impõe novas regras. A autenticidade e a revelação acerca de si próprio tornam-se com a modernidade socialmente valorizadas, mas não podem ser feitas de qualquer maneira. A sua expressão tem de obedecer a normas específicas, diferentes para cada contexto, "do gabinete do analista ao género literário", mas sempre de acordo com aquilo que é esperado segundo uma codificação própria. Ou seja, "a autenticidade tem um estilo próprio e deve processar-se num quadro pré-estabelecido para ser credível", isto é, a revelação pessoal é livre de se desenrolar, mas não deve ser nunca espontânea.

Este novo culto da naturalidade, emergente nos anos 50, embora antecipado em alguns decénios pela psicanálise e pela arte, inscreve-se naquilo a que Lipovetsky denomina de "processo de personalização". Este processo corresponderia a um novo tipo de organização e controlo social que privilegia os factores humanos, isto é, que tende para a humanização e psicologização das modalidades de socialização, e cujos novos valores são a realização pessoal, o respeito pela singularidade subjectiva, a personalidade. Em suma, o primado do indivíduo.

Para M. Foucault (1976), este movimento de revelação do mais secreto de nós próprios, é um movimento de raízes e alcance bem mais profundos.

O seu início seria visível na ordem dos poderes religiosos que inauguraram no século XIII uma das principais formas de produção de verdade nas sociedades ocidentais: a confissão.

Regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215, desenvolvimento das técnicas de confissão e dos métodos de interrogatório e inquérito, criação dos tribunais de Inquisição, desaparecimento das provas de culpabilidade, são estratégias de poder desenvolvidas pelas sociedades Ocidentais, que conferiram à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos.

Trata-se, aqui, de uma passagem de uma autentificação do indivíduo pela sua referência aos outros, através dos laços que os unem (familiares, de obediência, protecção), para uma autentificação do indivíduo, pelo discurso de verdade que ele é capaz de produzir sobre ele próprio.

A relação de confissão é sobretudo uma relação de poder, entre aquele que fala sobre si / se confessa, e aquele que ouve, sem o qual a confissão não tem lugar. Só que, ao contrário das relações de saber tradicionais, onde é um mestre detentor de segredos que encaminha um discípulo no conhecimento, a instância de dominação não está aqui do lado daquele que fala, mas do lado do que escuta e cala. Não está do lado do que sabe e dá a resposta, mas do lado do que interroga e é suposto não saber. Também os efeitos da confissão produzem-se não no que a recebe, mas naquele que a profere. É o interlocutor que impõe e aprecia a confissão, tendo o poder de julgá-la, perdendo e punindo. E, independentemente das suas consequências externas, a confissão produz, em quem a enuncia, um efeito redentor, purificando e libertando o sujeito das suas faltas.

Durante alguns séculos, o rito da confissão terá permanecido solidamente encastado na ordem dos poderes civis e religiosos. É só após o século XVIII que se irá assistir a uma emigração do ritual da confissão, da relação de obediência para com o poder religioso para outras relações de poder - filhos e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. Esta difusão fez-se acompanhar por uma diversificação das suas formas - interrogatórios, consultas, narrações autobiográficas, cartas, que se transcrevem, publicam, comentam.

Paralelamente, na literatura, assiste-se a uma metamorfose: as narrativas heróicas de bravura ou santidade, deram lugar a uma literatura ordenada em fazer erguer do fundo de cada um a verdade inacessível. O mesmo ocorre na filosofia. Emerge uma outra maneira de filosofar: a procura da relação fundamental com o verdadeiro, não somente em si próprio, mas no exame de si próprio

Desde então a sociedade ocidental tornou-se uma sociedade singularmente confidente: confessam-se os crimes e os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se os sonhos, o passado e a infância, as doenças e a miséria. Na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, da ordem quotidiana aos ritos mais solenes, as pessoas esforçam-se com a maior exactidão por dizer o que há de mais difícil dizer.

"Em público e em privado, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles que amam; a si próprias fazem, nos prazeres e nos desgostos, confissões impossíveis a qualquer outro e com que se fazem livros. As pessoas confessam - ou são forçadas a confessar. Quando não é espontânea, ou imposta por qualquer imperativo interior, a confissão é extorquida, localizam-na na alma, ou arrancam-na ao corpo. Desde a Idade Média, a tortura acompanha-a como uma sombra [...] Tal como a ternura mais desarmada, os mais sangrentos poderes precisam de confissão. O homem, no Ocidente tornou-se um animal de confissão".

(Michel Foucault, 1976)

O que é interessante é que obrigação da confissão incorporou-se de tal modo no homem ocidental, que deixou de ser entendida como um poder que constrange - Foucault ironiza, observando que terá parecido exorbitante aos cristãos do século XIII a ordem de se ajoelharem no mínimo uma vez por ano para confessarem as suas falhas - para passar a ser sentida como uma verdade que liberta. Como se essa verdade, no mais secreto de nós próprios não "pedisse" outra coisa que não o fazer-se luz.

A medicina, a psiquiatria, a pedagogia, irão constituir-se com base no discurso da verdade, apoiar-se-ão nos rituais de confissão e nos seus conteúdos, proporão como objecto o inconfessável-confessado. Ou seja, no século XIX constitui-se o improvável: uma ciência-confissão, onde se articulam duas modalidades de produção de verdade, a velha injunção da confissão e os métodos da escuta clínica.

Neste contexto, são os prazeres individuais, normais ou aberrantes, e tudo o que rodeia o acto sexual - pensamentos, obsessões, imagens, desejos - que vão ser o objecto privilegiado da confissão. O sexo, e a diversidade das suas práticas, irão ser cuidadosamente catalogadas e classificadas pela psiquiatria.

O sujeito, chamado a narrar os seus prazeres, fornecerá sinais e sintomas decifráveis; os seus comportamentos sexuais serão dotados de um poder causal inesgotável e difuso, sendo capazes de provocar as mais variadas consequências (negativas) na existência do indivíduo.

O material da confissão - a verdade do sexo - obscuro e fugidio por natureza, só é compreendido por aquele que escuta, alguém capaz de descodificar e interpretar esse discurso; interpretados os sinais, é possível efectuar um diagnóstico e intervir medicamente. O sexo ultrapassa assim o registo do pecado e da transgressão e entra no registo do normal e do patológico. Fala-se agora de "sexualidade".

A "sexualidade", é para Foucault, o correlativo de uma prática discursiva que se desenvolveu lentamente desde o século XVIII, com vista a produzir a verdade do sexo através do rito da confissão ajustado às regras do discurso científico - a que M. Foucault chama *scientia sexualis*.

A ela se oporia um outro procedimento para dizer a verdade do sexo, de que seriam dotadas numerosas sociedades, como a China, o Japão, a Índia, Roma, e as sociedades arábico-muçulmanas. Foucault denomina-o de *ars erotica* e distingue-o como uma arte magistral, onde um saber é transmitido em segredo, não por inerência de um interdito, mas pela sua qualidade específica, da necessidade de ser conservado na maior reserva e ser transmitido de modo esotérico, sob pena de perder a sua virtude.

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, é tomada como prática e recolhida como experiência, constituindo um saber, que deve ser revertido na própria prática sexual, para a trabalhar como que de dentro e amplificar os seus efeitos. A sociedade Ocidental não tem *ars erotica*, escreve Foucault.

Pelo menos numa primeira aproximação. Mas Foucault vai de seguida denunciar que, no movimento que a sociedade ocidental faz para solicitar e ouvir a própria confissão dos prazeres individuais, na prática discursiva da *scientia sexualis* está patente algo que se aparenta a uma *ars erotica*: o prazer na verdade do prazer, isto é, o prazer ligado à produção da verdade sobre o sexo.

"Os livros sábios, escritos e lidos, as consultas, os exames, a angústia para responder às perguntas e as delícias em sentir-se interpretado (...) o direito de murmurar as fantasias a quem as sabe ouvir (...) o formidável prazer da análise", seriam como que os fragmentos de uma arte erótica veiculada pela confissão e pela ciência do sexo. Como se a *scientia sexualis* fosse uma forma subtil e ocidental de *ars erotica*.

Daí a obstinação da nossa sociedade em falar de sexo, e em falar dele em termos de repressão, e em dar valor e ouvidos aos que querem destruir os efeitos dessa repressão: "Nós somos afinal a única sociedade em que há encarregados que recebem uma contribuição para escutarem as confidências que cada um faz do seu sexo".

Ontem o confessor, hoje o analista ou o sexólogo, o segredo do sexo sempre incluiu uma "terceira pessoa" escreve Gérard Vincent em "*História da Vida Privada*". Mas a sociedade mediática dos finais do século XX não permitiu que a partida se jogasse a três (a mulher, o homem e a "terceira pessoa").

Em França, em 1976 o Ministério da Saúde cria um Centro de Informação sobre a regulação dos nascimentos, a maternidade e a vida sexual, que funciona telefonicamente. A procura ultrapassa todas as expectativas. Escreve Vincent, que a relação simultaneamente personalizada e anónima que o telefone proporciona, é como reencontrar o segredo do confessor.

Em 1983 a televisão francesa programa uma emissão chamada *Psyshow*, onde um casal é convidado a dizer das suas dificuldades sexuais e afectivas perante dois jornalistas e um psicanalista. A revista francesa *Elle* classifica a emissão de *strip-tease* na televisão. G. Lipovetsky utilizaria a expressão "obscenidade da intimidade". E apesar de Jorge Leitão Ramos escrever na sua coluna no "Expresso" que "a dor da gente, as lágrimas da gente, a intimidade da gente, não são para vender na televisão", as elevadas taxas de audiência demonstram bem o interesse crescente por ouvir falar o outro da sua intimidade.

Vincent cita K. Dekhli, quando justifica o sucesso deste tipo de emissões, que em 1994 em Portugal, nomeadamente com programas como "*Perdoa-me*" e "*All You Need is Love*", conhecem uma popularidade com que o radiofónico "*Passageiro da Noite*" nunca sonhara: "o sofrimento em directo, a histeria desta representação pública, o *forcing* da transparência a todo o custo, lembram muito nitidamente os mecanismos da confissão pública."

Para Lipovetsky este interesse e a curiosidade crescentes pelos problemas do Outro, ainda que seja um estranho, esta procura em fazer o Outro anónimo falar de si, expôr a sua intimidade, deixar cair as máscaras, está intimamente ligada à transformação da dimensão intersubjectiva acarretada pela psicologização das formas de sociabilidade.

Herdeira da abordagem psicopatológica do século XIX, emerge na sociedade pós-moderna uma "cultura psi" fascinada pelo auto conhecimento e pela auto-realização, como atesta a popularidade das técnicas de expressão e comunicação, das meditações e ginásticas orientais às várias técnicas psicoterapêuticas - psicanálise, psicodrama, terapia primal, terapia ghestaltista, bioenergia, dinâmica de grupo...

O culto do relacional desfaz as últimas barreiras anónimas que separam os homens, funcionando como um agente de revolução democrática no sentido em que opera a dissolução das distâncias sociais. Mas é também um instrumento de controlo e de pacificação social, que, através do deslocamento da violência física para a violência verbal e para o "*strip-tease psi*" (Lipovetsky), dentro das regras que limitam a discursividade sobre o íntimo, produz uma pessoa pacificada pelo sobreinvestimento do verbo íntimo.

3. Da Identidade e da Intimidade

A sociedade moderna instituíra-se em ruptura com as hierarquias de sangue e a soberania sacralizada, com as tradições e os particularismos, em nome do universal, da razão e da revolução.

O "processo de personalização", ao legitimar o individualismo, e ao terminar com a oposição, o escândalo, a revolução, cria a sociedade pós-moderna, que se estabelece contra esses princípios : a confiança e a fé no futuro deram lugar ao desejo de realização pessoal imediata, ao elogio da desconstrução e da diferença, à avidez de afirmação da identidade pessoal de acordo com os valores de uma sociedade personalizada, onde o que importa é que o indivíduo seja ele próprio e onde tudo e todos têm direito de reconhecimento social.

Trata-se de uma nova forma de individualismo, um individualismo "total", por oposição ao individualismo "limitado" da modernidade: enquanto que este estava circunscrito à economia, à política, ao saber, o individualismo "total" anexou todas as esferas da vida social, conquistando os costumes e o quotidiano.

Este segundo individualismo centra-se sobre a realização emocional de si próprio, e empenha-se mais em realizar-se de modo contínuo na vida íntima, do que em triunfar na vida: "Doravante o que se quer é viver já, aqui e agora, ser-se jovem, em vez de forjar o homem novo" (Lipovetsky).

O seu símbolo é Narciso, consequência e manifestação do "processo de personalização", imagem do amor de si - "Narciso olhou-se numa fonte e gostou de si mesmo ao ponto de se deixar morrer a contemplar-se" (Vincent) - que designa a "emergência de um perfil inédito do indivíduo, nas suas relações consigo próprio e com o seu corpo, com outrem, com o mundo e com o tempo.(...) É o fim do *homo politicus* e o advento do *homo psychologicus*, à espreita do seu ser e do seu bem estar" (Lipovetsky).

Mas, já atrás o dissemos, este hiper investimento do Eu encerra em si um paradoxo: o do seu esvaziamento, o da perda da sua identidade, por via da incerteza e interrogação crescente, onde é conduzido inelutavelmente pela procura inflacionária da verdade acerca de si próprio. À força de tornar o Eu um objecto de atenção e de interpretação, este torna-se um espelho vazio, uma estrutura aberta e indeterminada que exige cada vez mais terapia e anamnese. Narciso imobiliza-se perante a sua imagem, perde-a na busca interminável de Si.

Paralelamente o narcisismo faz-se acompanhar de uma transformação da dimensão intersubjectiva. Operando um desinvestimento das categorias e hierarquias sociais, a esfera privada muda de sentido. O que realmente importa actualmente, é que o indivíduo seja absolutamente ele próprio, que se realize em pleno, independentemente dos critérios do Outro. A rivalidade humana dá pouco a pouco lugar a uma relação pública neutra, em que o Outro, esvaziado de toda a espessura, já não é hostil nem adversário.

Mas Narciso quer também amar e sentir, só que, incapaz de sair de si para ser afectado pelo outro, já não é capaz. O medo de ser decepcionado, o medo dos seus próprios impulsos, que podem fazer perigar o seu equilíbrio interior, cria um processo de "fuga diante do sentimento" (Lasch, citado por Lipovetsky), que se manifesta tanto na protecção íntima, como na separação entre o sexo e o sentimento, como nas repetidas fugas para a frente de experiências, em busca de uma vivência emocional forte.

É o fim da cultura sentimental, do *happy end*, do melodrama, e a emergência de uma cultura *cool*, onde cada um vive no seu *bunker* de indiferença ao abrigo das suas paixões e das dos outros, escreve Lipovetsky.

A criação dos novos valores hedonistas da sociedade pós-moderna encena assim um drama que Narciso é obrigado a viver: por um lado, absorvido em si próprio, e dessubstancializando o outro, torna-se incapaz de amar e de sentir. Por outro, continua a desejar a intensidade emocional das relações privilegiadas, que não consegue, ou não quer manter.

Porque também os modos de amar foram profundamente afectados por esta lógica narcísica. A noção de indivíduo precede e suplanta a noção de casal. Outrora formado por duas metades, o casal formava uma unidade social e psicológica que transcendia cada uma das partes, escreve E. Badinter (1986). A tendência actual vai no sentido da união de dois seres autónomos, que não estão dispostos a abdicar do seu nome e da sua independência

Mais, que não estão dispostos a sacrificar-se para manter a situação de casal. A reciprocidade é um imperativo. Consciente ou inconscientemente procedemos a uma estrita avaliação de perdas e ganhos do Eu. Dar para receber, tal é a condição de sobrevivência do casal.

Esta regra de reciprocidade sempre existiu no casamento, diz-nos Badinter, variando segundo as épocas e as classes sociais, onde por exemplo um título e um dote, ou sustento dos filhos e as tarefas caseiras eram "trocados". A inovação está em que actualmente, a regra da reciprocidade já só diz respeito às provas de amor. O diálogo e o respeito mútuo, que implicam a igualdade entre os parceiros tornam-se assim absolutamente necessários à sobrevivência do casal. Quando eles cessam, o casal perde a sua razão de ser.

A este propósito citamos um inquérito realizado pelo semanário "Expresso" em 1993, onde 61% das mulheres e 45% dos homens acusam a falta de comunicação como factor responsável pela deterioração do casal, deixando a grande distância todos os outros factores: incompatibilidade de caracteres (referido por 31% dos homens e 19% das mulheres), insatisfação sexual (apontado por 15% dos homens e 12% das mulheres) e infidelidade (referido por 7% dos homens e 8% das mulheres) (Carvalho, 1994).

O celibato torna-se preferível a uma vida de casal não satisfatória, e assim vemos as taxas de divórcio aumentarem nos países industrializados e nas zonas urbanas, onde as populações estão menos sujeitas às pressões sociais, económicas e/ou religiosas. Sem outro imperativo que não o do amor, o viver só é preferível à maior das solidões, a de "partilhar um espaço com um ser que já não reconhecemos como nosso" (Badinter), e que é sentida como hipócrita, pois vai contra a nossa ética de autenticidade, mas sobretudo é ameaçadora para a integridade do Eu, posta em risco por um sofrimento originário no Outro.

Tal como Lipovetsky, Badinter vê no "processo de personalização" a razão para esta mudança de atitude. Mas a sua perspectiva é menos pessimista. Para esta autora a procura de autonomia não significa necessariamente a incapacidade de estabelecer uma relação dual, mas sim, a recusa de a pagar a qualquer preço. A solidão não é assim um objectivo, mas uma aprendizagem necessária para satisfazer as exigências da vida de casal, "vivida agora como a fusão de duas entidades respeitadoras da sua liberdade". O Eu receia o excesso e a perda do auto controlo, mas reclama também a serenidade de um coração satisfeito.

Por outro lado, vimos já, com a permissividade dos costumes, a paixão tende a enfraquecer, e com ela o desejo (Luhman, 1985; Rougemont, 1982). Para Badinter a erradicação do desejo caminha a par com a emergência de um novo modelo relacional baseado na semelhança.

O modelo tradicional baseava-se na complementaridade: os papéis sexuais estavam bem definidos, e desempenhavam um importante papel nas ligações afectivas. No modelo da semelhança, a diferença dos sexos deixou de ser importante, na medida em que aceitamos hoje, melhor do que outrora, a masculinidade e a feminilidade psíquicas que coexistem em nós. A especificidade de cada casal faz-se assim das combinações possíveis das partes que faltam ao andrógino incompleto que somos, numa complementaridade que tem o piscar de olho da cumplicidade da semelhança.

A relação amorosa ganha novos contornos: a metáfora guerreira - "conquistar" o ser amado - é substituída pela imagem do "companheiro" - etimologicamente, "aquele com quem se partilha o pão", que passa a ser "aquele com quem se partilham os sentimentos", implicando assim uma identidade de condição entre dois seres humanos. Os amantes são menos possuidor e possuído, que amigos e irmãos, mãe e filho, papéis subtilmente re-negociados, e que têm como objectivo último a satisfação do Eu. À falta de uma união perfeita com o Outro, preferimos regressar a nós próprios, ou como escreve Badinter: "À falta de calor vindo de Ti, escolho ficar confortavelmente comigo".

...

Não pretendemos aqui esgotar estes assuntos, mas tão só, visitar de forma superficial, alguns autores de outras disciplinas das ciências sociais que não a psicologia, tendo como pano de fundo a noção introduzida pelos antropólogos e comumente aceite de que, diferentes épocas possuem diferentes códigos, diferentes semânticas que gerem a forma como o sujeito se define a si próprio e se relaciona com os outros (Azevedo, 1992).

Procuramos assim apenas, apoiados nas pesquisas de historiadores, como G. Duby, M. Sort e G. Vincent, de analistas da sociedade contemporânea, como G. Lipovetsky e E. Badinter, de filósofos, como J. F. Lyotard, D. Kellner e M. Foucault, de psicólogos, como R. Baumeister, e de sociólogos portugueses, como A. Torres, J. Azevedo e Boaventura S. Santos, traçar um esboço daquela que terá sido a evolução da problemática da identidade, quer ao nível do indivíduo, quer ao nível de problema teórico.

O mesmo percurso, embora mais fragmentado, reconhecemos, foi traçado para a intimidade, não propriamente como tal, mas através das várias expressões por que pode ser tomada - casamento, amor, paixão, revelação de si, sexualidade. Temos a consciência que nesta breve resenha utilizámos estes termos um pouco indiferenciadamente. Apesar de possuírem significados diferentes, optámos, por facilidade de exposição, por tomá-los como vértices de uma mesma problemática, a da intimidade.

Poder-se-à pôr a questão do porquê iniciar esta breve revisão no final da Idade Média. Poderíamos ter alargado o nosso percurso às civilizações mais antigas, como o Império Romano, ou mesmo a Antiguidade Clássica. Provavelmente porque estas duas civilizações são profundamente diferentes de nós, mas também e sobretudo, porque é no final da Idade Média que o futuro Ocidente se começa a esboçar. E o nosso objectivo era lembrar como nasceram os fundamentos da sociedade Ocidental ao nível da problemática da Identidade e da Intimidade, em ordem a mostrar as mudanças profundas que se estão a operar a este nível, em vésperas do terceiro milénio.

Escreve G. Duby que as alterações dos últimos decénios ao nível das relações entre o masculino e o feminino, com as suas implicações ao nível das relações familiares, dos comportamentos, da construção da identidade, das maneiras de amar, são talvez as mais importantes e as mais perturbadoras que afectam a nossa civilização, razão pela qual os historiadores se têm vindo recentemente a interessar por estas questões, até então deixadas para os amadores e para os romancistas.

Mas os ritmos da mudança na nossa sociedade actual é de tal modo acelerado, que assistimos em poucos anos a alterações de certezas tão profundas quanto básicas. Foi sobretudo durante a década de 60 que se deu a grande revolução nos valores tradicionais que sustentavam a sociedade ocidental. As calças boca de sino, os cabelos compridos, a "erva", o "amor livre", são tudo ícones de uma geração que se quis libertar da moral convencional e escandalizou as mentalidades conservadoras.

Mas em Portugal, nos anos 60, os liceus eram separados por sexos, e as experiências dos jovens eram severamente marcadas pelo binómio Estado Novo - Igreja, reflectindo-se a moral conservadora ao nível dos mais insignificantes comportamentos, como a proibição de usar calças, ou meias de vidro nos colégios de raparigas. Uma jardineira ou uma saia indiana a passear em Lisboa habilitava a sua portadora a receber insultos na rua.

Só após o 25 de Abril de 1974 é que a pílula passou a ser prescrita com inteira liberdade, com a regulamentação dos serviços médicos de periferia e as consultas de planeamento familiar. Com o 25 de Abril, mudou também o discurso institucional sobre os direitos das mulheres, permitiu-se o divórcio para os casados catolicamente. Os anos 60 só chegaram verdadeiramente a Portugal com o 25 de Abril (Melo, 1994).

As transformações legislativas produziram certamente alguns efeitos. Resultado da adequação às práticas sociais, conduzem também à reestruturação dos universos cognitivos, à mudança de visões do mundo (Torres, 1987). Em Portugal por exemplo, passou a ser desde 1994 legalmente possível mudar de sexo, o que vem confirmar no Direito aquilo que os psicólogos e médicos há muito sabiam: que a identidade sexual se constrói em função de múltiplos determinantes, dos quais os factores cromossómicos e hormonais são evidentemente fundamentais, mas onde o factor cultural pode intervir de forma determinante.

Por outro lado, o poderoso impacto dos média, especialmente junto dos mais jovens, introduz novos padrões de comportamento, novas regras para o jogo amoroso, novas formas de relação (Torres, 1987; Kellner, 1992).

Entendemos que num estudo de psicologia não podemos ficar indiferentes a estas mutações sociais, e acreditar que o adolescente de hoje é igual ao dos finais do século XIX, ou ao que viveu a revolução dos anos 60, ou que as formas de ser e amar possam ser as mesmas, antes e depois da SIDA, e em Portugal, antes e depois do 25 de Abril de 1974.

Por isso escolhemos estudar a identidade e a intimidade em jovens nascidos nessa data, ou pouco antes, mas que não conheceram a divisão sexual nas escolas, nem a forte influência da Igreja na moral sexual. Os jovens cujos modelos de socialização são os amigos e os heróis televisivos sofisticados e "*fluts*", e cujos pais "saídos do Maio de 68" lhes forneceram uma educação liberal - a tal "geração X", se é que existe na realidade portuguesa.

Certamente que nestes apontamentos teremos deixado de fora outros autores para além dos referidos, *quiçá* não menos importantes para esta exposição, mas a nossa intenção não era de forma alguma proceder a uma revisão interdisciplinar exaustiva, pois tal constituiria por si só um outro trabalho, mas sim, e apenas, contextualizar a abordagem, agora sim, psicológica, que iremos fazer já de seguida.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE E INTIMIDADE NUMA PERSPECTIVA COGNITIVO - DESENVOLVIMENTAL

O objectivo deste capítulo é apresentar os conceitos de identidade e intimidade numa perspectiva cognito-desenvolvimental.

Iniciar-se-á por uma breve descrição da teoria proposta por Erik Erikson para descrever o desenvolvimento do indivíduo. Serão abordadas as bases teóricas do seu modelo, descrever-se-ão as oito fases do *Ciclo Vital* teorizadas por este autor e serão enunciadas algumas limitações deste modelo.

Esta teoria fornecerá o pano de fundo para o estudo da identidade e da intimidade, aqui conceptualizadas respectivamente, como a 5ª e a 6ª etapa do desenvolvimento psicossocial.

Será apresentada uma síntese dos estudos realizados no âmbito destas duas etapas do *Ciclo Vital*, com o objectivo de enquadrar os modelos que serão utilizados no presente trabalho: o modelo dos Estatutos de Identidade de J. Marcia (1966), para o estudo da identidade, e o modelo da Maturidade Relacional, de K. White e colaboradores (1983) para a investigação sobre a intimidade. Estes dois modelos serão então objecto de uma descrição mais detalhada.

1. Considerações Prévias

A demanda do auto conhecimento, das características que definem uma pessoa e a tornam psicologicamente diferente de todas as outras, tem ocupado a Psicologia desde o início do século.

Do estudo das introspecções e experiências pessoais, à psicanálise e ao desenvolvimento da noção de Eu, primeiro em Freud, depois com Anna Freud, à Ego Psychology de Heinz Hartmann, aos estudo do Self da Psicologia Fenomenologista, e à Psicologia Humanista, que o Eu, o Ego ou o Self, constituem o(s) conceito(s) fundamental(ais), e aquele(s) onde assentam as várias teorias psicológicas.

Do mesmo modo, a relação entre as pessoas, nomeadamente os laços afectivos que as unem, especialmente a relação mãe-bebé, têm sido amplamente estudadas. Por outro lado, as dificuldades em se relacionar com os outros, nomeadamente com um parceiro adulto heterossexual, constitui um dos factores mais comuns que leva à procura de ajuda profissional, o que leva os técnicos de saúde mental pelo menos a preocuparem-se com esta questão, do estabelecimento e da manutenção dos laços afectivos.

Naturalmente que essa relevância se faz acompanhar por uma grande produção teórica, o que, especialmente no que diz respeito ao estudo de si próprio, conceptualizado como Ego, Self, Identidade, ou outras designações, gera inevitavelmente grande controvérsia acerca das próprias definições dos conceitos.

Não pretendemos aqui traçar o histórico da evolução destes conceitos, pois isso seria quase equivalente a traçar a história da psicologia desde o seu nascimento, com Wundt.

Circunscrever-nos-emos a um modelo psicogenético, capaz de integrar as contribuições díspares dos vários modelos da psicologia, e que fornece um quadro teórico que se afigura como uma abordagem unificadora para o estudo do sujeito e das relações que este estabelece com o mundo.

Trata-se de um modelo cognitivo-desenvolvimentalista, herdeiro das concepções psicogenéticas estruturalistas de Piaget, especialmente no que diz respeito à aquisição de estruturas operatórias.

De uma forma geral, segundo esta corrente, as duas entidades do conhecimento, o sujeito e o objecto, não se excluem, mas antes constroem-se em ligação permanente, integrando funções emocionais e sociais, e formando estruturas mentais que se combinam, integram e alteram, dando ao sujeito a possibilidade de se auto conhecer e conhecer o mundo e relacionar-se com ele, de forma cada vez mais adequada.

Joyce-Moniz (1979) sintetiza assim as principais características desta corrente:

(1) O estudo do auto conhecimento e das várias dimensões sócio-afectivas do eu passa pela investigação de "quando" e "como" o sujeito se transforma em "conhecedor" e é capaz de considerar-se como "objecto de conhecimento", ultrapassando assim a dicotomia inaugurada por William James (1910), a de um "self como agente do conhecimento" *versus* um "self como objecto a conhecer", e que gerou grande controvérsia na compreensão do self.

(2) O modelo baseia-se numa teoria global da cariz psicogenético e estruturalista, que vai beber directamente às concepções piagetianas, nomeadamente à noção de estruturação das operações mentais, através de um sistema de equilibrações sucessivas e progressivamente mais adequadas entre a competência cognitiva do sujeito e os problemas apresentados pelo meio.

(3) Os períodos de equilíbrio constituem-se em estádios, que são qualitativamente diferentes entre si, e que reflectem a existência de um "modo de raciocínio" que é construído sobre, e integra, os "modos de raciocínio" precedentes.

(4) Dado o carácter lógico-operacional e causal-operacional das estruturas é possível identificar dimensões nas mesmas, o que assume especial relevância para a investigação.

(5) Os métodos de investigação apoiam-se no "método clínico" piagetiano. Consistem assim em entrevistas clínicas, onde é favorecido um diálogo livre e espontâneo com o sujeito, centrado nos problemas e situações apresentados pelo entrevistador, por forma a obter informação sobre as dimensões sócio-afectivas que interessa estudar, bem como, os mecanismos subjacentes a essas dimensões, sem contudo dar a impressão aberta ao sujeito de o fazer.

Abandonam-se assim os tradicionais auto-relatos, questionários e inventários, o que permite assim ultrapassar o viés de se avaliar o "como a pessoa se descreve a si própria" quando o que se pretende apurar é "o que a pessoa pensa de si própria", resposta que é avaliada pelo entrevistador a partir dos mecanismos de raciocínio do entrevistado postos em jogo na situação de entrevista.

A corrente cognitivo-desenvolvimentalista procura assim combinar acções e determinantes, aspectos psicológicos e sociais, aspectos instintivos e aprendizagem, invocados de modo parcial por outras correntes, e integra-as num sistema de explicação global e epistemológico, que segundo Joyce-Moniz (1979) "é sem dúvida menos redutor que os outros".

Parece-nos ser este o modelo que melhor se adequa para contextualizar as variáveis que pretendemos estudar, a identidade e a intimidade, não só pelas sólidas bases teóricas que oferece, como pela qualidade dos instrumentos desenvolvidos, o que, ao contemplar ambas as vertentes, individuais e sociais do desenvolvimento humano, bem como a dialéctica entre elas, permite abarcar estes dois fenómenos de forma satisfatoriamente integrativa, o que se nos afigura indispensável para a sua compreensão.

No presente trabalho, a sequência epigenética do ciclo de vida proposta por Erik Erikson (1968) afigura-se-nos como o melhor ponto de partida para iniciarmos o nosso estudo, e para circunscrevermos o âmbito bibliográfico da nossa pesquisa.

Como é sabido, as teorias da identidade emergentes das tradições psicanalítica e neopsicanalítica, argumentam também que o self é um construto psicológico integrador que combina componentes individuais e sociais do desenvolvimento humano (Dyk & Adams, 1987). Ausubel e Sullivan (1970), Blos (1962), Erikson (1968) e Loevinger (1976) são porventura os mais destacados autores a centrarem-se nesta questão.

No que se refere à intimidade, as grandes contribuições provêm também das teorias dinâmicas, de que salientamos H. S. Sullivan (1953) e J. Bolwby (1969). Sullivan centrou-se no conceito de "*chum relationships*", ou seja, as relações de intimidade na pré-adolescência, condição necessária para um ajustamento futuro nas relações interpessoais da maturidade. Bolwby com o conceito de vinculação, descreve o laço de proximidade e amor existente entre a mãe e a criança nos primeiros tempos de vida, indispensável para um saudável desenvolvimento.

Como veremos porém, nenhum destes dois conceitos pode ser entendido verdadeiramente como intimidade, tal como ela é vivida entre dois adultos, a partir da definição de Erikson.

Acresce ainda que, apesar da riqueza destas conceptualizações, nenhum destes autores fornece um modelo de avaliação da identidade, da intimidade, ou da relação entre ambas, deixando no ar alguma ambiguidade quando queremos clarificar a dinâmica psicossocial destes processos, tomados isoladamente ou em interacção. Em nosso entender, uma perspectiva cognitivo-desenvolvimental permite clarificar os conceitos e operacionalizá-los, tornando possível o seu estudo empírico.

Faremos pois este percurso. Exporemos as ideias básicas da teoria psicossocial do desenvolvimento de Erikson, tomado como pano de fundo, onde se inscrevem os vários estudos e posteriores desenvolvimentos teóricos sobre os conceitos de identidade e intimidade. Não nos demoraremos sobre os autores de outros modelos que não o cognitivo-desenvolvimentalista, nomeadamente da tradição psicanalítica e neopsicanalítica, por considerarmos que caem fora do âmbito teórico e metodológico que estabelecemos.

2. A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik H. Erikson

Em 1968 Erik Erikson publicou um livro que viria a constituir uma referência básica para todos aqueles que se interessam pela adolescência. Nesta obra intitulada "*Identity, Youth, and Crisis*", Erikson vai desenvolver os trabalhos iniciados em "*Childhood and Society*" (1963), sobre a sexualidade infantil, alargando-os para a compreensão de todo o processo de crescimento físico e social do homem. Apresenta então uma sistematização da evolução psicológica do ser humano, à qual chamou *Ciclo Vital*, na qual vai integrar as fases de evolução libidinal descritas por Freud, e as fases de evolução do Eu.

Apesar de psicanalista por formação, Erikson vai demarcar-se da linha psicanalítica clássica, ao considerar também os aspectos culturais, dando especial relevo às interações entre o indivíduo e o meio. A sua teoria irá beber de várias fontes, inscrevendo-se num ponto de confluência entre a psicanálise clássica de Freud, a ego psychology, de Heinz Hartmann, e o culturalismo americano.

Da psicanálise, Erikson vai utilizar as fases do desenvolvimento libidinal descritas por Freud (oral, anal, fálica e edipiana), e as funções psicobiológicas que lhes estão associadas (incorporar, reter, expulsar, penetrar). Dissociando estas daquelas, sustenta que uma mesma zona erógena pode ter simultaneamente várias funções, e é com base nestas funções que vai distinguir "oito idades" ou oito fases do desenvolvimento libidinal (Erikson, 1972):

- | | |
|------|-----------------------------|
| I | Oral ou Incorporativa |
| II | Anal ou Retentiva-Expulsiva |
| III | Genital ou Intrusiva |
| IV | Latência |
| V | Puberdade e Adolescência |
| VI | Idade Adulta Jovem |
| VII | Idade Adulta |
| VIII | Velhice |

Da Ego Psychology, Erikson irá apreender a noção de um Eu mais independente do que o Eu da psicanálise clássica, livre de um determinismo biológico, e verdadeiro órgão de relação com o exterior. O Eu em Erikson, é uma entidade autónoma, capaz de se adaptar às necessidades do meio sócio-cultural.

Erikson dá grande ênfase aos aspectos sócio-culturais, às "influências educativas sistemáticas" que vão interferir no desenvolvimento de cada indivíduo preparando-o para o meio sócio-cultural em que vai viver. Aqui encontramos a influência do Culturalismo americano. Erikson, a partir das suas observações nos índios norte-americanos, vai afirmar que a cada etapa da vida corresponde uma resposta da cultura, que tem por objectivo a construção de um indivíduo adaptado (Claes, 1985). Porém as suas teses mantêm alguma distância relativamente ao Culturalismo. Em Erikson, e ao contrário de Margaret Mead (1935), que afirma que "masculino" e "feminino" são conceitos dependentes de um contexto cultural, os aspectos culturais não são independentes do fundo biológico, de que é exemplo a diferente teorização que ele faz das diferenças de desenvolvimento entre o sexo masculino e o feminino. Voltaremos a este assunto.

Para compreender o processo de desenvolvimento humano, Erikson vai recorrer a um princípio da Embriologia, o *princípio epigenético*, segundo o qual, o desenvolvimento de um ser *in útero* faz-se por diferenciação, onde os novos tecidos e órgãos vão-se formando segundo a lógica de um plano pré-determinado. Estabelecida a analogia, também a personalidade se desenvolve "de acordo com uma escala pré-determinada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direcção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significativas, ao mesmo tempo que está consciente da existência desse círculo e pronto para a interacção com ele" (Erikson, 1972, p. 92).

Para apresentar as fases do desenvolvimento da personalidade, Erikson vai utilizar um diagrama, o *Ciclo Vital*, onde apresenta uma sequência de fases resultante de uma diferenciação de partes ao longo de uma progressão no tempo (ver Quadro I).

Neste diagrama, as cinco primeiras etapas do desenvolvimento retomam os estádios clássicos do desenvolvimento freudiano. Porém a noção de zona libidinal é alargada à noção do modo orgânico que caracteriza o tipo de relação entre o corpo e o meio (modo incorporativo, retentivo, etc.).

Às fases libidinais estão associadas as crises normativas relativas a cada fase - *crises psicossociais* - fazendo-se o desenvolvimento normal segundo uma progressão diagonal, para cima, e para a direita, em passos sucessivos, que constituem uma crise potencial, devido à mudança radical em perspectiva.

Idade	Fase Oral	1ª Infância	Per. Edipiano	Idade Escolar	Adolescência	Jovem Adulto	Idade Adulta	Velhice
VIII								INTEGRIDADE VS DESEPERO
VII							GENERATIVIDADE VS ESTAGNAÇÃO	
VI						INTIMIDADE VS ISOLAMENTO		
V	PERSPECTIVA TEMPORAL VS CONFUSÃO TEMPORAL	CERTEZA QUANTO AO EU VS DÚVIDA TIMIDEZ	EXPERIMENTAÇÃO DE PAPEL VS RIGIDEZ DE PAPEL	APRENDIZAGEM VS PARALISIA OPERACIONAL	IDENTIDADE VS DIFUSÃO DE IDENTIDADE	POLARIZAÇÃO SEXUAL VS CONFUSÃO BISSEXUAL	POLARIZAÇÃO ORIENTADORA VS DIFUSÃO DE AUTORIDADE	POLARIZAÇÃO IDEOLÓGICA VS DIFUSÃO DE VALORES
IV				INDÚSTRIA VS INFERIORIDADE	IDENTIFICAÇÃO COM A TAREFA VS SENTIMENTO DE FUTILIDADE			
III			INICIATIVA VS CULPA		PREVISÃO DE PAPEIS VS INIRIÇÃO DE PAPEL			
II		AUTONOMIA VS DÚVIDA VERGONHA			VONTADE DE AFIR- MAÇÃO PESSOAL VS DÚVIDA DE ALIRNAÇÃO PESSOAL			
I	CONFIANÇA VS DISCONFIANÇA				RECONHECIMENTO MÚTUO VS ISOLAMENTO AUTÍSTICO			

As "crises psicossociais", representam assim a introdução de um novo elemento no ciclo afectivo e social da vida. Erikson faz notar, que o termo "crise" é usado não no sentido de ameaça de catástrofe, mas num sentido de desenvolvimento, de ponto decisivo onde há maior vulnerabilidade, mas também maior força ou potencial.

A "crise" apresenta um pólo positivo (de progresso e integração), e um negativo (de regressão e estagnação), que não são mais do que as duas posições extremas de um continuum que desenha a solução possível do conflito. A evolução normal deve integrar os dois pólos, embora seja naturalmente o pólo positivo que deva prevalecer. Por exemplo, a primeira crise seria marcada pelo conflito da confiança básica com a desconfiança.

Na evolução normal a confiança deve prevalecer, mas sem eliminar completamente o seu contrário. No dizer de Erikson (1972), uma pessoa desprovida de capacidade para desconfiar teria tantas dificuldades como aquela a quem faltasse a confiança. O que se adquire aquando da crise normativa, é uma certa proporção entre o positivo e o negativo, um equilíbrio, que se pender para o positivo, ajudará o indivíduo a enfrentar as crises posteriores.

A forma como Erikson representa esta sucessão de conflitos potenciais, tem duas implicações:

(1) a qualidade da resolução de um conflito depende da qualidade da resolução dos conflitos anteriores, e vai influenciar os conflitos subsequentes

(2) cada conflito existe antes e depois do seu período crítico acontecer

Ou seja, cada "crise" constitui um ponto de viragem, onde o Eu se deve mostrar suficientemente forte para integrar a evolução biológica com a estrutura social. Dessa integração satisfatória, resulta uma vitalidade que predispõe a uma abordagem favorável das crises posteriores. Daí que se possa falar de precursores de uma determinada aquisição, da identidade, por exemplo.

Por outro lado, embora cada idade tenha os seus momentos críticos normativos, os componentes de cada um dos conflitos existem desde o início da vida e persistem até ao fim. É neste sentido que Erikson fala da existência na primeira fase libidinal, de um "sentimento de identidade" do bebé, que embora remoto e indiferenciado, nasce do encontro pleno de confiança e reconhecimento mútuo com a figura materna.

2.1. As Etapas do Desenvolvimento Psicossocial

Seguidamente apresentamos uma breve síntese das crises psicossociais que marcam as oito etapas do desenvolvimento descritas por Erikson.

1. Confiança vs Desconfiança

O sentimento de confiança básica é, tal como na psicanálise, o requisito prévio da vitalidade mental, e consiste numa segurança íntima relativamente à conduta dos outros, mas também a si próprio, na sua capacidade para fazer face aos seus impulsos.

Em oposição, a desconfiança básica expressa-se por um ensimesmamento, que em indivíduos adultos se traduz por regressões radicais, por vezes para estados psicóticos.

A confiança básica adquirida nas experiências precoces, não parece depender das quantidades de alimento ou das demonstrações de amor, mas antes, da qualidade das relações maternas. Nos primeiros tempos de vida, a relação do bebé com a mãe é de carácter receptivo, incorporando este o que lhe é oferecido. Estabelece-se assim uma mutualidade entre a mãe que supre e o bebé que recebe. É através da assistência sensível às necessidades individuais do bebé, combinada com um firme sentimento de idoneidade pessoal, no contexto do estilo de vida próprio da comunidade a que pertencem, que a figura materna formará a base de um sentimento de identidade na criança. É este sentimento rudimentar de identidade, que lhe permitirá no futuro sentir-se idêntico e distinto, e resolver com sucesso as crises psicossociais ulteriores.

2. Iniciativa vs Dúvida e vergonha

Este conflito marca a época em que o bebé, devido a uma melhoria da coordenação geral do seu sistema muscular, aprende a controlar as suas fezes, retendo-as e eliminando-as voluntariamente. A criança cresce, e inicia progressivamente comportamentos de exploração do seu mundo, aprende que pode dominar o seu corpo e explorá-lo sem medo. A retenção e a expulsão são a primeira oportunidade da criança de exercer controlo sobre si e sobre o exterior. É o início de uma batalha pela autonomia, que se irá prolongar até ao final da adolescência.

Vimos que para o desenvolvimento da autonomia é necessária uma confiança inicial fortemente enraizada. O bebé deve desenvolver a certeza de que a sua confiança em si e no mundo não será comprometida pelo seu desejo de apropriação ou eliminação, primeiramente das fezes, mais tarde dos seus equivalentes simbólicos.

Apenas a firmeza parental nesta fase, pode protegê-lo contra as consequências dessas suas escolhas. Quando a criança não sente essa certeza, nasce um sentimento de dúvida, que é dupla, pois é "dúvida de si mesmo e dúvida quanto à firmeza e perspicácia dos seus educadores". Erikson chama a esse sentimento de dúvida "vergonha" ou desconfiança secundária, que corresponde a um sentimento de estar completamente exposto e consciente de ser observado.

Este sentimento ao nível psiquiátrico tem consequências várias. Desde o desenvolvimento de uma consciência precoce que leva a um funcionamento ritualista, retentivo e metuculoso, próprio das personalidades obsessivo-compulsivas, até formas compensatórias, como a autonomia desafiadora, típica dos "gangs" de adolescentes.

Tudo depende da regulação mútua entre o adulto e a criança. Se o controle externo for um treino demasiado rígido ou demasiado prematuro, a criança será forçada a procurar satisfação e controle por meio de uma regressão ou uma pseudo progressão.

Um sentimento de auto domínio sem perda de amor próprio é a fonte ontogenética de um sentimento de livre arbítrio. De um inevitável sentimento de perda de auto domínio e de um super controle parental resulta uma duradoura propensão para a dúvida e para a vergonha.

3. Iniciativa vs Culpa

São três os acontecimentos que precipitam esta crise: (1) o aumento da capacidade de locomoção, que vai permitir à criança caminhar e correr, estabelecendo assim um raio de acção mais vasto; (2) o aperfeiçoamento da linguagem, que lhe possibilita questionar e compreender as coisas que a rodeiam; (3) a ampliação da sua imaginação que lhe permite criar e assumir diferentes papéis. Destes três acontecimentos resulta um sentimento de iniciativa, que se traduz ao nível do pensamento e da acção.

A sua aprendizagem é agora intrusiva e vigorosa, distanciando a criança das suas próprias limitações e aproximando-a das suas possibilidades futuras. É o modo intrusivo, próprio da fase fálica, que domina agora o desenvolvimento. É nesta fase que aparecem também um número importante de preocupações e interesses relacionados com a sexualidade, dos quais o mais saliente é o afecto genital pelo pai do sexo oposto, com exclusão dessa relação amorosa, do pai do mesmo sexo, sentido como rival, organizando o que Freud denominou de *complexo de Édipo*.

Percebendo a insustentabilidade dessa escolha, a criança, escreve Erikson, opta por "mudar de tática". Recalcando o seu desejo amoroso no inconsciente, identifica-se ao pai do mesmo sexo, e desenvolve os requisitos básicos da iniciativa masculina e feminina, respectivamente, produzir/conquistar e captar/acolher.

O regulador desta iniciativa é a consciência. A criança não só sente medo de ser descoberta nas suas fantasias, mas é capaz de auto-observação, e auto punição, desenhando-se assim a culpabilidade, e o sentimento de moralidade.

Segundo Erikson, as consequências psicopatológicas de uma negativa resolução desta fase, traduzem-se por conflitos em torno da iniciativa, expressos na renúncia histérica ou na auto-restricção, ou mesmo em disfunções sexuais .

A importância desta fase em termos do desenvolvimento da identidade futura é fulcral. Do adequado equilibrar destas duas direcções do desenvolvimento, iniciativa e culpa, resultará um sentimento de iniciativa modelado pela consciência dos limites impostos pelo meio sócio-cultural, que permitirá à criança ser aquilo que imaginar, sem ser assombrada pela culpabilidade.

4. Indústria vs Inferioridade

Esta é a fase onde a criança com a entrada na escola, vê alargar-se o seu leque de interacções, passando a relacionar-se com outras pessoas, adultos e crianças, com os quais vai desenvolver relações significativas, e que lhe vão servir de modelo de identificação. A criança observa e experimenta simbolicamente os papéis que pode entender.

Ao sentimento de competência, de ser capaz de fazer coisas, e fazê-las bem, Erikson designou sentimento de indústria, que se opõe ao sentimento de inferioridade, vivenciado quando a criança sente que não aprendeu a fazer nada bem, "preferindo continuar a ser bebé do que menino crescido na escola". É a criança que tem medo de crescer, medo de perder a sua mãe, e que desenvolve um sentimento de inferioridade, marcado pela culpabilidade quando se compara ao pai.

Na génese deste sentimento de inferioridade poderá estar um défice na preparação efectuada pela família para a vida escolar, ou esta pode não ser sentida como compensadora e interessante.

Erikson adverte para o importante papel que a escola pode desempenhar nesta fase crítica, pois deve ser capaz de criar condições para enfatizar na criança aquilo que ela pode fazer, ao mesmo tempo que introduz a criança na aventura de descobrir coisas em que por si mesma nunca teria pensado.

O sentimento de inferioridade pode levar à incapacidade de aprender, e ao conformismo excessivo, aspectos que limitarão a identidade futura, na medida em que a criança poderá não se tornar no que poderia ser, ficando limitado às suas capacidades instrumentais.

O sentimento de indústria, pelo contrário, enquanto canalização dos impulsos que estão apenas adormecidos, permite desenvolver o livre exercício da destreza e inteligência na execução de tarefas sérias, sem ser prejudicado por um sentimento infantil de inferioridade. A criança começa assim a participar no mundo dos adultos, apoiado por um sentimento de competência e de ética.

5. Identidade vs Confusão de Identidade

Finda a calmaria da fase antecedente, a tempestade da puberdade irrompe, com o ressurgimento dos impulsos anteriores, que estavam apenas latentes. O adolescente terá agora que recapitular as crises prévias, e integrá-las na sua busca actual de um novo sentido de unidade e de continuidade - a identidade. Para tal será necessário vivenciar um período de moratória psicossocial, um período de espera, que a sociedade concede ao jovem para que este possa integrar os elementos anteriores.

Nesta fase, tem lugar todo um processo de ressíntese de identificações anteriores, de experimentação de papéis, de construção e reconstrução de identificações mais adequadas ao seu presente e futuro, num dado contexto social, possibilitando ao indivíduo decidir e definir o seu lugar na sociedade (Costa, 1991).

Quando o adolescente não consegue mobilizar a sua energia interior e a sociedade para a construção da sua identidade, quando há uma sobreposição de imagens de si próprio, de papéis e de oportunidades contraditórias, é sinal que o processo de aquisição da identidade não está completo. A crise e a confusão permanecem, indiciando assim a polaridade negativa desta crise psicossocial, a difusão de identidade.

A confiança, o livre arbítrio, a imaginação, a competência, com os seus contrários, são assim precursores do estabelecimento de uma identidade positiva, ou inversamente de um sentimento de difusão de identidade

Reportando-nos ao Quadro I, podemos observar, que os elementos que marcam a difusão de identidade estão indicados à esquerda da linha diagonal. Como vemos, dependem das crises psicossociais anteriores não resolvidas (estas indicadas nas colunas verticais). Temos assim na difusão da identidade (Luzes, 1979):

(1) confusão temporal como expressão da regressão à infância, exprimindo o sentimento de que o tempo ou a maturação não trarão qualquer mudança;

(2) dúvida e timidez quanto ao próprio Eu;

(3) rigidez nas atitudes ligadas à culpabilidade edipiana;

(4) paralisia no trabalho, devido a um sentimento de onipotência e onisciência irrealizáveis.

Os elementos que marcam a formação positiva da identidade, encontram-se à direita da diagonal:

(1) polarização da sexualidade;

(2) reciprocidade e possibilidade de assumir responsabilidades

(3) compromisso ideológico.

Como podemos observar, trata-se de antecipações das funções que se irão desenvolver nas crises psicossociais posteriores à da identidade.

6. Intimidade vs Isolamento

Só quando a formação da identidade está em pleno desenvolvimento, é que os indivíduos começam a desenvolver a capacidade para desenvolver uma autêntica e mútua intimidade psicossocial .

Por intimidade, Erikson entende bastante mais do que a intimidade sexual:

"A intimidade é a capacidade para se entregar a filiações e associações concretas e desenvolver a força ética necessária para permanecer nessas afiliações mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos"

(Erikson, 1968)

Os elementos da definição de Erikson de intimidade incluem assim a mutualidade, a responsabilidade, o compromisso e a maturidade genital. A intimidade não é pois exclusiva das relações onde existe uma união sexual, implicando antes, a partilha de identidade, a capacidade para se comprometer com um outro, sem ter medo de se perder nessa relação. É por essa razão que Erikson sustenta que só após o estabelecimento de uma identidade sólida é que o jovem está apto para se relacionar intimamente. A identidade seria assim o precursor da capacidade para a intimidade.

Quando o jovem, no início da idade adulta não está seguro da sua identidade, furta-se à intimidade, estabelecendo relações interpessoais estereotipadas, ou sem real entrega de si próprio, o que o conduz geralmente a um profundo sentimento de isolamento.

Erikson acrescenta ainda, que os relacionamentos amorosos vividos durante a adolescência, não são verdadeiras relações íntimas. O amor adolescente é apenas uma tentativa de auto definição da identidade. O adolescente na sua procura de definição pessoal, tenderá a aproximar-se dos outros, projectando neles a sua imagem difusa, onde se reflecte e define os seus contornos.

As relações de intimidade são pois próprias da adultícia, e a aquisição desta capacidade é a principal tarefa do desenvolvimento da transição da juventude para a idade adulta (Costa, 1991).

7. Generatividade vs Estagnação

A generatividade caracteriza-se pela preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte, ou seja, consiste no desenvolvimento de interesses altruísticos em relação às outras pessoas, especialmente às da geração seguinte.

Querer bem aos próprios filhos é o exemplo mais comum de generatividade. Porém, para Erikson, a generatividade não implica necessariamente o gerar descendência, como também gerá-la não é condição necessária e suficiente para atingir a generatividade. O que está em jogo, é a capacidade altruísta de transcender os desejos e necessidades individuais em prol da contribuição genuína para a satisfação das necessidades da geração seguinte.

Erikson refere que o altruísmo pode assumir muitas formas, nomeadamente a de um egocentrismo disfarçado, que levaria os pais a sacrificar-se pelos filhos, mais para satisfação do seu próprio orgulho pessoal, do que por um interesse altruístico genuíno. Como escreve Chinen (1989), a generatividade não consiste em criar e educar uma pessoa, mas no motivo que está por detrás desse gesto.

Por outro lado, o sujeito que não gera descendência poderá fazer um investimento libidinal altruísta em relação a outrem ou a algo, satisfazendo assim a necessidade de auto transcendência, que irá beneficiar toda a sociedade.

A maturidade inaugura assim uma perspectiva mais sóbria, com a consciencialização da necessidade de transcender os desejos pessoais em prol das necessidades dos outros, e onde o Eu se torna menos importante do que na juventude.

A estagnação surge se o indivíduo se centra em si próprio, envolvido apenas nas suas necessidades e desejos pessoais, o que o leva a entrar num processo de egocentrismo destrutivo e a uma regressão a uma necessidade obsessiva de pseudo-intimidade.

8. Integridade vs Desespero

A integridade para Erikson, corresponde ao amadurecimento. Já no fim do *Ciclo Vital*, o indivíduo deverá agora ser capaz de aceitar e integrar fielmente o passado, assumir o presente, e aceitar que a vida de cada um, é a coincidência accidental entre um único *Ciclo Vital* e um único segmento da história, sendo afinal da sua própria responsabilidade.

A integridade corresponde pois a uma atitude de auto-aceitação e de auto-afirmação do indivíduo maduro que compreende que a história da sua vida é, como escreve Erikson, "algo que tinha que acontecer e que necessariamente não admitia outra versão" (citado por Chinon, 1989). Esta aceitação da vida tal como ela se apresenta, sem resignação desespero, culpa ou amargura, só é possível, segundo Erikson, quando se possui uma noção profunda de quem se é, ou seja, uma forte identidade pessoal.

A falta ou perda dessa capacidade de integração do Ego de toda a experiência acumulada, manifesta-se pelo desespero, que expressa o sentimento de que o tempo é curto para recomeçar outra vida e experimentar rumos alternativos para a integridade. A pessoa tende a comparar-se melancolicamente com outras que lhe parecem mais afortunadas, chora oportunidades perdidas, coloca-se perguntas sem resposta "e se eu tivesse feito ...". A morte não é aceite como fronteira finita da vida, e o indivíduo, como escreve Erikson, poderá tender a esconder o seu desespero atrás de um sentimento de repulsa ou desprezo pelos outros, pessoas ou instituições, que mascara o desprezo por si próprio.

2.2. Conclusão e Limites da Conceptualização de Erikson

Como podemos verificar, a conceptualização do *Ciclo Vital* de Erikson é construída tendo como objectivo elaborar um modelo compreensivo da identidade. Assim, as quatro primeiras etapas do desenvolvimento são consideradas precursoras da identidade, e as três últimas, sua consequência, com reflexos nas gerações seguintes. Em suma, a adolescência é para Erikson, o período basilar do desenvolvimento, durante o qual se organiza a construção da identidade, considerado como um período de recapitulação dos conflitos de infância, e de antecipação da idade adulta.

O *Ciclo Vital* fornece assim as coordenadas para a compreensão da adolescência e da sua crise, a identidade, funcionando esta como o eixo à volta do qual se articulam as etapas do crescimento.

Sem querer retirar valor à teoria de Erikson, que se apresenta ainda hoje como um dos mais valiosos modelos para a compreensão da adolescência, referiremos alguns dos limites que têm sido apontados a esta conceptualização.

(1) A teoria de Erikson nasce de uma praxis. As suas formulações foram inspiradas na sua prática clínica psicanalítica, em estudos longitudinais com crianças, e em observações antropológicas junto de tribos índias norte-americanas. Alguns autores afirmam que por isso, se trata de um modelo especulativo, que não fornece uma metodologia adequada para o estudo das etapas do desenvolvimento psicossocial, nomeadamente da identidade (Costa, 1991, Claes, 1985).

(2) A teoria na sua globalidade é considerada ideológica, pois valoriza o conformismo e o etnocentrismo da sociedade ocidental (Roazen, 1980, citado por Claes, 1985). A sociedade é vista como boa e acolhedora, dependendo a formulação da identidade do processo no qual a sociedade reconhece o indivíduo e o aceita. Segundo Claes, esta perspectiva demasiado optimista, é ilusória, e corre o risco de dissimular os conflitos existentes na sociedade. Paralelamente, e ainda segundo este autor, a abordagem de Erikson está impregnada de conceitos - integridade, esperança, sabedoria, virtude - que lhe conferem um excessivo moralismo, o que vem reforçar a ideia de uma excessiva impregnação ideológica do seu modelo.

(3) Erikson possui uma visão demasiado culturalista sobre o desenvolvimento, que conduz a uma atenuação da teoria psicanalítica da libido e dos instintos. Luzes (1979), afirma que Erikson não dá a importância necessária ao incremento do instinto sexual, dos seus fenómenos biológicos, da masturbação, da menstruação, e das fantasias que acompanham esses eventos que marcam a puberdade e a adolescência. Esse afastamento impede que as teorias de Erikson possam ser articuladas às teorias psicanalíticas clássicas.

(4) O conceito de identidade definido por Erikson não é muito preciso. Por vezes aparece referido como uma estrutura, outras como sendo um processo, ou ainda como uma experiência subjectiva e uma entidade inconsciente (Costa, 1991).

(5) Erikson valoriza excessivamente a existência de um período de crise de identidade, considerando-a como um marco necessário ao desenvolvimento psicossocial normal do indivíduo.

Esta noção, de crise normativa, tem sido bastante criticada, e constitui ainda hoje um linha de demarcação entre as diversas conceptualizações da adolescência.

Por um lado, as teorias psicanalíticas clássicas, compreendem a adolescência como um período transitório de perturbação e inadaptação. Nestas teorias, a não existência desse período é considerada como um prognóstico desfavorável para o equilíbrio futuro do jovem como adulto.

Por outro lado, os dados da investigação empírica e epidemiológica, apontam em sentido contrário. Claes (1985) após uma revisão dos estudos realizados, concluiu não haver qualquer espécie de bases empíricas ou clínicas que confirmem a ideia da existência de uma crise juvenil que marcaria o curso da adolescência normal.

Os dados revelam que se encontra perturbação psicológica na adolescência, mas não em maior proporção do que em qualquer outra fase da vida. Paralelamente, 2/3 dos indivíduos estudados e que apresentavam perturbações psicológicas nesta fase, tendiam a mantê-las na vida adulta, pelo que estas perturbações não podiam ser atribuídas a uma crise normativa e passageira.

Daniel Sampaio (1994) é de opinião que a haver crise de adolescência, ela ocorre é nos pais, devido às dificuldades que esta etapa da vida dos seus filhos lhes colocam no exercício da sua função parental. Esta ideia é também referida por Allison & Sabatelli (1988), que refere que a adolescência não é apenas um estágio do desenvolvimento dos filhos, implicando igualmente também um reajustamento dos pais.

Sampaio refere ainda que a popularização desta noção trouxe algumas desvantagens, nomeadamente a desvalorização de sintomas psiquiátricos indicadores de patologia, e que passam a ser considerados erradamente como desenvolvimentais, e a noção de que merecedor de preocupação é o adolescente que não vivência a "crise".

Os estudos de Rosen e colaboradores (citado por Claes) iam já neste sentido, quando concluíam em 1965 que os clínicos tendiam a não valorizar as perturbações psicológicas dos indivíduos na adolescência, considerando-as como "perturbações transitórias e situacionais", o que segundo Claes arrisca-se fortemente a minimizar dificuldades reais e a desencorajar qualquer esforço de tratamento num período em que uma intervenção adequada poderia ser indicada.

Parece haver pois uma tendência actual para a recusa desta ideia de crise normativa, optando os vários autores por formulações menos dramáticas. Marcia (1966, 1986) prefere ao termo "crise", a noção de exploração de alternativas, entendida como um período de questionar activo e de exploração no meio social, de opções ideológicas e comportamentais, como veremos adiante.

Simplicity (1988), numa publicação destinada a adolescentes, propõe uma visão interessante da "crise da adolescência", que vai de encontro à noção de Marcia. Ao recordar aos seus jovens leitores o símbolo usado na escrita chinesa para expressar a ideia de "crise", coloca a adolescência como um período em que se juntam grandes *chances* e grandes perigos, isto é, uma época de aventura, e por isso, de maior vulnerabilidade.

Figura 1: Símbolo chinês que exprime a ideia de "crise" (*in* Simplicity, 1988)



Crise = Risco + Oportunidade

(6) A formulação sobre a identidade feminina, e a conceptualização do desenvolvimento psicossocial das mulheres tem sido também bastante criticada. Erikson atribui as diferenças de personalidade entre os homens e as mulheres às suas diferenças anatómicas. O "espaço interior" (uterino) das mulheres predisporia estas para uma maior passividade e harmonia, e para receber um companheiro "bem-vindo ao espaço interior", que concretizaria a resolução com sucesso da crise de identidade.

Parece haver aqui uma inversão de etapas no desenvolvimento feminino, na medida em que a identidade da mulher para Erikson, só é estabelecida quando ela escolhe com quem quer partilhar a sua vida. Inversamente, o rapaz definiria a sua identidade através do treino das suas competências operacionais, ligadas à competitividade e ao trabalho, e só depois destas estarem firmemente estabelecidas é que ele parte para o estabelecimento de uma relação íntima.

Estas diferenças que aparecem pouco exploradas em Erikson, que dedica à questão do feminino apenas um texto, não têm expressão no seu diagrama do *Ciclo Vital*, que é apresentado como universal (Hodgson & Fischer, 1979). A sua teoria tem sido assim frequentemente considerada sexista (Costa, 1991), na medida em que apenas o desenvolvimento masculino é considerado, sendo o feminino conceptualizado num modelo de igualdade ou de ausência, à semelhança das teorias psicanalíticas clássicas.

(7) Erikson apresenta a identidade como tarefa própria da adolescência, e como o precursor da intimidade, que seria a tarefa do desenvolvimento que caracterizaria o início da idade adulta. Vários autores sugerem porém que a identidade pode ser renegociada em qualquer período da vida em função da experiência vivida (Waterman, 1979, citado por Costa, 1991), e outros sugerem ainda que a identidade e a intimidade são processos inter-relacionados, que ocorreriam concorrentemente durante a adolescência e início da idade adulta (Bourne, 1978 b, Franz & White, 1985, Lidz, 1976, citados por Costa, 1991, e também Allison & Sabatelli, 1988, e Dyk & Adams, 1987).

O carácter controverso dos dois últimos pontos, serviu de base à presente investigação, pelo que voltaremos a estas duas questões oportunamente.

Dado que o presente trabalho tem como objectivo o estudo da identidade e da intimidade, que correspondem respectivamente à 5ª e 6ª etapas do desenvolvimento psicossocial teorizadas por Erikson, a revisão bibliográfica efectuada concentrou-se apenas nas investigações desenvolvidas sobre estas duas fases do desenvolvimento, no âmbito das teorias psicossociais do desenvolvimento.

Assim, o restante do capítulo centrar-se-à sobre as tentativas de operacionalização e de avaliação que têm sido feitas sobre estas duas variáveis.

3. A Operacionalização e Avaliação dos Estádios Psicossociais Identidade e Intimidade

Segundo Costa (1991), para definir a validade de um conceito em psicologia são necessários três critérios: fazer parte de uma rede teórica consistente, ser definível e mensurável por forma a permitir a sua avaliação e verificação experimental, e ser útil para a intervenção psicológica.

O quadro conceptual fornecido por Erikson para a compreensão do desenvolvimento do indivíduo, tem inspirado muitas investigações nos últimos anos, que têm procurado preencher os dois últimos critérios, a saber, de avaliação e de utilidade para a prática clínica. Os investigadores têm procurado verificar experimentalmente quer a sequência epigenética das etapas hipotetizadas por Erikson, quer aprofundar o conhecimento sobre algumas destas fases. A identidade, logo seguida da intimidade, têm sido as fases a despertar maior interesse nos investigadores, que têm desenvolvido metodologias de vária ordem, com vista a obter um maior conhecimento sobre estas duas etapas do desenvolvimento.

Seguidamente apresentamos uma breve síntese dos estudos referidos na literatura que se debruçaram sobre estas duas fases, com o propósito de enquadrar os modelos, que em nosso entender, fornecem as bases e os instrumentos mais adequados para o estudo destas duas etapas do *Ciclo Vital*: o modelo dos Estatutos de Identidade de J. Marcia (1966), para o estudo da identidade, e o modelo da Maturidade Relacional, de K. White e colaboradores (1983), para a investigação sobre a intimidade. Estes dois modelos serão então objecto de uma descrição mais detalhada

Por uma questão de facilidade de exposição, trataremos as duas etapas do desenvolvimento psicossocial, identidade e intimidade, separadamente.

3.1. A Identidade

Podemos dividir os estudos que se têm dedicado a estudar a identidade em dois grandes grupos, consoante o referencial teórico onde se posicionam: um grupo que se inscreve numa linha de carácter mais epistemológico, onde a ênfase é na compreensão e descrição da génese e estrutura da identidade, e um grupo que procura operacionalizar o conceito de identidade descrito por Erikson.

No primeiro grupo, os trabalhos mais relevantes são os desenvolvidos por Rodriguez e Tomé (1972), Tomé (1980) e Zavalloni (1973, 1984, 1987) (citados por Claes, 1985).

Os trabalhos de Rodriguez & Tomé (1972) têm como objectivo perceber a génese da identidade, a partir de uma perspectiva interaccionista. A abordagem interaccionista, seguindo de perto o pensamento de Wallon, privilegia a importância do outro no processo de identidade, na medida em que o outro está sempre na complementaridade inseparável do eu.

A metodologia utilizada é um questionário de resposta fechada, onde o adolescente é confrontado com 15 itens que remetem para os três factores descritivos da personalidade adolescente considerados por Rodriguez e Tomé: o egocentrismo, que reflecte a tendência em centrar-se em si, o domínio de si, que se refere às capacidades de controle e persistência, e a sociabilidade, que expressa a facilidade em estabelecer contactos interpessoais.

Estes três factores são respondidos pelo adolescente, mas de vários pontos de vista: do seu próprio, descrevendo a sua "Imagem Própria" e do ponto de vista dos pais, e amigos, o que identificará as suas "Imagens Sociais". Por seu lado, a mãe e o pai responderão também aquilo que imaginam que o adolescente terá respondido, o que descreverá o "adolescente suposto". A análise das relações entre os três questionários permite analisar a diferenciação progressiva entre a auto-imagem e as imagens sociais reconhecidas nos outros.

Posteriormente Tomé (1980) vai utilizar outra abordagem. Na tentativa de operar uma diferenciação da estrutura da identidade, vai elaborar uma questão de resposta aberta "Quem sou eu". As respostas vão permitir identificar três dimensões de base da personalidade adolescente, cada uma delas com dois pólos:

(1) "ego-activo" vs "ego-estado". O primeiro é baseado nas referências concretas ("eu gosto disto"), e o segundo nas referências abstractas e existenciais ("eu sou isto"). Estes dois pólos representam modos específicos de individuação, que se sucedem durante o crescimento, que progride cognitivamente do concreto para o abstracto.

(2) estatuto "oficial" (identidade pública) vs qualificativos auto descritivos (identidade provada). Segundo o autor, os rapazes tenderiam a optar pelo primeiro estilo, e as raparigas pelo segundo.

(3) traços socialmente valorizados vs traços socialmente desvalorizados. Esta dimensão da identidade é de carácter auto-avaliativo, fazendo-se acompanhar por expressões de satisfação ou de mal-estar acerca da sua própria situação.

Para Claes, estes trabalhos demonstram ter algum interesse do ponto de vista epistemológico, mas pecam basicamente a dois níveis: (1) a identidade é examinada do exterior, isto é, os autores dão maior importância ao "si" do que ao "eu"; e (2) os instrumentos adoptados, são bastante limitados. O questionário pela sua reduzida dimensão e pelas questões que se podem colocar acerca das dimensões da identidade em que se baseia. A questão aberta, pela tendência do indivíduo a responder o que é socialmente desejável, e não o seu projecto pessoal.

Zavalloni (1973, 1984, 1987) vai desenvolver um interessante trabalho, enquadrado num contexto teórico que ele designou de "abordagem ego-ecológica" (Azevedo, 1992). Nesta abordagem o sujeito é considerado como um actor que interage e intervém activamente sobre o seu meio.

O objectivo deste autor consiste em explorar as relações entre a consciência subjectiva da identidade (identidade social), e os atributos sociais objectivos (identidade social). A metodologia proposta consiste num instrumento, e num método de análise.

O instrumento é um "Inventário de Identidade Social", onde se pede ao sujeito que complete livremente frases inacabadas, relativas aos grupos de pertença do indivíduo (sexo, ideologia, nacionalidade, ou outro). Estas são as categorias da identidade objectiva. Seguidamente Zavalloni vai tentar identificar os aspectos subjectivos da identidade objectiva, isto é, quais das categorias mais contribuem para a ideia que o sujeito tem de si próprio. Numa terceira fase, o autor propõe uma exploração do contexto específico das palavras obtidas na primeira fase - método da "contextualização representacional".

O pressuposto base desta metodologia é o de que, de entre todas as experiências, imagens e ideias acumuladas ao longo da existência, algumas são retidas, e são essas que constituem a estrutura da identidade, condensando-se num número muito limitado de palavras-valores. (Azevedo, 1992).

Segundo Claes os trabalhos de Zavalloni são bastante promissores em termos da compreensão do processo de formação da identidade, na medida em que este autor rompe com a abordagem tradicional que situa o meio social no exterior da pessoa. Para Azevedo, o trabalhos de Zavalloni são particularmente interessantes, na medida em que este autor vai reconhecer a importância do imaginário e procurar compreender as representações do sujeito a partir do seu meio interior.

Azevedo frisa ainda que este modelo, ao sublinhar a importância da linguagem na construção das representações do eu, no que vai na linha do pensamento de E. Goffman (1963) , quando na sua obra "*Stigma: notes on the management of spoiled identity*" (citado por Azevedo) demonstra o papel da linguagem na construção do eu e do outro , e ao enfatizar de forma tão pronunciada a dimensão social da identidade, situa-se no lugar do reencontro entre o individual e o social. Desta forma o âmbito deste modelo é mais do domínio da sociologia, do que propriamente da psicologia clínica.

As investigações desenvolvidas na esteira do trabalho de Erikson são bastante mais numerosas. Costa (1991) agrupa as tentativas de operacionalização do conceito eriksoniano de identidade em três modalidades:

- (1) abordagem centrada nas seis primeiras etapas do desenvolvimento psicossocial,
- (2) abordagens centradas nas características da identidade adquirida,
- (3) abordagens tipológicas.

As abordagens que têm como foco as seis primeiras etapas do desenvolvimento teorizadas por Erikson, pretendem operacionalizar os comportamentos característicos da resolução positiva e negativa de cada etapa. A título de exemplo Costa (1991) refere os seguintes instrumentos: "*The Ego Identity Scale*" (E.I.S.) de Rasmussen (1964), "*The Inventory of Psychosocial Development*" (I.P.D.) de Constantinople (1969), e "*The Erikson Psychosocial Inventory Scale*" (E.P.S.I.), de Rosenthal, Gurney e Moore (1981).

Estes instrumentos são questionários, onde o sujeito é convidado a indicar numa escala de Lickert o grau de concordância ou discordância perante uma dada afirmação. O resultado será indicador do grau de maturidade psicossocial (no I.P.D.), do índice de maturidade do eu (no E.I.S), ou do grau de maturação do indivíduo em cada etapa do desenvolvimento psicossocial (no E.P.S.I.).

Bourne (1978 a) mostra-se crítico relativamente a estas metodologias, afirmando que elas não têm demonstrado relação empírica e conceptual com o modelo de Erikson. Por outro lado, padecem do problema inerente a todos os questionários, que é a tendência do sujeito a falsear as respostas no sentido de dar uma imagem positiva de si próprio.

Na abordagem que se centra nas características da identidade adquirida, Costa (1991) cita os estudos de Block (1961), Bronson (1959), Gruen (1969) e Heilbrun (1969).

Estes investigadores procuraram operacionalizar o conceito de identidade em variáveis como o auto-conceito, a continuidade com o passado, o grau de ansiedade, a estabilidade temporal, a auto-avaliação, a discrepância entre o eu ideal e o eu real, a variedade e a consistência de papéis sociais. Segundo Costa (1991), estas abordagens são válidas, mas não operacionalizam a multidimensionalidade do conceito de identidade.

As tipologias propõem que a identidade se desenvolve segundo padrões diferentes específicos.

São exemplos as tipologias de Hauser (1971) (citado por Costa, 1991), que propõe cinco tipos, e a de Marcia (1966), que propõe quatro padrões de identidade.

Ambas as abordagens estão conceptualmente ligadas ao modelo de Erikson, apresentando mesmo algumas semelhanças entre si ao nível da definição e caracterização dos padrões de identidade. As diferenças encontram-se nos critérios de avaliação da identidade, e na instrumentação utilizada. Enquanto que Hauser utiliza uma medida de auto descrição, Marcia, desenvolveu uma entrevista semi-estruturada sobre temas que constituem apostas importantes na construção da personalidade adolescente, a profissão, a ideologia, e os valores relativos à sexualidade.

A tipologia de Hauser não tem praticamente expressão. Conhecem-se apenas dois estudos, realizados em 1971 e 1976 (Costa, 1991).

Inversamente, os trabalhos de Marcia dominam o sector da investigação sobre identidade no domínio da psicologia.

Baseado neste modelo, muitos foram os investigadores que desenvolveram adaptações da entrevista original, ou questionários nela baseados. A este propósito, Costa (1991) fornece uma revisão dos estudos bastante completa.

Grande parte destas adaptações consiste em, aproveitando o racional teórico do modelo, adequar o instrumento a populações específicas - adolescentes, adultos, divorciados - e/ou a áreas específicas - relações de amizade, papéis conjugais, interesses não profissionais - ou ainda a desenvolver medidas objectivas, que permitissem estudar populações de maiores dimensões com maior poupança de tempo.

No que se refere às entrevistas, desde que respeitados os critérios de avaliação, elas parecem ser instrumentos úteis para o estudo das áreas e dos grupos em questão. Já as medidas objectivas revelaram algumas dificuldades, não sendo muito clara a concordância em 100% com a entrevista de Marcia.

De acordo com Bourne (1978 b), desde 1964, e até finais dos anos 70, já tinham sido realizados mais de 40 estudos utilizando o modelo desenvolvido por Marcia. Nos anos 80 e 90 este modelo continuou a ser utilizado, despertando também o interesse de investigadores não americanos. Costa (1991) refere estudos realizados no Canadá (Philipchalk & Sift, 1985; Frégueau & Baker 1983), Holanda (Bosma, 1985), Coreia do Sul (Huch, 1984), Cuba (Owen, 1984) Dinamarca (Matteson, 1974), Índia (Arora, in press) e Nova-Zelândia (Kroger, 1988). Através da base de dados *Psyclit* tivemos ainda conhecimento da realização de dois estudos no Japão (Takahashi, 1988, 1990), e finalmente, também em Portugal se realizaram estudos com o modelo de Marcia (Costa, 1986, 1991; Taveira, 1986).

A abundância de estudos realizados, tem como principal vantagem garantir a validação do modelo de Marcia, bem como da sua entrevista, pelo menos para populações universitárias e da cultura ocidental, onde foram realizados a maior parte dos estudos.

Para Bourne (1978 b), o "sucesso" deste modelo, prende-se com a metodologia de carácter clínico utilizada. Em seu entender, a realização de uma entrevista semi-estruturada com as características da entrevista desenvolvida por Marcia (1966) não priva o conceito de identidade da sua "profundidade clínica" original, como acontece com os questionários e os outros tipos de medidas de auto-relato. Claes (1985), confirma esta ideia, quando afirma que a entrevista individual sistematizada parece ser a escolha mais adequada quando se quer estudar a identidade.

Na sua extensa revisão bibliográfica sobre este assunto, Costa (1991) conclui que apesar das tentativas para encontrar novas formas de avaliação da identidade, é o instrumento desenvolvido por Marcia que continua a ser o mais utilizado. É que a realização de uma entrevista apresenta um fortes vantagens relativamente à utilização de questionários.

Para além do já citado aspecto da desejabilidade social, a rigidez dos questionários, que obriga a respostas directas e quantificáveis, não permite aceder plenamente à compreensão do processo de aquisição da identidade. Só a flexibilidade de uma entrevista onde o sujeito é convidado a falar de si, permite avaliar com maior precisão os critérios que conduzem à identificação do padrão de identidade do indivíduo. Por outro lado, os componentes da identidade não se encontram num nível consciente. Para os identificar é necessário um trabalho com características clínicas.

As entrevistas têm de ser realizadas por psicólogos com formação específica neste modelo, capazes de estabelecer uma relação empática e facilitadora com o entrevistado. A realização de questionários, pelo contrário, é bastante mais simples, não necessitando sequer do contacto directo com o sujeito que responde. Por essa razão, é possível obter assim grandes amostras, que nos oferecem grande quantidade de dados.

Porém, entendemos, que apesar da limitação substancial do tamanho das amostras a que obriga a realização de entrevistas, a qualidade dos resultados que estas proporcionam reveste-se de muito maior interesse num trabalho no âmbito da psicologia clínica.

Por outro lado, o modelo de Marcia apoia-se na teoria do desenvolvimento psicossocial desenvolvida por Erikson, o que lhe fornece uma base teórica segura.

Finalmente, o modelo de Marcia, para além de ser um bom estímulo para a investigação na área da adolescência e do desenvolvimento psicossocial, oferece também interessantes perspectivas, no âmbito da clínica da adolescência.

É por este conjunto de razões, que optámos pela utilização deste modelo, e da entrevista desenvolvida por Marcia, no presente trabalho, para a avaliação da variável identidade.

As páginas que se seguem expõem com algum detalhe os fundamentos do modelo dos estatutos de identidade, conforme conceptualizado por Marcia (1966, 1986).

3.1.1. A Avaliação da Identidade: O Modelo dos Estatutos de Identidade

No modelo de Marcia, a identidade é um conceito bastante abrangente, que se define a três níveis: estrutural, fenomenológico e comportamental (Marcia, 1986).

No primeiro nível, a identidade é uma estrutura do eu, uma organização interna que resulta da integração das demandas libidinais, das capacidades e defesas do Ego. Ao nível fenomenológico, a identidade refere-se a um sentido de si próprio, como tendo uma continuidade com o próprio passado, e um núcleo interior sólido, ao qual o indivíduo pode referenciar as suas acções e sentimentos presentes e as suas direcções futuras. Ao nível comportamental, a identidade traduz-se na exploração de alternativas, tomada de decisão, e subsequente compromisso com posições ideológicas, direcções profissionais e valores interpessoais sexuais.

Segundo Marcia (1966), nenhum dos estudos sobre identidade realizados até então, determinavam os graus de identidade segundo critérios psicossociais, nem formulavam hipóteses relativamente às consequências ao nível comportamental da aquisição da identidade. Na construção do seu modelo, este autor vai preocupar-se com a utilização de medidas e critérios congruentes com a formulação de Erikson.

Os instrumentos desenvolvidos são um teste semi-projectivo, o "*Ego Identity Incomplete Sentences Blank*" (EI-ISB) (Marcia, 1964), e uma entrevista semi-estruturada, a "*Ego Identity Interview*" (Marcia, 1966). O EI-ISB consistia numa série de 23 frases que o sujeito era convidado a completar, obtendo-se assim uma pontuação que traduzia a identidade global do indivíduo.

Porém, Marcia (1966) refere que este instrumento trata a identidade como uma qualidade linear, preferindo por isso a entrevista, que por se basear nos estilos individuais, é mais eficaz na avaliação da identidade. Nos estudos posteriormente realizados por este autor, será sempre a entrevista, o instrumento utilizado para a avaliação deste construto (a descrição detalhada da entrevista é feita no capítulo da metodologia).

A entrevista tem como objectivo determinar o Estatuto de Identidade (*Identity Status*) específico de um indivíduo. Ou seja, pretende-se determinar qual de quatro posições ao longo de um *continuum* de aquisição da identidade, melhor o caracteriza.

O estabelecimento de uma identidade e a difusão de identidade são as alternativas propostas por Erikson, para a resolução da crise da identidade da adolescência. Marcia (1966,1986), vai enfatizar a ideia esboçada em Erikson de um balanço entre os dois pólos, que estabelecerá um *continuum* de desenvolvimento. É ao longo desse *continuum*, e de acordo com dois critérios principais, que é possível estabelecer quatro posições ou estilos individuais para lidar com a problemática da identidade - os Estatutos de Identidade

Os critérios utilizados para estabelecer os Estatutos de Identidade, foram a existência ou não de períodos de "crise" e de "compromisso", profissional, religioso e de ideologia política (Marcia,1966), e ainda a ideologia sexual - atitudes face à sexualidade e comportamento sexual (dimensão introduzida mais tarde por Marcia & Friedman, 1970).

** A exploração de alternativas, ou crise*

A crise, ou como preferiu posteriormente Marcia (Costa, 1991), a exploração de alternativas, refere-se ao período em que o adolescente questiona activamente as alternativas ao seu dispor, com vista à tomada de decisão e ao alcançar de objectivos. As razões, segundo Costa, para a alteração do termo "crise", devem-se quer à conotação negativa adquirida por este, quer à imprecisão com que reflecte a essência desta dimensão.

De facto durante esta fase, o que acontece é uma verdadeira exploração de alternativas, em que o adolescente, vai desenvolver uma grande actividade de recolha de informação acerca das possibilidades que estão a ser consideradas.

A indefinição de objectivos e valores que o indivíduo atravessa pode gerar sentimentos de frustração, ambivalência, ansiedade, e o desejo de formalizar uma escolha, para terminar com esse desconforto. É neste sentido que poderá ocorrer a crise de identidade, meramente ao nível cognitivo, consoante a intensidade emocional despertada no sujeito por estas indefinições.

Após a exploração, poderá seguir-se a emergência de um sentido de direcção para o futuro, se a exploração levou o adolescente a tomadas de decisão realistas e significativas, ou, pelo contrário, a desistência, acompanhada de um sentimento de insucesso, se as respostas encontradas não são viáveis, ou se não são encontradas respostas.

Poderá ainda acontecer, que o jovem não acesse um período de exploração o que reflecte a não necessidade do indivíduo de escolher outros objectivos, valores e crenças. Esta situação poderá deve-se ou a falta de estimulação do meio, ou a uma aceitação incondicional dos valores e crenças escolhidos por outrem.

* *O compromisso*

O compromisso refere-se ao grau de investimento pessoal exibido pelo sujeito. Para se poder afirmar que um adolescente estabeleceu compromissos, não basta a verbalização de ideias socialmente adequadas. É necessário verificar a implementação das escolhas feitas, através da preparação para papéis futuros consistentes com valores e objectivos previamente definidos.

Segundo Marcia (s.d.), a ideia de compromisso é similar à noção eriksoniana de "fidelidade". Trata-se de ser capaz de manter uma determinada direcção, apesar das possíveis alternativas, e quer essa direcção tenha sido escolhida pelo próprio ou por outrem. Essa capacidade confere a estabilidade, a confiança na opção tomada, e a projecção no futuro, imprescindíveis para a definição de identidade.

É a existência ou não de períodos de exploração e investimento, que vai permitir distinguir quatro modalidades de funcionamento em termos da resolução das questões ligadas à identidade, os quatro estatutos de identidade, que Marcia designou por *Identity Achievement*, *Moratorium*, *Foreclosure* e *Identity Diffusion* (ver Quadro II).

Segundo os critérios desenvolvidos por Marcia (1966, 1986), um sujeito em *Identity Achievement* (Identidade Realizada) experienciou um período de exploração, onde considerou seriamente escolhas ocupacionais e crenças ideológicas, alternativas às que possuía quando era criança, foi capaz de estabelecer um compromisso com uma ocupação, uma ideologia política, religiosa e sexual específica. É o nível mais elevado de desenvolvimento do Ego, conforme conceptualizado por Loevinger (1976) (Marcia, 1986).

O indivíduo *Identity Diffusion* (Difusão de Identidade) pode ou não ter vivenciado um período de crise. A sua característica base é a ausência de um comprometimento quer ao nível comportamental, de escolha de uma direcção profissional, quer ao nível ideológico, das suas crenças e valores.

Quadro II - Estatutos de Identidade em função dos critérios (dimensões) exploração e compromisso (Marcia, 1986)

ESTATUTOS DE IDENTIDADE					
D I M E N S Õ E S	Exploração de alternativas	Identity Achievement (1)	Moratorium (1)	Foreclosure (1)	Identity Diffusion (1)
		presente	em processo	ausente	fracamente presente ou ausente
	Compromisso	presente	presente, mas vago	presente	ausente

(1) Para facilidade de escrita manteremos as designações originais dos estatutos de identidade propostas por Marcia (1966) - *Identity Achievement*, *Moratorium*, *Foreclosure* e *Identity Diffusion*. Em nosso entender, a sua tradução literal para português - respectivamente, identidade realizada, moratória, exclusão e difusão de identidade - é empobrecedora do seu significado, e dificulta a redacção escrita do texto. Uma designação que exprima as intenções do autor e seja operacional em português passaria pela introdução de outra terminologia, e não cremos que aqui seja o lugar para o fazer.

Aparentemente é um indivíduo apático, ou insaciável, escondendo ambas as atitudes, um sentimento de vazio interior, que traduz, ou o medo de arriscar uma definição de si próprio, ou a desistência de o fazer. É o nível mais baixo de desenvolvimento do Ego (Marcia, 1986).

No continuum de que estas duas posições são os pólos, é possível identificar dois pontos intermédios, os estatutos *Moratorium* (moratória) e *Foreclosure* (exclusão) .

O sujeito em *Moratorium* é aquele que está presentemente a atravessar um período de crise. Ou seja, o indivíduo está concentrado na exploração de alternativas, e os seus compromissos ainda não estão estabelecidos ou são um pouco vagos. Distingue-se do sujeito em *Identity Diffusion* pela evidência de uma luta activa para realizar investimentos. Embora os desejos dos seus pais sejam ainda importantes para o adolescente nesta fase, ele está a tentar conseguir um compromisso entre estes, as exigências da sociedade e as suas próprias capacidades. As suas relações familiares são marcadas pela ambivalência, sendo o padrão mais frequente o da oscilação entre revolta e obediência (Marcia, 1966, 1986).

O sujeito *Foreclosure* caracteriza-se por não ter experienciado um período de exploração, embora apresente fortes compromissos quer ao nível ocupacional, quer ideológico, ou valorativo. Estes investimentos são o resultado da adopção dos valores e crenças parentais, ou de outras figuras significativas, que é feita sem qualquer questionamento activo. Numa primeira abordagem, a força da sua identidade parece ser tão grande ou maior que a dos sujeitos *Identity Achievement*. Porém, a rigidez cognitiva que contrasta com a flexibilidade dos *Achievers*, revela uma fragilidade intrínseca, que faz supor que este indivíduo quando confrontado com uma situação para a qual os seus valores parentais não são funcionais, se sentirá extraordinariamente ameaçado (Marcia, 1966, 1986).

Marcia não postula a fixidez dos estatutos de identidade. Cada estatuto corresponde à forma como o indivíduo sai do processo de aquisição da identidade na adolescência. Assim, o indivíduo ao longo do tempo poderá modificar o seu estatuto de identidade, evoluindo ou regredindo, consoante os seus acontecimentos de vida, o conduzam ou não a uma reavaliação de si próprio.

Segundo Costa (1986), o estatuto *Diffusion* poderá evoluir no sentido *Moratorium* ou *Foreclosure*, consoante desencadeia um processo de exploração de alternativas, ou investe sem questionar na primeira situação que lhe surja.

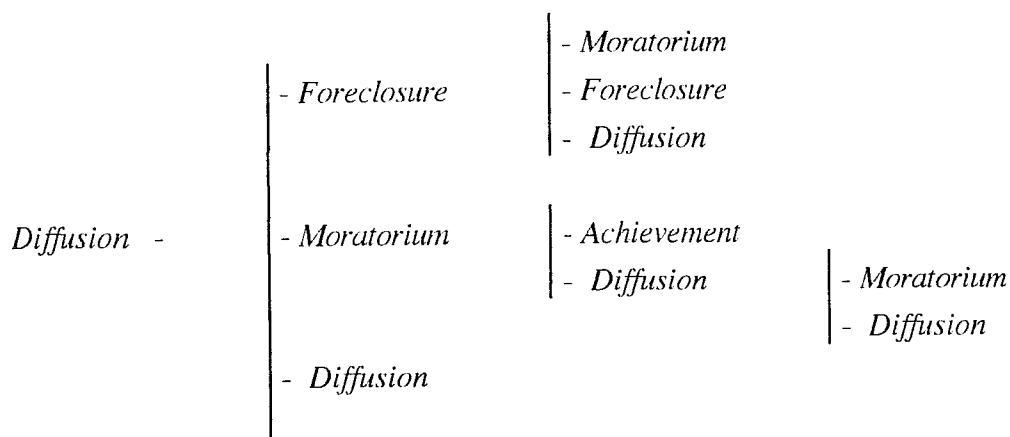
Um sujeito no estatuto *Foreclosure*, poderá pôr em causa os seus investimentos, e assim desencadear um período de exploração, entrando em *Moratorium*, ou pelo contrário regredir para *Diffusion*, se os seus investimentos perderem o seu significado sem possibilidade de reavaliação, exploração ou substituição.

O indivíduo em *Moratorium* tenderá a evoluir para *Identity Achievement*, ao implementar as suas escolhas, mas também poderá regredir para *Diffusion*, se não conseguir considerar qualquer alternativa significativa.

Finalmente, o sujeito *Identity Achievement* poderá pôr os seus compromissos em causa, e entrar temporariamente num período de *Moratorium* o que não é considerado uma regressão em sentido estrito, mas antes uma redefinição contínua da sua identidade. (Costa, 1986). Pode porém acontecer que os seus compromissos percam significado, e o sujeito se sinta sem capacidade para procurar alternativas, regredindo efectivamente para o estatuto de *Diffusion*.

Por definição, os estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium*, não podem nunca regredir para *Foreclosure*, na medida em que já vivenciaram um período de exploração activa ou mesmo crise. Estes elementos encontram-se sistematizados no Quadro III.

Quadro III - Formação dos Estatutos de Identidade (*in* Costa, 1991)



A investigação subsequente motivada por este modelo, levou alguns autores a definir subtipos dos estatutos de identidade (Costa, 1991). Não os referiremos aqui por considerarmos que já saem do âmbito do nosso trabalho, que pretende apenas apresentar o modelo, no seio do qual desenvolvemos a nossa investigação.

* *Relação dos Estatutos de Identidade com Outras Variáveis*

Os estatutos de identidade têm sido relacionados com grande número de variáveis, o que tem contribuído significativamente para o enriquecimento da definição de cada estatuto.

Costa (1991) agrupou os estudos em que a relação dos estatutos de identidade com outras variáveis foi estudada em quatro tipos de trabalhos :

(1) Estatutos de identidade e características da personalidade (Quociente Intelectual e estilos cognitivos, auto-estima, conformismo, autoritarismo, *locus* de controlo, autonomia, ansiedade, perspectiva temporal e motivação).

(2) Estatutos de identidade e desenvolvimento psicológico
(estádios precursores e sucessores da identidade,)

(3) Estatutos de identidade e dimensões estruturais do desenvolvimento
(operações formais, desenvolvimento moral, desenvolvimento do Ego)

(4) Estatutos de identidade e realização comportamental
(padrões de relacionamento interpessoal, realização escolar, comportamentos desviantes e psicopatológicos).

Dado que a nossa preocupação neste capítulo é enriquecer a definição de cada estatuto de identidade, e uma vez que se trata de um vasto conjunto de estudos, não procederemos à apresentação detalhada das conclusões de cada estudo. Optámos antes por apresentar aqui, apenas as conclusões mais consistentes, organizadas não por variáveis, mas por estatuto de identidade. Assim teremos a seguinte caracterização (Costa, 1991):

O indivíduo no estatuto *Identity Achievement* é confiante, estável, e optimista, sem deixar de ser realista. Ao nível cognitivo revela complexidade integrativa e flexibilidade. O seu locus de controle é interno. É pouco manipulável na sua auto-estima, não cedendo a pressões e ao conformismo. O seu desenvolvimento moral e egóico apresenta os níveis mais elevados relativamente a todos os outros estatutos. Juntamente com o estatuto *Moratorium* constituem os estatutos mais motivados.

O adolescente em *Moratorium*, apresenta os mais elevados níveis de ansiedade, quando comparado com os outros estatutos. É também o mais sensível dos estatutos, moral e interpessoalmente. Revela alguma labilidade emocional, o que o leva frequentemente a procurar ajuda psicoterapêutica (Marcia, 1986). Ao nível cognitivo apresenta complexidade integrativa e flexibilidade.

O *Foreclosure* tende a ser o mais autoritário dos estatutos. É um sujeito imperturbável, dogmático e rígido, perante as suas atitudes, e intolerante, perante as opiniões dos outros. Apresenta os índices mais baixos de autonomia.

O adolescente no estatuto *Identity Diffusion* apresenta uma variedade de padrões emocionais, que vão da apatia à agressividade não focalizada. O seu locus de controle é externo. Rejeita as normas sociais, mas não apresenta alternativas. É pouco autónomo. A sua auto-estima é facilmente manipulável. Ocupa os níveis mais baixos do desenvolvimento do Ego, moral e cognitivo.

No que respeita às restantes variáveis, mencionadas acima, e não incluídas nesta caracterização dos estatutos, os resultados dos estudos mostram-se ainda bastante contraditórios, pelo que não é possível estabelecer ainda relações válidas entre elas. Nomeadamente, quando se procurou relacionar comportamentos desviantes e psicopatologia, com estatutos de identidade, os estudos são ainda em número bastante reduzido, e os resultados têm-se mostrado contraditórios, sendo apenas possível esboçar uma tendência para associar níveis menos desenvolvidos de identidade a problemas de comportamento ou de personalidade.

** Implicações para a clínica psicológica*

O modelo dos estatutos de identidade apresenta-se assim como uma tentativa de se constituir como uma teoria integrativa do desenvolvimento psicossocial (Marcia, 1986).

Como atrás referimos, Erikson (1972) teorizava que cada crise era vivida ao longo de todo o *Ciclo Vital*, embora com um colorido diferente, conforme a crise psicossocial dominante em cada etapa. Para Marcia (1986), esta questão teórica é central, na medida em que ela possibilita ao indivíduo resolver actualmente, as suas crises psicossociais anteriores que foram negativamente resolvidas, sugerindo assim interessantes perspectivas para a intervenção psicológica, não só na adolescência, como também em populações de indivíduos adultos.

O terapeuta que utiliza este modelo, poderá optar por duas vias de intervenção: se o problema do cliente é centrado numa determinada crise, por exemplo o estabelecimento da identidade, no início da idade adulta, a intervenção será essencialmente de suporte, e basear-se-à na reflexão de sentimentos e no fornecimento de informação.

Se a questão actual parece implicar de forma mais profunda os estádios anteriores, então é necessária uma intervenção mais extensa e de carácter remediativo. O terapeuta terá de procurar recuar o mais possível até identificar o problema central, por exemplo, uma resolução negativa da crise industria-inferioridade, que por sua vez, poderá ter raízes numa resolução da etapa precedente, por exemplo, uma falha de iniciativa.

Porém, uma vez que a teoria de Erikson sugere que todas as questões estão presentes em cada etapa, não será necessário induzir regressões no cliente (Marcia, 1986). Isto é, se o problema básico que impede a formação da identidade radica, por hipótese, e aproveitando o exemplo supra citado, num problema de iniciativa, não será necessário explorar com profundidade a situação edipiana. Para Marcia, na vivência actual do sujeito existirá certamente bastante material que envolva questões ligadas à iniciativa e à culpa, sendo portanto desnecessário a exploração do material mais precoce. Este material constituiria antes uma fonte de recurso, a combinar com as questões ligadas à iniciativa, que vão ocorrendo durante o período do estabelecimento da identidade.

Marcia (1986), distingue pois entre aconselhamento e psicoterapia, conforme o carácter da intervenção psicológica é de suporte ou remediativo. O papel do terapeuta que utiliza este modelo será o de facilitar a resolução do estágio actual (numa perspectiva de aconselhamento), e/ou promover a resolução dos estádios anteriores (numa perspectiva de psicoterapia).

Este autor propõe ainda diferentes formas de intervenção psicológica, que seriam as mais adequadas para cada estatuto de identidade. Seguidamente apresentamos uma breve síntese das sugestões de Marcia (1986) para a intervenção em psicologia clínica.

É pouco provável que um sujeito no estatuto *Identity Achievement* procure psicoterapia. Se o faz, é porque está prestes a entrar num período de *Moratorium*, e esta fase poderá fazer-se acompanhar por uma ansiedade difusa. Uma intervenção que tenha por objectivo desdramatizar a situação, fazendo o cliente compreender que o momento de dúvida que atravessa é uma ocasião normal de crescimento, bem como um reassegurar o sujeito das suas capacidades para resolver a situação, será suficiente.

O indivíduo que está no estatuto *Moratorium*, é aquele que mais tende a procurar ajuda psicológica. Este é o indivíduo que se encontra numa fase de questionar activo, própria de um processo normal de desenvolvimento, o que em certos momentos poderá desencadear alguma ansiedade.

A intervenção mais indicada para lidar com o indivíduo *Moratorium*, é uma abordagem Rogeriana, centrada no cliente, na medida em que estes indivíduos são essencialmente saudáveis. O terapeuta terá de reassegurar o adolescente de que ele pode sobreviver à crise, e que ele não está doente, apenas está a mudar, e que o desconforto sentido, é parte desse processo.

A probabilidade de um indivíduo *Foreclosure* procurar ajuda terapêutica é reduzida. Quando o fazem, as razões prendem-se com uma alteração substancial do seu equilíbrio, geralmente introduzida por alguém (um romance mal sucedido, ou bem sucedido, morte de alguém significativo), ou por algo (falhanço escolar, revés financeiro). A intervenção mais adequada nestes casos, é a intervenção na crise. O objectivo consiste, em poucas sessões ajudar a pessoa a voltar ao seu nível prévio de funcionamento, reconstituindo os seus mecanismos adaptativos.

Marcia (1986) sugere uma outra linha de abordagem, mais interessante e benéfica, mas também mais arriscada. Trata-se de aproveitar o desconforto actual sentido pelo sujeito em *Foreclosure*, para o fazer progredir na escala desenvolvimental, iniciando um período *Moratorium*, com vista à evolução para *Identity Achievement*.

Este tipo de abordagem contempla dois riscos, o de levantar fortes resistências no indivíduo que o poderão fazer abandonar a terapia, ou o desencadear de uma forte depressão, devido ao despojamento do valor do seu quadro de referência interno. Marcia sugere uma abordagem cuidadosa, que parte de uma aliança inicial estabelecida com o cliente, para um progressivo questionar das posições do *Foreclosure*. O objectivo é levar o indivíduo a questionar-se, o que marca o início de um período de moratória. Nestas situações estaremos já num contexto de psicoterapia, enquanto que com os *Identity Achievement*, os *Moratorium*, e alguns *Foreclosure*, a abordagem a desenvolver é na linha do aconselhamento.

Com o indivíduo *Identity Diffusion*, a abordagem deverá ser indubitavelmente psicoterapêutica. Os sujeitos no estatuto *Identity Diffusion* geralmente apresentam uma problemática em que não só estão em causa as questões relacionadas com a etapa do desenvolvimento actual, como também com questões relacionadas com as etapas precedentes, indiciando assim uma perturbação mais profunda, que vão da personalidade esquizóide à *borderline* (Marcia, 1986).

A intervenção adequada passa pelo estabelecimento de uma atmosfera de confiança básica, que permita lidar com a autonomia, a iniciativa, a indústria e a identidade. Marcia adverte que a intervenção nestas personalidades é longa e difícil, sendo um requisito básico, que o terapeuta tenha ele próprio um forte sentido de identidade, que lhe permita fazer face às projecções e transferências massivas que caracterizam estas patologias.

** Limitações do modelo*

Naturalmente que o modelo dos estatutos de identidade apresenta também algumas limitações.

Coté e Levine (citados por Costa, 1991), por exemplo, criticam dois aspectos no modelo de Marcia. Por um lado, consideram a terminologia escolhida por Marcia para designar os estatutos de identidade, pouco representativa da formulação de Erikson, senão mesmo errónea. Por outro, entendem os estatutos de identidade como uma tipologia de entidades estáticas.

Costa (1991) rebate estas críticas com a argumentação de que o modelo de Marcia não é sobreposição nem continuação do modelo de Erikson. Por outro lado, Marcia foi bastante claro na definição dos estatutos de identidade como estilos que o indivíduo utiliza para estabelecer o seu sentido de identidade. Esses estilos não só podem ser diferentes para as diferentes áreas da existência, como podem ser alterados em função das circunstâncias de vida.

As limitações que nos parecem mais pertinentes prendem-se com aspectos metodológicos das investigações levadas a cabo tendo este modelo como pano de fundo, e que visam validá-lo empiricamente. A grande maioria dos estudos foi realizada em populações universitárias, norte-americanas, e do sexo masculino, junto das quais o modelo demonstrou ser válido.

Porém a generalização destes resultados para outras populações, nomeadamente mulheres, não universitários, e pertencentes a outras culturas, é que terá de ser feita com alguma cautela. A realização de mais estudos, no sentido de verificar a aplicabilidade do modelo junto destas outras populações, revela-se assim como uma importante pista de trabalho.

2.2. A Intimidade

O conceito de intimidade é um conceito vago, e, como já fizemos notar no primeiro capítulo, extremamente saturado do ponto de vista histórico, antropológico e cultural. Só na literatura psicológica encontramos uma grande diversidade de definições e modelos conceptuais. Ele é utilizado para referir sentimentos, estilos de comunicação verbal e não-verbal, comportamentos, traços de personalidade, actividade sexual, relações de amor, relações de amizade, entre outros (Reis & Shaver, 1988).

Esta dispersão de perspectivas, levou Acitelli e Duck (citados por Reis *et al*) a utilizar a metáfora do elefante para explicar o "estado da arte" da investigação em psicologia sobre a intimidade: tal como os cegos que tentavam descrever o elefante tateando apenas uma das suas partes, também cada investigador vê apenas uma parte do problema de forma exclusiva e permanece cego para todas as outras áreas.

Encontramos assim na literatura uma série de perspectivas teóricas e empíricas sobre intimidade, mas em que esta é conceptualizada de muitas formas, que nem sempre são complementares. Segundo Acitelli e Duck, talvez seja ainda cedo para criar um "elefante" vivo a partir das partes que lhe têm sido identificadas. Mas talvez seja já possível esboçar um mapa do "elefante" da intimidade que possa orientar a investigação futura.

Nesta secção faremos uma revisão das partes do "elefante" da intimidade, teorias, conceitos e abordagens, mais representativas, e no âmbito apenas da conceptualização e investigação em psicologia. Existem naturalmente muitas outras abordagens nos mais diversos domínios, nomeadamente em campos de fronteira da psicologia com outras ciências sociais, como aliás abordámos no primeiro capítulo, para já não falar da expressão criativa e literária.

A extensão de tal revisão ultrapassa largamente os objectivos do presente trabalho, pelo que seguidamente centrar-nos-emos apenas no âmbito da psicologia, e dentro desta, no contexto das teorias cognitivo - desenvolvimentais.

Segundo Paul & White (1990), a forma como os indivíduos se relacionam intimamente entre si, é diferente conforme a sua idade, a sua maturidade psicológica (Levinger & Snoeck, 1972), o seu nível de raciocínio moral e de desenvolvimento do Ego, bem como de outras dimensões básicas cognitivo-desenvolvimentais (Lickona, 1974). Os indivíduos relacionam-se de maneiras diferentes, e o seu estilo de envolvimento pode ser alterado com as circunstâncias de vida e a maturação psicológica (Levinger & Snoeck, 1972).

Essa natureza psicossocial dos relacionamentos interpessoais, sugere que a intimidade será melhor analisada numa perspectiva desenvolvimental (Paul & White, 1990).

Tendo estabelecido o modelo de Erikson como ponto de partida, importa clarificar as condições necessárias e suficientes para diferenciar a intimidade de outros conceitos porventura próximos. São eles os conceitos de Vinculação de J. Bolwby (1969) e de *chum relationships* de H.S. Sullivan (1953).

A partir da definição de intimidade proposta por Erikson, e já atrás desenvolvida, é possível identificar, segundo Roscoe, Kennedy e Pope (1987), os seguintes elementos: abertura, partilha, confiança mútua, auto - abandono e compromisso, numa relação heterossexual entre dois indivíduos adultos. Timmerman (1991), sintetiza em três as condições fundamentais para a existência de uma relação de intimidade: revelação de si, proximidade emocional e confiança mútuas.

A intimidade não implica pois necessariamente a existência de um relacionamento sexual, mas antes a capacidade de partilhar e envolver-se com outra pessoa, sem medo de se perder neste processo, ou seja, implica que o sujeito tenha um sólido sentido de identidade.

O conceito de vinculação proposto por Bolwby (1969), descreve o processo de formação de laços afectivos entre a mãe e o bebé. Segundo este autor, a criança nasce com uma necessidade primária de proximidade, e um medo inato do isolamento. Essa necessidade seria satisfeita por um conjunto de sistemas comportamentais que definiriam a conduta de vinculação - sugar, agarrar-se, seguir, chorar e sorrir.

Estas condutas têm como objectivo manter a mãe, ou seu substituto nas proximidades da criança, o que a não acontecer desencadearia nesta o aparecimento de uma "angústia primária", fruto da necessidade de vinculação não satisfeita. A proximidade com alguém significativo que seja capaz de satisfazer as necessidades de segurança da criança, seria um pré-requisito para o desenvolvimento de interações adequadas com os outros.

Segundo Timmerman (1991), este sentimento de amor e de proximidade experienciado pelos pais e pela criança, não pode ser considerado como intimidade. Embora o relacionamento pais-bebê preencha as condições de confiança e proximidade emocional, as condições reciprocidade e revelação de si não se aplicam, na medida em que a criança não tem ainda suficientemente desenvolvidas as competências linguísticas e sociais para um relacionamento caracterizado pela mutualidade.

Importa aqui pois distinguir entre a reciprocidade existente numa relação de intimidade, que implica a mutualidade, e a reciprocidade própria da interação entre uma criança e seus pais, onde o conceito mais adequado para caracterizar a natureza desses laços afectivos é o de vinculação (Timmerman, 1991).

Todavia, baseados nas concepções de Bolwby, houve quem desenvolvesse modelos aplicáveis a adultos. Hazan e Shaver (1993) desenvolveram uma teoria da vinculação romântica para estudar como se processa a vinculação entre indivíduos adultos.

Estes autores conceptualizam a experiência romântica entre adultos, como um processo de vinculação, similar à vinculação primária com a figura materna, e propõem que as diferenças entre os indivíduos na forma como se relacionam amorosamente estaria relacionada com as memórias que guardam dos seus padrões de vinculação infantis.

Para avaliar o padrão de vinculação predominante de sentir e comportar-se numa relação amorosa, os autores desenvolveram um questionário, o "*Adult Attachment Questionnaire*" (Hazan & Shaver, 1987), que categoriza os indivíduos em três padrões de vinculação adulta: seguro, evitamento, ansioso / ambivalente.

Também baseado nas teorias de Bolwby, Hansburg (1972) (citado por Levitz-Jones & Orlofsky, 1985), desenvolveu um teste projectivo, o "*Separation Anxiety Test*" (SAT) para avaliar a reacção dos indivíduos adultos à separação e à perda. Este teste, é constituído por 12 desenhos a preto-e-branco ao qual o sujeito tem de associar um ou mais depoimentos, de uma lista de 17, representativos dos diferentes mecanismos psíquicos activados pela situação de separação. O seu interesse é essencialmente de diagnóstico clínico, mas tem sido também utilizado em investigação, para analisar as reacções à separação e à perda.

A teoria de H.S. Sullivan (1953) centra-se na intimidade entre amigos do mesmo sexo durante a pré-adolescência. Durante este período a criança torna-se progressivamente mais consciente dos seus estados psicológicos e é capaz de discutir e compará-los com o dos seus amigos. Este período, que Sullivan designa de *chum stage* ou estágio da camaradagem, é fundamental para o desenvolvimento das futuras relações de intimidade num contexto de namoro.

Os *chums relationships* (ou relações de camaradagem), através do interesse e preocupação demonstrados para com os amigos, envolvem a colaboração entre os pré-adolescentes bem como ajustamentos comportamentais às necessidades expressas pelo outro, permitindo não só aumentar a satisfação mútua, como validar o sentimento de valor próprio do pré-adolescente, ao mesmo tempo que preenche as necessidades de segurança e de proximidade (citado por Dyk & Adams, 1987).

Selman (1974) (citado por Coimbra, 1991), baseado nos trabalhos de Sullivan, desenvolveu um interessante trabalho sobre o desenvolvimento da compreensão interpessoal em pré-adolescentes. Seguindo uma metodologia próxima da de Piaget, Selman vai desenvolver uma entrevista estruturada baseada em dilemas interpessoais para avaliar o nível de funcionamento interpessoal do sujeito, isto é, a sua "Tomada de Perspectiva Social" (T.P.S.) (*role taking*).

A T.P.S. é definida como a capacidade de desenvolver concepções acerca do self, dos outros, e das relações que o self estabelece com os outros, e também a capacidade de agir face a nós próprios a partir do ponto de vista dos outros. A T.P.S. é conceptualizada como uma estrutura, que se desenvolve em cinco níveis, do egocentrismo da primeira infância, à T.P.S. societal - simbólica, que caracteriza o pensamento a partir da pré-adolescência, e é a base da cognição social, de que fazem parte outras dimensões, como o conhecimento de si próprio, a empatia e o pensamento moral.

As concepções de Selman inspiraram numerosas investigações, nomeadamente em Portugal (Coimbra, 1991; Soares & Campos, 1986), e demonstraram ter grande interesse para a intervenção psicológica de jovens (Coimbra, Serra, Magalhães, Guimarães & Alves, 1986).

As concepções de Sullivan e de Selman não verificam a condição de maturidade e de compromisso implícitas na definição de intimidade proposta por Erikson, pelo que o conceito de intimidade também não será o mais adequado para descrever as noções de relações de camaradagem de Sullivan e de compreensão interpessoal de Selman, nem deverá ser confundido com estes.

Mais próximos da conceptualização de Erikson, muitos foram os investigadores que procuraram estudar a intimidade na adolescência e idade adulta. Nesta linha de investigação, a intimidade é conceptualizada como um estágio a atingir, e os investigadores têm procurado identificar as diversas variáveis que possam estar relacionadas com a aquisição da capacidade para a intimidade, ou com o seu polo oposto em termos desenvolvimentais, o isolamento.

Utilizando o referencial eriksoniano, Yufit (citado por Costa, 1991) estudou em 1956 uma população de estudantes universitários do sexo masculino, usando como instrumento uma listagem de actividades. O sujeito íntimo foi caracterizado como "estável", "sociável" e "caloroso", e o isolado como "egocêntrico", "desconfiado", "com dúvidas acerca de si próprio", e apresentando relações com os outros de carácter "estereotipado, com falta de espontaneidade e calor". Yufit verificou também que a resolução bem sucedida da crise intimidade - isolamento de Erikson, dependia da resolução bem sucedida de três das cinco crises psicossociais anteriores: confiança, autonomia e identidade.

Nesta linha de investigação, alguns autores consideraram que a melhor forma de saber que dimensões estão associadas à intimidade, seria inquirir as pessoas.

Waring *et al* (1980) (citado por Reis & Shaver, 1988), perguntaram a casais de adultos o que significava para eles a intimidade. A partir das respostas obtidas, foi possível identificar oito categorias, a saber por ordem de importância: afecto, expressividade, sexualidade, compromisso, compatibilidade, autonomia, conflito (ausência de) e identidade.

O mesmo autor desenvolveu posteriormente uma entrevista, o *Victoria Hospital Intimacy Interview* (Waring, 1985) (citado por Timmerman, 1991), que se baseia nas percepções dos membros do casal sobre a sua relação, combinada com a observação do comportamento "íntimo" demonstrado durante a entrevista.

Quais as características que diferenciam uma relação íntima de uma relação não íntima, foi a pergunta que Roscoe, Kennedy e Pope (1987) colocaram a estudantes universitários com menos de 20 anos. As características mais referidas, por ordem de importância foram: a partilha, a interacção sexual a confiança e a franqueza.

Apesar de não serem estatisticamente significativas, Roscoe *et al* (1987) encontraram diferenças na ordem de importância dessas características, entre os rapazes e as raparigas. Assim, para as raparigas é a franqueza que lidera a lista, enquanto que para os rapazes é a interacção sexual, o que parece sugerir alguma diferença entre os sexos na visão que os jovens têm da intimidade.

Uma das conclusões mais interessantes do estudo de Roscoe *et al* (1987) é a diferença entre a conceptualização eriksoniana, e a percepção que os adolescentes têm de intimidade, 25 anos depois. De facto, as componentes enfatizadas por Erikson, o compromisso e a capacidade de se abandonar numa relação, praticamente não têm expressão nos depoimentos dos sujeitos inquiridos. Inversamente, a interacção física / sexual, que em Erikson não era condição essencial para a definição da intimidade, afigura-se como muito importante para quase metade dos sujeitos.

Os autores justificam estes resultados com base nas mudanças sociais que se têm feito sentir nas duas últimas décadas, com especial relevância para as alterações ao nível dos valores e comportamentos sexuais.

Coblner (1988) vai mais longe e afirma que as mudanças na estrutura social levaram a mudanças radicais na forma como os jovens se relacionam. O envolvimento romântico actual tende a ser esporádico, episódico e sem comprometimento. Os jovens desenvolveriam mesmo um esforço deliberado para suprimir a ternura, os sentimentos românticos e a empatia.

Partindo de registos de adolescentes sobre as relações de intimidade, Helgeson, Shaver e Dyer (1987) (citado por Reis & Shaver, 1988), identificaram protótipos de aproximação e afastamento nas relações interpessoais com pares do mesmo e do sexo oposto. O protótipo da intimidade para os dois sexos, inclui expressão de sentimentos de proximidade, apreciação e afecto, mas não de revelação pessoal. O protótipo do isolamento centra-se na expressão de reprovação e insatisfação.

Uma outra linha de investigação tem sido a tentativa de mensuração da intimidade através de medidas objectivas.

McAdams (1980) desenvolveu um sistema de cotação para seis pranchas do *Thematic Apperception Test* (TAT) para avaliar a "motivação para a intimidade" definida como "preferência ou prontidão para experienciar interacções comunicativas, próximas e calorosas com outros" (McAdams, Lester, Brand, McNamara & Lensky, 1988).

A motivação para a intimidade é avaliada através da codificação da qualidade da interacção exibida pelos personagens nas histórias do TAT. Histórias onde predomina a violência em situações de intimidade são consideradas como indicadores da existência de um "medo da intimidade". Os autores encontraram diferenças significativas entre homens e mulheres no que respeita à motivação para a intimidade, mas não no que respeita ao medo da intimidade.

O *Personal Assessment of Intimacy in Relationships* (PAIR), de Schaefer e Olson (1981) é um inventário que fornece informação sobre cinco tipos diferentes de intimidade: emocional, social, sexual, intelectual e recreativo. A sua aplicação é feita exclusivamente a casais, na medida em que a interpretação dos resultados resulta da comparação entre os inventários, permitindo obter os perfis da "relação percebida" e da "relação desejada" por cada membro do casal. Este instrumento destina-se essencialmente à clínica, especificamente ao uso em terapia de casal.

Kahn, Zimmerman, Csikszentmihalyi e Getzels (1985) num estudo longitudinal, utilizaram como medida de intimidade o estado civil dos sujeitos. As categorias inventariadas foram sete: solteiro, vive maritalmente, casado - nunca divorciado, casado - com divórcio anterior, separado, divorciado ou viúvo, nos dois momentos de investigação separados por 18 anos.

Kanh *et al* (1985) justificam esta metodologia de avaliação da intimidade com base nas asserções de Erikson. Se para Erikson a intimidade tem como eixos a mutualidade heterossexual e a maturidade genital e constitui a base para a generatividade, para estes autores, o casamento é a instituição no seio da qual essas funções ocorrem, donde será legítimo utilizar estes dados para avaliar a intimidade dos sujeitos.

Roscoe *et al* (1987) utilizou uma medida similar, não como medida de intimidade, mas como variável de controle. Os autores procuraram determinar a relação entre o estatuto relacional actual, e a forma como os adolescentes percebem as relações íntimas. O estatuto relacional actual foi categorizado em cinco formas de relacionamento: nunca namorou, não namora actualmente, tem encontros amorosos com mais do que uma pessoa, namora com uma pessoa, perspectiva casar com a pessoa com quem namora actualmente.

A única relação significativa encontrada foi a não inclusão da dimensão "*caring*" (que em português engloba vários significados, que vão da simples preocupação e atenção, à noção de "tratar de", "tomar a cargo") nas percepções de intimidade dos adolescentes que mantinham encontros amorosos com mais do que uma pessoa.

Tesch (1985) (citado por Reis & Shaver, 1988) desenvolveu um questionário que avalia a intimidade em três domínios: amor romântico, suporte / ajuda e facilidade na comunicação.

Se por um lado estes estudos propõem concepções mais formais de intimidade, por outro lado, é visível que a intimidade é conceptualizada de diferentes formas. Motivação para a intimidade, intimidade esperada e intimidade realizada, estado civil dos sujeitos, percepção de intimidade, amor e componentes comunicacionais e comportamentais, são sem dúvida aspectos importantes que fazem parte dos relacionamentos íntimos, mas não abarcam o fenómeno da intimidade no seu todo.

A intimidade, segundo Reis e Shaver (1988) deverá ser conceptualizado como um processo multidimensional, uma transacção entre indivíduos, não podendo ser decomposto na análise das interacções de carácter íntimo entre duas pessoas.

Nesta linha, alguns autores procuraram desenvolver modelos que abordam o fenómeno da intimidade na sua multidimensionalidade.

Reis & Shaver (1988) propõem uma visão dinâmica das relações de intimidade enquanto produto que os indivíduos vão construindo ao longo do tempo, no contexto de uma relação interpessoal. A intimidade é definida como um processo interpessoal no qual dois parceiros em interacção experienciam e expressam sentimentos, comunicam verbal e não-verbalmente, satisfazem motivações sociais, aumentam ou reduzem medos, falam e aprendem acerca de si próprios e tornam-se próximos, psicologicamente, e por vezes fisicamente.

Trata-se de um modelo transaccional, pois supõe que a intimidade ocorre entre duas pessoas que se influenciam mutuamente ao nível emocional. Neste processo intervêm as motivações dos sujeitos, os seus medos e objectivos, que funcionam como filtros interpretativos da sua comunicação verbal e não-verbal.

As relações de intimidade são recíprocas e mútuas, tendendo os parceiros a desenvolver uma metaperspectiva da sua relação, isto é. um sentido de unidade ("1+1=1"), que resulta da partilha de experiências, e do reconhecimento duma visão comum sobre a relação.

Para estes autores, a existência de relações de intimidade desempenha um papel central em três domínios: o suporte social percebido, os sentimentos de solidão e o bem estar psicológico.

O suporte social percebido (sentimento de estar integrado numa comunidade, da qual o indivíduo pode esperar apoio e amizade), parece estar fortemente relacionado com a existência de relações de intimidade, enquanto que a ausência de relações de intimidade parece ser um bom preditor de sentimentos de solidão.

A manutenção de relações de intimidade parece também estar associada a um sentimento subjectivo de bem estar, e os problemas de intimidade a problemas psicológicos (Reis & Shaver, 1988). Porém, apesar do interesse deste modelo, os autores não propõem uma metodologia de investigação empírica do conceito.

A primeira tentativa sistematizada neste sentido é a de Orlofsky, Marcia e Lesser (1973). Inspirado directamente no modelo de Erikson, e nos trabalhos pioneiros de Yufit (1956), Orlofsky e colaboradores, desenvolvem um modelo que pretende abranger todas as possibilidades de relacionamento íntimo, nos seus diferentes tipos de relação e de profundidade da expressão emocional que a acompanha.

Segundo estes autores, os trabalhos de Yufit fornecem uma descrição válida dos indivíduos íntimos e isolados, mas a grande maioria de indivíduos são ignorados, isto é aqueles que não apresentam resoluções da crise intimidade/isolamento tão extremadas. Tal como Marcia (1966) fizera para operacionalizar o conceito de identidade, a intimidade vai ser conceptualizada como um *continuum*, ao longo do qual várias possibilidades de resolução da crise intimidade-isolamento são possíveis.

O estilo individual de resolução da crise de intimidade permite distinguir cinco Estatutos de Intimidade (*Intimacy Status*). A definição de intimidade é a de Erikson (1968), e caracteriza-se pela mutualidade, responsabilidade, compromisso, e maturidade genital apresentado por um jovem adulto relativamente a outrem.

Dado que este modelo deu um importante contributo para a compreensão da intimidade na fase final da adolescência / início da idade adulta, passaremos a descrevê-lo com algum detalhe.

Os estatutos de intimidade são determinados a partir de uma entrevista semi-estruturada, onde as respostas dos indivíduos são avaliadas segundo três critérios: (1) a extensão do envolvimento actual com homens e mulheres, (2) o envolvimento actual ou recente numa relação amorosa estável, e (3) a profundidade e a qualidade das relações de amizade e de amor. Seguindo estes critérios Orlofsky *et al* (1973) distinguiram cinco estatutos de intimidade, correspondendo a cinco modos relacionais diferentes :

Íntimo

O indivíduo íntimo desenvolve relações interpessoais baseadas na mutualidade. Tem amigos e está envolvido romanticamente com um parceiro do sexo oposto, com o qual tem um relacionamento sexual satisfatório. Caracteriza-se pela capacidade de revelação dos seus sentimentos, mútua e apropriada, por um interesse genuíno nos outros e pela ausência de defensividade.

Pré-Íntimo

O indivíduo neste estatuto, poderá ter já alguma experiência de encontros amorosos, mas não está ainda envolvido num relacionamento estável. As suas relações de amizade são caracterizadas pela mutualidade, respeito pelos outros e responsabilidade, o que o predispõe para a intimidade.

Porém as suas relações estão ainda marcadas pela ambivalência, entre o desejo de uma relação íntima e o risco que a mesma envolve.

Estereotipado

Este estatuto abrange desde o indivíduo imaturo que estabelece relações superficiais, ao sujeito do tipo "*D. Juan*", que "salta" de conquista em conquista. As relações de amizade e as relações amorosas são pouco profundas, e duradouras. Caracteriza-se pela superficialidade, convencionalismo, e baixa consciência de si.

Pseudo - Íntimo

Os indivíduos neste estatuto estão envolvidos numa relação relativamente estável, com envolvimento sexual, o que os assemelha ao indivíduos no estatuto íntimo. Porém esta relação é mais definida pela superficialidade e convencionalismo do que por uma verdadeira reciprocidade e compromisso, correspondendo mais a uma "espécie" de isolamento a dois, mascarado de intimidade.

Isolado

O indivíduo isolado caracteriza-se por uma constrição marcada do seu espaço de vida, e pela ausência de relacionamentos interpessoais duradouros. O investimento nos outros é sentido como ameaçador da integridade do eu, o que o leva a evitar os contactos sociais. Tende a ser ansioso, e com poucas competências de relacionamento interpessoal e de assertividade.

Algumas limitações no modelo de Orlofsky *et al* (1973), levaram o investigadores a fazerem modificações na entrevista dos estatutos de intimidade.

Tesch e Whitbourne (1982), criticando a adequação restrita do modelo a jovens, estudantes e sujeitos do sexo masculino, expandiram a entrevista dos estatutos de intimidade para adultos de ambos os sexos.

Estes autores introduziram também na entrevista uma nova dimensão, a igualdade de poder entre os parceiros, que permite a cotação de um estatuto adicional, o *merger status* (estatuto fusão), introduzido por Whitbourne e Weinstock em 1979. Este estatuto destinava-se a caracterizar os indivíduos em relações íntimas onde um dos parceiros é dominante e controla o outro.

Raskin (1986), critica o modelo de Orlofsky *et al* (1976), na medida em que considera que as perguntas que compõem a entrevista são adequadas apenas a estudantes, não abrangendo aspectos da vida de homens e mulheres que estejam a trabalhar e que sejam casados. Por este motivo, incluiu um conjunto de questões acerca do impacto do casamento, da parentalidade e do emprego, permitindo assim adaptar a entrevista a populações não estudantes.

White, Speisman, Jackson, Bartis e Costos (1986) consideram que no sistema de notação de Orlofsky *et al* (1973), qualquer indivíduo que tenha vários amigos do mesmo sexo, e esteja comprometido com um parceiro do sexo oposto, será caracterizado como estando no estatuto íntimo. Nesta perspectiva, todos os indivíduos casados, que tenham pelo menos um amigo terão atingido a capacidade para a intimidade, ou estarão pelo menos no estatuto de fusão.

White *et al* (1986) argumentam que seguramente que alguns indivíduos casados (e não casados) estão envolvidos em formas mais maduras de relacionamento íntimo que outros, e que existe maior variabilidade no espectro da maturidade dos relacionamentos de intimidade, do que aquele que pode ser avaliado com os critérios de Orlofsky.

Com vista a discriminar e avaliar os níveis de maturidade alcançados pelos sujeitos no contexto de uma relação íntima, White *et al* (1986) desenvolveram e validaram uma abordagem das relações interpessoais, particularmente dos relacionamentos íntimos, que chamaram Modelo da Maturidade Relacional. Dado que este modelo é aquele que utilizámos no presente trabalho para a avaliação da intimidade, a sua apresentação será feita destacada e aprofundadamente.

2.2.1. A Avaliação da Intimidade: O Modelo da Maturidade Relacional

O modelo da maturidade relacional resulta de uma reconceptualização do modelo dos estatutos de intimidade de Orlofsky *et al* (1973). Partindo do terceiro critério que na notação de Orlofsky permitia distinguir os estatutos de intimidade - a profundidade e a qualidade das relações de amizade e de amor - White, Speisman, Jackson, Bartis e Costos (1986) vão enfatizar estas duas dimensões, "profundidade" e "qualidade" para introduzir a noção de "maturidade relacional".

A maturidade relacional é definida como a extensão na qual o indivíduo atingiu a capacidade para se relacionar com os outros, e caracteriza-se por uma comunicação aberta e honesta, interesse e respeito mútuos, capacidade para resolver as divergências de forma equitativa, e atitudes face à sexualidade e comportamento sexual maduro (Paul & White, 1990).

Esta concepção de intimidade é inspirada em Erikson, e tal como ele teorizava, inclui uma variedade de características, não se limitando ao relacionamento sexual. Para White *et al* (1986), a intimidade constitui-se em três dimensões, cognitiva, afectiva e comportamental, podendo o conceito aplicar-se tanto a relações de amizade como a envolvimento românticos, bem como também a relações entre pais e filhos.

Um dos componentes cognitivos mais importantes da intimidade, consiste na capacidade para tomar a perspectiva do outro, ou seja, a capacidade de "ver" as coisas através dos olhos do outro.

O componente afectivo *major* da intimidade é a empatia, isto é, a capacidade para se colocar no lugar do outro, partilhando a sua experiência emocional.

Comportamentalmente, a intimidade envolve agir de forma confiável, ser sensível e responsivo aos sentimentos do outro, ser capaz de assumir um compromisso no contexto da relação, empenhar-se no sentido do equilíbrio e da mutualidade, e esforçar-se para estabelecer uma comunicação efectiva. Nas relações românticas poderá envolver um relacionamento sexual.

As características descritas representam uma forma madura de intimidade, que é alcançada gradualmente ao longo do processo de desenvolvimento. A maturação física, o desenvolvimento cognitivo e as pressões psicossociais para a maturidade operam em conjunto para promover o desenvolvimento da intimidade no final da adolescência.

O conceito de maturidade relacional refere-se pois ao nível de maturidade psicológica - que inclui cognição, afecto e comportamento - que um indivíduo, adolescente ou adulto leva para um relacionamento de proximidade com outro indivíduo (pai, amigo, conjuge). Trata-se de um processo, similar ao processo de desenvolvimento da maturidade do ego conceptualizada por Loevinger (1976) e ao desenvolvimento moral, teorizado por Kohlberg (1973). O nível de maturidade relacional designa uma posição numa progressão desenvolvimental, que abrange desde uma forma de relacionamento relativamente imatura, isto é, simples, global e indiferenciada, até uma posição madura, ou seja complexa e integrativa.

White e colaboradores descrevem três níveis de maturidade nos relacionamentos íntimos que um jovem estabelece com os seus pares, amigo(a)s, namorado(a)s, e com os seus pais. Para identificar estes níveis de maturidade relacional, os autores utilizam cinco critérios, que correspondem aos cinco componentes críticos de um relacionamento íntimo: tomada de perspectiva do outro, interesse, compromisso, comunicação e sexualidade (relevante apenas para as relações íntimas que envolvem relacionamento sexual).

A tomada de perspectiva do outro (T.P.O.) refere-se à capacidade para perspectivar o ponto de vista do parceiro. Requer no seu nível mais levado um sentir completo do outro, como indivíduo autónomo, e caracteriza-se por uma atitude tolerante e de não julgamento para com o parceiro, demonstrativa de uma relação de reciprocidade.

O interesse refere-se à afectividade e preocupação expressas relativamente ao outro e ao relacionamento. A ênfase é colocada sobretudo na dimensão comportamental, isto é, nas acções realizadas para demonstrar as suas emoções ao parceiro.

O compromisso corresponde ao grau com que o indivíduo se mostra comprometido com a relação, e as razões mais ou menos convencionais para a sua manutenção.

A sexualidade diz respeito ao sentir-se confortável com a sua natureza sexual, e enfatiza a mutualidade, a ternura, e a vertente afectiva da sexualidade.

A comunicação envolve a consideração de várias categorias comportamentais, a saber, revelação pessoal, iniciar a comunicação, ouvir e responder, bem como o afecto envolvido no processo comunicacional.

Com base nestes critérios, White *et al* (1986) estabeleceram três Níveis de Maturidade Relacional, que passamos a descrever:

Nível I: Egocêntrico

No primeiro nível, as cognições, os afectos e os comportamentos são simples, indiferenciados e reactivos. A perspectiva do outro e da relação é restrita à forma como afectam o próprio. Os desejos e os planos individuais sobrepõem-se aos dos outros, e o indivíduo demonstra pequena capacidade para cuidar dos outros. O compromisso é visto em termos de conveniência ou dependência. As competências de comunicação são rudimentares, e focalizadas em temas concretos e externos. No que respeita à sexualidade, a compreensão da mutualidade e das necessidades sexuais do outro é escassa, e o sexo é pouco perspectivado na sua dimensão afectiva e emocional.

Nível II: Focalizado no desempenho do papel

A perspectiva dos outros enquanto indivíduos autónomos, começa agora a esboçar-se. Porém, essa perspectiva é estereotipada e enfatiza a desejabilidade social. Estes indivíduos não antecipam as necessidades do parceiro, e têm dificuldade em manter este nível de orientação em situações de stress ou de conflito, tendendo nestas situações, a regredir para o nível egocêntrico.

Há um forte reconhecimento do papel social convencional a desempenhar na relação, que é vista como uma instituição. Os indivíduos neste nível sabem que o reconhecimento e o respeito pelo outro faz parte da amizade e do relacionamento amoroso, por isso expressam o interesse e cuidado com o outro através da realização de actividades, que são socialmente esperadas no papel de amigo ou de parceiro romântico.

A intenção de permanecer na relação é também expressa de forma estereotipada. No que respeita à comunicação, abundam generalizações acerca da forma como se deve comunicar nas relações. Ocorre alguma partilha de sentimentos, mas provavelmente não em toda a extensão confessada. As relações sexuais são descritas como satisfatórias. Os conflitos ou complicações são vistos como provenientes de factores externos ao indivíduo e à relação.

Nível III: Indivíduo / relacionado

Neste nível, o mais maduro dos três, é marcada a compreensão do ponto de vista do outro, de uma perspectiva intuitiva e sensitiva. O interesse e o cuidado são adequadamente expressos, quer através de actividades apropriadas, quer através da expressão verbal e do suporte emocional.

A comunicação é uma dimensão altamente valorizada. Estes indivíduos procuram activamente resolver os conflitos, discutem todos os assuntos, quer digam respeito a questões exteriores ao relacionamento, quer se centrem nos afectos e na relação. O sujeito neste nível demonstra comprometimento com aquele indivíduo específico, através do investimento em coisas concretas e investimento afectivo no outro. A sexualidade é expressa em termos da valorização da ternura no contexto da relação sexual.

Segundo White *et al* (1990), o nível de maturidade relacional de um sujeito no contexto de uma relação particular não começa sempre pelo egocentrismo, nem atinge sempre o nível individuado / relacionado.

Nomeadamente muitos relacionamentos de adolescentes podem começar e acabar num nível bastante imaturo, enquanto que um adulto poderá iniciar um relacionamento funcionando num nível intermédio, centrado no desempenho do papel, podendo ou não progredir em direcção a um nível mais maduro de relacionamento.

Por outro lado é também possível ter níveis de maturidade diferentes para com diferentes indivíduos - por exemplo funcionar num nível com o parceiro amoroso e noutro nível com os amigos (White *et al*, 1989).

Para avaliar o nível de maturidade relacional dos indivíduos, White *et al* (1986) adaptaram a entrevista semi estruturada dos estatutos de intimidade de Orlofsky, mas em que agora era pedido aos indivíduos que descrevessem a sua relação mais íntima com um par do mesmo sexo e com um par do sexo oposto (relação de amizade e/ou amor).

A entrevista é avaliada segundo os critérios acima expostos - T.P.O., interesse, sexualidade, comunicação e compromisso, que configuram as cinco escalas da intimidade. As cinco escalas, apesar de poderem operar separadamente, estão relacionadas permitindo assim aceder a uma forma global de relacionamento, a maturidade relacional, que é o pano de fundo das diversas dimensões, comportamental, afectiva e cognitiva.

Uma outra entrevista que visa avaliar a maturidade relacional no domínio das relações com os pais (maturidade filial) foi também desenvolvida pelos mesmos autores, mas por não ser este o âmbito do nosso estudo, não exploraremos este assunto.

A população piloto onde a entrevista da maturidade relacional foi testada, era constituída por indivíduos de ambos os sexos, casados, e não necessariamente estudantes. Os autores procuraram assim ultrapassar as dificuldades que o modelo de Orlofsky levantava por ser unicamente ajustado a estudantes universitários do sexo masculino.

Na nossa revisão da literatura não encontrámos muitas investigações empíricas que tenham utilizado este modelo. Este aspecto poderá constituir uma limitação relevante, na medida em que não podemos assegurar a validade do instrumento. Porém os estudos encontrados confirmaram a elevada correlação entre as escalas propostas (Frank, Jacobson & Tuer, 1990; White, Speisman, Jackson, Bartis & Costos, 1986; White, Speisman, White, Houlihan, Costos & Speisman, 1990).

**Relação da intimidade com outras variáveis*

No quadro do desenvolvimento psicossocial, a intimidade, conceptualizada como estatutos de intimidade, como níveis de maturidade relacional, ou ainda de outras formas, tem sido estudada na sua relação com outras variáveis.

Orlofsky (1978) relacionou os estatutos de intimidade com a resolução das crises psicossociais anteriores - confiança, autonomia, iniciativa indústria, identidade e intimidade, avaliadas com o I.P.D. de Constantinople (1969) (*vide* revisão das medidas de avaliação da identidade). O autor encontrou uma associação positiva entre falhas na confiança básica e o estatuto isolado, dificuldades de autonomia e estatutos estereotipado e pseudo-íntimo. e dificuldade de estabelecimento da identidade e estatuto pré-íntimo.

A relação entre a complexidade cognitiva, a cognição da experiência emocional e os estatutos de intimidade foi estudada por Orlofsky e Ginsburg, (1981). Os resultados encontrados indicam que os estatutos de intimidade diferem em cognição do afecto, mas não em complexidade cognitiva. Ou seja, a intimidade encontra-se associada à abertura à experiência afectiva, mas não tem qualquer relação com o grau de diferenciação cognitiva dos sujeitos.

Num estudo em que se procurou verificar a relação entre estatutos de intimidade e padrões de separação-individação Levitz-Jones e Orlofsky (1985), verificaram que mulheres com estatutos de intimidade elevados (íntimo e pré íntimo) demonstram ter padrões mais saudáveis que os indivíduos nos restantes estatutos, que tendem a ser mais dificuldade na individuação, são menos confiantes, mais defensivos, e mais depressivos face a uma ameaça de separação.

Schiedel e Marcia (1985) estudaram a associação entre estatutos de intimidade, estatutos de identidade e orientação do papel sexual. Dos três tipos de orientação sexual, masculino, feminino e andrógino, avaliados com o *Bem Sex Role Inventory* (BSRI) de Bem (1974), e que existem independentemente do sexo genético do sujeito, a feminilidade parece estar positivamente associada à intimidade, especialmente nos indivíduos do sexo masculino.

White *et al* (1986) procuraram associar a maturidade relacional com o ajustamento marital, a orientação de papel sexual (avaliada com o BSRI), e o gênero de pertença dos sujeitos, em casais entre os 20 e os 30 anos. Os resultados não indicaram diferenças entre os gêneros ao nível dos padrões de ajustamento marital e de maturidade relacional.

Porém, quando analisadas a maturidade relacional de um cônjuge com o ajustamento marital do outro, verificou-se uma correlação elevada entre a maturidade relacional dos maridos e o ajustamento marital das suas esposas, o que parece indicar, segundo os autores, que quanto mais maduros são os maridos, mais ajustadas são as suas esposas.

Todavia, não se encontrou nenhuma relação entre a maturidade relacional das esposas e o ajustamento marital dos maridos. Estes dados levaram os autores a afirmar que no seio de cada casamento, existem dois casamentos, o do marido e o da esposa, o que atesta a importância das diferenças individuais nas características desenvolvimentais de cada sujeito, sobre os seus relacionamentos íntimos.

Num estudo posterior, White, Houlihan, Costos e Speisman (1990), ao examinarem a relação entre desenvolvimento do ego e maturidade relacional, em casais, encontraram uma correlação positiva entre estas duas variáveis, mas apenas para o sexo feminino. Como se o nível de desenvolvimento do ego estabelecesse um limite superior para o desenvolvimento da maturidade relacional, mas nas mulheres, estas duas dimensões parecem estar mais integradas que nos homens.

Frank, Jacobson e Tuer (1990) verificaram a existência de uma relação entre o abuso do álcool e vários componentes da personalidade, entre os quais a intimidade. Os resultados demonstraram uma associação entre problemas ao nível do relacionamento íntimo e abuso do álcool, mas apenas para o sexo feminino, o que levou os autores a concluir que nas mulheres, a tendência para beber excessivamente seria uma forma de aliviar o desconforto emocional proveniente da baixa intimidade sentida nos seus relacionamentos. Inversamente, nos homens, o abuso do álcool parece estar essencialmente relacionado com fracas competências de resolução de conflitos.

Moore e Barling (1991) estudaram a relação entre o desenvolvimento psicossocial - medido com o E.P.S.I. de Rosenthal *et al* (1981) (*vide* revisão das medidas de avaliação da identidade), que é constituído por seis subescalas que avaliam os seis primeiros estádios eriksonianos do desenvolvimento psicossocial - e as atitudes face ao síndrome de imunodeficiência adquirida (S.I.D.A.).

Os resultados indicaram uma relação positiva entre identidade e intenção de usar um preservativo, e negativa, entre a mesma intenção e a intimidade, o que leva os autores a sugerir que os adolescentes que estão envolvidos num relacionamento íntimo tendem a não reconhecer a necessidade de se protegerem da SIDA.

A relação entre os estatutos de intimidade e o estilo de resolução de conflitos, foi estudada por Prager (1991). Os resultados indicam que as mulheres no estatuto pseudo-íntimo tendem a usar estratégias de resolução de conflitos mais cognitivas, enquanto que as mulheres no estatuto fusão, tendem a usar estratégias mais afectivas e emocionais.

** Implicações para a Clínica Psicológica*

Como acabámos de ver, as investigações centradas sobre a intimidade têm basicamente três tipos de objectivos: definir e operacionalizar o conceito, identificar características de personalidade relacionadas com elevados ou baixos níveis de intimidade e identificar os níveis de intimidade associados a vários tipos de comportamentos, do relacionamento conjugal, às atitudes face à SIDA, ou ao abuso do consumo de álcool.

Como também acabamos de referir, os conceitos de intimidade variam de investigação para investigação, assim como os instrumentos que são utilizados para a medir, não havendo pois muita certeza relativamente ao facto de se estar ou não a abordar o mesmo fenómeno, ou se apenas dimensões dele.

Um aspecto porém está presente, implícita ou explicitamente, na maior parte das investigações: a noção de que a intimidade joga um importante papel no crescimento psicológico do sujeito, sendo facilitadora da saúde psíquica, ou pelo contrário, quando problemática, aparece frequentemente ligada a várias perturbações mentais, sendo um dos factores mais habituais que leva as pessoas, adolescentes e adultos a procurarem ajuda psicológica (MacAdams & Bryant, 1987; Reis & Shaver, 1988, Timmerman, 1991).

Muitos dos adolescentes que procuram, ou que são levados a procurar, ajuda psicológica fazem-no devido a dificuldades na relação com os outros, pares e/ou familiares, desencadeando comportamentos que muitas vezes perturbam a si próprios e aos outros (Johnson & Alford, 1987). Estes adolescentes sentem-se muitas vezes sózinhos, rejeitados e pouco amados, denotando não estarem a ser capazes de lidar com as questões desenvolvimentais ligadas à busca da intimidade.

Neste sentido, uma melhor compreensão deste fenómeno, dos factores que para ele contribuem, e das consequências que dele advêm, parece-nos ser de extrema importância no sentido de melhor compreender a forma como os sujeitos normais constroem e gerem as suas relações de intimidade, em face dos novos valores emergentes, e das novas modalidades de relacionamento interpessoal que se desenham na sociedade Ocidental actual.

Por outro lado, à semelhança do proposto por Marcia para os estatutos de identidade, poder-se-à também pensar em termos de intervenções terapêuticas adequadas aos diversos níveis de maturidade relacional, conceptualizando a intervenção psicológica numa perspectiva de promoção do desenvolvimento do indivíduo para níveis mais maduros e mais ajustados de relacionamento com os outros.

Segundo Jonhson *et al* (1987), a tarefa do terapeuta não é fácil, na medida em que ele deverá ser capaz de dar resposta à necessidade de intimidade e simultaneamente ao medo da intimidade do sujeito que o procura. Para estes autores, a resposta mais adequada não será a de formar com o cliente uma relação de intimidade dado o ambiente protector e isolado do contexto terapêutico, mas antes a atitude genuína e segura do terapeuta, onde este possa ajudar o sujeito a lidar com as suas lutas intrapsíquicas, ao mesmo tempo que funciona como modelo e como suporte, permitindo ao sujeito determinar o tipo de aliança que quer estabelecer com o terapeuta.

* *Limitações do Modelo*

Como atrás referimos, a maior limitação do modelo da maturidade relacional desenvolvido por White *et al* (1986), é a dificuldade em estabelecer a validade do seu instrumento, a Entrevista da Maturidade Relacional, na medida em que ele parece ainda ser utilizado apenas por um núcleo restrito de investigadores. De facto, na nossa pesquisa bibliográfica, encontramos um pequeno número de investigações que utilizam este modelo.

Ora a conceptualização de White e colaboradores mais não é que uma adaptação do modelo dos estatutos de intimidade desenvolvido por Orlofsky, Marcia e Lesser (1976), este bastante mais utilizado e que já demonstrou a sua validade no âmbito da investigação nesta área (Marcia, 1990).

Este modelo, dos estatutos de intimidade, apresenta todavia algumas limitações, conforme atrás referimos, e que aqui sintetizamos: o modelo foi desenvolvido a partir de amostras de estudantes universitários do sexo masculino, heterossexuais, e onde o critério de envolvimento numa relação estável com um parceiro do sexo oposto é determinante para se considerar o sujeito como pertencente ao estatuto mais elevado, o estatuto *íntimo*.

Alguns autores (Raskin, 1986; Tesch & Whitbourne, 1982; Whitbourne & Weinstock, 1979) apresentaram algumas alterações ao sistema de notação de Orlofsky, o que permitiu avaliar os estatutos de intimidade em outras populações, de ambos os sexos, e não estudantes.

Porém, como também já avançámos, a alteração mais consistente parece ser a proposta por White ao expandir os critérios de avaliação da intimidade às relações não só de amor, como de amizade. Este parece-nos ser uma dimensão importante, na medida em que, ao contrário do que Orlofsky propõe, o estar envolvido numa relação heterossexual estável não é garantia de que essa relação seja caracterizada por altos níveis de maturidade relacional.

O modelo de White *et al* (1986) constitui assim como uma extensão do modelo dos estatutos de intimidade de Orlofsky, Marcia e Lesser (1976), já validado para a população norte - americana, a um conjunto mais alargado de indivíduos - solteiros e casados, heterossexuais e homossexuais, e de tipos de relacionamentos - parceiros amorosos, pares de ambos os sexos e familiares.

Porém os dados recolhidos até à data com o modelo da maturidade relacional, são manifestamente insuficientes para proceder à generalização dos resultados encontrados, quer para outras populações para além das estudadas, quer para outras culturas, dado que os estudos encontrados realizaram-se apenas nos E.U.A. A utilização deste modelo no presente estudo reveste-se assim de um carácter exploratório.

2.3. Identidade e Intimidade

A capacidade para a intimidade e a construção de uma identidade sólida, têm sido frequentemente abordadas em conjunto, quer ao nível da elaboração de modelos teóricos, que conceptualizam uma íntima relação entre estas duas etapas do desenvolvimento, quer em termos de estudos empíricos realizados, que pretendem analisar a relação existente entre estas duas variáveis.

Uma das questões centrais no estudo da associação entre a identidade e a intimidade, é o papel do género. A teoria de Erikson foi desenvolvida com base numa população masculina, e muitos investigadores têm desde então tentado demonstrar que a experiência feminina no desenvolvimento e aquisição da identidade e da intimidade é substancialmente diferente da vivência masculina (Craig-Bray *et al*, 1988; ; Fitch & Adams, 1983; Gilligan, 1982 (citado por Dtk & Adams, 1990); Douvan & Adelson, 1966; Josselson, 1987(citados por Costa, 1991).

Dyk & Adams (1990) na sua revisão bibliográfica sobre as diferenças de género na associação entre identidade e intimidade, organizaram os estudos realizados em três grandes grupos:

O primeiro é o paradigma Eriksoniano, segundo o qual, a identidade precede a intimidade nos homens, mas não nas mulheres, onde as duas etapas do *Ciclo Vital* parecem estar fundidas. Na mulher, segundo Erikson, a identidade só estaria completamente estabelecida, após esta encontrar um companheiro "bem vindo aos seu espaço interior", isto é, quando estabelecer uma relação de intimidade.

O segundo modelo é o de C. Gilligan (citado por Dik & Adams). No seu trabalho de 1982, "*In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*", a autora critica a teoria de Erikson, por ser uma teoria do desenvolvimento masculino. Apesar de sugerir uma diferenciação entre o desenvolvimento masculino e feminino, essa diferença aparentemente tem pouco significado, na medida em que não levou Erikson a reconhecer diferenças de sexos na sua conceptualização do *Ciclo Vital* do desenvolvimento humano.

Segundo Gilligan, existem claras diferenças entre os padrões de desenvolvimento da personalidade, masculino e feminino. Porém, o que é relevante não são as diferenças no gênero de pertença do indivíduo, isto é, o ser genotipicamente macho ou fêmea. A questão reside na orientação do papel sexual, ou seja, o ter uma orientação predominantemente masculina ou feminina, independente do gênero de pertença do indivíduo. Esta orientação de papel sexual, definiria as diferentes "vozes", masculina e feminina, que apresentam características substancialmente diferentes.

A "voz" masculina define a identidade num contexto instrumental, de alcance de metas, com o foco no papel da separação. Baseadas no processo de individuação, estas pessoas construiriam a identidade antes da intimidade.

Por outro lado a "voz" feminina define a identidade no contexto de uma relação, e focaliza-se no processo de vinculação, baseando-se na intimidade. Os processos de aquisição da identidade e da intimidade estariam assim fundidos num só

Um terceiro modelo baseado em investigações empíricas (Chodorow, 1974; Fisher, 1981, citado por Dyk & Adams, 1990) sustenta que a sequência desenvolvimental eriksoniana seria inversa nos homens e nas mulheres. Nos homens a identidade precederia a intimidade, enquanto que nas mulheres seria o desenvolvimento da intimidade, o precursor da formação da identidade .

Um outro modelo de análise da relação entre a identidade e a intimidade encontrado na literatura, é o influenciado pelas teorias do "*Life Span*" na conceptualização e investigação sobre a adolescência. Estas teorias entrecruzam as abordagens multidisciplinares, a atenção ao envolvimento do indivíduo no contexto social e a ênfase nas interações entre os indivíduos e o seu contexto de vida. Daqui resulta uma perspectiva dinâmica interaccional (Allison & Sabatelli, 1988), que conceptualiza a mudança e plasticidade como inerentes ao desenvolvimento, enfatizando a interdependência entre o indivíduo e o seu meio social.

Nesta perspectiva o sistema familiar adquire grande importância, pois a família é na cultura ocidental o mediador primeiro entre o indivíduo e o meio social, donde resulta uma interdependência entre os processos de desenvolvimento individual e familiar. Os constructos que reflectem essa interdependência são as noções de Individuação e de Diferenciação.

A Individuação refere-se ao apropriado balancear entre a separação e a ligação relativamente à família, extendendo assim esta noção, da sua aplicação corrente à infância, para todo o *Ciclo Vital*.. Este processo assume uma importância fundamental na adolescência, pois é o mediador directo de dois processos co-emergentes: a formação de uma identidade pessoal e a capacidade para o desenvolvimento de relações íntimas.

O processo análogo à Individuação, ao nível sistémico é a Diferenciação. A Diferenciação é uma propriedade do sistema familiar que regula os padrões de distanciamento e individualidade. Ou seja, a tarefa do sistema familiar vai ser fornecer um nível apropriado de Diferenciação, que suporte a individuação de todos os seus membros, ao mesmo tempo que assegura a sua inter-relação, mantendo a integridade e a identidade do sistema familiar.

Esta perspectiva opõe-se à conceptualização linear de Erikson, propondo a intimidade não como um ponto de chegada da trajectória desenvolvimental adolescente, mas como um elemento envolvente que contribui para a emergência do processo de individuação. A emergência de um sentido maduro de identidade é assim concomitante do desenvolvimento da capacidade de comprometimento com os pares.

Finalmente, Franz e White (1985) propõem um último modelo de análise da relação entre identidade e intimidade.

Para estes autores na ênfase sobre o desenvolvimento da identidade, o modelo de Erikson falha no fornecimento de uma base conceptual adequada para a compreensão da intimidade. Franz e White (1985) argumentam que a intimidade tem o seu próprio padrão desenvolvimental, e que embora intimamente relacionado com o padrão do desenvolvimento da identidade, aquele é distinto deste.

Enquanto que a intimidade está enraizada no padrão de vinculação, definido pelos autores como o processo pelo qual o indivíduo forma laços afectivos com os outros, a identidade está enraizada no padrão de individuação, processo pelo qual o sujeito se torna um ser humano autónomo e separado, e estes dois processos são centrais no desenvolvimento de todos os indivíduos.

Franz & White (1985) propõem mesmo que o quadro epigenético de Erikson (1968) seja substituído por uma hélice dupla, igualmente "emprestada" da biologia, pois entendem ser esta a imagem que melhor expressa a relação entre os processos de individuação e de vinculação ao longo do desenvolvimento humano (citado por White, Speisman, Costos & Smith, 1987).

O conceito de maturidade relacional (White, Speisman, Costos & Smith, 1987) que temos vindo a expôr, desenha-se sobre os elementos desta dualidade, Individuação e Vinculação, integrando-os como parte do processo de desenvolvimento humano.

Trata-se de uma perspectiva transaccional, onde pais e filhos são vistos como seres dinâmicos e interactivos, cuja influência mútua vai influenciar as suas características pessoais, as seus relações uns com os outros, e também com os outros indivíduos nos contextos sociais e históricos mais alargados. Os conceitos de "ecologia" (Bronfenbrenner, 1977) "sistemas familiares" (Minuchin, 1985), e "desenvolvimento do *Life-Span*" (Lerner & Spanier, 1987) aparecem integrados nesta concepção interdisciplinar (citados por White *et al*, 1987).

A identidade e a intimidade constituem ambas assim "tarefas de desenvolvimento" da transição da adolescência para a idade adulta, tendo lugar concorrentemente (Allison & Sabatelli, 1988; Dyk & Adams, 1987; Johnson & Alford, 1987; White, Speisman, Costos & Smith, 1987; Paul & White, 1990).

O conceito de "tarefa do desenvolvimento" foi adoptado por vários teóricos do desenvolvimento, como Gesell, Erikson e Blos, para descrever as "realizações psicológicas que se revestem de um carácter imperativo e de um aspecto de urgência num dado momento do crescimento" (Claes, 1985, p.52). Esta noção supõe que cada etapa do desenvolvimento, obriga à realização de tarefas psicossociais baseadas nas realidades de uma dada sociedade, que são por isso comuns a todos os indivíduos, em ordem a um crescimento isento de limitações maiores.

A adolescência, à semelhança de qualquer outra etapa do desenvolvimento, seria assim caracterizada por várias tarefas desenvolvimentais a cumprir, que se prendem com as modificações que se operam ao nível corporal, cognitivo e das relações sociais. O estabelecimento de uma identidade e da capacidade para a intimidade seriam as duas grandes tarefas do desenvolvimento a cumprir na transição da adolescência para a idade adulta.

Segunda Parte

METODOLOGIA

1. Introdução

O objectivo do presente estudo é analisar a relação entre a identidade e a intimidade em jovens adultos, entre os 20 e os 24 anos.

Como temos vindo a referir, egundo a conceptualização do desenvolvimento de E. Erikson (1963, 1968), o início da idade adulta, é tipicamente a época de estabelecimento de uma identidade, e da resolução da crise identidade/isolamento. No modelo epigenético de Erikson, considera-se haver uma sequência de tarefas a realizar ao longo do ciclo de vida, e que marcariam cada fase do desenvolvimento, preparando para a seguinte. Assim, a identidade seria a tarefa própria da adolescência, e da resolução bem sucedida da crise identidade/difusão de identidade, dependeria a capacidade para se relacionar intimamente com os outros, no início da idade adulta. Por outras palavras, a identidade seria um importante precursor da intimidade.

Esta conceptualização tem inspirado a realização de trabalhos de investigação, que, têm procurado verificar empiricamente a existência desta relação sequencial, entre a identidade e a intimidade. Porém os dados têm-se mostrado contraditórios.

Alguns estudos têm encontrado dados que apoiam o pressuposto de Erikson de que os indivíduos capazes de se relacionarem intimamente com outros são aqueles que têm um forte sentido da identidade, tendo resolvido satisfatoriamente as crises psicossociais anteriores, confiança, autonomia e identidade (Constantinople 1969; Orlofsky 1978; Simmons 1970; Yufit 1956).

Marcia (1966) propusera já uma operacionalização do conceito de identidade, através do modelo dos estatutos de identidade. Orlofsky, Marcia e Lesser (1973), vão propor um modelo semelhante para a avaliação do constructo da intimidade, abrindo assim uma via na investigação da relação entre estas duas variáveis.

Num estudo realizado em 53 estudantes universitários do sexo masculino, verificaram que a indivíduos com estilos de identidade - *Estatutos de Identidade* - diferentes, correspondiam diferentes estilos de relacionamento interpessoal - *Estatutos de Intimidade*.

Os indivíduos avaliados como posicionando-se nos estatutos de identidade mais maduros (*Identity Achievement* e *Moratorium*) situavam-se predominantemente nos estatutos de intimidade mais desenvolvidos (*Íntimo* e *Pré Íntimo*), relativamente aos indivíduos com estatutos de identidade menos maduros (*Foreclosure* e *Identity Diffusion*), que se relacionariam com os outros de forma mais superficial (estatutos de intimidade *Pseudo-Íntimo*, *Estereotipado* e *Isolado*).

Os mesmos resultados foram encontrados por Marcia (1976), num follow-up deste estudo, seis anos mais tarde. Dos 53 indivíduos que constituíam a amostra inicial, foram testados 30. Os resultados indicaram que nos sujeitos cujo estatuto de identidade tinha permanecido estável, a estatutos de identidade elevados (*Identity Achievement* e *Moratorium*), correspondiam estatutos de intimidade elevados (*Íntimo* e *Pré Íntimo*), e a estatutos de identidade baixos, correspondiam estatutos de intimidade baixos.

Nos sujeitos que tinham mudado de estatuto de identidade entre as duas observações, verificou-se que aqueles que tinham progredido para um estatuto de identidade mais maduro, apresentavam agora um estatuto de intimidade mais elevado. Inversamente, aqueles que tinham modificado o seu estatuto de identidade para um nível desenvolvimental menos maduro, apresentavam agora um estatuto de intimidade baixo.

Esta relação entre estatutos de identidade e estatutos de intimidade não foi confirmada por Tesch e Whitbourne (1982). Num estudo realizado, numa população mista entre os 21 e os 35 anos, 67% da amostra encontrava-se nos estatutos de intimidade mais avançados (*Íntimo* e *Pré Íntimo*). Desses indivíduos, só pouco mais de metade estavam no nível mais maduro de identidade, isto é, eram *Identity Achievement*. Os restantes eram *Moratorium*, *Foreclosure* e mesmo *Identity Diffusion*. Ou seja, os dados indicam que uma forte identidade está associada à intimidade, mas também um baixo sentido de identidade não exclui a capacidade de se relacionar intimamente com os outros.

Por outro lado, diferentes padrões da sequência desenvolvimental identidade/intimidade têm sido atribuídos aos homens e às mulheres.

A questão das diferenças de sexo na formação da identidade e da intimidade aparece esboçada na teoria de Erikson (1972), quando exprime a ideia de que, o processo de formação da identidade na mulher só estaria completo quando a capacidade para se relacionar intimamente é alcançada.

Num estudo realizado em adolescentes do sexo feminino, Douvan e Adelson (1966) tinham já encontrado dados que apontavam neste sentido, quando verificaram existir uma importante relação entre atitudes face à sexualidade, relações sociais e a escolha do futuro parceiro sexual.

Estes dados levaram os autores a sugerir que o processo de formação da identidade e da intimidade seria diferente nos homens e nas mulheres. Nomeadamente, a crise psicossocial da intimidade seria, nas mulheres, concorrente ou mesmo precedente da crise de identidade/difusão de identidade.

Douvan e Adelson não pretendem sugerir que a identidade se construiria mais tarde nas mulheres, mas os seus dados vêm a encontrar apoio na argumentação de Erikson (1972), de que homens e mulheres privilegiariam diferentes focos de interesse ao longo do seu desenvolvimento psicossocial. Enquanto que os jovens do sexo masculino seriam mais orientados para a realização de tarefas, portanto mais instrumentais e virados para o exterior, as mulheres seriam mais orientadas para o interior, privilegiando o estabelecimento e manutenção das relações interpessoais.

Esses diferentes focos, levariam a padrões desenvolvimentais diferentes para os dois sexos, e para Erikson, teriam por base as diferenças anatómicas existentes entre o homem e a mulher. No homem, a externalidade dos seus órgãos sexuais, facilitaria a independência e a actividade, enquanto que a existência na mulher de um "espaço interior destinado a carregar os filhos de homens escolhidos" (Erikson, 1972, p. 267) predisporia esta a uma maior passividade, harmonia e união com os outros.

Num estudo longitudinal realizado junto de 952 universitários de ambos os sexos, Constantinople (1966) encontrou padrões desenvolvimentais diferentes nos homens e nas mulheres. A componente que parece ser mais importante na identidade masculina é a componente ocupacional, enquanto que na mulher, é a componente social, e especialmente o seu futuro papel sexual como esposa e mãe, que parece ser mais relevante.

Marcia e Friedman (1970), partindo do pressuposto que a área sexual desempenharia um importante papel no desenvolvimento da identidade feminina, acrescentaram à entrevista dos estatutos de identidade, um conjunto de questões relativas à sexualidade, que testaram em 49 estudantes universitários do sexo feminino.

Shenkel e Marcia (1972), vêm confirmar esta ideia, ao reconhecer que a formação da identidade nas mulheres pode envolver diferentes dimensões das consideradas tradicionalmente para os homens.

Num estudo realizado com 315 adolescentes de ambos os sexos, Bukowski e Newcomb (1983), referem que os adolescentes estabelecem relações de amizade diferentes consoante o seu género de pertença: os rapazes privilegiam as relações em grupo, estando a percepção do seu valor pessoal intimamente relacionada com a percepção da sua competência social. Nas raparigas, as relações diádicas parecem ser mais significativas, estando a percepção do seu valor mais associada à percepção da sua aceitação social. Estes dados levaram os autores a pensar que a associação entre identidade e intimidade é mediada pelo género, e que as áreas de estudo de aquisição da identidade devem ser diferentes para os rapazes e para as raparigas.

Um estudo longitudinal realizado por Kahn, Zimmerman, Csikszentmihalyi e Getzels (1985) confirma a ideia de que há padrões diferentes entre os sexos na aquisição da intimidade. Os autores procuraram avaliar a relação existente entre uma medida de identidade e o estado civil 18 anos mais tarde. Os dados revelaram uma forte relação entre ter uma identidade fraca no final da adolescência e ficar solteiro, mas só na amostra masculina. No sexo feminino a relação identidade/intimidade aparece ao nível da estabilidade da relação conjugal: mais de dois terços das mulheres avaliadas como tendo uma identidade frágil experienciaram rupturas conjugais.

Shiedel e Marcia (1985), encontraram mais mulheres que homens no estatuto íntimo em jovens de ambos os sexos, com idades entre os 18 e os 25 anos. Os dados revelaram também uma relativa ausência de homens no estatuto íntimo e com uma identidade fraca, o que contrastou bastante com a amostra feminina, onde cerca de 1/3 das mulheres com níveis elevados de intimidade não tinham uma identidade solidamente estabelecida.

Este achado levou os autores a sugerir a existência de padrões desenvolvimentais diferentes da identidade e da intimidade para os homens e para as mulheres. Enquanto que o sexo masculino e parte do sexo feminino teria um percurso de acordo com sequência desenvolvimental, primeiro o estabelecimento da identidade e depois a aquisição da intimidade, para outras mulheres o estabelecimento de relações de intimidade seria prioritário ou concomitante com o estabelecimento da identidade.

Esta hipótese, de que as mulheres teriam uma capacidade mais avançada para o desenvolvimento e estabelecimento de relações íntimas, tem encontrado suporte empírico em várias investigações.

Hodgson e Fischer (1979), num estudo realizado em 100 jovens adultos universitários de ambos os sexos, encontraram uma maior tendência das mulheres para experienciar altos níveis de intimidade, independentemente do padrão de identidade seguido.

Fischer (1981), num estudo em 300 adolescentes liceais e universitários, de ambos os sexos, vem confirmar esta ideia. Sugere ainda que a aprendizagem da intimidade nos rapazes se fará com as raparigas, enquanto que estas a desenvolveriam nas suas relações de amizade com pares do mesmo sexo. As mulheres seriam pois os agentes de socialização responsáveis pela aprendizagem da intimidade, o que leva a autora a sugerir que as mulheres teriam uma maior competência interpessoal que os homens.

Aliás, Hodgson e Fischer (1979), sustentam que a teoria de Erikson está apenas parcialmente correcta. Se por um lado, os dados confirmam as asserções de Erikson, de que, a identidade feminina é de natureza interpessoal, e que a identidade masculina é alcançada mais cedo que a identidade feminina, por outro, os mesmos dados apontam que os homens resolvem mais cedo apenas parte do conflito - as áreas ocupacional e ideológica - não resolvendo as questões ligadas à sexualidade mais cedo do que as mulheres.

É pois quando se estuda as várias dimensões da identidade e a sua relação com a identidade global, intimidade e género, que os estudos se têm mostrado ainda menos conclusivos. Uma das questões a que os investigadores têm também procurado responder é, qual ou quais, áreas de identidade são melhores preditoras da intimidade.

Shenkel e Marcia (1972) num estudo realizado em 91 mulheres universitárias, verificaram que a dimensão ocupacional não é especialmente importante na formação da identidade global feminina. Inversamente, a dimensão religiosa e a dimensão das atitudes face à sexualidade, demonstraram ser bons preditores do estatuto de identidade global obtido.

Dado que o estudo foi apenas realizado junto de uma população feminina, os autores deixam em aberto a questão de saber, se as atitudes face à sexualidade serão também uma questão saliente para os jovens do sexo masculino. Argumentam os autores que, devido ao crescente aumento de jovens a terem experiências de vida em comum pré-maritais, a intimidade, "tradicionalmente um importante elemento da identidade feminina", poderá passar a desempenhar um papel importante também para a formação da identidade masculina.

Estes dados não são confirmados por Kacerguis e Adams (1980), que ao realizarem um estudo similar ao de Hodgson e Fischer (1979) não encontraram diferenças entre os géneros, aparecendo a área da identidade profissional como a única preditiva da intimidade para ambos os sexos.

Fitch e Adams (1983), em 78 estudantes universitários, encontraram diferenças nas dimensões da identidade que seriam as melhores preditoras da aquisição da intimidade para os rapazes e para as raparigas. Nos rapazes a área que surge como maior preditor da intimidade é a área profissional - uma área claramente instrumental, ao contrário das raparigas onde o melhor preditor da intimidade parece ser a área religiosa - uma área de carácter mais interpessoal, o que leva os autores a concluir que "a associação entre a medida global e as subescalas de identidade com a intimidade, justifica a controvérsia de que aparentemente os homens e as mulheres negociam as tarefas psicossociais da adolescência de maneira diferente".

Tesch e Whitbourne (1982) encontraram apenas diferenças entre os sexos nas dimensões da identidade política e dos papéis sexuais, mas não ao nível dos scores globais. Por outras palavras, a ideia de que as mulheres atingiriam a intimidade mais cedo do que os homens é contrariada, mas na medida em que uma proporção significativa de mulheres se encontram em *Moratorium* apenas na dimensão dos papéis sexuais, esta dimensão parece ser uma fonte potencial de conflito, para as mulheres jovens.

Esta ideia é confirmado por Raskin (1985), que, numa população mista entre os 22 e os 35 anos encontra uma maior tendência, embora não significativa, ao nível da dimensão da sexualidade, para o posicionamento das mulheres nos estatutos de identidade em que não há comprometimento, (*Moratória e Identity Diffusion*), ao contrário dos homens, que nesta dimensão se tendem a posicionar mais nos estatutos caracterizados pelo investimento (*Identity Achievement e Foreclosure*). No sexo feminino verificou-se uma tendência para desenvolver relações mais estereotipadas com os pares, do que no sexo masculino. Ao nível dos scores globais de identidade e intimidade, não foram encontradas outras diferenças entre os sexos.

Desta revisão da literatura, são salientes três eixos em torno dos quais se têm centrado as questões às quais as investigações têm procurado responder:

(1) a questão da sequência desenvolvimental identidade / intimidade;

(2) a questão das diferenças entre o género masculino e feminino ao nível da negociação das duas tarefas de desenvolvimento, identidade e da intimidade. Este ponto, poderá ainda ser subdividido em dois: (a) a ênfase nos diferentes padrões desenvolvimentais dos homens e das mulheres, que resultaria do privilegiar de diferentes aspectos do desenvolvimento, e que poderá eventualmente levar à inversão da sequência desenvolvimental identidade/intimidade nas mulheres, e (b) procura de suporte empírico para a ideia de que as mulheres teriam uma maior facilidade e capacidade para a intimidade do que os homens.

(3) a questão da procura de identificação das dimensões da identidade que serão as melhores preditoras da identidade global e (4) de níveis superiores de intimidade

Como vimos qualquer destas questões encontra-se ainda em aberto, dada a ausência de consenso entre os dados obtidos nos diversos estudos. A unanimidade entre os investigadores é apenas na necessidade de realizar outros estudos para procurar clarificar estas questões.

2. Formulação da Situação Problema

Como temos vindo a demonstrar, os estudos centrados nas variáveis identidade e intimidade têm produzido dados contraditórios, qualquer que seja a vertente com que esta problemática é abordada: diferente sequência desenvolvimental identidade - intimidade segundo o género de pertença, diferenças sexuais nos padrões desenvolvimentais destas variáveis e dimensões da identidade predictoras em maior ou menor grau da intimidade.

Estas dificuldades no estudo da identidade e da intimidade prendem-se com motivos de vária ordem:

(1) Dificuldades conceituais

A definição dos conceitos de identidade, e sobretudo de intimidade varia de investigação para investigação. Apesar do modelo subjacente às investigações nesta área ser a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento de Erikson, as operacionalizações do construto intimidade nem sempre estão de acordo com a definição proposta por Erikson. Por outro lado, aparecem muitas vezes conceptualizadas como intimidade, variáveis diferentes, que não abrangem a totalidade do fenómeno.

(2) Diversidade de medidas utilizadas

Na medida em que surgem diferentes tentativas de operacionalização do conceito de intimidade, surgem naturalmente outras tantas propostas de instrumentos de avaliação do conceito. Este facto cria grande dispersão conceptual, na medida em que torna limitada a comparação inter-estudos, dado estes serem realizados com racionais teóricos e instrumentação bastante diversa.

Mesmo quando se verifica compatibilidade ao nível da metodologia utilizada, muitas vezes são utilizadas versões simplificadas ou adaptadas dos instrumentos originais, nomeadamente da entrevista de avaliação da identidade, o que levanta também algumas dificuldades na comparação dos estudos.

Esta reserva é particularmente importante na medida em que contribui para acentuar a controvérsia nesta área de estudos, uma vez que são sempre abordadas diferentes vertentes do problema, não contribuindo assim para uma abordagem abrangente e unificadora.

(3) Dificuldades metodológicas

Verificámos também, na revisão dos estudos efectuada, dificuldades metodológicas a vários níveis.

Ao nível da constituição da amostra, encontramos amostras constituídas só por indivíduos pertencentes a um sexo, ou então, quando se trata de amostras mistas, elas são a maior parte das vezes desequilibradas, com predomínio de um dos géneros de pertença. Este aspecto dificulta naturalmente a comparação inter-sexos.

Ao nível do procedimento, verificámos também que muitos dos estudos não controlaram o género de pertença dos entrevistadores, ou mesmo a diferenciação entre os entrevistadores e os avaliadores dos protocolos das entrevistas.

Este aspecto é relevante na medida em que, por se tratar de entrevistas semi-estruturadas versando temas cuja abordagem pode ser delicada, o género de pertença do entrevistador tem influência sobre o entrevistado, supondo-se que será facilitador se entrevistador e entrevistado forem do mesmo sexo, e perturbador se forem de sexos opostos. Por essa razão a variável sexo do entrevistador assume particular importância num estudo desta natureza, devendo ser controlada.

Do mesmo modo, o entrevistador e o avaliador do protocolo deverão ser pessoas diferentes, no sentido de minimizar o efeito da subjectividade inerente ao estabelecimento da relação entrevistador - entrevistado aquando da aplicação dos critérios de correcção das entrevistas.

No presente estudo procurámos ultrapassar estas dificuldades. Utilizámos os modelos de avaliação que propunham as abordagens mais abrangentes e coerentes, com instrumentação fortemente apoiada num racional teórico preciso. As versões dos instrumentos utilizadas foram as originais, não tendo sido adicionado ou cortado nenhuma parcela da entrevista. Quanto ao procedimento, controlámos o género de pertença dos entrevistadores através da bipartição dos sujeitos por género de pertença de entrevistador (*vide* selecção dos sujeitos e procedimento). O júri de avaliação dos protocolos foi constituído por outras pessoas que não as que conduziram as entrevistas.

Para além das questões conceptuais e metodológicas, houve outro conjunto de razões que nos levou a realizar este estudo.

Dado que nos posicionamos numa perspectiva psicossocial do desenvolvimento, onde os conceitos de identidade e intimidade são tidos como variáveis psicossociais, isto é, que se constroem na interacção entre o individual, o social e o cultural, definindo o ser humano como um ser bio-psico-social, parece-nos não ser irrelevante o contexto sócio-histórico-cultural em que essa construção se processa.

Verificámos na revisão bibliográfica efectuada, que a grande maioria dos estudos sobre identidade se realizaram a partir de meados dos anos 60 até ao final dos anos 70. Já a intimidade é uma variável que só começa a ser estudada nos anos 80. Ora as mudanças sociais de que a sociedade ocidental tem sido palco ao longo destas três décadas têm sido profundas e têm vindo a afectar a forma como as pessoas se definem bem como as suas modalidades de relacionamento interpessoal. Ou seja, é legítimo supôr que as mudanças sociais, políticas e económicas da sociedade ocidental nas últimas três décadas, modificaram profundamente o sentido de identidade e as modalidades de relacionamento interpessoal dos indivíduos.

Se pensarmos que em Portugal, estas mudanças começaram a fazer-se sentir com maior intensidade após o 25 de Abril de 1974, não podemos deixar de nos questionar acerca da forma como são e como se relacionam os jovens que nasceram por volta dessa data, e que têm hoje 20 anos.

Foi este o nosso desafio: efectuar um estudo na área da psicologia clínica que contribuísse para a compreensão ao nível psicológico da construção da identidade e da dinâmica relacional em jovens portugueses, urbanos, nascidos na década de 70, período de dupla significação: geração X, para os sociólogos americanos, geração de Abril para os portugueses.

3. Instrumentos de Medida

Os instrumentos de medida que utilizámos neste estudo foram a Entrevista dos Estatutos de Identidade (*Ego Identity Interview* - EII), de J. Marcia (1966), versão de 1980, para avaliar a variável Identidade, aqui conceptualizada como "Estatuto de Identidade", e a Entrevista da Maturidade Relacional (*Intimacy Maturity Interview* - IMI), de White et al (1986), versão de 1989, para avaliar a variável Intimidade, aqui conceptualizada como "Maturidade Relacional".

Dada a dispersão conceptual que envolve estas duas variáveis, a identidade e a intimidade, é extremamente difícil encontrar um modelo unificador que permita proceder à avaliação empírica destes conceitos, integrada num referencial teórico sólido. Entendemos por isso, que o quadro da teoria do desenvolvimento é o mais adequado para suportar a investigação nesta área, não só pela qualidade desenvolvimental destas variáveis, mas também pela riqueza de estudos proporcionada. Neste contexto, as razões para a escolha destes instrumentos poderão ser sintetizadas da seguinte forma:

(1) A utilização de vários instrumentos de medida em psicologia, deverá sempre ser efectuada no contexto de um mesmo racional teórico sólido. Os dois instrumentos escolhidos estão devidamente enquadrados em modelos conceptuais de compreensão destas duas variáveis - o Modelo dos Estatutos de Identidade, e o Modelo da Maturidade Relacional. Ambos os modelos derivam directamente da conceptualização de Erikson sobre o desenvolvimento humano, a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento (Erikson, 1963, 1968).

(2) Os resultados que os instrumentos permitem obter, Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional, inscrevem-se numa mesma lógica de compreensão dos fenómenos. Ou seja, as categorias que os instrumentos permitem definir, reflectem o estilo pessoal que cada indivíduo adopta para fazer face às duas tarefas de desenvolvimento estudadas, a identidade e a intimidade, o que permite a comparação não só dos scores globais, como também dos resultados parciais, provenientes das escalas que compõem as entrevistas.

(3) Os instrumentos consistem em duas entrevistas clínicas semi-estruturadas. A opção pela realização de entrevistas, prende-se com a qualidade dos resultados obtidos. Se um questionário, ou um inventário permite obter resultados de forma rápida e pouco onerosa, entendemos que uma entrevista clínica é um instrumento muito mais sensível para avaliar qualquer variável psicológica, especialmente, se essa variável se caracterizar pela subtilidade da sua expressão, como é o caso das variáveis em estudo.

Nesta secção procederemos à descrição dos instrumentos utilizados, bem como à exposição dos critérios de avaliação das entrevistas. Não procederemos aqui à descrição dos Modelos, já efectuada no capítulo III da I Parte, e remetemos para a consulta do guião das entrevistas, que se encontra em Anexo.

Entrevista dos Estatutos de Identidade (EII) (Marcia, 1980) - Descrição e Critérios de Cotação

A EII é uma entrevista semi-estruturada, de duração de 45 minutos, que pretende avaliar as modalidades ou estilos pessoais de resolução da crise identidade-difusão de identidade, descrita por Erikson (1968).

Consiste em cinco conjuntos de questões, que definem cinco escalas, ou cinco áreas da identidade a avaliar - ocupacional, religiosa, política, atitudes face aos papéis sexuais e sexualidade.

Para cada área, os indivíduos são questionados acerca das suas crenças actuais, e da sua importância, se os seus pontos de vista mudaram com o tempo, ou estão actualmente em mudança, da comparação das suas crenças e atitudes com as dos pais, e de que forma é que essas crenças se manifestam comportamentalmente.

Essas questões destinam-se a tornar evidentes a existência de períodos de exploração de alternativas (crise) e de investimento em compromissos específicos. A existência ou não destas duas dimensões permite categorizar as respostas dos sujeitos em quatro estatutos de identidade - *Identity Achievement*, *Moratorium*, *Foreclosure* e *Identity Diffusion*..(Estas noções foram já desenvolvidas no 3º Capítulo, pelo que não as repetiremos aqui).

De acordo com estes critérios, exploração e compromisso, cada área da identidade é cotada separadamente, obtendo-se assim um estatuto de identidade em cada uma dos domínios da identidade. Seguidamente apresentamos as cinco áreas da entrevista bem como uma síntese dos critérios de cotação, para cada uma delas, que permitem posicionar os sujeitos nos quatro estatutos de identidade.

Ocupacional

Refere-se à avaliação por parte do jovem dos seus interesses e capacidades, e das oportunidades do meio social, que o conduziram ou não, a efectuar um investimento. Esse investimento pode assumir várias formas, do optar por se dedicar às tarefas domésticas, ao prosseguimento dos estudos, ou ao investimento numa profissão.

Não é o tipo de investimento que é importante, mas sim a transição de uma modalidade de funcionamento receptiva, própria da infância, para uma modalidade de funcionamento produtiva, própria dos indivíduos adultos.

O Indivíduo cotado como *Identity Diffusion* na área ocupacional caracteriza-se por uma ausência de compromisso realista com uma ocupação específica. Poderá ou não ter experienciado um período de exploração, em caso afirmativo ele foi superficial e breve. Marcia (1980) refere três tipos de *Diffusion*. Um primeiro, "oportunistista", é o sujeito que investe naquilo que é rentável no momento e pouco difícil. Por exemplo, se os computadores estão na moda, o indivíduo investe na informática. Porém esse investimento é facilmente desmontado por um entrevistador que apresente alternativas igualmente alicientes. Um segundo tipo, parece andar "à deriva", como que à espera que alguma coisa surja, de ser escolhido por uma ocupação. O terceiro tipo reflecte já algum grau de perturbação psicológica, baseado em fantasias megalómanas e irrealistas.

O sujeito *Foreclosure* está seguro acerca da sua direcção ocupacional, constituindo esta um importante elemento na definição da sua identidade. A escolha precoce dessa orientação, associada a uma influência parental evidente, demonstrada na ausência de questionamento dessa direcção, marca a não construção de uma identidade ocupacional, típica do *Foreclosure*.

O *Moratorium* está envolvido na exploração activa de alternativas ocupacionais, que nesta fase podem já estar concentradas num domínio geral.

O *Identity Achievement* ultrapassou a fase de exploração e encontrou já uma alternativa ocupacional viável. Essa opção começa a ser sentida em termos de *ser* (ser professor, ser psicólogo, etc.) mais do que em termos de *fazer*, começando assim a fazer parte da sua auto-definição.

A avaliação desta dimensão poderá ser dificultada em momentos históricos em que as condições sociais limitem as alternativas profissionais e educativas. Nestes casos, esta área não poderá ser cotada como *Identity Achievement*, pois a aquisição da identidade supõe a possibilidade de um leque alargado de escolhas. Se ele não existe, a identidade modal para essa sociedade será no melhor dos casos *Foreclosure*, ou no pior *Diffusion*.

Religiosa

O domínio religioso, tal como o político, não pretende avaliar as crenças religiosas ou as preferências políticas específicas dos indivíduos, mas sim aceder à sua ideologia, independentemente das crenças específicas individuais.

O sujeito é questionado acerca de questões religiosas, como a existência de Deus, ou aspectos morais, apenas para evidenciar se possui ou não um sistema de crenças coerente, se esse sistema sofreu alguma alteração desde a infância, e no caso da religião estar intimamente ligada à pertença a um grupo específico, (como os judeus, por exemplo), avaliar o que é que essa pertença (no exemplo, o "ser judeu") significa para ele. Nesta área da entrevista, como nas subsequentes, o conteúdo das crenças não é cotado.

Nos indivíduos *Identity Diffusion* é notória a ausência de um interesse ideológico. Questões relativas a uma filosofia de vida tendem a ser consideradas desinteressantes, caracterizando-se as respostas dos sujeitos pela sua brevidade, ou pelo desenvolvimento de teorias pseudo-sofisticadas, esvaziadas de sentido.

O sujeito *Foreclosure* apresenta convicções religiosas firmes, e sustenta muitas vezes, que elas são diferentes das dos seus pais e das da sua infância. É tipo de questões colocadas pelo sujeito que demonstra se essa mudança é ou não significativa - por exemplo, não será cotado como *Foreclosure* o indivíduo que questiona o papel político da igreja, o aborto, a autoridade do papa, etc.

Para ser cotado como *Moratorium* o sujeito terá de demonstrar uma luta activa na construção de uma ideologia, mas mediada por alguns limites na consideração de alternativas, bem como um movimento no sentido da resolução desta crise no futuro próximo.

O sujeito é designado *Identity Achievement* se considerou seriamente algum sistema de crenças diferente do que possuía na infância, e se posicionou num contexto ideológico, no seio do qual exhibe algum compromisso expresso comportamentalmente.

Política

Juntamente com a dimensão *religião*, esta área fornece uma noção acerca da filosofia de vida do sujeito. O indivíduo poderá apresentar compromissos políticos, e não ter nenhum sistema religioso de crenças e vice-versa. O objectivo, é igualmente avaliar não as preferências políticas, mas sim se o sujeito reflectiu acerca das questões políticas e sociais, e se age consistentemente com elas.

O sujeitos *Diffusion* nesta área, demonstram um sentido de responsabilidade social bastante baixo. As suas respostas são frequentemente "clichés" como "voto na pessoa e não no partido", ou "a minha liberdade acaba onde começa a liberdade do outro". Dado ter-se vindo a assistir a um declínio dos interesse políticos e sociais dos jovens desde os anos 60, esta é a área onde é provável encontrar maior número de sujeitos com estas características.

Para ser considerado um *Foreclosure* nesta área, é necessário demonstrar algum tipo de acção política, em ordem a discriminar a adopção pura e simples da ideologia parental, de um compromisso efectivo.

Já o *Moratorium* denota uma viva preocupação em tomar uma resolução que o defina politicamente. Frequentemente apresenta nas entrevistas dilemas aparentemente insolúveis, mas interessantes e com significado.

O *Identity Achievement* não só já pensou sobre as questões políticas como articula um posicionamento com o qual demonstra algum compromisso.

Atitudes face aos papéis sexuais

Esta área, em conjunto com a próxima, a sexualidade, definem o domínio interpessoal - sexual da entrevista da identidade. Esta dimensão baseia-se no princípio de que na sociedade ocidental, o género de pertença do indivíduo não define os seus papéis sexuais. Por essa razão pretende-se avaliar o sistema de crenças que o sujeito possui a este respeito, mais uma vez, não em termos do seu conteúdo (que já remeteria para a intimidade), mas em termos da construção de um sistema pessoal de atitudes e do desempenho de comportamentos coerentes com ele.

Há dois níveis de *Diffusion* na área dos papéis sexuais. O primeiro é o nível da patologia, caracterizado por indivíduos que demonstram indiferenciação a este nível sugerindo algum atraso no desenvolvimento psicosexual. O segundo nível é o do indivíduo não reflexivo, preocupado apenas com o dia-a-dia, para quem as questões "o que significa para si ser homem/mulher" provocam alguma estupefacção, tendendo estes sujeitos a responder com dificuldade.

Inversamente, os *Foreclosure* demonstram uma certeza e um comprometimento seguro com o seu papel masculino, feminino ou andrógino, que sugere a origem precoce desta aprendizagem e a importância que ela assume para a sua identidade global, maior do que em qualquer outro estatuto. Nos seus depoimentos é por vezes difícil localizar a fonte das suas atitudes como próprias, sendo comum a afirmação "cresceram comigo".

Tal como nas outras áreas, o *Moratorium* caracteriza-se pela experimentação activa, que o leva a definir as suas ideias e a assumir um compromisso expresso comportamentalmente, que caracteriza o estatuto *Identity Achievement*.

Sexualidade

Esta área pretende avaliar a experiência sexual do sujeito e a reflexão sobre essa experiência, o que lhe permite formular um conjunto de valores e assumir algum compromisso consistente com esses valores. Como já referimos, não é o conteúdo que é importante; apesar de pouco habitual, é possível um indivíduo ser celibatário e *Diffusion* ou ser *Foreclosure* e sexualmente permissivo, por exemplo.

Os *Diffusions* aparentam não levar a sua sexualidade muito a sério e verbalizam frequentemente clichés do tipo "deve-se respeitar o outro", "deve-se estar apaixonado", "deve-se esperar até ao casamento". Quando inquiridos acerca do racional dessas afirmações, o *Diffusion* limita-se a repetir o mesmo cliché com palavras diferentes.

O *Foreclosure*, tal como nos outras áreas da entrevista, está bastante seguro das suas atitudes, validadas mais no contexto familiar do que na sua própria experiência. Demonstra sentir a sexualidade como algo ameaçadora, o que o leva a alguma restrição comportamental, nomeadamente o envolvimento com parceiros que possam por em causa as suas crenças. É geralmente dogmático e rígido acerca do que é certo e errado neste domínio.

O *Moratorium* geralmente tende a resolver a crise da identidade neste domínio envolvendo-se em intensa actividade sexual, que muitas vezes oscila com períodos de celibato. Mais uma vez, o critério central para definir um *Moratorium* é a evidência genuína de procurar encontrar uma saída para a crise.

Finalmente, os *Identity Achievement* distinguem-se pela tendência a ter maior experiência sexual que os *Moratorium* e os *Foreclosure*, e são mais reflexivos que os *Diffusion*.

O Estatuto de Identidade global corresponderá ao estatuto dominante nas várias áreas da identidade. Segundo Marcia, poucos são os sujeitos que apresentam o mesmo estatuto de identidade em todos os domínios, da mesma forma que, os estatutos de identidade em cada área poderão não ser "puros", evidenciando mais do que uma tendência. A consideração destes estatutos que se encontram em posição secundária, poderá contribuir para a definição do estatuto do sujeito na globalidade da entrevista.

A cotação final não resulta assim de um simples somatório dos resultados parcelares, mas de uma análise clínica da entrevista, reflectindo o estatuto de identidade global, a avaliação da personalidade do sujeito no seu todo.

Entrevista da Maturidade Relacional (IMI) (White et al, 1989) - Descrição e Critérios de Cotação

A IMI é uma entrevista semi-estruturada, com duração aproximada de 45 minutos, que pretende avaliar as modalidades ou estilos pessoais de resolução da crise intimidade-isolamento, descrita por Erikson (1968).

Consiste num conjunto de questões abertas que remetem para cinco escalas, ou cinco áreas da intimidade a avaliar - tomada de perspectiva do outro, interesse, compromisso, sexualidade e comunicação. Estas cinco áreas abarcam o conceito de intimidade na sua tridimensionalidade, cognitiva, afectiva e comportamental.

Para cada área, os sujeitos são questionados acerca da profundidade e da qualidade dos seus relacionamentos afectivos, sejam eles de amizade ou de amor, com um par do mesmo sexo ou do sexo oposto.

É pedido aos indivíduos que se pronunciem sobre aquele que é o seu relacionamento de maior intimidade, deixando a este, liberdade para escolher falar da pessoa que entender, amigo, amiga, ou parceiro romântico. No final da entrevista deverá ter-se obtido informação sobre a forma como o sujeito se relaciona com pelo menos um indivíduo de cada sexo, permitindo assim identificar o seu Nível de Maturidade Relacional actual. Os níveis propostos são três: egocêntrico, focalizado no desempenho de papel e individuado / relacionado, correspondendo a formas de relacionamento desenvolvimentalmente menos ou mais maduras, que caracterizariam as relações que os indivíduos estabelecem entre si.

Tomada de Perspectiva do Outro (T.P.O.)

Esta escala refere-se à orientação geral para o outro, de um ponto de vista afectivo, cognitivo e comportamental. As questões colocadas ao sujeito são do tipo "como é que o outro o decreve a si".

No nível egocêntrico o sujeito tenderá a dar respostas desarticuladas demonstrativas da incapacidade de se colocar no lugar do outro, ou então a dar respostas estereotipadas do tipo "é um bom amigo". O afecto e o comportamento parecem guiados exclusivamente pelas normas sociais.

No nível focalizado no desempenho de papel o sujeito demonstra alguma capacidade de compreender o ponto de vista do outro, e as suas necessidades, mas não são capazes de as intuir.

O nível individuado / relacionado, caracteriza-se por uma atitude de reciprocidade, que torna o sujeito capaz de compreender e antecipar as necessidades do outro.

Interesse

Esta escala mede a capacidade de expressão afectiva do sujeito no contexto da relação. Está implícita na questão "como é que demonstra ao outro que gosta dele / dela, que se preocupa com ele / ela".

Uma resposta do nível egocêntrico, combina uma breve explicação, com a expressão de atitudes negativas e frequentemente com juízos implícitos relativamente ao outro. Um exemplo típico será "Ele diz que eu não me preocupo com ele, mas eu acho que ele está a ser criança".

O sujeito no nível focalizado no desempenho de papel, tenderá a responder de acordo com os comportamentos socialmente esperados para aquele tipo de relação. Assim um sujeito casado poderá dizer "Eu mostro-lhe que me preocupo contribuindo para as despesas da casa".

O sujeito designado como estando no nível individuado / relacionado responderá também de acordo com as expectativas sociais, mas enfatiza o suporte emocional fornecido ao outro.

Compromisso

O compromisso procura avaliar a extensão do comprometimento afectivo para com um indivíduo específico. As questões que remetem para esta subescala são "até que ponto está envolvido nesta relação?" e "já alguma vez considerou alternativas a esta relação?".

O nível egocêntrico designa os sujeitos que estão prestes a romper o relacionamento, ou que se mantêm nele por razões de conveniência (monetária, afectiva, social, ou outras).

O nível focalizado no desempenho de papel é atribuído geralmente aos sujeitos que se mantêm na relação por razões que se prendem com o desempenho do seu papel social, por exemplo de namorado(a). Os indivíduos cuja relação atravessa um período de crise, mas que desenvolvem esforços para "salvar" o relacionamento, serão também cotados neste nível.

Os sujeitos que apresentam um sólido compromisso para com um indivíduo específico, que ultrapassa as pressões sociais, e demonstram uma firme intenção de permanecer no relacionamento actual, são cotados no nível mais maduro, o *individuado / relacionado*.

Sexualidade

A sexualidade nesta entrevista, diz respeito à extensão na qual os sujeitos a consideram como uma dimensão do relacionamento, e se sentem confortáveis em descrever o seu relacionamento de uma forma que enfatiza a mutualidade. Está patente nas questões "está satisfeito com a parte sexual do vosso relacionamento?", "discute as dificuldades com o seu parceiro?", "que mudanças gostariam que ocorressem ao nível do vosso relacionamento sexual?".

O indivíduo no nível egocêntrico faz uma descrição da sua vida sexual em termos de frequência ou variedade. Por vezes é evidente a falta de preocupação com o prazer do parceiro, sugerindo que este é tratado como um objecto de satisfação, de que é exemplo o depoimento "o sexo não é muito importante, é mais uma relação de amizade onde cada um tem necessidades e são assim satisfeitas".

O sujeito focalizado no desempenho de papel é aquele que produz uma descrição do tipo "está tudo bem", pois esta é a resposta típica socialmente aceite; tendendo também a ver os conflitos e complicações, como provenientes de factores exteriores a si e à relação.

Os critérios que permitem classificar o sujeito como estando no nível individuado / relacionado são a aceitação de frustrações ocasionais, o falar abertamente de sexo com o parceiro, e a valorização da expressão da ternura. Obviamente que esta escala só é cotada se o sujeito estiver sexualmente envolvido com alguém, podendo esse alguém não ser a pessoa de quem o indivíduo tem estado a falar. No caso do sujeito não estar actualmente sexualmente envolvido com outro, esta escala não é objecto de cotação.

As questões que permitem retirar informação para avaliar esta escala são, entre outras, "acerca de que é que fala com o outro?", "partilha preocupações e problemas?", "como reage quando o outro o critica?", etc.

Esta escala envolve a consideração de quatro componentes comportamentais: revelação pessoal (capacidade para revelar sentimentos e informação acerca do próprio), iniciar a comunicação (introdução de tópicos na comunicação), escutar (vontade de ouvir as preocupações e queixas do outro de forma não defensiva) e responder (prontidão para prosseguir uma discussão iniciada pelo outro).

O nível egocêntrico geralmente descreve alguém que valoriza pouco a comunicação, ou que a utiliza no sentido de controlar e manipular o outro, por exemplo através de mentiras ou ataques constantes. Habitualmente estes indivíduos têm competências de comunicação muito pobres. Um exemplo será "sempre que sinto que vai haver uma discussão, afasto-me. Não vejo grande interesse em falar das coisas. Se está mal, muda-se".

O nível focalizado no desempenho de papel indica os sujeitos que valorizam a comunicação com o outro, mas discutem apenas tópicos não relacionados com eles próprios e com a relação. Sujeitos que respondam estereotipadamente "falamos de tudo" sem conseguir especificar, ou que são bloqueados pelo outro, no seu esforço para comunicar as emoções e sentimentos, são também cotados neste nível.

Quando há evidências de que, quer as questões "exteriores", quer os afectos, são incluídos no estilo comunicacional, os sujeitos são cotados como estando no nível individuado / relacionado. Estes indivíduos demonstram ainda uma boa capacidade de resolução de conflitos, e um esforço activo em manter abertos os canais de comunicação.

Cada dimensão da intimidade é cotada individualmente obtendo-se assim o Nível de Maturidade Relacional para cada uma das áreas. White et al (1986) avançam um sistema de estádios que define dois estádios dentro de cada nível o que possibilita a conversão do sistema numa escala de 11 pontos. Para facilitar a análise dos resultados, optámos pela categorização dos sujeitos apenas nos três níveis de Maturidade Relacional. O Nível de Maturidade Relacional global resulta da ponderação (e não do somatório) dos níveis obtidos para cada uma das escalas. A dimensão clínica da apreciação da entrevista é assim salvaguardada.

4. Definição e Caracterização das Variáveis

As variáveis em estudo são as posições face à identidade e à intimidade, o género de pertença dos sujeitos, a sua idade, o estado civil, a figura privilegiada, o tempo de relação existente para com essa figura, a figura secundária, o tempo de relação para com essa figura, e a figura parental mais importante.

Agrupamos estas variáveis em categorias, e passamos agora a definir e caracterizar cada uma delas.

Variáveis relativas aos conceitos de Identidade e Intimidade

Identidade

A Identidade é definida como a construção individual de uma teoria pessoal acerca do próprio, que o define relativamente aos papéis sociais e sexuais, aos valores e crenças, donde resulta uma continuidade que permite ao sujeito reconhecer-se no presente, passado e futuro (Marcia, 1980).

Marcia (1966) operacionalizou este conceito, para o que desenvolveu uma tipologia que estabelece quatro modos, ou estilos de aquisição da identidade, que, como temos vindo a referir, designou de *Estatutos de Identidade*.

Cada estatuto é definido pela presença/ausência de duas dimensões: a dimensão exploração, caracterizada por uma exploração activa de alternativas, que se pode fazer acompanhar por um período de crise, e a dimensão investimento, ou seja o investimento realizado pelo adolescente em áreas específicas, a saber, profissional, ideológica (religiosa e política) e interpessoal/sexual (atitudes sobre os papéis sexuais e participação em relações sexuais).

A forma como o adolescente vivência estas duas dimensões em cada uma das áreas específicas, permite estabelecer o Estatuto de Identidade no qual o sujeito se posiciona : *Identity Achievement, Moratoria, Foreclosure, e Identity Diffusion*.

Podemos considerar assim cinco posições do sujeito face à identidade:

- Estatuto de Identidade global

- Estatuto de Identidade na área ocupacional
- Estatuto de Identidade na área da religião
- Estatuto de Identidade na área da política
- Estatuto de Identidade na área dos papéis sexuais
- Estatuto de Identidade na área da sexualidade

Intimidade

A Intimidade refere-se à extensão na qual o indivíduo adquiriu a capacidade para se relacionar com os outros, e que se caracteriza por uma comunicação aberta e honesta, interesse e respeito mútuos, capacidade de resolução de divergências interpessoais de uma forma equitativa, bem como atitudes face à sexualidade e comportamento sexual maduro (Paul & White, 1990).

Não se limita portanto ao relacionamento de natureza sexual, pois o conceito é aplicável quer às relações românticas, quer às amizades com pares do sexo oposto e do mesmo sexo.

White *et al* (1986) consideraram cinco dimensões que permitem avaliar a forma como o sujeito se relaciona intimamente, quer com um parceiro amoroso, quer com amigos: orientação para o outro, interesse, compromisso, sexualidade e comunicação. O grau em que cada uma destas dimensões está presente num relacionamento interpessoal permite identificar o Nível de Maturidade Relacional do sujeito: nível egocêntrico, nível centrado no papel, e nível individuado / relacionado.

Podemos considerar assim seis posições do sujeito face à intimidade

- Nível de Maturidade Relacional global
- Nível de Maturidade Relacional na tomada de perspectiva do outro
- Nível de Maturidade Relacional no interesse
- Nível de Maturidade Relacional no compromisso
- Nível de Maturidade Relacional na sexualidade
- Nível de Maturidade Relacional na comunicação

Uma descrição detalhada destes dois instrumentos foi já efectuada no ponto 3. deste Capítulo. Para uma exposição aprofundada dos modelos teóricos no qual se inscrevem estas duas variáveis, *vide* Capítulo II. Para uma consulta das entrevistas e dos respectivos critérios de cotação *vide* Anexos I e II.

As restantes variáveis são variáveis de controle. O género de pertença dos sujeitos, a idade e o curso frequentado foram consideradas para a constituição da amostra. Já as restantes variáveis foram controladas *a posteriori*.. Todas as variáveis foram agrupadas em duas categorias: variáveis de caracterização pessoal e variáveis de caracterização familiar.

Variáveis de Caracterização Pessoal

Idade

As idades dos entrevistados variam entre os 20 e os 24 anos, definindo-se assim quatro grupos, um para cada faixa etária:

- sujeitos com 20 anos completos em Abril de 1994
- sujeitos com 21 anos completos em Abril de 1994
- sujeitos com 22 anos completos em Abril de 1994
- sujeitos com 23 anos completos em Abril de 1994
- sujeitos com 24 anos completos em Abril de 1994

Sexo

Os sujeitos enrevistados pertencem a ambos os sexos. Assim temos:

- indivíduos do sexo masculino
- indivíduos do sexo feminino

Estado Civil

Refere-se ao estado civil do sujeito. Definimos quatro grupos:

- Solteiro, e actualmente sem encontros de tipo amoroso (Cód 0 *)

* Códigos usados na Matriz de Recolha de Dados de Caracterização dos Sujeitos - *vide* Apêndice 1

- Solteiro, e mantem encontros de tipo amoroso com uma ou mais pessoas (Cód 1)
- Solteiro, com namorado(a) (Cód 2)
- Casado ou coabitando (Cód 3)

Figura Privilegiada

Refere-se à pessoa que é escolhida em primeiro lugar quando o sujeito é questionado com "existe alguém de quem se sinta particularmente próximo neste momento?" (questão inicial da Entrevista da Maturidade Relacional).

Figura Secundária

Refere-se à pessoa que é escolhida quando o sujeito é posto perante a seguinte questão: "para além da pessoa que acabou de descrever, exista mais alguém de quem se sente particularmente próximo?" (questão do guião da Entrevista da Maturidade Relacional).

Para estas duas categorias, definimos quatro grupos:

- Ninguém (Cód 0)
- Namorado(a) / Conjuge (Cód 1)
- Par do mesmo sexo (Cód 2)
- Par do sexo oposto (Cód 3)

Tempo de Relação (Figura Privilegiada)

Refere-se ao tempo de namoro, casamento ou coabitação nos sujeitos que se encontram em qualquer destas categorias.

No caso dos sujeitos que não referem ter envolvimento amoroso com a pessoa escolhida, o tempo de relação refere-se à duração do relacionamento de amizade.

Definimos cinco grupos para ambas as situações (sujeitos que escolhem o(a) namorado(a) e sujeitos que escolhem um(a) amigo(a)):

- não se aplica (Cód 0)
- um a três meses (Cód 1)
- quatro a onze meses (Cód 2)

- 12 a 35 meses (Cód 3)
- três a cinco anos (Cód 4)
- mais de cinco anos (Cód 5)

Tempo de Relação (Figura Secundária)

Refere-se ao tempo de relacionamento referido pelos sujeitos para com a pessoa escolhida em segundo lugar.

Definimos quatro grupos, de acordo com os diferentes períodos de desenvolvimento atravessados pelos sujeitos até ao presente:

- não se aplica (Cód 0)
- desde criança (amizades de infância, i.e., com mais de 8 anos de duração) (Cód1)
- desde o início da adolescência (amizades do tempo do ensino secundário, i.e., entre 3 e 8 anos de duração) (Cód 2)
- desde o final da adolescência (amizades recentes, i.e., até 3 anos de duração) (Cód 3)

Variáveis de Caracterização Familiar

Nível Social

O nível social é definido em termos do agregado familiar, podendo assumir um de dois significados:

- No caso dos indivíduos solteiros é definido em termos do nível social de origem (os pais)
- No caso de indivíduos casados ou vivendo juntos, o nível social é o do seu próprio agregado familiar.

Para determinar esta variável, utilizamos uma versão reduzida da classificação social de Graffar, que através de um sistema de pontuações parcelares, permitiu classificar os sujeitos em três níveis, segundo os seguintes critérios (vide Anexo III):

- Profissão
- Nível de instrução

Os níveis considerados foram:

- I - Alto / Médio - Alto - famílias com pontuações entre 2 e 4 pontos
- II - Médio - famílias com pontuações entre 5 e 7 pontos
- III - Médio - Baixo / Baixo - famílias com pontuações entre 8 e 10 pontos

Com quem habita

Refere-se à definição de com quem vive o sujeito. Foram definidos sete grupos:

- Vive com os pais
- Vive só com o pai
- Vive só com a mãe
- Vive com outros familiares que não os pais
- Vive sozinho
- Vive com cônjuge / companheiro
- Outras situações (lares, residências, quartos)

Fratria

Refere-se ao número de irmão do sujeito. Foram definidos três grupos:

- Nenhum irmão (o sujeito é filho único)
- O sujeito tem um ou dois irmãos
- O sujeito tem três ou mais irmãos

Figura parental mais importante

Refere-se à figura parental que é referida pelo sujeito como tendo um papel mais importante na sua vida (questão incluída na Entrevista dos Estatutos de Identidade). Definimos três grupos:

- A figura parental mais importante é a Mãe
- A figura parental mais importante é o Pai
- O sujeito não consegue discriminar entre as duas, respondendo "nenhuma" ou "ambas"

5. Selecção dos Sujeitos e Procedimento

Os participantes deste estudo são estudantes universitários do 2º e 3º ano do curso superior de Psicologia, do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, sendo a média de idades de 21 anos.

Para constituição da amostra, foi consultada a listagem de todos os sujeitos inscritos no 2º e 3º ano do curso de Psicologia no ano lectivo de 1993/94. Tendo-se procedido à ordenação por data de nascimento dos sujeitos, retivemos apenas os nascidos entre 1970 e 1974. Obtivemos assim uma população de 421 sujeitos, que após estratificados por sexo, foram sorteados e contactados telefonicamente, no sentido de obter a sua colaboração para a investigação, e definir hora e local para realização da entrevista (I.S.P.A. ou consultório pessoal).

Antes porém do estabelecimento do contacto directo com os entrevistados, procedemos a uma acção de sensibilização, em que com a colaboração dos professores de uma disciplina de cada ano, nos deslocamos à sala de aulas, onde explicámos os objectivos e a metodologia do nosso trabalho, solicitando a participação dos estudantes.

Os contactos telefónicos e as entrevistas, foram realizados por três licenciados em Psicologia, pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, por forma a evitar a possibilidade de relacionamento prévio, mesmo que superficial, entre os sujeitos e os entrevistadores.

Os três licenciados, dois do sexo masculino, e um do sexo feminino, são da área clínica, e foram previamente treinados no manejo das entrevistas e na compreensão do modelo subjacente.

Cada entrevista consistiu na administração de duas entrevistas semi estruturadas, a Entrevista dos Estatutos de Identidade, elaborada por J. Marcia (1980), e a Entrevista da Maturidade Relacional, desenvolvida por K. White e colaboradores (1989), que se encontram descritas atrás.

Cada estudante foi observado individualmente por um entrevistador.

Com vista à redução do viés causado pelo sexo do entrevistador, os sujeitos foram distribuído pelos entrevistadores de forma a cada um deles entrevistar igual número de rapazes e raparigas, perfazendo no cômputo da amostra total a seguinte distribuição:

Quadro I : Distribuição do género de pertença dos sujeitos pelo género de pertença dos entrevistadores.

	Género de pertença	Sujeitos		
		M	F	TOTAL
Entrevistadores	M	13	13	26
	F	13	13	26
				52

Cada entrevista tem a duração média aproximada de uma hora. Com vista a minimizar a influência de um instrumento sobre o outro, os entrevistadores foram instruídos no sentido de alternar a ordem de apresentação das entrevistas. Assim, em cerca de metade dos casos a entrevista de avaliação dos estatutos de identidade precedeu a entrevista de avaliação do nível de maturidade relacional, e em aproximadamente metade dos casos, passou-se o inverso, como podemos observar no quadro II.

Quadro II : Distribuição da ordem de apresentação das entrevistas em função do género de pertença dos sujeitos entrevistados.

Ordem de apresentação das entrevistas	Género de Pertença dos Sujeitos		TOTAL
	M	F	
Identidade-Intimidade	14	14	28
Intimidade-Identidade	12	12	24
			52

A observação foi sempre iniciada por um diálogo com o entrevistado, com vista ao estabelecimento de uma relação empática e facilitadora, procurando assim evitar as eventuais distorções introduzidas pelos sujeitos, porventura preocupados em dar respostas que fossem de encontro ao socialmente esperado para os temas em estudo.

As entrevistas foram realizadas no período entre Maio e Julho de 1994.

Foram realizadas 52 entrevistas, o que representa uma adesão de 61,9%, relativamente aos contactos efectuados no âmbito do universo seleccionado. Uma entrevista perdeu-se devido a problemas do registo áudio. A amostra ficou assim constituída por 51 sujeitos, 26 do sexo masculino, e 25 do sexo feminino.

As entrevistas foram gravadas em áudio, e transcritas para o papel. Seguidamente foram avaliadas por um júri, constituído por duas licenciadas em psicologia, familiarizadas com o modelo de estudo (a autora e outra), que de forma independente cotaram as entrevistas, globalmente e para cada uma das dimensões. A concordância inter-juízes foi de 87% para os estatutos de identidade, e de 60% para o nível de maturidade relacional. Para todas as situações onde as cotações eram discordantes, procedeu-se a uma discussão, tendo-se obtido as cotações finais com uma concordância inter-juízes de 100%.

6. Análise dos Dados

O tipo de análise de dados que efectuámos, e que iremos apresentar no capítulo seguinte consiste apenas na descrição das variáveis consideradas.

Assim descreveremos o comportamento de cada uma das variáveis atrás definidas - variáveis de caracterização pessoal e familiar, e variáveis relativas aos conceitos de identidade e intimidade - para a amostra considerada na sua globalidade, e subdividida em dois grupos, segundo o género de pertença dos sujeitos.

Esta opção de considerar sempre o comportamento das variáveis em estudo segundo a variável sexo, deve-se ao facto do género de pertença dos sujeitos constituir um dos eixos da problemática em causa no presente trabalho, como aliás temos vindo a referir.

Procurámos assim verificar como se comportaram os rapazes e raparigas estudados, para cada uma das variáveis, bem como saber qual a influência que as variáveis consideradas têm umas sobre as outras.

Ou seja, procurámos relacionar as variáveis entre si, no sentido de procurar descobrir influências entre as variáveis de caracterização pessoal e familiar, e as variáveis em estudo, os estatutos de identidade e os níveis de maturidade relacional, bem como destas entre si, sempre norteados pela separação da amostra pelos género de pertença dos sujeitos.

Estando sempre em jogo a comparação entre três variáveis - relação entre duas e o sexo - a tratamento estatístico mais adequado seria a análise *loglinear*.

A análise *loglinear* permite a análise das relações entre mais do que duas variáveis de cada vez, testando, de entre os modelos possíveis, aquele que melhor representa as relações entre as variáveis (Knoke & Burke, 1980). Ou seja, testa, de entre os modelos possíveis, aquele cujas frequências esperadas mais se aproximam das obtidas (Costa, 1991).

Os modelos *loglinear* não fazem distinção entre variáveis dependentes e independentes e são usados para examinar as relações entre variáveis categoriais - como é o caso dos estatutos de identidade, dos níveis de maturidade relacional, e das variáveis de caracterização pessoal e familiar utilizadas neste estudo - através da análise das células das frequências esperadas.

Apresenta mais vantagens do que o teste de χ^2 , na medida em que permite analisar as relações entre mais do que duas variáveis de cada vez, bem como saber, para além de que um dado modelo não se adequa aos resultados, saber qual o que melhor se adequa, e ao contrário do procedimento com o χ^2 , aceitar o modelo hipotetizado (Costa, 1991).

Porém, dadas as dimensões da nossa amostra, 25 indivíduos do sexo feminino e 26 do sexo masculino, quando se procede à categorização das variáveis, os valores obtidos em cada célula são muito baixos, quando não mesmo, nulos. Por essa razão, a análise *loglinear* não é aplicável, pois ela necessitaria de uma frequência de casos superior em cada célula (Knoke & Burke, 1980).

Esta situação poderia ser ultrapassada se procedêssemos ao agrupamento de categorias, o que aumentaria a frequência de casos por célula. Todavia, esta não é uma solução do nosso agrado pelas seguintes razões:

Por um lado, não nos parece teoricamente muito correcto agrupar estatutos de identidade e/ou níveis de maturidade relacional. Como temos vindo a expôr, apesar dos estatutos de identidade e dos níveis de maturidade relacional corresponderem a posições que o indivíduo ocupa num *continuum* desenvolvimental, cada estatuto de identidade e cada nível de maturidade relacional tem características próprias, corresponde a um modo específico de funcionamento, e é qualitativamente diferente dos demais.

Por outro lado, como iremos observar, o nível descritivo de análise dos dados, permitiu revelar alguns padrões na distribuição das variáveis, que nos deram pistas relativamente ao provável comportamento das mesmas, caso a amostra fosse maior. Devido à pequena dimensão da amostra, o agrupar das variáveis iria destruir esses padrões encontrados, e porventura revelar outros diferentes, que seriam destituídos de sentido.

Parece-nos que a opção metodologicamente mais correcta de tratar os resultados foi a que fizemos. Considerámos a possibilidade de utilizar uma análise *loglinear*, mas pelas razões apontadas optámos por fazer um trabalho mais simples, de descrição de variáveis, mas também em nosso entender, mais adequado aos dados que possuímos.

Terceira Parte

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

"Contrariamente a uma ideia muito espalhada, a actividade científica não tem por finalidade explicar o real - que, enquanto tal, é incognoscível, ou pelo menos, só é cognoscível na sua forma metafísica - mas sim responder a questões sobre o real."

(R. Boudon, "O Lugar da Desordem")

1. Considerações Gerais

O volume de informação recolhido foi de ordem a constituir um verdadeiro "banco de dados", cujo conteúdo passamos a designar:

- Um conjunto de 87 *cassetes* áudio de 60 e de 90 minutos onde estão registadas as entrevistas realizadas aos 51 jovens, perfazendo uma média de duas horas e meia por entrevista (entrevista conjunta dos Estatutos de Identidade e do Nível de Maturidade Relacional).

- Um arquivo de 51 entrevistas transcritas, manuscritas e dactilografadas, perfazendo mais de duas mil páginas A4, donde resulta uma média de 40 páginas por entrevista (entrevista conjunta dos Estatutos de Identidade e do Nível de Maturidade Relacional).

- Um ficheiro informatizado de dados relativos às 51 entrevistas, que para efeitos de tratamento estatístico foram devidamente codificados e tabulados utilizando o *package* estatístico S.A.S.

Um tal volume de informação inviabiliza a sua colocação em anexo neste trabalho, o que nos penaliza, na medida em que, o conteúdo das entrevistas é de tal forma rico, que a dada altura no processo de cotação das entrevistas, sentimos que a codificação dos conteúdos expressos pelos sujeitos, nas categorias previstas pelos modelos que nos serviam de suporte, não davam conta da riqueza do material recolhido, inversamente o compactavam, normalizando-o.

Sabemos porém que os modelos são isso mesmo, imagens, formas, representações, aproximações da realidade, que a constroem com o objectivo de tentar explicá-la. E ao constroê-la, focalizam a nossa atenção sobre uma parte daquilo que pretendemos conhecer, deixando desfocado uma enorme área desconhecida, ou pelo menos, "não reconhecida". Mas é exactamente esse processo que permite (re)conhecer aquele pedaço da realidade artificialmente isolado, codificado, ao qual se deu sentido.

Com a promessa em surdina de um dia se escrever um romance com todo aquele fascinante material, onde ele pudesse falar por si, sem constrangimentos, obrigámo-nos a formatar os conteúdos das entrevistas. Porém, como escreve Machado Pais (1993), a entrevista é sempre um *entre ver* daquilo que é pressentido:

"(...) a função da entrevista é chegar ao desconhecido, ao "não visto", ou melhor dizendo, somente ao "entrevisto". E o entrevistado é justamente o "visto imperfeitamente", o "mal visado", o apenas "previsto" ou "pressentido". (...) o *entre-vistado* acaba sempre por ser *visto* por *entre* névoas encobridoras do que pretendemos entrever."

(José Machado Pais, 1993)

Quer Machado Pais dizer com esta afirmação, que a informação que nos é fornecida através das entrevistas - qualquer que seja a sua natureza - não nos dá necessariamente a realidade, isto é a "realidade" que geralmente se pensa ser "real", constituída pelo universo de significações sociais, mas antes dá-nos acesso a uma outra realidade, a que resulta da *forma* como os jovens descrevem a sua própria realidade, ou seja todas as formas de expressão que incluem as ironias, o humor, e toda a linguagem não verbal.

A procura de objectividade e de rigor neste estudo levou-nos a seguir à letra as instruções dos autores, e assim as entrevistas foram cotadas por pessoas que não as que realizaram as entrevistas, e apenas com base nos registos escritos das mesmas, por forma a minimizar os efeitos possíveis do estabelecimento de uma relação de confiança e de empatia, ou inversamente, de desagrado para com o entrevistado, que pudesse interferir na avaliação dos Estatutos de Identidade e dos Níveis de Maturidade Relacional.

Sabemos que com este procedimento poderemos ter perdido toda a riqueza do universo de significação que são as formas de expressão, e daquilo que é entre-dito no contexto de uma relação, em prol de um acentuar do elemento formal que se traduz nas tomadas de posição e nos juízos de valor daquilo que é dito.

Esse era porém o objectivo do nosso estudo, saber como os sujeitos se posicionam, que imagens e representações têm de si próprios e da relação que estabelecem com as suas figuras privilegiadas. E mesmo tendo consciência de que o que é dito nem sempre corresponde ao que é pensado, e muito menos ao que é agido, optámos por correr o risco.

2. Apresentação e Discussão dos Resultados Obtidos

Passamos agora a apresentar os resultados obtidos. Em primeiro lugar apresentaremos de forma descritiva os dados que caracterizam a nossa amostra de acordo com as variáveis pessoais e familiares que controlámos, por forma a responder à questão que de como é constituída a amostra.

Seguidamente apresentaremos os dados relativos ao resultado da cotação dos instrumentos utilizados - entrevista dos estatutos de identidade e entrevista da maturidade relacional - de forma a sabermos como se comporta a amostra em termos das variáveis em estudo, isto é, qual ou quais os estatutos de identidade e níveis de maturidade relacional mais e menos frequentes, na amostra total, e em cada género de pertença dos sujeitos.

No momento seguinte, passaremos à descrição do comportamento da amostra em termos das variáveis em estudo, em função das variáveis de caracterização pessoal e familiar, no sentido de detectar eventuais inter relações que possam suscitar a nossa curiosidade, entre estatutos de identidade, nível de maturidade relacional e cada uma das variáveis de caracterização controladas por nós.

Finalmente, procederemos à comparação entre os estatutos de identidade e os níveis de maturidade relacional, em ordem a tentar encontrar padrões de relação entre as variáveis, para a amostra global, e para cada um dos géneros de pertença dos sujeitos.

Num primeiro momento, ao nível da sequência desenvolvimental identidade - intimidade, por forma a tentar responder à questão da necessidade de um elevado estatuto de identidade, como determinante de alto nível de maturidade relacional.

Depois, comparando os resultados entre o nível de maturidade relacional global e cada uma das áreas da identidade avaliadas, no sentido de detectar áreas da identidade melhor preditoras de níveis de maturidade relacional elevados, para cada um dos géneros de pertença dos sujeitos.

Dado o reduzido tamanho da amostra, não foi possível preencher *a posteriori* todas as categorias necessárias para uma adequada representatividade dos sujeitos relativamente à população geral. Como também já referimos, este facto impediu também que partíssemos para uma estatística mais sofisticada de nível inferencial.

Assim, os resultados obtidos reflectem apenas o comportamento da amostra investigada e nada mais. Não será pois possível extrair qualquer conclusão que ultrapasse o âmbito da amostra em estudo, não sendo correcta qualquer inferência ou generalização para a população geral.

Na análise e discussão dos resultados, iremos extrair conclusões pontuais e efectuar comparações com outros estudos realizados, por forma a melhor compreender e enquadrar teoricamente os resultados encontrados.

Temos no entanto presente, que estas conclusões são apenas válidas para a amostra investigada, e que o seu valor reside apenas na possibilidade de construção de hipóteses para serem testadas em futuros estudos com amostras representativas.

2.1. Variáveis de Caracterização Pessoal⁽¹⁾

Como atrás referimos, as variáveis que escolhemos para a caracterização pessoal dos sujeitos resultam de uma recolha efectuada *a posteriori*, a partir do material recolhido na entrevista e de alguns dados de identificação, nomeadamente a idade, dentro da classe etária por nós definida inicialmente, e o estado civil. Passamos agora a descrever como é que os sujeitos se distribuem por estas variáveis.

Idade dos sujeitos

Quadro 2.1.I - Distribuição em percentagens da amostra por Idade em função do género de pertença dos sujeitos

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	IDADE (%)					
	20	21	22	23	24	
MASCULINO (N=26)	3,8	42,4	23,1	26,9	3,8	100,0
FEMININO (N=25)	32,0	8,0	36,0	20,0	4,0	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	17,6	25,5	29,4	23,5	4,0	100,0

Como podemos observar, o número de sujeitos distribui-se de forma desigual pelas faixas etárias consideradas, encontrando o grupo de sujeitos de 22 anos uma maior representatividade (29,4%), relativamente aos outros grupos etários.

Dado o desequilíbrio existente nos grupos extremos, nomeadamente no grupo dos rapazes com 20 anos (1 sujeito) e em ambos os sexos no grupo dos 24 anos (1 sujeito), optaremos por considerar nas análises subseqüentes, apenas três faixas etárias: 20-21 anos (43,1% da amostra), 22 anos (29,4%) e 23-24 anos (27,5%).

(1) Para uma definição das variáveis, ver atrás Segunda Parte - Metodologia - ponto 3 - Definição das variáveis.

Estado Civil

Quadro 2.1.II - Distribuição em percentagens da amostra por Estado Civil em função do género de pertença dos sujeitos.

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	ESTADO CIVIL (%)				
	solteiro s/ encontros amorosos	solteiro c/ encontros amorosos	solteiro c/ namorado/a	casado	
MASCULINO (N=26)	19,3	11,5	69,2	0,0	100,0
FEMININO (N=25)	32,0	8,0	56,0	4,0	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	25,5	9,8	62,7	2,0	100,0

A maioria dos sujeitos, quer sejam rapazes ou raparigas encontram-se numa situação de solteiros com um(a) namorado(a) (62,7% da amostra). Em menor número aparecem os sujeitos solteiros e que não estão envolvidos em nenhuma ligação de carácter romântico (25,5% da amostra), onde predominam as raparigas (32% do sexo feminino contra 19,3% do sexo masculino).

Em número mais reduzido aparecem os sujeitos solteiros e que se encontram envolvidos romanticamente com uma ou mais pessoas, sem que nenhuma dessas relações seja reconhecida pelos próprios como um namoro (9,8% da amostra). Curiosamente a diferença entre rapazes e raparigas é apenas de um sujeito, resultando uma distribuição de 11,5% de rapazes e 8,0% de raparigas nesta situação. Encontrámos apenas um sujeito casado, que pertence ao grupo das raparigas.

Figura Privilegiada

Considerámos como figura privilegiada a resposta dada pelos sujeitos à primeira pergunta da entrevista da Maturidade Relacional "*Há alguém de quem se sinta particularmente próximo neste momento?*"

Quadro 2.1.III - Distribuição em percentagens da amostra por Figura Privilegiada em função do género de pertença dos sujeitos.

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	FIGURA PRIVILEGIADA (%)				
	Ninguém	namorado. /cônjuge	par do mesmo sexo	par do sexo oposto.	
MASCULINO (N=26)	11,5	69,3	3,8	15,4	100,0
FEMININO (N=25)	0,0	56,0	32,0	12,0	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	5,9	62,7	17,7	13,7	100,0

A maioria dos sujeitos (62,7%) da amostra respondeu o namorado(a) / cônjuge. De notar que este grupo representa a totalidade de entrevistados que afirmaram estar envolvidos numa relação de namoro / casamento (62,7%).

Nos sujeitos que não estão envolvidos numa relação de namoro, 15,4% dos rapazes escolhem um par do sexo oposto para pessoa de maior proximidade, e 32% das raparigas escolhem um par do mesmo sexo. Ou seja, parece haver, nos sujeitos sem namorado, independentemente do seu género de pertença, uma preferência clara para escolher figuras femininas para as relações de maior proximidade afectiva.

De notar ainda que nos inquiridos, três rapazes disseram não estar particularmente próximos de ninguém em especial, por não distinguirem ninguém num grupo de amigos. Em contrapartida nenhuma das raparigas entrevistadas deu essa resposta, sendo bastante clara a eleição de uma pessoa especial.

Tempo de Relacionamento com a Figura Privilegiada

Quadro 2.1.IV - Distribuição em percentagens da amostra por tempo de relacionamento com a Figura Privilegiada em função do género de pertença dos sujeitos.

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	TEMPO DE RELACIONAMENTO C/ FIGURA PRIVILEGIADA (%)						
	Não se aplica	1 a 3 meses	4 a 11 meses	12 a 35 meses	3 a 5 anos	mais de 5 anos	
MASCULINO (N=26)	11,5	23,1 (19,2)	11,6 (11,6)	34,6 (27)	7,7 (7,7)	11,5 (3,8)	100,0
FEMININO (N=25)	0,0	4,0	12,0 (12,0)	20,0 (16,0)	16,0 (12,0)	48,0 (25,0)	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	5,9	13,7	11,8	27,4	11,8	29,4	100,0

O tempo de relacionamento com a pessoa considerada pelos sujeitos como sendo aquela que está mais próxima de si, é o tempo de amizade ou de namoro, conforme os casos, sendo que nas células em que aparece mais do que um valor, o número entre parêntesis indica a percentagem de sujeitos que estão envolvidos numa relação de namoro para o tempo considerado, e fora de parêntesis a percentagem total de sujeitos naquela condição.

Conforme podemos verificar, as raparigas referem ter relações de grande proximidade mais longas que os rapazes - 48% das raparigas relacionam-se com alguém intimamente há mais de 5 anos, contra apenas 11,5% dos rapazes. Estes dividem-se em dois grandes grupos, aqueles que têm relacionamentos com duração entre um e três anos, e aqueles que consideram como pessoa mais próxima de si, pessoas com quem se envolveram recentemente (um a três meses).

De notar que nestes relacionamentos uma percentagem importante são, em ambos os sexos, relacionamentos de namoro. No grupo das raparigas que têm um relacionamento há mais de cinco anos, 25% são namoros, contra apenas um caso masculino. Nos rapazes, nos envolvimento recentes, 19,2% são namoros, contra um caso na amostra feminina.

Figura Secundária

Considerámos como figura secundária a resposta dada pelos sujeitos à questão colocada na entrevista da Maturidade Relacional "*Para além da pessoa que acabou de descrever, existe mais alguém de quem se sente particularmente próximo?*"

Quadro 2.1.V- Distribuição em percentagens da amostra por Figura Secundária em função do género de pertença dos sujeitos.

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	FIGURA SECUNDÁRIA (%)				
	Ninguém	namorado. /cônjuge	par do mesmo sexo	par do sexo oposto.	
MASCULINO (N=26)	34,6	0,0	65,4	0,0	100,0
FEMININO (N=24)*	20,9	0,0	58,2	20,9	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=50)	28,0	0,0	62,0	10,0	100,0

* Por lapso esta questão não foi colocada a um dos sujeitos

A maioria dos sujeitos de ambos os sexos escolhem como segunda pessoa mais próxima um par do mesmo sexo - 62% da amostra total. Não é de espantar que nenhuma inquirido tenha escolhido o namorado / cônjuge, porque, como vimos esta opção foi esgotada na questão anterior.

Porém é interessante verificar que existe uma bipartição da amostra masculina entre designar um amigo, e não designar ninguém - 34,6% da amostra masculina - tendência que é menos escolhida pelas raparigas, que escolhem em igual percentagem amigos do sexo oposto.

Não deixa de ser curioso constatar, que quando consideramos a amostra total, 28% dos inquiridos, isto é, quase um terço da amostra não conseguem designar mais uma pessoa com quem tenham um relacionamento de intimidade, para além da primeira escolha, que como vimos recaiu em maioria para o(a) namorado(a).

Tempo de Relacionamento com a Figura Secundária

Quadro 2.1.VI - Distribuição em percentagens da amostra por tempo de relacionamento com a Figura Secundária em função do género de pertença dos sujeitos.

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	TEMPO DE RELACIONAMENTO C/ FIGURA SECUNDÁRIA (%)				
	Não discrimina	amizade de infância (+ de 8 anos)	amizade de escola (3 a 5 anos)	amizade recente (até 3 anos)	
MASCULINO (N=26)	34,6	34,6	19,2	11,5	100,0
FEMININO (N=24)	20,8	12,5	33,3	33,3	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=50)	28,0	24,0	26,0	22,0	100,0

Se considerarmos as diferenças de género, a tendência manifestada no tempo de relação com a figura privilegiada inverte-se. Agora são os rapazes que tendem a preferir amizades de longa duração - 34,6% dos casos referem-se a amigos de infância, contrariamente às raparigas que tendem a preferir para amigas íntimas, colegas de curso (33,3% de amizades recentes) e colegas de liceu (33,3% dos casos).

Em suma, se quisermos responder à questão "quem são os nossos entrevistados ?" poderemos dizer que o nosso jovem tem uma idade média de aproximadamente 21 anos, (21,8 anos na amostra masculina, e 21,6 anos na amostra feminina), maioritariamente com namorado, pessoa que é por ambos os sexos considerada como a figura com a qual têm uma relação de maior intimidade.

As raparigas tendem a ter relações de namoro mais longas que os rapazes (cinco ou mais anos, o que atendendo à sua idade são relações bastante longas), e a escolherem para figura secundária em termos de proximidade afectiva outra rapariga, que geralmente conheceram no curso superior que frequentam, ou nos últimos anos do liceu. Quando não têm namorado, tendem a escolher para figuras privilegiadas pares do mesmo sexo.

Os rapazes da nossa amostra estão envolvidos em relações de namoro mais recentes, parte deles apenas com poucos meses de duração. No entanto privilegiam as suas namoradas recentes aos seus amigos, quando se trata de escolher uma figura mais importante em termos de proximidade afectiva.

Quando não têm namorada tendem a escolher para amigos pessoas do sexo feminino, ou então preferem não estar especialmente próximos de ninguém. Para figura secundária, a grande maioria refere os amigos de infância, ou então, mais uma vez, ninguém em especial.

O quadro resumo 2.1.VII apresenta em valores absolutos a informação que acabámos de descrever.

Idade, Estado Civil, Figura Privilegiada, Tempo de Relacionamento com essa figura, Figura Secundária, e Tempo de Relacionamento respectivo, em função do Género dos Sujeitos.

(Valores absolutos)

VARIÁVEL	IDADE				ESTADO CIVIL				FIGURA PRIVILEGIADA				TEMPO DE RELACIONAMENTO						
	20	21	22	23	24	Solteiro s/ encontros	Solteiro c/ encontros	Solteiro c/ namorado	Casado	Ninguém	Namorado /conjuge	Par do mesmo sexo	Par do sexo oposto	Não se aplica	1 a 3 meses	4 a 11 meses	12 a 35 meses	3 a 5 anos	Mais de 5 anos
M (N = 26)	1	11	6	7	1	5	3	18	0	3	18	1	4	3	6 (5) *	3 (3)	9 (7)	2(2)	3 (1)
F (N = 25)	8	2	9	5	1	8	2	14	1	0	14	8	3	0	1	3 (3)	5 (4)	4 (3)	12 (4)
TOTAL (N = 51)	9	13	15	12	2	13	5	32	1	3	32	9	7	3	7 (5)	6 (6)	14 (11)	6 (5)	15 (4)

(*) Os parêntesis indicam o tempo de relacionamento de namoro. Ex: Na célula "Tempo de Relacionamento de um a três meses" para o género masculino, 6 (5) significa que dos 6 sujeitos que se relacionam com a figura privilegiada até há 3 meses, cinco estão envolvidos numa relação de namoro com essa figura, sendo o restante caso uma relação de amizade.

VARIÁVEL	FIGURA SECUNDÁRIA **				TEMPO DE RELACIONAMENTO **			
GÊNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	Ninguém	Namorado /conjugue	Par do mesmo sexo	Par do sexo oposto	Não Discrimina	Amizade de infância (+ de 8 anos)	Amizade de escola (3 a 5 anos)	Amizade recente (até 3 anos)
M (N = 26)	9	0	17	0	9	9	5	3
F (N = 24)**	5	0	14	5	5	3	8	8
TOTAL (N = 50)	14	0	31	5	14	12	13	11

(**) Esta questão não foi colocada a uma das respondentes, pelo que a amostra feminina para esta variável é de 24 sujeitos.

2.2. Variáveis de Caracterização Familiar ⁽¹⁾

Como temos vindo a referir, as variáveis que escolhemos para a caracterização familiar dos sujeitos resultam de uma recolha efectuada a posteriori, a partir do material recolhido na entrevista, e são o nível social, com quem vive o sujeito, a fratria e a figura parental referida como mais importante

Nível Social

Para a classificação do nível social utilizámos uma versão reduzida da classificação social de Graffar, que pode ser consultada no Anexo III.

Quadro 2.2.I - Distribuição em percentagens da amostra por Nível Social em função do género de pertença dos sujeitos

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	NÍVEL SOCIAL (%)			
	Alto / Médio Alto	Médio	Médio Baixo / Baixo	
MASCULINO (N=26)	50,0	46,2	3,8	100,0
FEMININO (N=25)	60,0	36,0	4,0	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	54,9	41,2	3,9	100,0

Os três níveis sociais considerados, alto / médio - alto, médio, médio - baixo / baixo, encontram-se representados na nossa amostra, embora com pesos diferentes. De facto mais de metade dos inquiridos pertence ao nível social alto / médio - alto (54,9% dos casos), embora o nível social médio encontre alguma expressão, principalmente nos rapazes (46,2% da amostra masculina). Ao nível médio - baixo / baixo pertencem apenas um rapaz e uma rapariga.

(1) Para uma definição das variáveis, ver atrás Segunda Parte - Metodologia - ponto 3 - Definição das variáveis.

Com quem vive o sujeito

Quadro 2.2.II - Distribuição em percentagens da amostra por Situação Habitacional (vive com os pais ou sem os pais) em função do género de pertença dos sujeitos

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	COM QUEM VIVE (%)		
	COM OS PAIS	SEM OS PAIS	
MASCULINO (N=26)	88,5 (27)	11,5 (7,7)	100,0
FEMININO (N=25)	88,0	12,0 (0)	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	88,2	11,8	100,0

Inicialmente considerámos uma grande variedade de situações habitacionais possíveis (*vide* Definição das Variáveis), mas atendendo à concentração das respostas dos sujeitos, optámos por considerar apenas dois grupos, viver com os pais e viver sem os pais.

Como podemos observar a grande maioria dos inquiridos habita com os pais (88,2% da amostra). No grupo dos rapazes, cerca de 27% habita só com o pai ou só com a mãe, referindo-se o valor de 88,5 % à totalidade de rapazes que habitam com os pais, seja ou não uma família monoparental. Esta situação não foi encontrada em nenhuma das raparigas.

Os 11,8% da amostra referem-se a sujeitos que vivem com outros familiares (um rapaz e uma rapariga), que vivem sozinhos (dois rapazes), que habitam em quartos (uma rapariga) ou que são casados (uma rapariga). De notar que pudemos apurar que dos dois rapazes que vivem sozinhos, nenhum o faz assumidamente e por vontade própria, devendo-se essa situação a factores alheios à sua vontade.

Fratria (número de irmãos do sujeito)

Quadro 2.2.III - Distribuição em percentagens da amostra por Número de Irmãos em função do género de pertença dos sujeitos

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	FRATRIA (%)			
	0 (filho único)	1 ou 2 irmãos	+ de 3 irmãos	
MASCULINO (N=26)	15,4	76,9	7,7	100,0
FEMININO (N=25)	12,0	76,0	12,0	100,0
AMOSTRA TOTAL (N=51)	13,7	76,5	9,8	100,0

Cerca de dois terços da amostra total, igualmente repartidos entre os rapazes e as raparigas têm entre um e dois irmãos. Nas outras duas situações consideradas, encontramos nos rapazes um predomínio de filhos únicos relativamente às fratrias numerosas (15,4% vs 7,7%), e nas raparigas um equilíbrio entre as raparigas sem irmãos e as famílias com mais de três filhos (12% dos casos em cada situação considerada).

Figura Parental mais Importante

Esta variável refere-se à figura parental que é referida pelo sujeito como tendo um papel mais importante na sua vida (questão incluída na Entrevista dos Estatutos de Identidade).

Quadro 2.2.IV - Distribuição em percentagens da amostra por Figura Parental referida como mais importante em função do género de pertença dos sujeitos

GÉNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.	FIGURA PARENTAL + IMP.(%)			
	MÃE	PAI	Não discrimina	Não responde
MASCULINO (N=21)	50,0	15,4	15,4	19,2
FEMININO (N=22)	44,0	12,0	32,0	12,0
AMOSTRA TOTAL (N=43)*	47,1	13,7	23,5	15,7

* Por lapso esta questão não foi colocada a 8 sujeitos

Inicialmente definimos três situações, considerar como figura privilegiada a mãe, o pai, ou a não discriminação entre eles, dada pelas respostas "nenhuma" e "ambos". Porém, devido a lapso nas entrevistas esta questão não foi colocada a cinco rapazes e três raparigas, valores que aparecem sob a forma de percentagem na coluna "não responde".

Como podemos observar há uma tendência para escolher a mãe como figura parental mais importante, quer por parte dos rapazes, quer por parte das raparigas (50% e 44% respectivamente). É de notar o valor assumido pela incapacidade em discriminar entre as duas figuras parentais, que se faz sentir com maior peso no grupo das raparigas (32% dos casos), embora também assuma alguma expressão junto dos rapazes (15,4% do género masculino), perfazendo assim 23,5% da amostra total.

Porém estes valores deverão ser interpretados com alguma reserva, na medida em que como já referimos, perdemos nesta pergunta, uma parte importante da amostra (8 casos), valor que altera substancialmente os dados, quando temos apenas 51 sujeitos.

A procedermos novamente à caracterização da amostra, diremos que pertencem na sua maioria ao nível social alto / médio - alto e médio (o que não é de estranhar atendendo a que a amostra foi recolhida numa instituição privada de ensino superior) habitam com os pais, têm maioritariamente entre um e dois irmãos, e quando questionados sobre qual a figura parental mais importante tendem a escolher a figura materna.

O quadro resumo 2.2.V apresenta a distribuição em valores absolutos da amostra pelas variáveis consideradas.

QUADRO 2.2.V - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA PELAS VARIÁVEIS DE CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR:

Nível Social, Com Quem Vive, Fratria e Figura Parental Mais Importante, em função do Género de Pertença dos Sujeitos
(Valores Absolutos)

VARIÁVEL	NÍVEL SOCIAL			COM QUEM VIVE										FRATRIA (Nº DE IRMÃOS)				FIGURA PARENTAL MAIS IMPORTANTE (N = 43)*			
	Alto / Médio alto	Médio	Médio baixo / Baixo	COM OS PAIS				SEM OS PAIS						0 (filho único)	1 ou 2 irmãos	Mais de 3 irmãos	Mãe	Pai	Não discri- mina		
				Com os pais	Só com o pai	Só com a mãe	Com outros familiares	Sózinho	Com o cônjuge	Outras situações (lares, residências etc.)											
GÊNERO DE PERTENÇA DOS SUJ.																					
M (N = 26)	13	12	1	16	3	4	1	2	0	0	4	20	2	13	4		4	4			
F (N = 25)	15	9	1	22	0	0	1	0	1	1	3	19	3	11	3		3	8			
TOTAL (N = 51)	28	21	2	38	3	4	2	2	1	1	7	39	5	24	7		7	12			

* Esta questão não foi colocada a cinco rapazes e a três raparigas , pelo que a amostra para esta variável é de 21 sujeitos do género masculino e 22 sujeitos do género feminino num total de 43 sujeitos.

2.3. Estatutos de Identidade

Quadro 2.3. I - Distribuição da amostra total pelos Estatutos de Identidade - global e por área (valores absolutos e percentagens)

	ÁREAS DA IDENTIDADE					ESTATUTO DE IDENTIDADE GLOBAL
	OCUPAÇÃO	RELIGIÃO	POLÍTICA	PAPEIS SEXUAIS	SEXUALIDADE	
ESTATUTOS DE IDENTIDADE						N %
<i>IDENTITY ACHIEVEMENT</i>	18 35,3%	9 17,6%	10 19,6%	13 25,5%	16 31,4%	13 25,5%
<i>FORECLOSURE</i>	4 7,8%	11 21,6%	9 17,6%	14 27,5%	14 27,5%	15 29,4%
<i>MORATORIUM</i>	13 25,5%	11 21,6%	10 19,6%	9 17,6%	10 19,6%	13 25,5%
<i>IDENTITY DIFFUSION</i>	16 31,4%	20 39,2%	22 43,2%	15 29,4%	11 21,6%	10 19,6%
TOTAL (N) (%)	51 100%	51 100%	51 100%	51 100%	51 100%	51 100%

Da observação do quadro constatamos que os sujeitos se distribuem de forma equilibrada pelos quatro estatutos de identidade, quando considerados globalmente. De facto, dos 51 sujeitos, encontramos 13 sujeitos em *Identity Achievement*, 15 em *Foreclosure*, 13 em *Moratorium*, e 10 em *Identity Diffusion*, quando consideramos a amostra total.

Quando nos debruçamos sobre as várias áreas da identidade consideradas, encontramos a seguinte distribuição dos estatutos de identidade:

Na área da Ocupação mais de metade dos sujeitos encontram-se ou no estatuto *Identity Achievement* ou no seu pólo oposto, isto é *Identity Diffusion* (35,3% e 31,4% da amostra respectivamente).

Na esfera ideológica, ou seja, nas áreas religiosa e política, é bastante marcado o predomínio dos sujeitos no estatuto *Identity Diffusion* (39,2% e 43,2% respectivamente).

Já na área interpessoal / sexual (papeis sexuais e sexualidade), há um maior equilíbrio entre os estatutos, destacando-se, embora com pouca margem, os estatutos *Identity Diffusion* e *Foreclosure* na área dos papeis sexuais (29,4% e 27,5% respectivamente), e os estatutos *Foreclosure* e *Identity Achievement* na área da sexualidade (27,5% e 31,4% respectivamente) .

Para observarmos a contribuição da variável género de pertença dos sujeitos sobre estes valores, observemos o Quadro 2.2.IV.

Quadro 2.2.IV - Comparação entre os sexos da distribuição da amostra pelos Estatutos de Identidade - global e por área (valores absolutos e percentagens)

ÁREAS DA IDENTIDADE												ESTATUTO DE IDENTIDADE GLOBAL		
ESTATUTOS DE IDENTIDADE	OCUPAÇÃO		RELIGIÃO		POLÍTICA		PAPEIS SEXUAIS		SEXUALIDADE		M	F	N	N
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	%	%	%	%
IDENTITY ACHIEVEMENT	5 19,2%	13 52,0%	9 34,6%	0	8 30,8%	2 8,0%	8 30,8%	5 20,0%	10 38,5%	6 24,0%	9 34,6%	4 16,0%		
FORECLOSURE	0 16%	4	2 7,7%	9 36,0%	4 15,4%	5 20,0%	6 23,1%	8 32,0%	4 15,4%	10 40,0%	4 15,4%	11 44,0%		
MORATORIUM	10 38,5%	3 12,0%	6 23,1%	5 20,0%	8 30,8%	2 8,0%	3 11,5%	6 24,0%	7 26,9%	3 12,0%	8 30,8%	5 20,0%		
IDENTITY DIFFUSION	11 42,3%	5 20,0%	9 34,6%	11 44,0%	6 23,1%	16 64,0%	9 34,6%	6 24,0%	5 19,2%	6 24,0%	5 19,2%	5 20,0%		
TOTAL (N)	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25		
(%)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%		

Quando fazemos a comparação entre os sexos relativamente ao estatuto de identidade global, verificamos que os rapazes tendem a estar nos estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium* (35% e 31% respectivamente) enquanto que o maior número de raparigas se encontra no estatuto *Foreclosure* (44% das raparigas).

Se atendermos à distribuição dos estatutos pelas áreas avaliadas, encontramos os seguintes resultados:

Na área ocupacional, os estatutos *Moratorium* e *Diffusion* encontram um predomínio de rapazes (38,5% e 42,3% respectivamente), em claro contraste com o estatuto *Identity Achievement*, onde se posicionam mais de metade (52,0%) das raparigas.

Na área ideológica - religião e política - a amostra feminina posiciona-se claramente no estatuto *Identity Diffusion* (44,0% dos casos na identidade religiosa e 64,0% na identidade política). Já o grupo dos rapazes divide-se entre os dois pólos do *continuum*, isto é, entre as posições de *Identity Achievement* e de *Identity Diffusion* na área da religião - 34,6% em ambos os casos - e entre os estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium* - 30,8% em ambos os estatutos - para a área política.

Quanto à área interpessoal sexual, as raparigas tendem a distribuir-se pelos quatro estatutos de identidade, embora haja uma maior percentagem de raparigas que se posicionam no estatuto *Foreclosure*, quer na área dos papéis sexuais (32,0%), e principalmente na área da sexualidade (44,0% da amostra feminina). Nos rapazes verifica-se uma oposição interessante nesta área, na medida em que os rapazes tendem a posicionar-se no estatuto *Identity Diffusion* para a área dos papéis sexuais (34,6%), e no estatuto *Identity Achiever* para a área da sexualidade (38,5% da amostra masculina).

Discussão

Não deixa de ser curioso verificar o equilíbrio obtido ao nível da distribuição da amostra pelos quatro estatutos de identidade

De acordo com a teoria, seria de esperar que, dada a idade dos sujeitos, encontrássemos um maior número de sujeitos nos estatutos de identidade conceptualizados como mais maduros (*Identity Achievement* e *Moratorium*), bem como um menor peso relativo do estatuto *Foreclosure*, e um número reduzido de sujeitos no estatuto *Identity Diffusion*. Como vimos, não são esses os resultados por nós encontrados.

Será no entanto interessante comparar com os resultados obtidos junto de uma população portuguesa de estudantes universitários da região do Porto no ano lectivo de 1984/85.

Em termos de amostra global os resultados obtidos por Costa (1991) foram também equilibrados em termos da distribuição da amostra pelos três estatutos de identidade - *Identity Achievement* 31,6%, *Foreclosure*, 38,8% e *Moratorium*, 20,4% dos inquiridos, apesar de mais próximos do esperado que os resultados do presente estudo. Apenas o estatuto *Identity Diffusion*, de acordo com a teoria, registou uma percentagem mais baixa relativamente aos restantes, de 9,2% de sujeitos.

Dez anos mais tarde encontrámos apenas mais 6,1% de sujeitos em *Identity Achievement*, e 5,1% sujeitos em *Moratorium*, registando-se as maiores diferenças ao nível do estatuto *Foreclosure*, com um decréscimo de 9,4%, e do estatuto *Identity Diffusion*, com um aumento de 10,4% de sujeitos.

Os mesmos sujeitos foram avaliados no final do seu curso superior, três anos mais tarde, tendo-se verificado a seguinte variação nos estatutos de identidade: um aumento de 7,3% de sujeitos no estatuto *Identity Achievement*, um decréscimo de 9,0% do estatuto *Foreclosure*, um aumento de 1,8% de sujeitos em *Moratorium* e uma variação de apenas um ponto percentual a menos no estatuto *Identity Diffusion*.

Curiosamente nos estatutos intermédios - *Foreclosure* e *Moratorium* - há uma proximidade bastante grande dos valores de Costa relativamente aos encontrados por nós (*Foreclosure* 29,8% e *Moratorium* 22,2%). É nos estatutos extremos que encontramos a maior discrepância, de menos 13,4% de sujeitos no estatuto *Identity Achievement*, e de mais 10,5% de *Identity Diffusion*, relativamente a 1987/88.

Em suma, se comparamos os resultados obtidos por nós com o estudo de Costa - ressaltando as diferenças em termos de tamanho da amostra, processo de amostragem, curso superior frequentado e zona geográfica - verificamos que num período de 10 anos, houve uma diminuição do número de sujeitos nos estatutos *Identity Achievement* e *Foreclosure*, e um aumento de sujeitos nos estatutos *Moratorium* e *Diffusion*.

Ou seja, os estatutos que implicam o reconhecimento de um forte sentido de identidade por parte dos sujeitos, diminuíram, sendo agora mais frequente encontrar na população juvenil de estudantes universitários, sujeitos que estão ainda em processo de definição da sua identidade, ou mesmo sujeitos que não iniciaram sequer esse processo.

Para compreender estes resultados poderá ser útil um olhar sobre as contribuições da amostra masculina e feminina.

De facto, quando subdividimos a amostra total nos géneros de pertença dos sujeitos, verificamos que a contribuição para o elevado número de *Foreclosures* é dada pelas raparigas, uma vez que os rapazes tendem a posicionar-se nos estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium*, no que diz respeito ao estatuto de identidade global.

Ou seja, um primeiro aspecto em termos de identidade global ressalta desde já: cerca de metade dos jovens que constituem a nossa amostra demonstram ter assumido um compromisso em termos de adopção de valores e crenças, que lhes permite definirem objectivos e reconhecerem-se como pessoas, isto é estabeleceram já um sentido de identidade.

Porém, o processo para atingir esse estágio é que parece ter sido diferente em rapazes e raparigas. Enquanto que nos rapazes terá resultado de um processo de exploração e questionar activo sobre valores alternativos aos da infância, as raparigas não terão atravessado esse período de exploração, tendo adoptado sem grande questionar, as normas e valores parentais.

Quanto à outra metade da amostra, cerca de 20,0% dos rapazes e raparigas encontram-se no pólo oposto, isto é, não apresentam nenhum comprometimento ideológico e/ou comportamental, nem tão pouco estão envolvidos num processo de exploração de alternativas rumo à definição de si próprios.

Os restantes casos encontram-se em fases mais ou menos avançadas de um processo de moratória, onde é visível o desejo de responder a questões, e de traçar um rumo.

Se compararmos novamente com o estudo de Costa (1991), verificamos que as diferenças entre os sexos encontradas por esta autora são menores das que as encontradas no nosso estudo.

Em 1987/88 a maior percentagem de rapazes e de raparigas situava-se no estatuto *Foreclosure*, com um valor para as raparigas aproximado daquele que encontramos no presente estudo (40,8% de raparigas *Foreclosure* - menos 3,8% que no nosso estudo), e com um valor francamente superior para os rapazes (36,8% de rapazes *Foreclosure* no estudo de Costa - mais 21,8% de casos que no presente trabalho).

Ou seja há dez anos, quer rapazes, quer raparigas posicionavam-se em termos de identidade global no estatuto *Foreclosure*.

O estatuto *Identity Achievement* reunia também uma boa parte quer dos rapazes, quer das raparigas. Assim, 32,8% dos rapazes e 30,4% das raparigas demonstraram ter a sua identidade global adquirida - menos 2,2% dos rapazes e mais 14,4% das raparigas do que na nossa amostra.

Os restantes dois estatutos apresentaram também valores muito próximos quando comparamos os géneros de pertença, mas bastante distantes daqueles encontrados por nós, como acima já referimos. Assim, para 20,8% de rapazes e 20,0% de raparigas no estatuto *Moratorium*, encontrámos agora 31,0% de rapazes, e a mesma percentagem de raparigas. Para 9,6% de rapazes e 8,8% de raparigas no estatuto *Identity Diffusion*, encontramos agora 19,0% e 20,0% respectivamente.

A análise três anos mais tarde revelou algumas diferenças de evolução dos estatutos de identidade segundo o género de pertença. Enquanto que nos rapazes houve um aumento da percentagem de sujeitos em *Identity Achiever* e em *Identity Diffusion* (para 42,9% e 12,2% respectivamente), nas raparigas o aumento deu-se nos estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium* (com 35,0% e 27,0% respectivamente).

Um olhar mais de perto sobre as áreas da identidade, enriquecido com extractos das entrevistas, poderá ajudar a interpretar os nossos resultados.

Ocupação

Na área ocupacional, isto é, a área que avalia o grau de compromisso e de exploração para com a actividade profissional actual - serem estudantes de um curso superior - encontrámos nas raparigas, uma muito maior definição dos seus objectivos profissionais, e uma muito maior certeza na escolha do curso frequentado, que terá resultado de um processo de exploração e de reflexão.

E - Na altura em que decidiu vir para Psicologia considerou outras hipóteses?

S - Sim. Eu desde muito cedo no liceu que me comecei a interessar pelas disciplinas das ciências humanas, como filosofia e psicologia, e uma coisa que eu sempre disse que queria fazer era trabalhar com crianças deficientes. Só que aconteceu uma coisa engraçada, quando cheguei ao 12º ano resolvi ir para direito, candidatei-me, investi imenso para tentar entrar e entrei. Só que no primeiro ano detestei o curso. Eu fui para direito para me ligar mais à parte humana, adopção de crianças, maus tratos... no segundo ano mudei de curso e comecei do zero, fiz tudo de novo, entrei, e agora estou mesmo naquilo que eu queria.

E - Como foi esse período da sua vida?

S - Foi super difícil (...) porque uma pessoa faz uma opção, investe imenso nessa opção e depois vê que não é aquilo que quer, é difícil admitir isso perante mim e perante os outros. Ainda estive um mês ou dois em casa, e quando eu achei que estava melhor comigo é que comecei a pensar no que iria fazer.

E - Como se sente actualmente depois de fazer esse percurso?

S - Super bem, e de certa forma orgulhosa de mim, porque me esforcei imenso, porque eu tinha uma vida super estável, por exemplo, eu tinha óptimas notas em direito, e não era por isso...foi óptimo ter coragem para assumir que não era aquilo que eu queria, e que não estava feliz. E foi óptimo tê-lo assumido perante os meus pais e toda a gente, ate porque houve muita gente em direito a dizer-me para lá ficar. Sinto-me hoje orgulhosa por ter feito a minha opção e por estar aqui. E sinto que é isto que eu quero.

(rapariga, 22 anos, Identity Achiever na área ocupacional)

Neste depoimento é patente a tomada de decisão de um rumo profissional após a passagem de uma fase mais turbulenta, onde outras alternativas foram testadas. É possível entrever uma crise, que se encontra actualmente resolvida por mote próprio, e que funcionou como ocasião de crescimento e enriquecimento pessoal.

Os rapazes, pelo contrário, demonstraram uma ausência de compromisso realista para com o curso frequentado, e para o que ele implica em termos de ocupação futura, como podemos observar nos depoimentos seguintes.

E - Como é que decidiu vir para o I.S.P.A.?

S - Como é que decidi? Pronto, houve um amigo meu que tinha um papel com aqueles...um folheto de divulgação do curso. Portanto eu andava à procura de algum curso para a Universidade e já gostava assim bastante desta área de Psicologia, já tinha lido algumas coisas e interessava-me mais ou menos...pronto, era o que mais me interessava. E vi o programa, gostei de grande parte das cadeiras, não é, das disciplinas, inscrevi-me depois entrei.

E - Que é que está a planejar fazer com o curso?

S - Eu ainda não tenho a certeza. Será...em princípio será Social. Depois não sei se me ligue mais à Gestão de Recursos Humanos ou depois o que aparecer assim que eu goste mais, não é? E depois talvez tirar Clínica mais tarde, como lazer. Não sei, pronto, ainda não....estamos na psicologia....

E - O que é que o atrai no curso de Psicologia?

S - Ah...pronto, a vertente humana não é ? Não sei...Ahn...posso pensar um bocadinho?

E - Se calhar é mais fácil se eu perguntar se está no curso porque gosta ou se foi uma questão de numerus clausus. Como é que isso foi?

S - Pronto, é porque gosto, porque se não gostasse ia para um curso que me desse dinheiro.

(rapaz, 21 anos, Identity Diffusion na área ocupacional)

E - Como é que decidiu vir para os I.S.P.A.?

S - Houve vários motivos. Primeiro inscrevi-me no curso de Sociologia do Trabalho, na Junqueira, depois não tinham aulas à noite - como eu estava a trabalhar não dava para frequentar o curso de dia, ou quer dizer, dava, mas eu é que não estava interessado em deixar o trabalho - e depois pus de parte essa hipótese, comecei a pensar qual seria dos cursos que havia disponíveis aquele que mais me interessava. Como sempre achei a psicologia interessante resolvi inscrever-me no I.S.P.A., já que no estado não dava porque pediam como prova específica a matemática, salvo erro, e então resolvi antes ir para o I.S.P.A. que tinha filosofia e era o que eu tinha no 12º e pronto.

E - O que é que planeia fazer com o curso?

S - Primeiro sem sombra de dúvidas é acabá-lo. E depois logo se vê... Acho que também não vale a pena estar a pensar muito antes de o acabar o que é que se vai fazer, porque senão perde-se a vontade de o fazer.

E - Como é que se sente actualmente?

S - Sinto-me bem porque gosto, quer dizer... Agora hoje em dia parece-me que o grande problema da psicologia, e não só da psicologia, é de todos os cursos, são as saídas...por isso é que à bocado lhe disse não pensar muito sobre isso senão a gente perde aquela coisa de continuar.

E - Gostaria de mudar de curso se lhe aparecesse outra coisa melhor?

S - Não. Gostava de tirar outro curso depois de Psicologia.

(rapaz, 23 anos, Identity Diffusion na área ocupacional)

E - Como decidiu vir para Psicologia?

S - Tinha tido psicologia como opção no 10º ou 11º ano e gostei, interessei-me mesmo por aquilo, e depois tinha boas notas e etc. e agradou-me.

E - Foi por gosto...

S - Ainda não sei. Pensando em termos práticos, conheço, tipo, Psicologia Social, enfim ir para as empresas, e fazer psicotécnicos e arranjar logo colocação, acho que pelo menos por enquanto ainda há facilidades, como fui para psicologia por gostar mesmo de psicologia, considero que a psicologia mesmo é a clínica, agora não sei, estou um bocado indeciso. Mas a Clínica tem de se estar muito tempo em estágio...agora não sei. Nas organizações é para arranjar logo colocação imediata e começar a exercer.

(rapaz, 23 anos, Identity Diffusion na área ocupacional)

Neste depoimento é notória a ausência de um projecto vocacional onde o curso de Psicologia ocupe um lugar importante. Pelo contrário, a escolha do curso parece ter sido fruto do acaso, ou então, do desejo de satisfação de necessidades pessoais, que o curso de Psicologia pretensamente satisfaz.

No segundo depoimento, nomeadamente é bem patente esta dicotomia entre o curso "do desejo" e o curso "da realidade". Apesar do reconhecimento das dificuldades de integração no mercado de trabalho, o sujeito fala em tirar outro curso, esse sim que lhe permita essa inserção remunerada na vida activa.

Pensamos que o facto do nosso estudo se ter realizado numa amostra de estudantes de Psicologia não é alheio a estes resultados, e poderá nomeadamente ajudar a compreender as diferenças entre rapazes e raparigas, pelo menos nesta área da identidade.

Como vimos, são os rapazes que mais se preocupam com a remuneração de uma futura actividade profissional, não perspectivando, provavelmente em consequência disso, o seu futuro profissional. As raparigas referem menos os problemas de emprego, e apresentam uma identidade profissional mais definida.

É possível que se inquiríssemos estudantes de outros cursos, os resultados obtidos fossem diferentes ao nível desta variação entre os géneros de pertença.

Tradicionalmente, espera-se do homem na sociedade ocidental, que trabalhe e sustente a família. Da mulher espera-se que cuide dos outros. Ora o curso de psicologia, neste sentido é um curso "feminino", porque se trata de "cuidar" dos outros nos vários contextos institucionais.

Consequentemente frequentar o curso de psicologia desperta menor conflito nas mulheres, que estão numa actividade profissional socialmente aceite para a sua condição de mulheres, do que nos homens, que estão a investir em algo que não está de acordo com aquilo que a sociedade espera deles, em termos do seu papel tradicional.

Daí talvez se possa compreender a elevada percentagem de rapazes em *Moratorium* e em *Identity Diffusion*, que contrasta com a elevada percentagem de raparigas *Achievers* nesta área, que, acrescente-se, é um domínio masculino por excelência, e onde os rapazes costumam ser *Achievers* em maior número do que as raparigas (Fitch & Adams, 1983; Hodgson & Fischer, 1979 e Shenkel & Marcia, 1972).

Por outro lado, Costa (1991) demonstrou já existirem diferenças ao nível dos estatutos de identidade nos sujeitos que frequentam diferentes cursos universitários. De facto, os cursos onde aparece uma maior percentagem de *Identity Achievers* são os cursos de Engenharia e Direito, e os cursos onde aparecem mais indivíduos no estatuto *Foreclosure*, é entre os sujeitos que frequentam Medicina e Economia.

Não são referenciados naquele estudo dados relativamente ao curso de Psicologia, mas poderemos pôr a hipótese de que, devido às razões acima apontadas, que se prendem com as expectativas sociais, haverá uma tendência para o estatuto *Identity Diffusion* na área profissional, entre os rapazes que frequentam o curso de Psicologia .

No entanto, se adoptarmos outra linha de análise, há 10 anos, Medicina e Direito eram os cursos que exigiam uma maior média de entrada. No ano lectivo transacto, os cursos mais procurados, segundo dados do jornal "Expresso" foram os cursos de Comunicação Social e Psicologia.

Se ignorarmos a diferença entre sexos e a questão do curso superior frequentado, e compararmos os scores globais da área ocupacional com os scores obtidos por Costa há 10 anos, verificamos que houve um decréscimo de cerca de 25,0% na percentagem de *Achievers* na área ocupacional (de 60,0% no estudo de Costa para 35,3% no presente trabalho) e um aumento na ordem dos 30,0% na percentagem de *Identity Diffusion* (de 1,2% no estudo de Costa para 31,4% no presente estudo).

Segundo Marcia (s.d.), a resposta na área profissional em *Identity Diffusion* aparece frequentemente em momentos sociais onde as alternativas ocupacionais se encontram limitadas por factores de crise económica e social. Nestes períodos, arranjar um emprego, qualquer que ele seja é que é importante (cfr. "Macjobs" de D. Coupland, Capítulo I), tornando-se a exploração e o investimento um luxo, e consequentemente o estatuto *Identity Diffusion* passa a ser o estatuto de identidade modal nessa sociedade.

Não surpreende pois, que tenhamos encontrado grande número de respostas com este teor, dado que em Portugal se atravessa presentemente um período económica e socialmente difícil.

Ideologia

A esfera ideológica é onde parece haver uma maior ausência de uma definição de valores e crenças específicas nos nossos entrevistados. Grande parte quer dos rapazes, quer das raparigas entrevistados, não manifestaram grande interesse por questões religiosas ou políticas, nem tão pouco desejo de se auto - definir nesta área.

E - Tem alguma preferência religiosa ?

S - Não, não sou baptizada...não é um assunto que me interesse.

E - A religião é de facto um tema que não é muito importante?

S - Acho que não tem muita importância mesmo.

E - Tem algumas crenças religiosas?

S - Não sei, é evidente que tenho que acreditar em qualquer coisa, mas não sei qual. Nunca pensei seriamente nisso.

E - Está a imaginar as suas ideias a mudar no futuro?

S - Não sei, agora namoro com um rapaz que é um bocadinho mais ligado à religião que eu. Para ser equilibrado entre os dois pode ser que eu ceda em relação a algumas coisas. Eu não sou céptica, se as coisas fizerem sentido para mim até sou capaz de acreditar. Eu não tenho é qualquer tipo de interesse.

(rapariga, 21 anos, *Identity Diffusion* na área da religião)

E - Tem alguma preferência política?

S - Não porque eu não ligo muito à política. Estou assim um bocado mesmo a leste, não percebo nada, o mínimo possível. Acho que às vezes é uma grande palhaçada.

E - Acha que esta sua posição poderá vir a mudar no futuro?

S - Provavelmente, ainda é muito cedo. Ainda só votei uma vez e não estou nada dentro da política. É claro que acho essencial uma pessoa estar a par das coisas que estão a acontecer, porque são eles que governam isto tudo. Mas até esta altura tentei não pensar muito nestas coisas porque...pronto, deixei-me andar.

(rapariga, 20 anos, *Identity Diffusion* na área da política)

Nestes depoimentos encontramos a característica principal dos sujeitos em *Identity Diffusion* na esfera ideológica, isto é, o desinvestimento num sistema ideológico seja ele a religioso ou a político, e que são sentidos como algo de exterior ao sujeito, e que não tem qualquer interesse ou importância para a sua definição de si próprio.

O depoimento seguinte é também de um *Diffusion*, mas corresponde a um outro padrão de resposta, onde por detrás de uma resposta profusa de ideias na aparência, encontramos um esvaziamento de conteúdos e uma atitude "*laissez - faire*" que é equivalente aos dois primeiros casos.

E - Gostava de lhe perguntar se tem alguma preferência religiosa, sem ter que referir qual?

S - Já li o Alcorão, já li excertos do Talmude, também já li livros da Antiguidade da Grécia, das mitologias gregas, ando a ver agora se apanho os livros dos Mormons, mas sinceramente não tenho religião, sou ateu, e desconfio de todas as religiões, mas na realidade sou católico, porque tive uma boa experiência com padres na minha infância. (...) As aulas de Religião e Moral no preparatório deram-me boa imagem da religião, porque os padres não falavam de Religião e Moral, aquilo parecia psicanálise ou psicoterapia, aquilo era engraçado, pronto. Também tenho um colega que é padre e dou-me bem com ele e não tenho nada contra os padres e por isso sou católico, e as igrejas católicas são bonitas e a própria igreja católica dá o perdão a quem faz grandes pecados e as outras religiões não dão, e por isso prefiro a católica, dá mais conforto espiritual.

E - E quais são as suas crenças actuais em termos religiosos?

S - As minhas crenças, o meu pensamento é solipsista, eu acredito nas minhas crenças.

E - Em relação à existência de Deus acredita?

S - 50% - 50%, também gosto muito do Tarot, e de como é que aquilo se chama, ler nas mãos? Agora se Deus existe ou não existe, talvez exista uma entidade superior...que pode manipular ou não a nossa vida, mas acho que o destino não está predestinado, mas pronto, não acredito, Deus não existe, mas pode existir outra coisa qualquer da qual não sei explicar, se calhar extraterrestres.

(rapaz, 24 anos, *Identity Diffusion* na área da religião)

Religião

Como atrás referimos, no domínio da ideologia aparecem diferenças importantes entre os sexos .

Reflectindo a tendência demonstrada no estatuto de identidade global, na área religiosa, as raparigas quando apresentam um sistema ideológico consistente, ele não resultou de um processo de reflexão pessoal, mas sim da adopção pura e simples dos modelos parentais, ao contrário dos rapazes, que quando se apresentam comprometidos com um conjunto de valores e crenças religiosas, fazem-no após terem atravessado um processo de exploração, e de resolução de questões interiores.

E - Tem alguma preferência religiosa específica?

S - Sou católica praticante.

E - Os seus pais também são católicos?

S - São. Lá em casa é tudo católico.

E - É muito importante a religião na sua família?

S - É. Não somos daqueles praticantes que rezam antes do almoço e do jantar, mas vamos à missa juntos. É importante, quer dizer, não falamos muito nisso, mas está lá.

E - Alguma vez teve dúvidas em relação às suas crenças religiosas?

S - Tive.

E - Quando?

S - Tive naquela altura em que é uma chatice ir à missa ao domingo, e que a minha mãe me obrigava a ir.

E - Que idade tinha?

S - 14 ou 15, não sei. mas nunca foram dúvidas de acreditar...de pôr em dúvida se existia mesmo Deus, eu isso nunca tive dúvidas. (...) Achava era uma chatice ter que ir à missa, achava que já não tinha idade, mas agora ainda bem, ainda bem que a minha mãe me obrigou porque acho que há uma fase em que se não nos puxam, se calhar a esta altura eu.....não sei se calhar já não ia à missa (...) eu na altura sabia que ela tinha razão, era por egoísmo e estupidez que eu não queria ir.

(rapariga, 23 anos, Foreclosure na área da religião)

E - Alguma vez teve dúvidas relativamente às suas crenças religiosas?

S - Sim, no momento em que mudei, porque eu era católico, e agora não tenho nenhuma crença.

E - Como foi isso?

S - Tinha 14 ou 15 anos. Já fiz a profissão de fé aos 13 anos com dúvidas. Eu sempre me dediquei muito a pensar sobre a lógica das coisas, e para mim as coisas funcionam em termos de lógica mas muito de raciocínio e reflexão. E sempre quis saber muito sobre as coisas. A certa altura as coisas não encaixavam, não faziam sentido. havia qualquer coisa que não batia certo.

E - Foi uma fase importante na sua vida?

S - Foi, é curioso que não é natural numa criança. Eu era uma criança, mas não é natural uma pessoa assumir essas posições perante os colegas. Embora fosse um círculo pequeno, as pessoas com quem eu podia falar disso, cedo deixei de tratar porque realmente não havia feed-back, nem sequer havia discussão, as pessoas diziam "tu és tonto?", talvez daí preferir a companhia de pessoas mais velhas, que estariam dispostas a argumentar e discutir as ideias delas. E pronto, havia um diálogo, apesar delas terem as ideias delas e eu ter as minhas. Foi difícil porque uma pessoa sente-se desinserida e sente medo em relação ao "e se não é verdade?". Então como nós somos pequenos os fantasmas assaltam-nos muito. Torna-se difícil assumir uma posição

E - Como fez isso?

S - Demorou um ano e tal. Rompi primeiro com Deus, e depois com a Igreja.

E - Como é que foi esse processo?

S - Foi essencialmente a pensar e lendo coisas, e reparava que quem habitualmente defendia a religião era quem menos conhecimentos tinha sobre ela. Actualmente não acredito em Deus, mas entendo que a religião possa ser útil. Tem muitos pontos positivos numa sociedade, e isso tenho que reconhecer e louvar.

(rapaz, 21 anos, *Identity Achiever* na área da religião)

Se comparamos com os estudantes universitário observados por Costa (1991) em 1984/85, não encontramos grandes diferenças entre os sexos, posicionando-se quer rapazes, quer raparigas no estatuto *Foreclosure* para a área religiosa com 45,6% da amostra em ambos os casos.

O padrão de resposta é bastante diferente do encontrado por nós, na medida em que a percentagem de sujeitos *Identity Achiever*, mesmo no sexo masculino é muito baixa (6,4% da amostra masculina), relativamente à encontrada por nós.

A percentagem de raparigas da nossa amostra que se encontra no estatuto *Identity Diffusion* para esta área é também bastante discrepante da encontrada por Costa, que foi de 21,6%, relativamente aos 44,0% de raparigas da nossa amostra.

Estes resultados contrariam a ideia apontada por alguns investigadores que a área religiosa seria um importante elemento na definição da identidade no género feminino (Fitch & Adams, 1983). Porém Tesch e Whitbourne (1982) encontraram valores próximos dos encontrados por nós, nomeadamente na percentagem de sujeitos em *Identity Diffusion* para esta área.

Política

Na área política esta diferença entre os géneros de pertença mantém-se. Aumenta o número de raparigas que demonstram um desinvestimento nesta área, enquanto que os rapazes tendem a estar actualmente a atravessar um período de procura de uma definição das suas crenças políticas, ou mesmo a apresentar compromisso ideológicos mais marcados e fruto de um investimento e reflexão pessoais.

E - Tem alguma filiação política?

S - Tenho, sou militante da JCP

E - Os seus pais também?

S - Sim. São militantes do PCP.

E - Conversam muito?

S - Sim. Mesmo antes do 25 de Abril, a política sempre foi uma coisa que esteve presente lá em casa, era a vida dos meus pais, acabava por condicionar a vida da família.

E - Como são todos do mesmo partido isso faz com que não haja discussões?

S - Há muitas. Eu identifico-me com muitas ideias dos meus pais, mas também há outras com que não me identifico. E falamos tanto das coisas em que estamos de acordo como das coisas em que discordamos. O que pode é haver pessoas mal esclarecidas, mas atritos não há, cada um fica na sua. Por exemplo eu posso não estar de acordo com a posição do partido sobre os homossexuais.

E - Como desenvolveu as suas ideias políticas?

S - Claro que fui influenciado pelos meus pais. Mas pus em causa partindo do princípio que não era nada assim, e então vamos lá ver como é que pode ser. Fui questionando as coisas, falando com outras pessoas, tive muitas dúvidas, alterei muitas opiniões, isto para além da observação empírica que também é fonte de esclarecimento.

E - Como é que encara o futuro em termos de crenças políticas?

S - Não sei, a minha posição política não pode ser dissociada da situação social do país. Para já não acho que haja grandes razões que me façam mudar as minhas convicções.

(rapaz, 22 anos, Identity Achiever na área da política)

E - Tem alguma preferência política específica? Não tem que referir qual.

S - Ah...quer dizer, até há uns três ou quatro anos eu gostava muito do PSD porque os meus pais são do PSD, e então por causa disso empenhei-me um pouco naqueles valores da Social Democracia, e ah... acaba por ser um bocado seco, quer dizer, aquilo que eles diziam estava bem, aquilo que os outros diziam estava mal (risos), e baseava-me um bocado na tal perspectiva...todos os partidos políticos que estejam na oposição contestam, não é? E eu então desvalorizava um bocado essa perspectiva de contestação em relação ao governo, quer dizer estão sempre a contestar, mas não conseguem fazer melhor...Actualmente não acredito em nenhuma força política.

E - O que é que o fez deixar de dar importância?

S - Eu estava um bocado ah...ligado ao PSD mesmo em termos de campanha, gostava de desenvolver aquelas actividades e era giro, era uma convivência bonita, e por detrás dessa convivência estavam coisas em que eu acreditava. Depois descobri os valores da anarquia, e todas essas coisas e comecei a ver que havia imensas formas de reger a sociedade. Obviamente (risos) que não concordo com a anarquia, assim como não concordo com o regime ah...com a democracia, assim como não concordo com o socialismo...e não...

E - Com que é que concorda?

S - É que eu... não é bem...talvez não seja bem não concordar, é o não ligar. Ah... e o sentir, o não sentir que isso seja relevante para mim, quer dizer...preocupo-me com outras coisas...e actualmente não me preocupo com a política.

E - Se eu lhe pedisse para falar um pouco sobre um assunto da actualidade social sobre o qual tenha uma opinião política ou apolítica...

S - Por exemplo, eu gosto de dizer que não bebo café porque é a exploração dos países pobres. Quer dizer, o café é um regime de monocultura que é estabelecido nesses países e que esgota o solo, e os países não têm oportunidade de fazer mais culturas nessa mesma terra. Cá em relação ao eucalipto acaba por ser a mesma coisa. Nós somos dos maiores produtores de pasta de papel, mas daqui a uns anos também podemos estar na desgraça.

E depois também há coisas engraçadas, como não comprar produtos Colgate...acabam por ser pequenas manias, porque a Colgate apoia nos E.U. laboratórios que fazem testes em animais, e desses testes acho que só 3% é que são válidos. Esses laboratórios vão buscar os animais aos Jardins Zoológicos, e 97% dos testes não são válidos...A Colgate apoia esses tipo de actividades, por isso não compro, compro Pepsodent. Até agora não ouvi nada da Pepsodent, nos documentários que tenho visto. Há cassetes que circulam assim por um meio um bocado underground...pessoas que entram nos laboratórios com câmaras de filmar e que tentam mostrar o que está por baixo do regime político Norte Americano...é a maior corrupção...(risos).

Mas isto também é um bocado incoerente, porque possivelmente estou a cometer um erro em relação ao Pepsodent, quer dizer se eu soubesse que todas as pastas de dentes faziam testes com animais, eu comprava na mesma, tinha de comprar pasta de dentes, não é?

E . Como é que foi desenvolvendo essas ideias políticas?

S - Julgo que terá sido pela tal exploração em que eu me empenhei em várias correntes ideológicas, e já que falamos de política, em várias correntes políticas, de sistemas possíveis, de formas possíveis de organização da sociedade.

(rapaz, 21 anos, Moratorium na área dapolítica)

E - Tem alguma preferência política?

S - ... Ai não sei...eu por acaso uma coisa que não me inspira muito são coisas políticas, isso então...uma coisa que eu não ligo é política, e não tenho opinião, porque eu também não conheço, e acho que não devo estar a falar se não conheço.

E - Alguma vez foi activa em questões políticas?

S - Fiz parte de uma campanha eleitoral quando tinha para aí 13 anos, no fundo nem sabia (ri). A minha mãe fazia parte do partido e quando eu tinha para aí 13 anos fiz parte da campanha porque era uma forma gira de passar a tarde, íamos nos autocarros com as bandeiras e não sei quê.

E - Sente que devido à actividade partidária da sua mãe, ou a essa sua experiência houve alguma influência na sua forma de se posicionar politicamente?

S - Não.

E - *Pensa que irá mudar de opinião no futuro?*

S - *Talvez se mantenha, mas se aparecer um tipo com quem eu concorde 100%, porque eu acho que é um bocádo estúpido, aquela coisa da direita e da esquerda, e o comunismo, acho que já não se usa. As pessoas têm ideias para ajudar o país, e o que conta é a pessoa e a as ideias, não é a política e o partido.*

(rapariga, 24 anos, *Identity Diffusion* na área da política)

E - *Tem alguma preferência política ?*

S - *Para mim não é...para mim é tudo a mesma coisa. Para mim eu acho que isto já não tem conserto (risos). Acho que cada...as pessoas só querem é chegar ao poder, ter um chauffer à ordem...ter um status bom. Fazer qualquer coisa para melhorar, acho que ninguém está preocupado com isso. Não, não tenho um partido que...que me fascine, assim particularmente...mas o P.S. talvez...tenha sido o que está mais...está mais intermédio.*

E - *Lá em casa a política é uma coisa importante?*

S - *Não. O meu pai portanto é...era do CDS, agora passou para o PSD, assim essas coisas, mas a política não é muito discutida lá em casa, cada pessoa tem...tem os seus valores...cada um respeita-se a si próprio, acho que isso é que interessa não é?*

E - *Como foi desenvolvendo as suas ideias?*

S - *Desenvolvi-as por mim, mais ou menos. Não houve assim ninguém que me influenciasse muito...o meu pai era esquerda, a minha mãe mais direi...não o meu pai é direita, a minha mãe é mais esquerda, tive que mais ou menos, pronto, ouvia coisas de um lado e de outro, que originou que eu adquirisse uma concepção minha não é? que foi produto de duas ideias extremas...parece-me que sim...*

E - *Tem um a posição que é a sua que é diferente das deles, como é que eles vêm isso?*

S - *Acham que sim, que se calhar até é a posição mais...melhor (risos). Se calhar, que pronto, que faço bem, que cada um tem as suas ideias...mas não falamos muito assim sobre política, é assim...*

(rapariga, 23 anos, *Identity Diffusion* na área da política)

Se o primeiro depoimento é demonstrativo de um sujeito cuja identidade política e ideológica está fortemente estabelecida, e resultou de um processo de desenvolvimento pessoal, o mesmo não se pode dizer dos restantes depoimentos. Acresce ainda, como já referimos, que encontrámos apenas 8,0% das raparigas com um discurso deste tipo, o que contrasta com os 30,8% dos rapazes nas mesmas condições.

Os restantes inquiridos apresentaram respostas bem mais próximas dos três últimos depoimentos. Em todos é patente um sentimento de descrença relativamente à política e aos políticos - tomados como equivalentes - como sendo todos iguais, independentemente da sua filiação partidária, e como estando na política apenas para proveito pessoal. A política aparece conotada apenas aos movimentos partidários, e é sentida como um jogo de demagogia e corrupção, que não só já não apaixona, como não desperta interesse.

Grandes ideais não se encontram, e a defesa de opiniões, não é sentida como atitude política - como no depoimento do jovem moratória, onde a posição contra a exploração de café nos países pobres e a opinião contra os testes laboratoriais realizados em animais, o levaram a não consumir café nem marcas que estivessem associadas a esses testes.

Segundo Marcia (s.d.) o interesse pelos temas sociais e políticos tende a desvanecer-se ou a ser incrementado nos diferentes momentos históricos. Para este autor, desde os anos 60 tem-se vindo a assistir a um declínio da importância destas questões na definição de si próprio, o que poderá inclusivamente questionar a existência actual desta escala na entrevista da Identidade.

Marcia justifica a manutenção desta área na versão actual da entrevista, argumentando que a política e a religião fornecem uma porta de entrada na "filosofia de vida" do sujeito, permitindo avaliar se ele reflectiu sobre o significado da sua vida no esquema mais largo de valores em que está mergulhado.

Na nossa amostra os resultados apontam para menos de 20,0% da amostra no estatuto *Identity Achiever* em qualquer uma das áreas Ideológicas, situando-se mais de 2/3 da amostra numa posição de desinteresse e de esvaziamento ideológico.

Ao observar estes resultados ocorre-nos a afirmação de D. Coupland " A geração X é provavelmente a primeira geração criada sem Deus". Deus aqui no seu sentido mais global, de sistema ideológico em que acreditar, e pano de fundo para enquadrar os comportamentos.

Também nesta área, Costa encontrou mais estudantes universitários no estatuto *Foreclosure* do que no estatuto *Identity Diffusion*, apesar de ter observado uma percentagem de rapazes *Diffusion* 6,0% superior à encontrada na nossa amostra, e em termos de amostra global, na ordem dos 28,0% de casos

No que respeita à diferença entre os géneros de pertença, mais uma vez é no género feminino que encontramos a maior discrepância relativamente aos resultados de Costa, em que os 64,0% de sujeitos em *Diffusion* contrasta com os 31,6% encontrados por Costa. Mas também é de relevar que na nossa amostra encontramos mais rapazes no estatuto *Identity Achievement* do que o estudo de Costa, numa diferença apreciável (de 11,0% para 35,0% no presente estudo).

Desperta-nos a nossa curiosidade é a constatação de que o sentimento de vazio de crenças acima hipotetizado, não é sentido com angústia pelos nossos entrevistados. Pelo contrário, a ausência de valores é encarada como um valor em si mesmo, algo que deve ser valorizado e transmitido às gerações futuras.

E - Como é que acha que vai educar os seus filhos no que respeita a este assunto?

S - Acho que vou fazer o que os meus pais fizeram, que foi ter uma posição neutra. Não vou baptiza-los porque eu acho que é ridículo estar a marca-los logo à nascença - se bem que não tenha valor nenhum. É assim, se eles quiserem, acho que sim, sou a primeira a acompanhar-los, mas vou mantê-los assim numa posição de deixa-los escolher. Foi isso que me fizeram e eu acho que foi a melhor opção, e se calhar 99,9% dos pais portugueses não fizeram isso, não sei.

(rapariga, 22 anos)

E - Como é que vai educar os seus filhos no que respeita a estas questões?

S - Eu não os vou educar acerca destas questões, na política como na igreja, eles que escolham.

(rapariga, 20 anos)

Papeis Sexuais

Na dimensão interpessoal / sexual, os resultados obtidos na área que pretende avaliar as atitudes dos sujeitos relativamente aos papeis sexuais, acompanha o equilíbrio da distribuição dos estatutos de identidade globais, encontrando-se a nossa amostra ao longo de todo o *continuum* desenvolvimental da identidade, os rapazes com uma tendência para os pólos *Achiever* e *Diffusion*, e as raparigas para a posição *Foreclosure*.

Na área dos papeis sexuais a discrepância entre o padrão de respostas masculino e feminino é grande. Os rapazes encaram as questões ligadas à definição dos papeis sexuais com grande despreocupação, que em alguns casos chega ao nível da perplexidade com algumas questões que lhes foram colocadas, de tal forma elas nunca lhes foram suscitadas anteriormente.

E - Agora mudando de tema. Gostaria que falássemos sobre as atitudes e papéis sexuais, o papel do homem e da mulher na sociedade actual. Que características é que...

S - O homem e a mulher na sociedade actual?

E - Sim. E que características é que para si estão associadas com a masculinidade e a feminilidade?

S - ...Hum...não sei...características...masculinidade é a força, a força física e nas mulheres é a sensibilidade. Mas não vejo...depois na sociedade não vejo o que é que os homens hão-de ter e as mulheres não...são praticamente iguais...mas a mulher tem coisas diferentes do homem, daquilo que eu conheço da psicologia, um homem não tem uma atitude com uma mulher que tem com outro homem não é? Portanto acaba por se estabelecer uma relação diferente e isso acaba por ser porque o homem é homem e foi educado dessa maneira.

E - Portanto acha que tem a ver com a educação?

S - Ah, sim, isso e um pouco com o biológico não é? É por uma razão física que o homem é mais musculado que a mulher, não é?

E - E em termos psicológicos que diferenças encontra entre os homens e as mulheres?

S - Existem muitas. A mulher é mais sensível, vi um filme sobre isto, sobre o transsexualismo, uma mãe que tenha um filho imaginário do sexo oposto, ela vai introduzindo certas coisas, que ele acaba por ser do outro sexo, embora exista as características biológicas, as hormonas e aquilo tudo.

E - E em termos de papéis sociais, comportamentos?

S - Comportamentos? Não sei, comportamentos em que aspecto?

E - Em termos de formas de estar. Por exemplo comportamentos que para si sejam tipicamente masculinos e comportamentos que sejam tipicamente femininos. Para si há diferenças a esse nível?

S - Não, nós temos aqueles preconceitos, não sei se são preconceitos sociais, mas prontos, pelo menos são limitações sociais. Quem pede namoro são os rapazes, a mulher é mais introvertida, mais sensível, não é? A mulher é que cuida dos filhos, mas por outro lado também há mulheres que trabalham, outras que ficam em casa...

E - Como é que isso se aplica a si?

S - Enquanto homem, nada.

E - Como é que você se sente enquanto pessoa que assume um papel sexual masculino?

S - Ah... sinto-me bem. Lá está, é aquela coisa. Gosto de ser homem, mas também gostava de ser mulher. Vejo-me como um homem, mas as mulheres para mim são uma coisa natural.

(rapaz, 21 anos, Identity Diffusion na área dos papéis sexuais)

Já as raparigas tendem a apresentar uma consciência clara do que significa ser mulher, e das suas implicações em termos da definição do seu papel social. Porém esta consciência é fruto de aprendizagem precoce no seio familiar, onde os papéis sexuais tradicionais foram interiorizados.

E - Quais as características que associa à feminilidade?

S - A mulher continua a ter um papel passivo, o homem tem de lhe pagar um copo, tem que a levar ao cinema. É evidente que ela gosta, ela sente-se muito bem a ser seduzida, mas ela também tem de seduzir. Hoje em dia as coisas estão a mudar, as mulheres começam a ter um papel um bocado mais activo. Acho que mesmo assim tem que haver algumas diferenças. Tendo em conta a nossa sociedade, as coisas ainda estão muito machistas, o homem pode andar com quem quiser, a mulher não.

E - Como é que justifica essas diferenças por si apontadas?

S - É basicamente por questões sociais. O homem trabalhava, elas casavam-se com homens mais velhos, porque eles é que já tinham a casa feita...e elas ficavam em casa a trabalhar. É um bocado de geração em geração. A mulher está mais habituada a trabalhar em casa e o homem fora de casa. O homem começava a trabalhar mais cedo, as mulheres casavam-se com homens mais velhos. Hoje em dia é um pouco diferente, a mulher já tem acesso ao ensino superior, os casais começam a ter a mesma idade.

E - Como é que esse reconhecimento das diferenças se aplica a si?

S - Tem influência. Acho que há coisas que o homem tem de fazer, apesar de ser apologista dos trabalhos divididos, apesar de haver coisas que incomodam a um homem. Apesar de ser a favor da igualdade deve haver algumas diferenças porque elas existem. Gosto muito que me ofereçam flores por exemplo. Foi ele que me pediu em namoro e não o contrário. Ainda existe um bocado em mim, apesar de gostar muito da igualdade.

E - Sempre pensou assim em relação a este assunto?

S - Comecei a pensar assim quando tive uma relação a sério. Mas sempre terei pensado assim. Era o rapaz que tomava a iniciativa de vir ter comigo. Penso que terão sido sempre as mesmas ideias. Até pelo que vejo em casa.

E -Encontra divergência de ideias entre si e os seus pais?

S - Não, se eu tenho este tipo de ideias, eles foram-me transmitindo essas ideias.

(rapariga, 21 anos, Foreclosure na área dos papéis sexuais)

E - Como é que essas ideias se aplicam a si?

S - Embora eu não faça muita distinção entre os homens e as mulheres, eu acho, por exemplo, o facto de um rapaz andar com muitas raparigas ainda continua a ser visto como permitido, enquanto que uma rapariga andar com muitos rapazes já é mal visto, não é? E pronto, eu pelo menos também não era capaz de andar assim com vários rapazes ao mesmo tempo ou isso, não sei..., isso deve ter origem na imagem que nos passam desde pequenas, acho que sim, mas é a tal coisa, agora também não sei se era capaz de mudar, acho que já está muito enraizado, desde pequenina.

E - Sempre pensou assim?

S - Sempre tive a mesma ideia, pronto é uma coisa que está enraizada...não quer dizer que eu esteja de acordo com isso, mas também não acho...pronto, como é que eu digo...uma coisa é o que eu penso, que deve haver direitos iguais para os dois, não é? É uma coisa errada, mas também é uma coisa errada no outro, acho eu, não é? Mas por outro lado, também não sei se era capaz de ser diferente. Lembro-me que quando eu era nova, várias vezes me perguntei, se eles podem, porque é que as mulheres não hão-de poder...ou se...pronto, porque é que um rapaz quando anda com tantas raparigas dizem que ele é um grande conquistador e uma rapariga que anda com muitos rapazes é logo uma...uma mulher da rua, ou não é? Quer dizer, isso é um disparate não é? Mas claro é das tais coisas, eu não concordo que haja essa distinção entre os sexos, mas é uma coisa já muito enraizada e pronto revela-se no meu comportamento, porque pronto, a prova é que eu penso de uma maneira, mas depois não sou capaz...

(rapariga, 20 anos, *Foreclosure* na área dos papéis sexuais)

Adivinha-se nestes depoimentos, principalmente no segundo, um conflito interno entre as normas e valores tradicionais transmitidos pelos pais, e que se encontram fortemente enraizados, e as possibilidades comportamentais abertas pela alteração dos valores sexuais e dos papéis da mulher na sociedade ocidental actual.

Se compararmos com o estudo de Costa (1991), esta perspectiva de conformismo às expectativas sociais é confirmada. De facto mais de 2/3 da amostra quer masculina quer feminina encontrava-se no estatuto de identidade *Foreclosure* para a área dos papéis sexuais em 1984/85.

Dez anos depois as diferenças entre os papéis sexuais femininos e masculinos continuam a ser uma área problemática para as raparigas, a avaliar pelos dados observados na nossa amostra.

Questões ligadas à divisão das tarefas domésticas, e aos comportamentos de namoro e sexuais dos homens e das mulheres são questionadas pelas raparigas, mas não o suficiente para desencadear alterações na forma de pensar ou de se comportar, optando estas por neutralizar o conflito através da aceitação e adaptação ao papel tradicional feminino aprendido no meio familiar.

A opção tomada não é pois a de enfrentar e procurar resolver o conflito através da reflexão e da experiencição, o que desencadearia um período de moratória, mas antes, o conformismo às regras tradicionais nas quais foram educadas, o que as leva a uma redução do conflito através da aceitação e adaptação ao papel tradicional feminino, quase sem questionar.

Apesar desta atitude, as raparigas estão muito mais conscientes do que os rapazes das diferenças de género de pertença e das suas implicações ao nível nomeadamente da organização familiar e do comportamento amoroso e sexual.

Nos rapazes, não se evidencia qualquer tipo de conflito nesta área, provavelmente também porque a forma como os papéis sociais estão definidos, é por eles percebida como favorável, o que faz parecer as diferenças de papéis sexuais como "naturais" e inquestionáveis.

Sexualidade

No que concerne à experiência sexual dos sujeitos, à reflexão sobre essa experiência e à coerência das suas posições neste domínio da sexualidade, os rapazes demonstraram não só possuir uma maior experiência sexual do que as raparigas, como uma vivência menos conflituosa do que estas, no que respeita à integração dessas experiências como parte da sua identidade.

E - Qual é a sua atitude perante as relações sexuais?

S - Eu fui tarado sexual...tive graves problemas na adolescência, andei com uma pessoa mais velha 10 anos do que eu e com menos cabeça do que eu. Acho que tive atitudes pouco pensadas, e uma série de experiências...um bocado gratuitas...tive grande medo que isso me provocasse danos hoje, por isso já fiz três testes da SIDA, devido a ter sido tão libertino. Era muito inconstante, estava com A, com B, com C, com D, com E, e as coisas foram indo assim, e às tantas fui tomando consciência até que ponto era satisfatório para mim esse tipo de relação, até que ponto fazia algum sentido não saber onde é que acordava, nem com quem é que estava. Isso tornou-se muito problemático para mim a determinada altura, apanhei-me uma manhã a segurar o cabelo de uma pessoa que estava deitada ao meu lado para ver quem era, e isso acaba por ser chato, não sabia quem era...

(...) Acho que não tem sentido nenhum, não ganhei nada com isso, apenas uma confusão mental muito grande, porque já não tinha nada de concreto, não sabia se tinha se não tinha, o que é que queria, as coisas iam passando, e as coisas não tinham...era como espirrar. Espirrava-se, dormia-se com!

(...) Acho que houve uma mudança radical nesse tipo de atitude, e hoje, antes de haver alguma coisa a nível sexual tem de passar muito tempo, não o faço de ânimo leve.(...) Hoje dá-me muito mais gozo dormir com alguém do que na altura, em que era alguma coisa do quotidiano...às tantas já nem havia sedução ou interesse, acontecia, era se calhar uma forma de mostrar aos outros, era uma afirmação que fazia perante mim próprio em relação aos outros para viver bem comigo próprio.(...) Hoje, se calhar, já não necessito tanto dessa afirmação.

(rapaz, 22 anos, Moratorium na área da sexualidade)

E - Quando é que acha que está certo ser-se sexualmente íntimo com alguém?

S - Isso é muito relativo, tem a ver com o sentimento que as pessoas têm uma pela outra, não é? Se há de facto um sentimento profundo, se há um conhecimento mútuo, pode levar pouco tempo, mas também pode levar muito tempo. Se há uma necessidade das pessoas se continuarem a conhecer de forma mais profunda, sentem que é essa a altura, não há um timing preciso.

E Como desenvolveu essa sua forma de pensar?

S - Eu acho que fui vendo, fui vivendo, pensando o sexo ao longo dos anos, o tipo de relações, de pessoas que conheci, o tipo de experiências que fui tendo... e chega uma altura em que atinjo uma forma de pensar que me leva a sentir as coisas desta forma.

E - Já houve uma altura em que sentisse as coisas de forma diferente?

S - Sim, já senti o acto sexual como um fim em si, como um momento de prazer específico, em que está com aquela pessoa para aquele fim.(...) Tenho hoje um feitio completamente diferente do que quando tinha 15 anos, não é? É uma idade em que há uma grande necessidade de conhecer, de sentir as coisas, em todas as perspectivas, em todas as fases.

Acho que hoje já conheço as coisas de maneira diferente, já tive sensações diferentes, e parece-me que estou numa posição que me permite distinguir o que é uma coisa e outra. De saber aquilo que representa, não é? Eu acho que hoje atribuo-lhe um significado muito mais importante do que se calhar atribuía há uns anos atrás.

(rapaz, 21 anos, Identity Achiever na área da sexualidade)

Estes excertos permitem-nos entrever nestes sujeitos uma adolescência rica em experiências sexuais. Esta quantidade de experiências, terão sido motivadas numa primeira fase da adolescência pela curiosidade sexual, pelo desejo de afirmação da sua própria sexualidade e da sua capacidade de sedução e de afirmação pessoal - bem patente no primeiro excerto, que pela sua qualidade de se encontrar ainda numa fase de procura, classificámos como *Moratorium*.

Num segundo momento - como podemos observar no segundo excerto - estas experiências são integradas, como fazendo parte de um processo normal de desenvolvimento, que permite aos sujeitos valorizar actualmente a vertente de partilha afectiva do relacionamento sexual, em detrimento do contacto sexual como um fim em si mesmo, o que os leva à contenção dos seus contactos sexuais fora do contexto de uma relação amorosa, e, dentro destas, a apreciá-los de outra forma .

As raparigas, ainda mais que na área dos papéis sexuais, demonstram que as questões ligadas à sexualidade são fonte de angústia, na medida em que aos valores e normas parentais que regulam o seu modo de funcionamento, se opõem as solicitações do seu desejo e dos seus companheiros. Mas, tal como na área dos papéis sexuais, a resolução deste conflito consiste, para a quase maioria das inquiridas, no evitamento das situações potencialmente ameaçadoras que obriguem a uma alteração de tomadas de posição.

E - Em relação a estas questões (da sexualidade) tem dúvidas na forma como há-de pensar estas coisas?

S - Não, não tenho. Só tenho muita pena que os meus pais sejam tão rígidos, na maneira como pensam, porque isso acaba por afectar o relacionamento com o meu namorado, e não é agradável.

E - Em que aspecto?

S - Eu detesto viver uma situação pouco clara, e acho que a partir do momento em que se começa a ter um relacionamento suficientemente íntimo para chegar ao acto sexual, com uma determinada pessoa, isso não é para ser esporádico, é para ser com a frequência que agrada a esse casal.

Para isso ser assim, é difícil ter uma vida às escondidas dos pais, acaba sempre por ser limitativo, por não ser como se quer e quando se quer. Eu acho que o relacionamento com o meu namorado atingiu essa fase, eu hoje sinto-me arrependida por ter chegado já a essa fase, porque os meus pais não sabem, nem podem saber, dava-lhes a eles uma coisinha má, e depois ainda ressuscitavam para me vir fazer uma coisinha má a mim, e depois voltavam a morrer, mas primeiro vinham prejudicar-me a mim, porque eles não aceitavam isso de maneira nenhuma.

Aqui há uns tempos sugeri ir passar uma semana de férias só com o meu namorado, e o resto das férias com eles, como é costume, e a minha mãe disse-me logo "Nem penses porque eu já sei como é que é, não quero facilitar a que surja um determinado relacionamento entre vocês, se isso tiver que acontecer, ao menos que eu não me sinta culpada, porque depois eu não ia ser capaz de assumir a vossa relação assim, e por outro lado também não me sentia bem a fingir que não acontecia".

(...) Nunca vi a minha mãe a ser tão clara. Eu percebi logo que dali não havia hipótese de avançar, e a realidade é que eu neste momento tenho uma relação com o meu namorado que os meus pais não conhecem, e com que eu não me sinto bem, que tenho andado a fugir disso, e já falei imenso com ele, ele percebe também , e tem pena.

Mas eu não sou capaz de neste momento continuar uma relação que já comecei, apesar de continuarmos a namorar, a nossa relação regrediu, porque eu não sou capaz de ter uma vida sexual com ele, assim às escondidas, faz-me confusão, faz-me imensa confusão, porque eu não sou nada assim.

Primeiro até foi giro, depois era aquela parte toda de ser às escondidas, que era engraçado, mas também naquela altura tinha 19 ou 20 anos, não sei, já não me lembro, mas depois isso acabou, ficou só aquela coisa de ser às escondidas e depois dizer aos meus pais que tinha ido ao cinema. Não ia nada, e depois chegava a casa cheia de medo que me perguntassem como é que tinha sido o filme...aquilo era horrível, eram mentiras pegadas umas nas outras.

Eu no fundo tinha a esperança de que à medida que o namoro ia progredindo que eles fossem aceitando, mas eles estão convencidíssimos que continuamos como no primeiro dia de namoro.

E - E acredita que eles estão convictos disso?

S - Perfeitamente. Já me disseram muitas vezes "Não penses nisso, 3 anos e tal de namoro, eles desconfiam de certeza". Mas eles não desconfiam de maneira nenhuma, tenho a certeza absoluta. Não sei explicar, é a maneira como eles se relacionam comigo, e com ele, se eles desconfiassem eu percebia, pela maneira de estar, de falar.

E - Acha que algum dia vai ultrapassar isso?

S - Antes de me casar?

E - Por exemplo...

S - Nunca.

(rapariga, 22 anos, Foreclosure na área da sexualidade)

E - Quando é que acha que duas pessoas se devem relacionar sexualmente?

S - Acho que a relação sexual é capaz de ser necessária para consolidar uma relação a dois... Para mim tem talvez um papel secundário, acho que em termos de relacionamento, outras coisas são mais importantes que o relacionamento sexual.

E - Como por exemplo?

S - Não sei, a fidelidade, coisas mais exteriores ao organismo...mais necessárias, a que eu dou muito mais valor.

E - Quando é que acha que está certo duas pessoas terem um relacionamento íntimo em termos sexuais?

S - Acho que só mesmo se amarem a sério, se gostarem a sério um do outro, e se acharem que vale a pena, porque por exemplo, aqueles relacionamentos que as estrelas de cinema têm, com todos e com nenhum ao mesmo tempo, eu acho que não tem sentido nenhum.

(....) Acho que tem de estar associado ao casamento. Mas acho também que esta ideia é já um bocado antiga, portanto se existir um consenso entre as duas pessoas, se acharem que já se conhecem bem, que têm um relacionamento muito sério há muito tempo (...) acho que pode ser antes do casamento se considerar que se está no bom caminho e não se vai andar para trás (...) se tiver um bom relacionamento com uma pessoa durante vários anos e eu achar que depois desse relacionamento virá o casamento. Não acho é que seja preciso ficar à espera de casar para ter um relacionamento sexual, mas é preciso ter a certeza das coisas, perceber que é o parceiro ideal.

(rapariga, 23 anos, Foreclosure na área da sexualidade)

E - Como é que essas ideias se aplicam a si?

S - Eu nunca fui uma pessoa muito libertina, não tenho nada que criticar, acho que cada pessoa faz as suas opções. Mas eu cheguei à conclusão que é muito mais estável - faz bem ao ego - quando há relações numa situação em que haja respeito, senão perde o interesse. É mais fácil ter relações dentro de uma instituição - não é casamento, nem nada disso - é dentro de uma coisa mais estável.

E - Sempre pensou dessa forma?

S - Foi sempre assim, se calhar lá está a influência dos meus pais. Eles são muito conservadores, e eles acham - então nós as filhas sofremos imenso com isso - a minha mãe principalmente dizia-nos "vocês casam com um pessoa que seja boa pessoa e tal e só depois é que podem ter uma vida sexual activa". Se calhar está um bocado ligado a isso, mas não consigo conceber relações esporádicas com várias pessoas.

E - Até que ponto é que é previsível que venha a mudar as suas ideias no futuro?

S - Acho que não vão mudar assim muito. Se calhar quando eu tiver os meus filhos eles não vão pensar nada como eu. Se calhar vou ser antiquadíssima quando tiver 40 anos, mas se calhar vou continuar a ter esta linha de pensamento, esta opinião.

(rapariga, 22 anos, Foreclosure na área da sexualidade)

Como vimos, não só há uma maior restrição comportamental por parte das raparigas, como a vivência actual da sexualidade é experienciada por estas com uma angústia mais ou menos intensa - como no primeiro excerto, onde a culpabilidade gerada pelas suas experiências sexuais as levam à eliminação pura e simples dessa vertente da sua relação de namoro.

Aliás já Miguel e Vilar (1986), num estudo realizado numa população de jovens de todo o país entre os 15 e os 24 anos, constataavam a existência de um "duplo padrão moral" face à sexualidade masculina e feminina.

Ou seja, Miguel e Vilar encontraram nos jovens diferentes atitudes face à sexualidade das mulheres e dos homens. Enquanto que a experiência sexual faz parte da visão social do crescimento do rapazes, não sendo considerada como algo que deve ser escondido, ou que corresponda a um mau procedimento do jovem, na rapariga, a experiência sexual faz-se acompanhar de medo e culpa, sendo a vivência da sexualidade feminina vista como um sinónimo de pouca maturidade pessoal e desvio no seu comportamento.

Aliás, não surpreende que os rapazes vivam a sua sexualidade com uma carga bastante menor de medo e culpabilidade, uma vez que a sociedade enfatiza a liberdade sexual no rapazes, e portanto um comportamento sexual mais livre é percebido como adequado e socialmente esperado, ao contrário das raparigas.

O que poderá suscitar a nossa curiosidade é a forma como estes diferentes modelos de socialização continuam tão vinculados cerca de 10 anos mais tarde, numa população de sujeitos diferenciados academicamente, urbanos e de nível social alto e médio - alto - variáveis que no estudo de Miguel e Vilar estavam associadas a um menor desejo de secretismo, a uma menor culpabilidade e a uma maior permissividade face às relações sexuais.

No estudo de Costa (1991), os jovens inquiridos de ambos os sexos distribuem-se equitativamente pelos estatutos de identidade *Foreclosure* e *Identity Achievement*. Ou seja, aproximadamente 1/3 da amostra masculina e 1/3 da amostra feminina são *Achievers* para esta área, e 35,2% dos sujeitos de cada sexo são *Foreclosure*.

Na nossa amostra, como já evidenciámos, a clivagem entre os géneros de pertença é bastante mais marcada, inclusivamente ao nível dos modelos de socialização e das influências parentais. Nas raparigas, observámos uma forte influência parental nomeadamente da figura materna, que não é sequer referida pelos rapazes, cujos valores neste domínio são transmitidos através dos grupos de amigos.

E - Como é que desenvolveu as suas ideias a este respeito?

S - Os meus pais, explicar, não me explicaram propriamente muito sobre isso, foi mais através do que ia falando com outras pessoa, é muito comum na adolescência conversar sobre fulano que teve aquela experiência, o outro teve outra experiência, vai-se conversando sobre isso, (...) víamos revistas, víamos livros, às vezes reuníamos para ver filmes, é um processo normal de interiorização. Não há uma altura em que a pessoa pensa que está preparada, não é, nunca pensei propriamente "estou ou não estou preparado" "como é que vai ser", sempre encarei isso como uma coisa normal, quando for a primeira há-de ser, "prontos", nunca encarei como um bicho de sete cabeças, nunca vivi isso com angústia, nem com complexos.

(rapaz, 23 anos, *Identity Achiever* na área da sexualidade)

Como vimos, quer os rapazes quer as raparigas enfatizam a distinção entre relações sexuais ocasionais - e portanto sem componente afectiva - e relações sexuais no contexto de um relacionamento amoroso, desvalorizando as primeiras, e privilegiando as segundas.

O que é interessante é que o processo para chegar a esta conclusão é diferente em ambos os sexos. Nos rapazes é o resultado de um processo de experimentação activa de vários tipos de relacionamentos. Nas raparigas é quase sempre fruto da culpabilidade ligada à sua sexualidade, que só tem direito de existência, no contexto de uma relação institucionalizada.

Essa relação institucionalizada deixou de ser o casamento, aparentemente pouco valorizado pelos nossos entrevistados, para passar a ser o namoro "sério". O casamento deixou de ser assim o ritual de passagem para uma vida sexual activa.

Não é o "papel passado" que é importante, mas sim, para os rapazes, o envolvimento afectivo com a namorada, e para as raparigas, a certeza de que a relação é séria e vai durar (no fundo equivalente ao casamento), dando assim ao namoro o carácter de instituição, no seio da qual a sexualidade é permitida, embora, como já dissemos, vivenciada com culpabilidade por parte das raparigas.

2.4. Níveis de Maturidade Relacional

Quadro 2.4.I - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional - global e por área (valores absolutos e percentagens)

NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	ÁREAS DA MATURIDADE RELACIONAL					NÍVEL DE MATURID. RELACIONAL GLOBAL
	T.P.O.	INTERESSE	COMPROM.	SEXUALIDADE	COMUNIC.	N %
EGOCÊNTRICO	25 49%	7 13,7 %	11 21,6%	10 19,6%	14 27,5%	12 23,5%
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL	10 19,6%	22 43%	21 41,2%	16 31,4%	21 41,2%	23 45,1 %
INDIVIDUADO / RELACIONADO	16 31,4%	22 43%	19 37,3%	10 19,6	16 31,4%	16 31,4%
TOTAL (N) (%)	51 100%	51 100%	51 100%	36* 100%	51 100%	51 100%

(*) Na área da sexualidade só são avaliados os sujeitos que se encontram sexualmente envolvidos com alguém, não recebendo os restantes 15 sujeitos qualquer cotação para esta área.

Da observação do quadro ressalta o grande número de sujeitos que se encontra no nível focalizado no desempenho de papel (quase metade da amostra). Este resultado na apreciação do nível global dos sujeitos, parece resultar do peso que este nível tem relativamente aos outros dois, egocêntrico e individuado / relacionado, em quase todas as áreas avaliadas.

De facto, os sujeitos foram predominantemente cotados como tendo um nível de maturidade relacional focalizado no desempenho de papel nas áreas do interesse (43% da amostra total), do compromisso (41,2%), da sexualidade (31,4%) e da comunicação (41,2%).

Apenas na área da tomada de perspectiva do outro, a modalidade de funcionamento em termos de maturidade relacional se altera, demonstrando os sujeitos possuir uma tomada de perspectiva do outro de nível egocêntrico (49% dos sujeitos).

Quanto às diferenças entre os sexos, elas não são muito evidentes, conforme podemos observar no Quadro 2.4.II, já de seguida.

Quadro 2.4.II - Comparação entre os sexos da distribuição da amostra pelos Níveis de Maturidade Relacional - global e por área

NÍVEL DE MATURIDADE RELACIONAL	ÁREAS DA MATURIDADE RELACIONAL										NÍVEL DE MATURID. RELACIONAL GLOBAL	
	TOMADA DE PERSPECTIVA DO OUTRO		INTERESSE		COMPROMISSO		SEXUALIDADE		COMUNIC.		M	F
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	n %	n %
EGOCÊNTRICO	14 54%	11 44%	5 19%	2 8%	6 23%	5 20%	6 23%	4 16%	7 27%	7 28%	6 23%	6 24%
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL	7 27%	3 12%	12 46%	10 40%	11 42%	10 40%	7 27%	9 36%	12 46%	9 36%	12 46%	11 44%
INDIVIDUADO/RELACIONADO	5 19%	11 44%	9 35%	13 52%	9 35%	10 40%	6 23%	4 16%	7 27%	9 36%	8 31%	8 32%
TOTAL (N)	26	25	26	25	26	25	19*	17*	26	25	26	25
(%)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

(*) Na área da sexualidade só são avaliados os sujeitos que se encontram sexualmente envolvidos com alguém, pelo que, para esta área, a amostra é constituída por 19 sujeitos do género masculino e 17 sujeitos do género feminino, num total de 36 sujeitos.

Como podemos observar não há grandes diferenças entre rapazes e raparigas nos níveis de maturidade relacional nas diversas áreas. Jovens do sexo masculino e feminino relacionam-se entre si trazendo para os seus relacionamentos privilegiados um forte reconhecimento do papel social a desempenhar, nomeadamente no que respeita aos padrões de comunicação, à interacção sexual e ao compromisso assumido para com o outro (valores entre 27% e 46% para ambos os sexos).

Apenas nas áreas da tomada de perspectiva do outro (T.P.O.) e do interesse se registam padrões diferentes de resposta entre o género masculino e feminino.

No que respeita à T.P.O. os rapazes situam-se claramente no pólo egocêntrico (54% da amostra masculina), enquanto que as raparigas dividem-se essencialmente pelo nível egocêntrico e pelo nível individuado / relacionado (44% em ambos os casos).

Na área do interesse há uma progressão de ambos os sexos na escala desenvolvimental, demonstrando grande parte dos rapazes um interesse de nível focalizado no desempenho de papel (46% da amostra masculina), e as raparigas dividem-se entre este nível e o nível superior de maturidade relacional (40% e 52% respectivamente).

Nas restantes áreas, exceptuando a área da sexualidade, encontramos um duplo padrão de resposta no grupo feminino, ou seja, encontramos um grupo de raparigas que, tal como os rapazes, se posiciona no nível focalizado no desempenho de papel, enquanto que as restantes se posicionam no nível mais maduro de maturidade relacional.

Iremos analisar mais em pormenor estas diferenças já de seguida.

Discussão

O aspecto mais saliente destes resultados é a concentração dos sujeitos, rapazes e raparigas no Nível de Maturidade Relacional focalizado no desempenho de papel.

Lembramos que este é o nível mais convencional de todos, onde o que é enfatizado é a desejabilidade social, e cujas características essenciais são o forte reconhecimento do papel social a desempenhar no contexto de uma determinada relação - seja ela de namoro ou amizade - comportando-se os sujeitos menos de forma genuína e mais de acordo com o que julgam ser as expectativas sociais para aquele tipo particular de relação afectiva.

Ou seja, de uma forma geral, grande parte dos rapazes e das raparigas inquiridas não trazem para os seus relacionamentos, quer de amizade, quer amorosos, a genuinidade, a mutualidade, o interesse e o investimento afectivo no outro, que caracteriza os relacionamentos afectivos mais maduros.

De acordo com algumas linhas teóricas que atrás desenvolvemos, esperar-se-ia que os sujeitos do género feminino se mostrassem mais maduros nos seus relacionamentos afectivos, do que os seus pares do sexo masculino. Porém, como já observámos, quer no Nível de Maturidade Relacional global, quer na maioria das áreas (compromisso, sexualidade e comunicação), rapazes e raparigas relacionam-se com os seus pares de forma focalizada no desempenho de papel.

Estes resultados vão de encontro aos obtidos por White, Speisman, Jackson & Costos (1986), e de White, Houlihan, Costos & Speisman (1990), em estudos realizados em casais entre os 20 e os 30 anos. Em ambos os estudos a maior parte dos homens e mulheres inquiridos, situaram-se no nível de maturidade relacional focalizado no desempenho de papel, apesar de, tal como no presente trabalho, se terem encontrado alguns homens e algumas mulheres nos níveis egocêntrico e individuado / relacionado em cada escala.

Em algumas áreas da maturidade relacional, porém, verifica-se na nossa amostra um duplo padrão de resposta, em que a amostra feminina se divide entre os níveis focalizado no desempenho de papel e individuado / relacionado, nas áreas do compromisso e da comunicação.

Também na T.P.O., encontramos uma dupla tendência de resposta, no nível egocêntrico e no nível individuado / relacionado, que contrasta fortemente com o padrão de resposta masculino, que na T.P.O. se situa no nível egocêntrico.

Apenas em uma área, a do interesse, as raparigas parecem estar num nível de maturidade relacional superior aos rapazes, uma vez que mais de metade da amostra se situa no nível individuado / relacionado, enquanto que os rapazes estão no nível focalizado no desempenho de papel. Contudo a percentagem de raparigas no nível focalizado no desempenho de papel é elevada, e próxima do valor da amostra masculina.

Se compararmos com os resultados obtidos por White *et al* (1986) ao nível das áreas da maturidade relacional, verificamos que neste estudo, as áreas onde aparecem diferenças entre os sexos são também a T.P.O. e o compromisso, verificando-se a mesma tendência aqui encontrada, a dos homens para o nível egocêntrico na T.P.O. e a das mulheres para o nível individuado / relacionado no compromisso.

Em suma, em termos de Nível de Maturidade Relacional global as raparigas que constituíram a nossa amostra não demonstraram possuir uma maior maturidade relacional que os rapazes, contrariando assim a hipótese de que as mulheres teriam uma maior capacidade para a intimidade que os homens.

Contudo, na maior parte das áreas da maturidade relacional - T.P.O., interesse, compromisso e comunicação - verifica-se uma tendência do grupo feminino para o nível superior de maturidade relacional, o que permite por a hipótese, de, caso a amostra fosse maior, se não encontraríamos mais raparigas no nível individuado / relacionado, verificando assim uma diferença de padrão de maturidade relacional entre rapazes e raparigas.

Analisemos agora as áreas avaliadas uma a uma, enriquecidas com os depoimentos dos nossos sujeitos.

Tomada de Perspectiva do Outro (T.P.O.)

Como já referimos, é na área de T.P.O. que encontramos o nível de maturidade relacional mais indiferenciado, o nível egocêntrico e no grupo dos rapazes. Embora haja bastantes raparigas neste nível para esta área, grande parte das raparigas situa-se também no pólo oposto em termos de maturidade relacional.

Ou seja, parece haver mais facilidade nas raparigas que constituem a nossa amostra em se colocarem no lugar do outro, compreendê-lo e antecipar as suas necessidades, se bem que a percentagem quer de rapazes quer de raparigas que demonstraram alguma incapacidade a este nível, seja elevada na nossa amostra.

E - Eu começava por lhe perguntar quem é a pessoa com quem estabelece neste momento uma relação de maior proximidade.

S - É com a minha namorada.

E - O que é que há de especial nesta pessoa, para ser a pessoa que está mais próxima de si neste momento?

S - Pois, é a minha namorada. E porque é...pronto, como temos muitas pessoas, é de estarmos muito tempo os dois, pronto, damos-nos bem, com ela é que eu convivo mais frequentemente agora, actualmente.

E - Como é que a descreveria?

S - Pronto, é uma pessoa... é simpática...pronto, é bonita, alta, para rapariga é alta, que mais? Tem um feitio difícil também...é um bocado teimosa...não vejo assim mais nenhuma característica que possa sobressair nela... Ah! Talvez o que me atraia mais nela é o cabelo, tem assim um cabelo comprido, encaracolado, preto... Nada assim de especial.

E - Se fosse ela que estivesse aqui, e eu lhe fizesse esta pergunta como acha que ela responderia, o que acha que ela diria de si? Como acha que ela o vê a si?

S - Ai se quer que lhe diga não faço a menor ideia, pode ser...pronto...podia dizer no momento...não sei o que é que ela poderia dizer no momento, mas acho que lhe agrado, não sei...mas assim por palavras?

E - E uma imagem? Qual a imagem que acha que ela tem de si?

S - Então acho que...

E - Como é que ela o poderá descrever às outras pessoas?

S - ...Como uma pessoa de quem ela gosta, também eu sou um bocado teimoso e tenho um feitio um bocado intratável, pelo menos no que se relaciona com ela, acho que ela diria isso...não estou assim a ver nada que ela pudesse dizer em relação a mim.

(rapaz, 21 anos, nível egocêntrico na área de T.P.O.)

E - Agora mudando um pouco para as suas relações de amizade, há alguém de quem você se sinta particularmente próximo?

S - Sim, um amigo meu.

E - Há quanto tempo é que se conhecem?

S - Há 15 anos, mais ou menos.

E - Como é que o descreveria?

S - Fisicamente é grande, gordo, a nível de carácter é completamente desregrado, uma coisa incrível, não tem rumo na vida, é uma criança autêntica a agir, desde as atitudes dele, que são completamente imponderadas, sem objectivos nenhuns, mas pronto, lá vai vivendo a vida dele.

E - O que é que ele diria de si?

S - Era capaz de dizer que estou a ficar velho.

E - Porquê?

S - Porque já não partilho parte das brincadeiras que ele ainda gosta de fazer e das situações em que gosta de se pôr e que gosta de fazer e de dizer. E parte dessas coisas eu já não acho muita piada.

(rapaz, 23 anos, nível egocêntrico na área de T.P.O.)

E - Como é que descreveria a sua namorada?

S - Acho-a uma rapariga bonita, inteligente, carinhosa, decidida, muito segura de si.

E - Qual é a visão que ela tem de si?

S - Suponho que tem uma visão parecida, que gosta de mim e que eu gosto dela. Também me acho carinhoso.

(rapaz, 23 anos, nível egocêntrico na área de T.P.O.)

Apesar das diferenças entre estes três depoimentos, todos são considerados como estando no nível egocêntrico de maturidade relacional na área de T.P.O., porque nos três é evidente, embora sob diferentes formas, uma incapacidade para se colocar no lugar do outro, ver o mundo e ver-se a si próprio com os olhos do outro, bem como compreendê-lo e aceitá-lo tal como é.

No primeiro e no terceiro segundo depoimentos há uma forte ênfase nas características físicas do outro, como elementos importantes na sua definição, e uma avaliação claramente negativa da namorada e do amigo, em que, especialmente no último depoimento, os comportamentos do outro são avaliados como negativos na medida em que já não vão de encontro à forma de se comportar do próprio.

No terceiro depoimento, apesar de se tratar de uma descrição positiva, ela é feita em função do próprio, por identificação às suas próprias qualidades, e à forma como o próprio sujeito se percebe.

Nos três casos evidencia-se assim uma dificuldade dos sujeitos em se descentrarem de si próprios, características da incapacidade para se colocar no lugar do outro e uma visão do outro na medida apenas em que esta afecta o próprio.

Nas raparigas encontramos também esta incapacidade para se colocar no ponto de vista do outro, bem patente no depoimento seguinte:

E - É capaz de descrever a sua amiga?

S - É muito diferente de mim. É assim mais expansiva, reage às coisas logo, não pára para pensar, não mede assim muito bem as coisas... tem outro ponto de vista e talvez por isso eu goste da opinião dela sobre diversos assuntos.

E - Como é que ela a descreveria si?

S - Como é que eu vou saber?

E - O que é que imagina que ela diria de si se eu lhe perguntasse, por exemplo.

S - É difícil, não sei. Se calhar o mesmo que eu disse dela.(...) É difícil pôr-me no ponto de vista dela, mas acho que deve achar o mesmo que eu.

(rapariga, 20 anos, nível egocêntrico na área de T.P.O.)

Este tipo de depoimentos contrasta com os depoimentos seguintes, exemplificativo de sujeitos no nível mais desenvolvido de maturidade relacional para esta área.

E - Como descreveria essa pessoa?

S - É uma pessoa muito calma, com uma forma de pensar um pouco diferente da minha. É mais prático e objectivo, e bastante seguro. É talvez menos afectivo que eu e muito sincero.

E - Como é que ele (marido) a descreveria a si?

S - Como uma pessoa bastante activa e segura nos seus objectivos, que procura levar a fundo as coisas em que se mete, às vezes até ao exagero - pelo que ele me diz.

(...)

E - Como é que essa pessoa (amiga) reage quando você diz que algo está mal?

S - Reage super - bem. Entre mim e ela nunca houve discussão. Nós temos pontos de vista diferentes, mas nunca houve discussões. Houve uma altura em que estivemos bastante tempo sem nos vermos, eu disse-lhe que estava um bocado chateada, e ela disse-me que compreendia perfeitamente que eu me queixasse. E eu compreendi, ela compreendeu, e acabei por aprender a aceitar. Há que aprender a viver com os defeitos e virtudes dos outros.

(rapariga, 24 anos, nível individuado / relacionado na área de T.P.O.)

E - Qual é a pessoa com quem estabelece uma relação mais próxima neste momento?

S - O meu namorado, talvez.

E - Como é que o descreveria?

S - Ele é uma pessoa que me preenche, é meu amigo, é dedicado, está sempre a ver os meus problemas, noto que estamos muito ligados. Dantes eu estabelecia uma relação muito próxima com a minha mãe, mas agora acho que houve um certo afastamento, noto que já não estou tão dependente, também já não sou nenhuma menininha não é? É sem dúvida do meu namorado que me sinto mais próxima. É a ele que eu recorro para desabafar, apesar de ele ser uma pessoa extremamente introvertida, mas ele também teve imensos problemas a nível pessoal e familiar, já se meteu em drogas, e isso fez com que a personalidade dele ficasse um bocado alterada, ele ficou um bocado frágil e encontrou em mim um certo apoio. Eu também me apoio nele, é uma coisa mútua.

E - Como é que acha que ele a descreveria a si?

E - Ai uma chata, isso era logo (ri). Não, acho que ele me descreveria como uma pessoa de ideias fixas, perfeccionista, mas eu sei que ele gosta de mim, e que sabe que eu lhe dou apoio.

(...)

E - Como é que resolvem os vossos problemas?

S - Às vezes quando surge um problema, eu noto que ele fica com uma expressão estranha, eu parece que pressinto aquilo que se passa... e pergunto o que se passa, mesmo quando ele responde que não é nada, eu tento rodear pois percebo que há ali coisa, e acabamos por resolver as coisas. Felizmente tem corrido sempre tudo bem.

(rapariga, 18 anos, nível individuado / relacionado na área de T.P.O.)

Como podemos observar, os sujeitos neste nível de maturidade relacional descrevem o outro de forma mais realista e objectiva, aceitando as diferenças, mesmo quando estas não são do seu inteiro agrado. Denotam também capacidade compreender o ponto de vista do outro e para intuir as suas necessidades, mesmo quando os seus parceiros não demonstram esta sensibilidade.

S - Às vezes gostava que ele fosse um pouco mais sensível a certas coisas que para mim são muito importantes, e que para ele não são assim. Não sei, talvez seja uma diferença de personalidade

(rapariga, 22 anos, nível individuado / relacionado na área de T.P.O.)

S - Às vezes tento falar com ele e pergunto-lhe se ele acha que está alguma coisa mal com a nossa relação, se ele acha que vamos acabar e ele responde "para com isso, deixa-te de fazer fantochadas, de dizer disparates", e pronto, não há grandes atritos entre nós.

(rapariga, 23 anos, nível individuado / relacionado na área de T.P.O.)

Interesse

A área do interesse é aquela onde encontramos uma maior diferenciação entre rapazes e raparigas. De facto a maior parte das raparigas inquiridas por nós demonstraram sentir uma maior preocupação com os seus parceiros e amigos(as), relativamente ao grupo dos rapazes, notando-se nestas uma preocupação mais clara de fazer sentir ao outro o quanto gostam dele/ dela e se importam com ele/ela, e desencadeando comportamentos adequados a essa finalidade.

E - Como é que demonstra o seu interesse, a sua preocupação por ele (namorado)?

S - Sei lá, tentando saber como é que ele está, como é que ele se sente, também outras manifestações que podem ser não verbais, manifestações de carinho...Palavras leva-as o vento, como se costuma dizer não é? Tem de haver também actos, e noto que ele é mais receptivo às manifestações não verbais.

(rapariga, 23 anos, nível individuado / relacionado na área do interesse)

E - De que forma você expressa a sua preocupação, o seu interesse por ela (amiga)?

S - De variadíssimas formas, desde o apoio afectivo, o carinho que a pessoa precisa, até às preocupações mínimas, sei lá, quando se tem uma frequência, ou uma coisa importante, e eu sei, telefono-lhe a saber como é que se passou (se não puder estar com ela, se não vou lá a casa), quer dizer, procuro estar dentro do que se passa com ela.

(rapariga, 22 anos, nível individuado / relacionado na área do interesse)

Como vemos a ênfase é no suporte afectivo, mas tendo sempre em atenção as necessidades do outro, e o tipo de atenção que este gosta de receber.

Já os rapazes na sua maioria, demonstraram um interesse pelos suas namoradas e amigos(as) mais de acordo com o socialmente esperado para cada tipo de relação, do que propriamente com uma necessidade genuína de fazer sentir ao outro o seu interesse por ele/ela.

E - como é que expressa aquilo que sente por ela (namorada)?

S - Por exemplo, no fim de semana passado eu queria estudar e não me apetecia ir sair. Acabámos por ir estudar, e pronto alterei as coisas todas, apetecia-me estar sozinho e por ir estudar...e estivemos a estudar...se bem que eu não estive a estudar nada, mas estive a fingir. Quando não me apetece estudar não consigo realmente estudar, mas pelo menos estive a fingir que estudava, estive a olhar para aquilo...acho que tem de haver essa flexibilidade.

(rapaz, 22 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área do interesse)

S - De que forma é que habitualmente lhe mostra que está preocupado com ele, que gosta dele (amigo)?

S - Chateio-o (ri). faço-lhe aquelas recomendações de mãezinha, "vê lá se estudas" e tal e pronto...tento evitar ao máximo não é, todos sabemos como isto é aborrecido, há aquelas recomendações e depois não o aborreço mais, mas chateio-o um bocado, acho que é mais ou menos assim que se mostra a preocupação.

(rapaz, 21 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área do interesse)

E - De que formas é que você lhe mostra que gosta dela, se preocupa com ela (namorada)?

S - O diálogo, e o tentar resolver certos problemas que surgem em relação a ela, e que têm a ver com ela e que eu não tenho nada a ver, mas tento ajuda-la, para além de dialogar sobre isso, tentando tira-la de alguma coisa que a esteja a tocar, tentando dar um passeio, sair...

(rapaz, 23 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área do interesse)

Nos dois primeiros depoimentos aparece verbalizado o sentimento de dever, a consciência de que há uma maneira correcta de exprimir a preocupação e o afecto pelo outro, e que para um dos sujeitos passa pela aceitação incondicional dos desejos do outro, e para outro passa por assumir um papel "chato" mas que tem de ser assumido por alguém.

No terceiro caso apontado, há uma ênfase no diálogo, mas também como qualquer coisa que tem de se fazer, e não que corresponda a uma preocupação genuína com a outra pessoa, até porque os problemas desta são sentidos como algo que não diz respeito ao próprio, e portanto a forma de ajudar o outro a resolvê-los é ajudá-lo a não pensar, colocando-se também de fora.

Compromisso

Na área do compromisso, rapazes e raparigas apresentam um padrão de respostas similar, ambos no nível focalizado no desempenho de papel, embora haja uma percentagem importante de raparigas que demonstram uma elevada maturidade relacional ao nível do comprometimento afectivo para com os sujeitos por elas designados - namorado e/ou amigo(as).

A utilização do termo "compromisso" na questão que era colocada aos sujeitos, levantou alguns problemas, na medida em que, apesar dos sujeitos compreenderem que a questão procurava avaliar a extensão do envolvimento afectivo para com o outro e a intenção de permanecer nessa relação, a palavra compromisso desencadeou de uma forma geral algumas reacções defensivas.

Talvez por essa razão a maior parte das respostas obtidas neste domínio tenha sido deste teor:

E - Algum de vocês mostra mais envolvimento do que o outro na relação?

S - Acho que esta fase ainda é uma fase de precaução, há envolvimento, mas se quer que lhe diga não há entrega total, isto não é para casar daqui a um mês. O ritmo das coisas vai evoluindo à medida que evolui quer para cima, quer para baixo. Neste momento está num plano recto, agora vamos ver, se daqui a algum tempo se intensifica ou não.

E - Até que ponto é que está comprometido nesta relação?

S - Neste aspecto digo-lhe que estou descomprometido, não há um vínculo contratual que nos mantenha unidos. É uma opção de cada um, quando um quiser desvincular-se da relação, tudo bem.

(rapaz, 20 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área do compromisso)

E - Até que ponto é que se sente comprometida com esta relação?

S - É uma pessoa que eu já, pronto, namoro há dois anos, uma pessoa que é extremamente sincera para mim, que eu também tenho obrigação de ser sincera com ele não é? Sinto que é um compromisso, claro! Mas é um namoro, se alguma coisa acontecer acho que ninguém tem problemas em dizer "isto está mal, vamos acabar", não é nenhum casamento, não está nada escrito, mesmo nos casamentos há divórcios, no entanto sinto-me muito ligada a ele, muito ligada em termos afectivos.

(rapariga, 23 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área do compromisso)

Estes depoimentos dão um pouco a ideia de que os sujeitos têm necessidade de afirmar que o relacionamento que actualmente vivem é passageiro, e que a ligação existente dura apenas enquanto durar, e que não há qualquer tipo de dependência ou mesmo de ligação mais forte entre os sujeitos.

Arriscaríamos a dizer que a consciência da efemeridade das relações que actualmente se vive, poderá levar a este tipo de funcionamento defensivo, que leva ao evitamento de um maior envolvimento afectivo, que caracteriza grande parte dos nossos inquiridos.

Considerámos estes sujeitos como estando no nível intermédio de maturidade relacional devido ao fraco compromisso existente, mas que não assume as características do nível egocêntrico de maturidade relacional, onde as relações estão ou em rotura ou são de conveniência.

E - Até que ponto é que se sente comprometida nesta relação de amizade?

S - Sinto, na medida em que é uma pessoa que conheço há muito tempo, uma pessoa que já ia a minha casa, que os meus pais conhecem, que ...pronto, uma pessoa que conheço há muito tempo e que compartilhei com ela algumas ideias, pensamentos íntimos, e nessa medida sinto que há um compromisso a nível da amizade.

(rapariga, 23 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área do compromisso)

Neste depoimento já encontramos um conteúdo mais próximo daquilo que os autores conceptualizaram como nível de maturidade relacional focalizado no desempenho de papel.

A intenção de permanecer na relação de amizade prende-se com o reconhecimento por parte de outros significativos (pais) da existência daquela relação, bem como o facto de já se ter cumprido o papel social de amigo íntimo (partilhar ideias e pensamentos íntimos), sendo esses factores os maiores determinantes da manutenção da relação, e não um sólido comprometimento para com um indivíduo específico, acima das pressões sociais, que caracteriza o nível individuado / relacionado.

E - Até que ponto é que se sente comprometida nesta relação?

S - É assim, eu sinto-me mais do que comprometida. Esta é a pessoa com quem eu quero casar, com quem eu quero construir uma família. Estas coisas (desentendimentos) são coisas que vão acontecer ao longo da vida, acho que se os conseguirmos ultrapassar agora, podemos estar preparados para outros que venham, ou pelo menos sabemos que conseguimos ter força e amor suficiente para conseguir ultrapassar as outras que venham.(...) Acho que temos uma coisa tão sólida, amor tão sólido, que não estamos dispostos a abrir mão disso. Acho que é o espírito de luta. Pronto, se algum dia se esgotar era porque tinha que esgotar, mas não sem lutar por isso.

(rapariga, 23 anos, nível individuado / relacionado na área do compromisso)

Este depoimento contrasta bastante com os anteriores, na medida em que há uma clara intenção de permanecer na relação e um reconhecimento de que as relações se constroem no dia-a-dia, demonstrando assim o sujeito um forte compromisso para com a relação e com o outro.

Sexualidade

Como temos vindo a referir, receberam cotação nesta área, apenas os sujeitos que à altura da entrevista mantinham um relacionamento sexual com alguém, independentemente de se tratar ou não da(s) pessoa(s) sobre a qual a entrevista foi realizada. Assim encontrámos apenas 36 sujeitos nesta situação, 19 do sexo masculino e 17 do sexo feminino, o que corresponde a 70,6% da amostra, 73,1% dos rapazes e 68,0% das raparigas.

Estes resultados não estão muito distantes dos encontrados por Santos Lucas (1993) numa população de 2741 indivíduos residentes em Portugal Continental, e onde os valores encontrados apontam para uma taxa de virgindade de 33,3% nas raparigas entre os 20 e os 24 anos e 11,5% nos rapazes da mesma faixa etária, o que corresponde a 88,5% de rapazes e 66,7% de raparigas que já tiveram relações sexuais.

Porém a questão colocada por nós, não era a de saber se os sujeitos já tinham ou não tido relações sexuais, mas sim se estavam actualmente envolvidos com alguém. Se considerarmos que sujeitos que actualmente não estão sexualmente envolvidos com alguém, já estiveram no passado, os valores por nós encontrados terão tendência a subir, aproximando-se dos valores encontrados por Lucas.

Esta questão, por procurar saber acerca da forma como os sujeitos percebem a dimensão sexual no contexto da relação - de namoro ou outro tipo - foi uma questão de resposta particularmente difícil, na medida em que os sujeitos tenderam a responder que estava tudo bem, sem aprofundarem mais.

Como vimos a maior parte dos rapazes e das raparigas posicionam-se no nível intermédio de maturidade relacional, na medida em que as suas respostas às questões relacionadas com esta área, foram de carácter geral, em termos de frequência e variedade, e enfatizando mais a vertente sexual *per si*, do que a sexualidade como parte dimensão de um relacionamento afectivo, onde a comunicação e a expressão da ternura são parte integrante.

E - No que respeita à dimensão sexual da vossa relação, está satisfeito pelo modo como as coisas estão entre vocês?

S - Estava satisfeito se fosse mais vezes, mas devido ao tempo limitado tal não é possível.

E - E ela está satisfeita?

S - Sim às vezes parece satisfeita de mais.

E - Como casal, vocês discutem a vertente sexual da vossa relação?

S - Fala-se de vez em quando. Mudar um bocudo, de vez em quando.

E - O que é que faz?

S - Acho que ela está sempre satisfeita desde que seja comigo, e naquele momento sente-se bem com isso, mas não gosta tanto de mudar como eu.

(rapaz, 21 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área da sexualidade)

E - Relativamente à vertente sexual da vossa relação, está satisfeita pelo modo como as coisas estão a correr?

S - Sim, corre muito bem. No início não corria assim tão bem, mas também já passou tanto tempo que aquelas coisas que havia para resolver já ficaram resolvidas. E também acho que se houver qualquer coisa para resolver, não temos problemas nenhuns, marcava uma consulta com um especialista.

E - Como casal vocês discutem a vertente sexual da vossa relação?

S - Sim.

E - Com que frequência?

S - Sei lá, de vez em quando é normal as coisas não correrem bem e então fala-se para se ver o que é que se pode fazer melhor, como é que se dá a volta à coisa para aquilo funcionar como deve ser.

(rapariga, 22 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área da sexualidade)

Como vemos, em ambos os casos, a sexualidade parece ser qualquer coisa exterior à relação, algo que se faz porque é esperado que se faça entre namorados, e que acontece de forma automática, mas que não corresponde a uma verdadeira forma de expressão dos afectos.

No primeiro extracto não parece haver mutualidade, nem grande preocupação pelo prazer do parceiro. No segundo depoimento encontramos uma perspectiva quase mágica da sexualidade, vista como uma "coisa" que se não funcionar, "conserta-se" no especialista. Em ambos os textos é visível a tendência que se encontra nos sujeitos focalizados no desempenho de papel para encarar as dificuldades como provenientes de factores exteriores ao próprio e à relação.

Comunicação

A área da comunicação pretende avaliar que tipo de informação é partilhada pelos sujeitos no contexto da relação, bem como a sua capacidade para gerir os conflitos, iniciar um diálogo sobre um tópico mais difícil, escutar e responder de forma adequada.

À semelhança de outras áreas, também aqui verificámos um duplo padrão de resposta do grupo feminino: parte das raparigas deram respostas focalizadas no desempenho de papel, parte evidenciaram estar no nível superior de maturidade relacional.

Os rapazes na sua grande parte adoptam padrões de comunicação focalizados no desempenho de papel, quer nas relações de amizade, quer de namoro.

E - Que tipo de assuntos é que habitualmente conversam (relação de amizade)?

S - Sei lá...tanta coisa. Por exemplo, podemos falar, eu até posso falar muito de...coisas relacionadas assim com...algo mais psicológico, mas é sempre em relação aos outros, nunca em relação a mim.

E - Nunca falam de vocês, é isso?

S - Sim , por exemplo, sei lá, ele é capaz de me vir falar sobre a relação com a namorada dele, mas vir falar dessas coisas, de nós próprios, das nossas fraquezas...

E - Não partilham preocupações e problemas?

S - Sim, mas não problemas tão profundos...Ah..., eu falar das coisas que estou a falar aqui consigo, por exemplo, nunca, nem pensar.

(rapaz, 23 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área da comunicação)

Para este sujeito, como para outros que iremos focar mais de seguida, a situação de entrevista foi uma situação inovadora, não tanto pela entrevista em si, mas por proporcionar a conversa sobre temas, sobre os quais os sujeitos não só não falam com as sua pessoas mais próximas, como em alguns casos, nunca tinham reflectido antes.

Este sujeito é exemplificativo do grande número de rapazes que nas suas relações de amizade, e mesmo de namoro, evitam todos os tópicos de conversa que digam respeito ao próprio e à relação que se tem com a outra pessoa.

Quando inquiridos, os sujeitos respondem que conversam sobre todos os assuntos, mas uma análise mais fina e alguma insistência do entrevistador revelam que "todos os assuntos", referem-se apenas aos tópicos externos à relação de amizade ou de namoro para com aquela pessoa específica, nomeadamente assuntos concernentes ao dia-a dia, ao trabalho e estudo, ao que se fez e se vai fazer.

Mesmo quando há conversas mais íntimas, no sentido do desabafar preocupações e problemas, é sempre relativo a terceiros - pais, namorado(a), outros amigos - e nunca relativo àquela pessoa.

Esta tendência encontra-se mais nas relações de amizade dos rapazes, do que nas relações de namoro, onde as raparigas demonstram alguma insistência no sentido de uma maior comunicabilidade.

E - Quem é que geralmente inicia os esforços para lidar com os problemas?

S - Acho que eu tento falar mais sobre os problemas. Se não fosse a minha insistência, havia muitas alturas em que não se falava sobre os problemas. Muitas vezes ele tenta esconder que está chateado. Se calhar temos atitudes diferentes em relação à forma como os problemas se resolvem. Eu acho que é importante falar sobre as coisas. E dá-me ideia que ele acha que quando eu estou a agir mal devia dar-me conta disso sozinha.

E - Como é que ele reage quando você levanta os problemas?

S - Ao princípio, quando começámos a namorar ele tentava fugir, não falar, negava o problema, mas agora há uma maior facilidade para discutir as coisas.

(rapariga, 22 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área da comunicação)

Este exemplo é demonstrativo dos sujeitos - geralmente do género feminino - que são sistematicamente bloqueados pelo namorado, na tentativa de estabelecer uma comunicação mais aberta. Provavelmente com outros parceiros o seu nível de maturidade relacional seria superior, mas no contexto da relação actual foram consideradas como estando no nível focalizado no desempenho de papel, devido ao facto de, apesar do bloqueio imposto pelo parceiro da expressão das suas emoções e sentimentos e preocupação com a relação, manifestam-se satisfeitas com o nível de comunicação actual.

De uma forma geral, as estratégias de resolução de conflitos dos sujeitos tendem a ser pobres, preferindo evitar o conflito do que enfrentá-lo, uma vez que imaginam que do conflito aberto poderão apenas advir consequências negativas.

E - Como é que vocês costumam lidar com os problemas, com as divergências que surgem entre vocês (namoro)?

S - Lá foram aparecendo. Falamos sobre o assunto. Às vezes as coisas não podem ficar resolvidas logo na altura. Acho que é importante falar sobre as coisas. Tento sempre melhorar as coisas dando prendas.

E - E ela?

S - Ela também me procura quando as coisas estão más e também me oferece prendas.

(...)

Uma característica tanto minha como dela é que não somos muito faladores, não temos muita necessidade de falar. Já houve casos em que foi muito difícil comunicar por causa disso. Já houve vezes em que nos chateámos por causa de palavras mal escolhidas.

(rapaz, 23 anos, nível focalizado no desempenho de papel na área da comunicação)

No entanto, como dissemos, há um grupo de raparigas que se consegue relacionar com os seus pares - namorado e amigo(a) - de forma satisfatória ao nível da comunicação estabelecida. A divergência de opiniões não é percebida necessariamente como algo de destrutivo, e não encontram problemas em iniciar um diálogo sobre um assunto mais melindroso, demonstrando também uma boa capacidade de escuta e de resposta adequada.

E - Quando surgem pequenos conflitos ou divergências entre vocês como é que lidam com eles (relação de amizade)?

S - Conversamos, conversamos muito calmamente e muito naturalmente, sem... é engraçado porque se por exemplo estou em desacordo com ela, eu já estive em desacordo com outras amigas minhas e às vezes fico a sentir-me mal, porque não gosto de sentir isso, mas com ela, talvez porque eu já tenha um grande à vontade para falar com ela, não fico incomodada em dizer-lhe "olha eu acho que não está correcto", e também não fico muito perturbada pelo facto do meu ponto de vista ser diferente do dela. Acabamos sempre por negociar a ideia, e portanto um conflito propriamente dito, nunca se chega a gerar.

E - Quem é que habitualmente faz esforços no sentido de resolver essas situações, essas divergências entre vocês?

S - Bem, eles são raros, mas quando isso acontece, acho que é de ambas as partes. Às vezes há um sinal que conseguimos descodificar na expressão uma da outra, qualquer coisa do género "Ok estás zangada, então anda cá", e conversamos. Acho que é de ambas as partes, não há ninguém que tenha mais poder do que a outra, é uma relação de igual para igual.

(rapariga, 23 anos, nível individualizado / relacionado na área da comunicação)

Finalmente, não queríamos deixar de fazer um apontamento sobre o efeito das entrevistas *per si* nos nossos entrevistados. Julgamos que a realização desta entrevista (entrevista conjunta dos estatutos de identidade e da maturidade relacional) constituiu para muitos sujeitos uma verdadeira ocasião de crescimento pessoal.

Muitos foram os sujeitos que nos referiram expressamente que tinham gostado de ser entrevistados, e que a situação de serem confrontados com as questões colocadas lhes tinham proporcionado uma oportunidade para reflectir sobre assuntos sobre os quais nunca tinham tido pensado antes.

E - Acho que terminámos a entrevista

S - Ai foi tão bom!

(rapariga, 23 anos)

E - Vamos mudar um pouco de assunto e falar sobre os papéis sociais assumidos pela mulher e pelo homem na nossa sociedade. Que características é que associa à masculinidade e à feminilidade?

S - Ah, que engraçado, é que eu ando há imenso tempo com vontade de fazer essa pergunta e nunca tinha feito, e é interessante que ma faça, porque eu tinha vontade de a fazer e nunca tinha pensado nela.

(rapariga, 22 anos)

Mesmo nos sujeitos que o não exprimiram abertamente, muitas vezes apercebemo-nos que era a primeira vez que este ou aquele assunto estava a ser pensado de forma séria pelos sujeitos, notando-se em alguns casos, uma evolução do nível de análise do sujeito, à medida que as questões lhe iam sendo colocadas, levando-os ao longo da entrevista a reformular as suas posições iniciais.

Naturalmente que para a cotação, favorecemos sempre os sujeitos, no sentido de considerar o nível superior de desenvolvimento evidenciado, quer dos estatutos de identidade, quer da maturidade relacional.

2.5. Estatutos de Identidade, Níveis de Maturidade Relacional e Variáveis de Caracterização Pessoal e Familiar

Uma vez que procedemos à recolha das variáveis de caracterização pessoal e familiar em ordem a caracterizar a nossa amostra, julgámos interessante proceder à comparação entre algumas destas variáveis e os resultados obtidos nos estatutos de identidade e nos níveis de maturidade relacional globais.

O método utilizado foi o mesmo que para as análises até agora efectuadas, e é o da comparação de frequências.

Assim fomos verificar como se distribuíam a idade, o estado civil, a figura privilegiada, a figura secundária, respectivos tempos de relacionamento, o nível social e a figura parental mais importante pelo estatuto de identidade e o nível de maturidade relacional global, ou ambos consoante os casos.

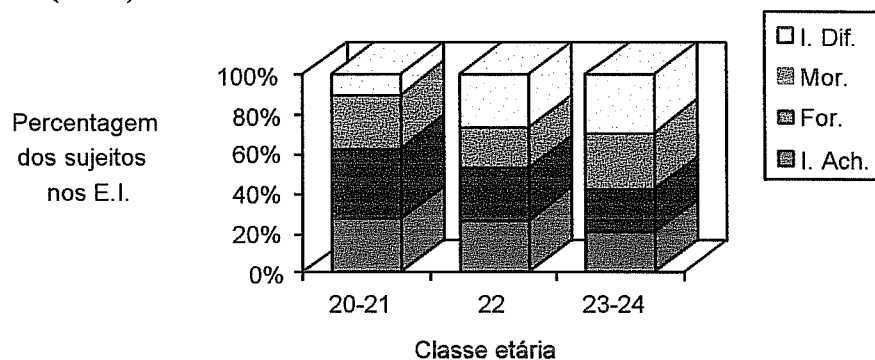
As variáveis de caracterização familiar, fratria e com quem vive, não foram consideradas por apresentarem uma distribuição muito pouco equilibrada na amostra - recordamos que 76,5% dos sujeitos têm 1 ou 2 irmãos e 88,2% dos sujeitos vivem com os pais (*vide* 2.1. variáveis de caracterização pessoal).

Para melhor compreensão apresentamos um quadro onde podemos observar os cruzamentos de variáveis que efectuámos.

Quadro 2.5.I - Variáveis comparadas entre si

	ESTATUTO DE IDENTIDADE	NÍVEL DE MATURIDADE RELACIONAL
IDADE	X	X
NÍVEL SOCIAL	X	X
FIGURA PARENTAL MAIS IMPORTANTE	X	
ESTADO CIVIL	X	X
FIGURA PRIVILEGIADA		X
TEMPO DE RELACIONAMENTO COM A FIGURA PRIVILEGIADA		X
FIGURA SECUNDÁRIA		X
TEMPO DE RELACIONAMENTO COM A FIGURA SECUNDÁRIA		X

Figura 2.5.1- Percentagem dos sujeitos nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Classe etária (N=51)



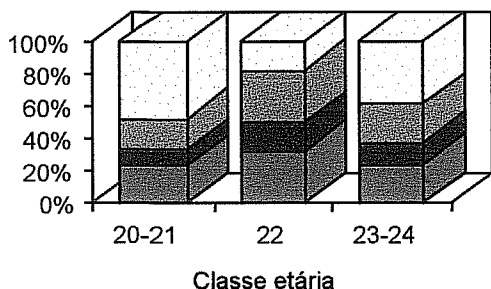
N = 20 - 21 anos - N= 22
 22 anos - N = 15
 23- 24 anos - N= 14

Como podemos observar, à medida que a idade dos nossos inquiridos aumenta, encontra-se uma menor percentagem de *Achievers* e de *Foreclosures* e um maior número de sujeitos em *Identity Diffusion*. Os sujeitos em moratória têm uma progressão irregular sendo em maior número nas classes etárias extremas.

De acordo com a teoria seria de esperar que encontrássemos mais *Achievers* e *Moratorium* e menos *Identity Diffusion* com a progressão etária, o que significaria que sujeitos mais velhos tenderiam a estar mais próximos da aquisição de um sentido de identidade. O que observamos é o movimento inverso, significando estes dados que são os sujeitos mais novos na nossa amostra que possuem a sua identidade estabelecida, e os mais velhos que estão numa posição de identidade difusa.

Figura 2.5.2 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Estatutos de Identidade por Classe etária (N= 26)

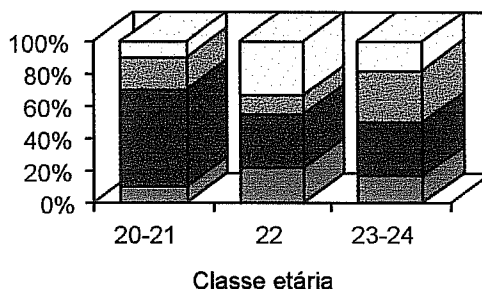
Percentagem de sujeitos nos E.I.



N =: 20 - 21 anos - N= 12
 22 anos - N = 6
 23- 24 anos - N= 8

Figura 2.5.3 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Estatutos de Identidade por Classe etária (N=25)

Percentagem de sujeitos nos E.I.



N = 20 - 21 anos - N= 10
 22 anos - N = 9
 23- 24 anos - N= 6

Como podemos observar nas figuras 2.5.2 e 2.5.3, o padrão masculino e o feminino de variação dos estatutos de identidade ao longo dos grupos etários considerados difere bastante.

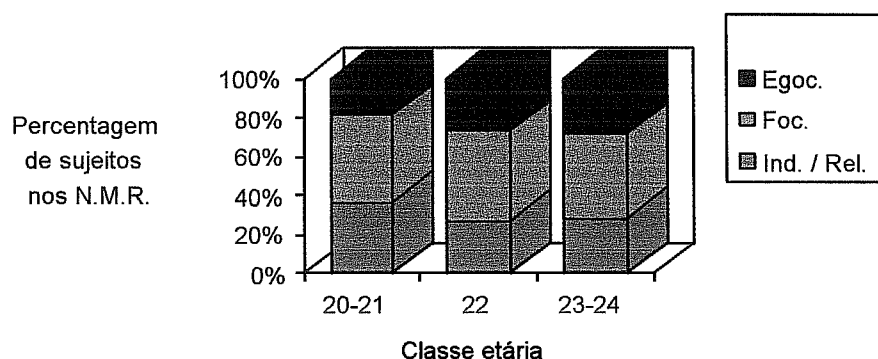
Nos rapazes entre os 20 e os 21 anos encontramos uma maior percentagem de sujeitos nos estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium*, enquanto que a maior parte das raparigas da mesma idade está na posição *Foreclosure*.

À medida que avançamos nos grupos etários verificamos que a percentagem de *Achievers* diminui nos rapazes e aumenta nas raparigas, apesar de no grupo dos 22 anos a maior parte dos rapazes continuar a ser *Identity Achievement* e *Moratorium*. Nas raparigas da mesma idade há um decréscimo do número de *Foreclosures* e um aumento de *Achievers* relativamente às suas colegas mais jovens. Em ambos os sexos verifica-se neste grupo etário um aumento da importância dos sujeitos no estatuto *Identity Diffusion* relativamente ao grupo etário anterior.

No grupo dos mais velhos encontramos a maior percentagem de rapazes entre os 23 e os 24 anos no estatuto *Identity Diffusion*, e a maior parte das raparigas desta faixa etária nos estatutos *Moratorium* e *Identity Achievement*.

Níveis de Maturidade Relacional e Idade

Figura 2.5.4 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Classe etária.



N = 20 - 21 anos - N= 22
 22 anos - N = 15
 23- 24 anos - N= 14

Como já expusemos, o número de indivíduos no nível intermédio de maturidade relacional é bastante superior ao número de sujeitos nos outros dois níveis. O que é interessante é que a proporção de sujeitos focalizados no papel é constante e igualmente superior nas três classes etárias.

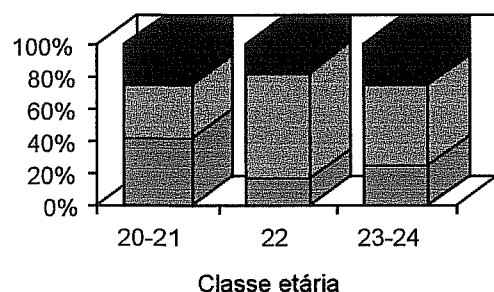
Quanto aos outros dois níveis de maturidade relacional verifica-se uma proporcionalidade inversa à que seria de esperar em termos desenvolvimentais. De facto os sujeitos mais velhos são os mais egocêntricos, e consequentemente os mais imaturos, e os sujeitos mais novos são os mais individuados / relacionados, ou seja os mais amadurecidos em termos de relacionamentos afectivo com as suas figuras privilegiadas.

Figura 2.5.5 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Classe etária (N=26)

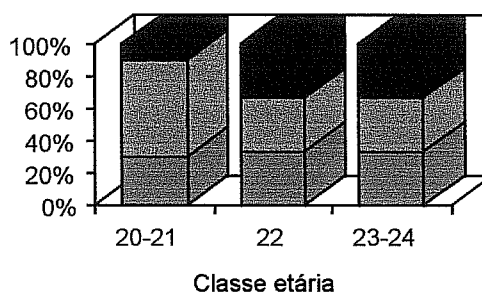
Figura 2.5.6 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Classe etária (N=25)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



N = 20 - 21 anos - N= 12
 22 anos - N = 6
 23- 24 anos - N= 8



N = 20 - 21 anos - N= 10
 22 anos - N = 9
 23- 24 anos - N= 6

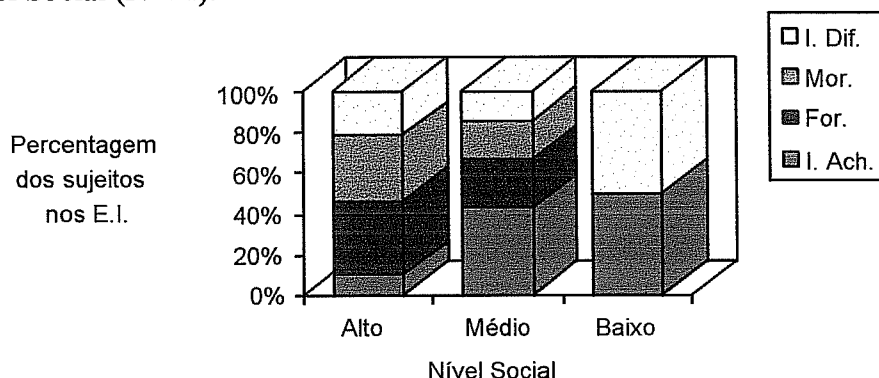
Tal como nos estatutos de identidade verificamos aqui que a amostra masculina é a que apresenta um padrão de resposta mais de acordo com o que seria de esperar em termos desenvolvimentais: as raparigas mais velhas são as que apresentam um nível de maturidade relacional superior, em contraste com os rapazes mais velhos, que tendem a ser mais focalizados no papel e egocêntricos do que relacionados.

Os rapazes tendem a ser mais focalizados no papel na idade de 22 anos, enquanto que grande parte das raparigas entre os 20 e 21 anos são focalizadas no papel, decrescendo essa proporção nas faixas etárias superiores.

Os rapazes mais novos são também mais egocêntricos que as raparigas, cuja proporção neste nível de maturidade relacional se mantém estável nas diferentes classes etárias consideradas.

Estatutos de Identidade e Nível Social

Figura 2.5.7 - Percentagem dos sujeitos nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Nível Social (N=51).



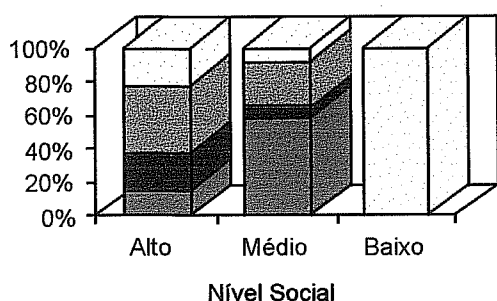
N = Nível Social Alto / Médio Alto - N=28
 Nível Social Médio - N=21
 Nível Social Médio Baixo / Baixo - N=2

Verifica-se que a proporção de sujeitos *Achievers* aumenta à medida que o nível social diminui, apesar da coluna respeitante ao nível médio baixo / baixo não ser significativa uma vez que se refere apenas a dois casos.

Note-se ainda que à medida que o nível social diminui, diminuem também a proporção de sujeitos com os estatutos de identidade *Foreclosure*, *Moratorium* e *Identity Diffusion*, sendo a proporção destes três estatutos superior no nível social alto / médio alto. Ou seja, na nossa amostra parece que um elevado nível social dos pais não potencia o desenvolvimento da identidade global, antes pelo contrário, são os sujeitos cuja situação social não é tão favorável (apesar de razoável) que possuem um sentido mais forte de identidade.

Figura 2.5.8 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Nível Social (N=26)

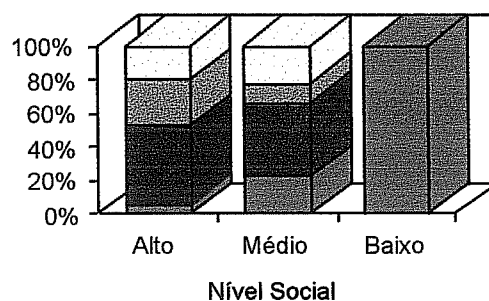
Percentagem de sujeitos nos E.I.



N = Nível Social Alto / Médio Alto - N= 13
 Nível Social Médio - N= 12
 Nível Social Médio Baixo / Baixo - N= 1

Figura 2.5.9 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Nível Social (N=25)

Percentagem de sujeitos nos E.I.



N = Nível Social Alto / Médio Alto - N= 15
 Nível Social Médio - N= 9
 Nível Social Médio Baixo / Baixo - N= 1

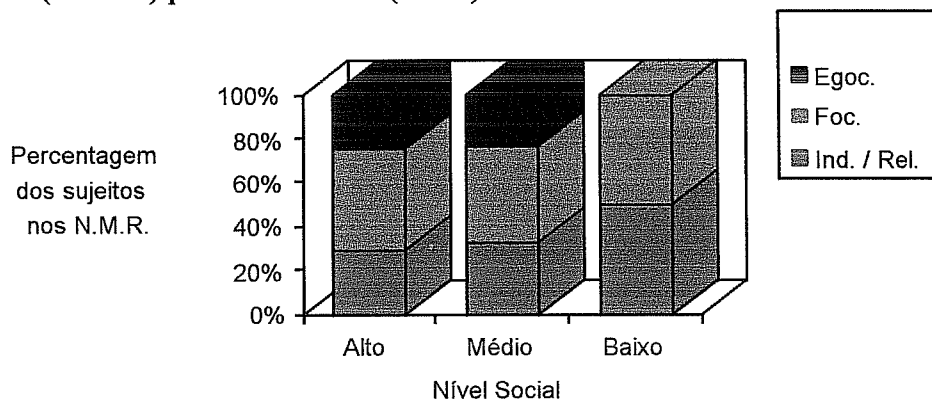
Em termos da evolução dos estatutos pelo nível social os padrões masculino e feminino assemelham-se, já que em ambos aumentam os *Achievers* e diminuem os *Foreclosure* e *Moratorium* à medida que o nível social diminui.

No entanto a proporção dos estatutos por nível social difere nos dois sexos, notando-se uma maior proporção de rapazes em moratória no nível social alto relativamente ao estatuto *Foreclosure* nas raparigas no mesmo nível.

Também a proporção de *Achievers* no nível médio é mais acentuada nos rapazes do que nas raparigas neste nível social. Os dois casos considerados como pertencentes ao nível social médio baixo / baixo, o rapaz foi considerado *Identity Diffusion* e a rapariga *Identity Achiever*.

Níveis de Maturidade Relacional e Nível Social

Figura 2.5.10 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Nível Social (N=51).



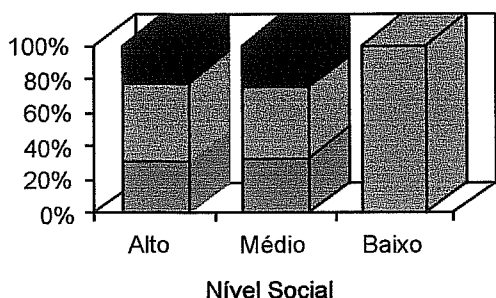
N = Nível Social Alto / Médio Alto - N=28;
 Nível Social Médio - N=21;
 Nível Social Médio Baixo / Baixo - N=2

Como podemos observar a percentagem de sujeitos no nível de maturidade relacional mais desenvolvido aumenta à medida que o nível social diminui, passando-se o inverso com os sujeitos no nível de maturidade relacional mais convencional e no nível egocêntrico. Porém as diferenças de valor são muito pequenas, da ordem dos 2 a 5%, pelo que é difícil inferir se o padrão será o da constância ou o da progressão dos níveis de maturidade relacional segundo o nível social.

Os dois únicos sujeitos classificados como pertencendo ao nível social médio baixo / baixo, um está no nível individuado /relacionado e outro está no nível focalizado no desempenho de papel.

Figura 2.5.11 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Nível Social (N=26)

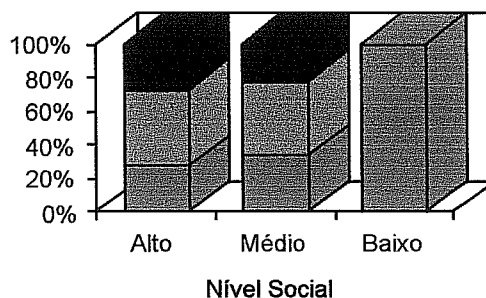
Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



N = Nível Social Alto / Médio Alto - N= 13
 Nível Social Médio - N = 12
 Nível Social Médio Baixo / Baixo - N= 1

Figura 2.5.12 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Nível Social (N=25)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



N = Nível Social Alto / Médio Alto - N= 15
 Nível Social Médio - N = 9
 Nível Social Médio Baixo / Baixo - N= 1

Como podemos observar os padrões masculino e feminino são bastante semelhantes, exceção para o único caso de cada gênero de pertença no nível social médio baixo / baixo, em que o rapaz foi considerado como mais imaturo que a rapariga.

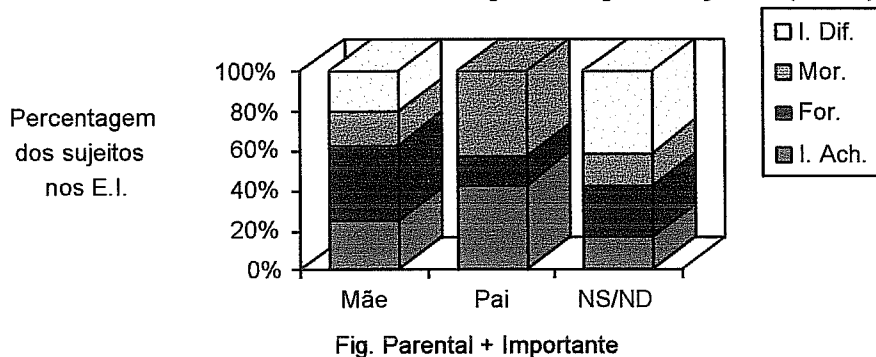
Nos outros dois níveis sociais, observamos que a percentagem dos sujeitos nos vários níveis de maturidade relacional quase não varia, quer entre os níveis sociais alto e médio, quer entre os dois gêneros de pertença.

Não obstante, uma análise mais fina dos valores percentuais, revela-nos que, à medida que o nível social diminui, há uma tendência para o aumento da percentagem de sujeitos do sexo masculino nos níveis individuado / relacionado e egocêntrico, enquanto que nas raparigas, apenas aumenta o número de sujeitos no nível mais desenvolvido de maturidade relacional.

Porém, tal como foi já evidenciado na análise da amostra global estas diferenças percentuais são da ordem dos 5% pelo que não é possível uma tendência de resposta nesta amostra.

Estatutos de Identidade e Figura Parental mais Importante

Figura 2.5.13 - Percentagem dos sujeitos nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Figura Parental considerada como mais importante pelos sujeitos (N=43)*



N = Mãe - N = 24

Pai - N = 7;

NS /ND (Não sabe / Não discrimina) - N= 12

* Por lapso esta questão não foi colocada a 8 sujeitos

Aos 43 sujeitos a quem foi perguntado na entrevista dos estatutos de identidade qual a figura parental que consideram mais importante - aos restantes 9 sujeitos da amostra a questão não foi , por lapso, colocada - a grande maioria respondeu que é a figura materna.

Quando verificamos qual o estatuto de identidade dos sujeitos em função das três respostas possíveis - mãe, pai, ou não ser capaz de discriminar entre os dois (possibilidade que agrupa respostas como "não sei", "ambos", e "nenhum" - vide definição das variáveis), os dados mais salientes é que a proporção de sujeitos *Achievers* é maior nos sujeitos que respondem "o pai". Os sujeitos que preferem a figura materna são em maior percentagem *Foreclosures*, e os sujeitos que não discriminam nenhuma figura parental são em metade dos casos *Identity Diffusion*.

Figura 2.5.14 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Figura Parental mais importante (N= 21)*

Percentagem de sujeitos nos E.I.

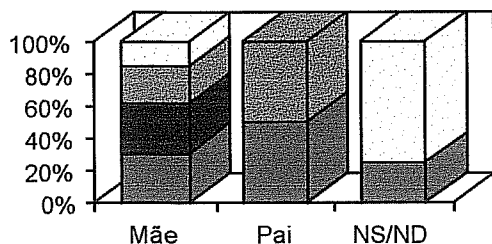


Fig. Parental + Imp.

N = Mãe - N = 13

Pai - N = 4

NS /ND (Não sabe/Não discrimina) - N= 4

* Por lapso esta questão não foi colocada a 5 sujeitos

Figura 2.5.15 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Figura Parental mais importante (N= 22)*

Percentagem de sujeitos nos E.I.

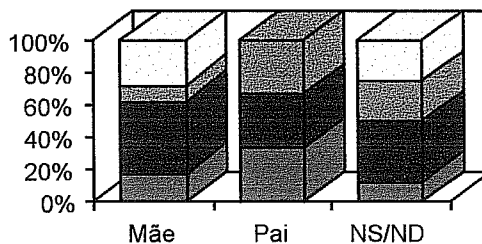


Fig. Parental + Imp.

N = Mãe - N = 11

Pai - N = 3

NS /ND (Não sabe / Não discrimina) - N= 8

* Por lapso esta questão não foi colocada a 3 sujeitos

Na comparação entre os padrões de resposta masculino e feminino, constata-se que nas raparigas, há uma maior distribuição que nos rapazes, dos quatro estatutos de identidade pelas três alternativas de resposta.

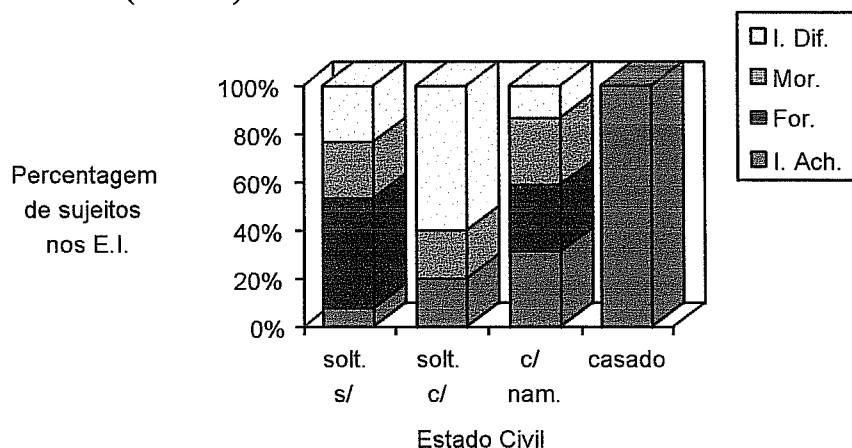
Já nos rapazes, é bastante claro que a maior parte dos que não discriminam nenhuma figura parental são *Diffusion*, e os que preferem a figura parental distribuem-se equitativamente pelos estatutos *Identity Achiever* e *Moratorium*.

Ressalta ainda que apenas encontramos rapazes *Foreclosure* entre aqueles que preferem a mãe, enquanto que nas raparigas encontramos *Foreclosure* nas três respostas possíveis.

Em ambos os sexos e tal como aparece evidenciado na análise da amostra total, é entre os que preferem a figura paterna que encontramos maior percentagem de *Achievers*, independentemente do seu género de pertença.

Estatutos de Identidade e Estado Civil

Figura 2.5.16 - Percentagem dos sujeitos nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Estado Civil (N = 51)



N = Solteiros s/ encontros amorosos - N = 13

Solteiros com encontros amorosos com uma ou mais pessoas - N = 5

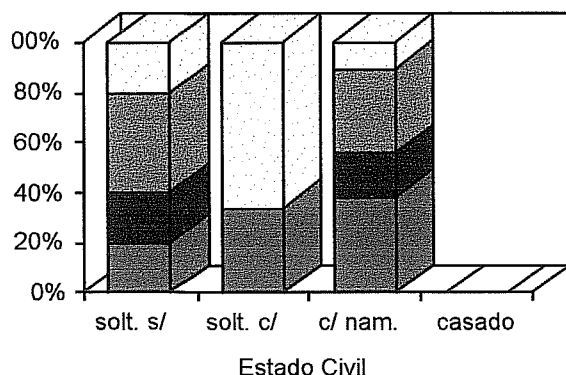
Solteiros c/ namorado(a) - N = 32

Casados - N = 1

Constata-se que são os sujeitos que apresentam relacionamentos mais estáveis - de namoro ou casamento - que apresentam um sentido de identidade mais firme e produto de um processo de desenvolvimento pessoal (*Identity Achievement*). Inversamente, é nos sujeitos que se têm relacionamentos de carácter amoroso com uma ou mais pessoas, que encontramos a maior proporção de sujeitos com a identidade difusa (*Identity Diffusion*). Quanto aos *Foreclosures* estes encontram-se apenas nos sujeitos que não têm namorado, ou que apresentam um compromisso de namoro para com alguém.

Figura 2.5.17 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Estado Civil (N= 26)

Percentagem de sujeitos nos E.I.



N = Solteiros s/ encontros amorosos - N = 5

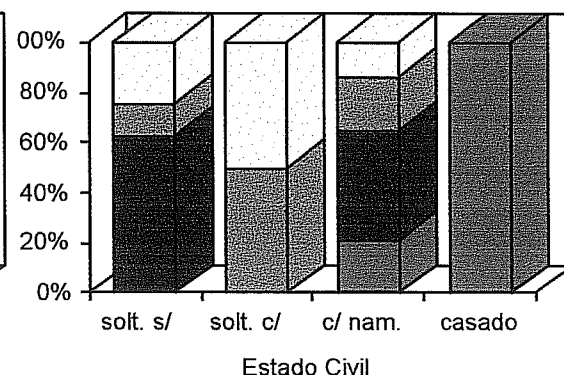
Solteiros com encontros amorosos com uma ou mais pessoas - N = 3

Solteiros c/ namorado(a) - N = 18

Casados - N = 0

Figura 2.5.18 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Estatutos de Identidade (E.I.) por Estado Civil (N= 25)

Percentagem de sujeitos nos E.I.



N = Solteiros s/ encontros amorosos - N = 8

Solteiros com encontros amorosos com uma ou mais pessoas - N = 2

Solteiros c/ namorado(a) - N = 14

Casados - N = 1

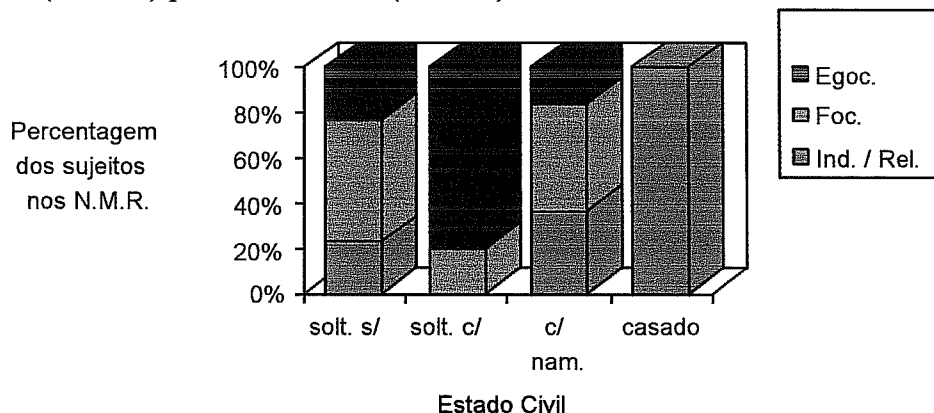
Nos rapazes verifica-se que há um aumento de *Achievers* em função do estar romanticamente envolvido com alguém. Ou seja, há maior proporção de sujeitos em *Identity Achievement* nos sujeitos com namorada e nos que têm mais do que um parceiro, do que nos que não estão envolvidos em nenhuma ligação de carácter amoroso.

Nas raparigas verificamos essa tendência, apesar de não encontrarmos *Achievers* nas raparigas que não têm actualmente nenhuma ligação romântica.

Ressalte-se que os rapazes que têm várias ligações sem compromisso são *Achievers* e *Diffusions*, enquanto que as suas colegas do sexo feminino ou apresentam uma identidade difusa (*Identity Diffusion*) ou estão ainda a atravessar um processo de exploração pessoal (*Moratorium*).

Níveis de Maturidade Relacional e Estado Civil

Figura 2.5.19 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Estado Civil (N = 51)



N = Solteiros s/ encontros amorosos - N = 13

Solteiros com encontros amorosos com uma ou mais pessoas - N = 5

Solteiros c/ namorado(a) - N = 32

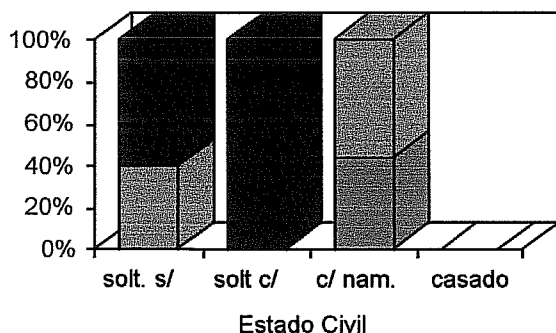
Casados - N = 1

Como se observa, só encontramos sujeitos no nível mais desenvolvido de maturidade relacional, entre os sujeitos que têm actualmente um compromisso afectivo com um parceiro amoroso, ou que não estão actualmente em situação de namoro.

Os sujeitos que mantêm relacionamentos amorosos com uma ou mais pessoas em simultâneo sem compromisso, são também na sua grande maioria aqueles que trazem um menor nível de maturidade para as suas relações afectivas - nível egocêntrico.

Figura 2.5.20 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Estado Civil (N=26)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



N = Solteiros s/ encontros amorosos - N = 5

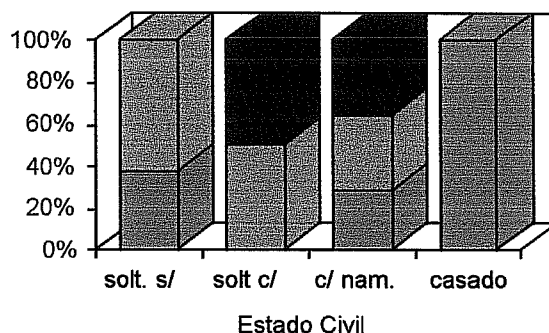
Solteiros com encontros amorosos com uma ou mais pessoas - N = 3

Solteiros c/ namorado(a) - N = 18

Casados - N = 0

Figura 2.5.21 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Estado Civil (N= 25)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



N = Solteiros s/ encontros amorosos - N = 8

Solteiros com encontros amorosos com uma ou mais pessoas - N = 2

Solteiros c/ namorado(a) - N = 14

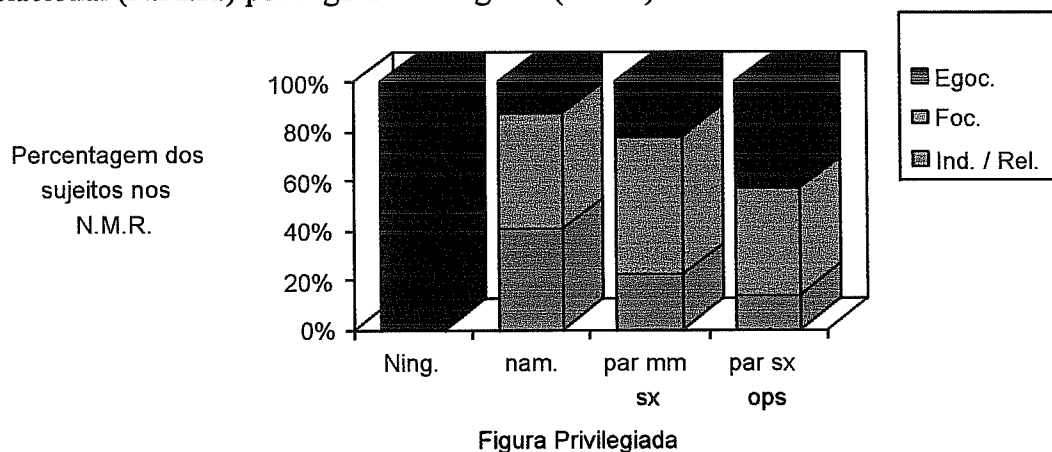
Casados - N = 1

Quando comparamos os rapazes e as raparigas da nossa amostra verificamos que a proporção de raparigas que se relacionam de forma convencional e estereotipada é proporcional nos vários estados civis considerados (excepto no caso da única rapariga casada). Ou seja, mesmo no grupo daquelas que têm encontros amorosos com mais do que uma pessoa sem existência de um compromisso, encontramos sujeitos focalizados no papel.

Ainda a registar que os rapazes que são capazes de trazer para os seus relacionamentos uma maior maturidade relacional são os que têm namorada, em claro contraste com as raparigas que estão no nível individuado / relacionado quer namorem ou não.

Níveis de Maturidade Relacional e Figura Privilegiada

Figura 2.5.22 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Figura Privilegiada (N= 51)



Legenda e N:

ning. = ninguém (sujeitos que não escolhem ninguém para figura privilegiada) - N = 3

nam. = namorado(a) (sujeitos que escolhem o namorado(a) ou cônjuge para figura privilegiada) - N = 32

par mm sx = par do mesmo sexo (sujeitos que um par do mesmo sexo para figura privilegiada) - N = 9

par sx ops = par do sexo oposto (sujeitos que um par do sexo oposto para figura privilegiada) - N = 7

Os sujeitos que à questão " Há alguém de quem se sinta particularmente próximo neste momento" não conseguem escolher uma figura privilegiada, ou porque respondem ninguém, ou porque de entre várias pessoas não conseguem discriminar uma com a qual tenham um relacionamento de maior proximidade afectiva, são na sua totalidade aqueles que trazem para as relações um menor grau de maturidade relacional.

Os sujeitos que trazem para as suas relações afectivas uma maior maturidade são por ordem decrescente aqueles que têm namorado, os que escolhem para figura privilegiada pares do mesmo sexo, e os que escolhem para figura privilegiada pares do sexo oposto.

Note-se que o número de sujeitos que escolhem o namorado para figura privilegiada é igual ao número daqueles que têm namorado. Porém, a atribuição de uma cotação num nível de maturidade relacional elevado não se deveu sempre à maturidade relacional evidenciada na relação de namoro, mas sim à maturidade demonstrada nas relações de amizade, mesmo no caso dos sujeitos que namoram.

Figura 2.5.23 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Figura Privilegiada (N = 26)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.

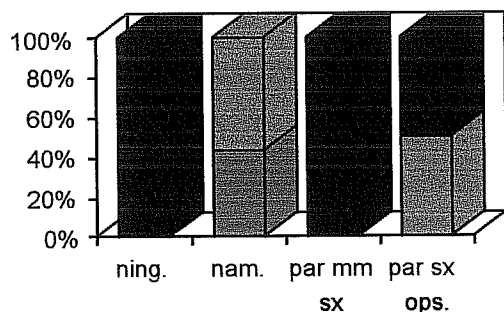


Figura Privilegiada

Legenda e N:

ning. = ninguém - N = 3

nam. = namorado(a) - N = 18

par mm sx = par do mesmo sexo - N = 1

par sx ops = par do sexo oposto - N = 4

Figura 2.5.24 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Figura Privilegiada (N=25)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.

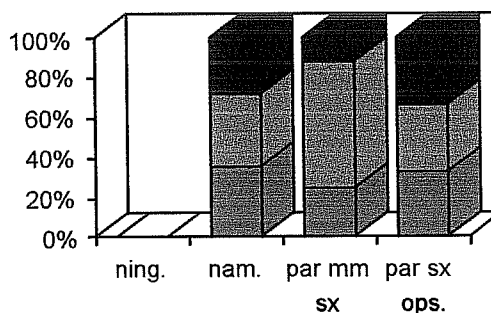


Figura Privilegiada

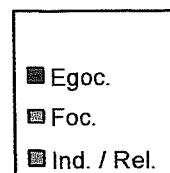
Legenda e N:

ning. = ninguém - N = 0

nam. = namorado(a) - N = 14

par mm sx = par do mesmo sexo - N = 8

par sx ops = par do sexo oposto - N = 3



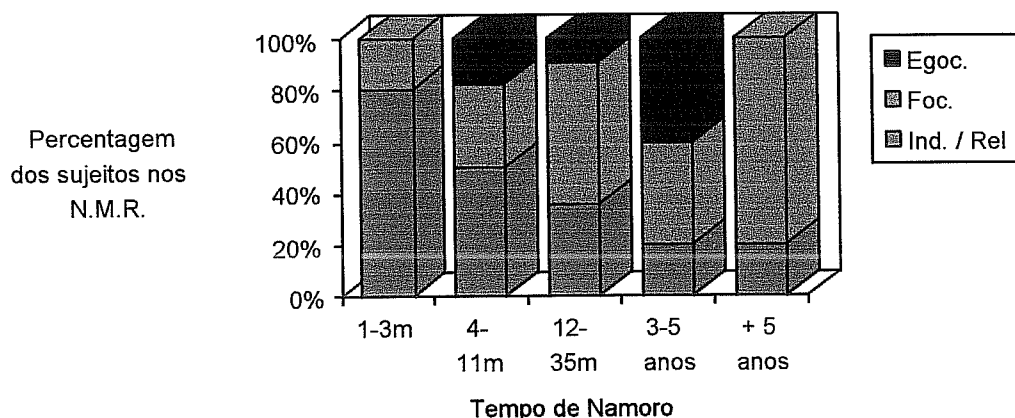
Como podemos observar, e já tínhamos relevado anteriormente, os sujeitos que não escolhem ninguém para figura privilegiada são apenas rapazes e encontram-se no nível mais baixo de maturidade relacional.

Uma outra diferença importante entre os rapazes e as raparigas é que não se encontram rapazes de nível egocêntrico entre aqueles que têm namorada, o mesmo já não se podendo dizer das raparigas, que qualquer que seja a sua escolha em termos de figura privilegiada, existe sempre uma percentagem não inferior a 12,5% que são imaturas nos seus relacionamentos afectivos.

Note-se ainda que encontramos uma maior percentagem de raparigas que trazem para os seus relacionamentos afectivos um grau elevado de maturidade naquelas cuja figura privilegiada é um rapaz, do que naquelas em que esta é um par do mesmo sexo.

Níveis de Maturidade Relacional e Tempo de Relação com a Figura Privilegiada
Namorado(a) - Tempo de Namoro

Figura 2.5.25 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Namoro (N = 32)



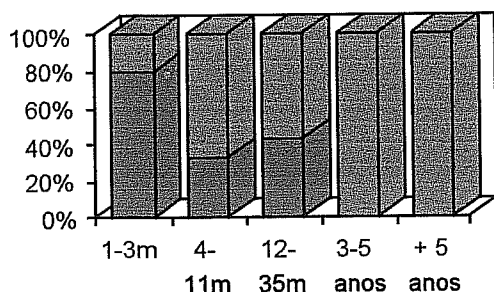
N = 1- 3 meses - N = 5; 4 -11 meses - N = 6; 12 - 35 meses - N = 11; 3 - 5 anos - N = 5
 + 5 anos - N = 5

Como podemos constatar, à medida que aumenta o tempo de namoro, mais focalizados no papel são os sujeitos nos seus relacionamento de proximidade, e menor é o grau de maturidade que trazem para as suas relações afectivas.

Note-se que são justamente os sujeitos que namoram à menos tempo que apresentam os níveis elevados de maturidade relacional, e os que namoram à mais de cinco anos que se relacionam de forma mais estereotipada e de acordo com as expectativas sociais.

Figura 2.5.26 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Namoro (N = 18)

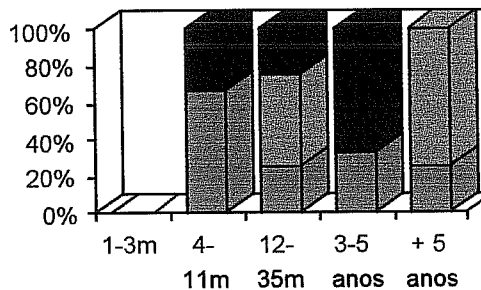
Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



Tempo de Namoro
 N = 1- 3 meses - N = 5
 4 -11 meses - N = 3
 12 - 35 meses - N = 7
 3 - 5 anos - N = 2
 + 5 anos - N = 1

Figura 2.5.27 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Namoro (N = 14)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



Tempo de Namoro
 N = 1- 3 meses - N = 0
 4 -11 meses - N = 3
 12 - 35 meses - N = 4
 3 - 5 anos - N = 4
 + 5 anos - N = 3

Os rapazes que estão envolvidos numa relação de namoro com compromisso, apresentam um padrão bastante interessante: trazem para as suas relações mais recentes níveis mais elevados de maturidade relacional, e para os seus namoros mais longos, formas mais focalizadas no papel social de namorado. Em nenhum dos casos aparece um rapaz de nível egocêntrico.

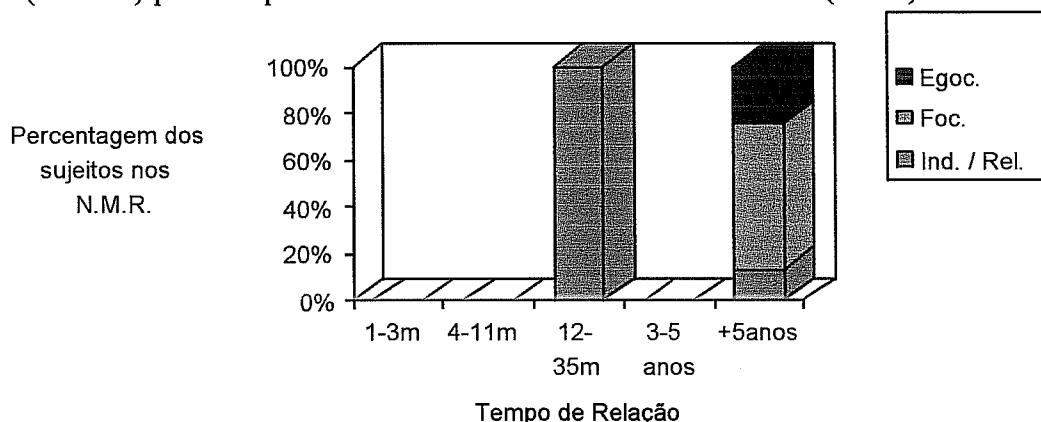
Nas raparigas é também nas suas relações mais recentes que elas demonstram relacionar-se de forma mais madura, apesar de ser em relações com duração, à data da entrevista, entre 4 e 11 meses - período de namoro onde os rapazes apresentam uma proporção importante de sujeitos focalizados no papel.

Mesmo assim, encontramos algumas raparigas, que, nas relações mais longas, trazem níveis elevados de maturidade para os seus relacionamentos, apesar de no grupo das que namoram à mais de três e menos de cinco anos, haver uma grande percentagem de raparigas imaturas (nível egocêntrico).

Em ambos os sexos, as relações com mais de cinco anos, parecem ser aquelas onde os sujeitos se comportam de forma mais convencional.

*Níveis de Maturidade Relacional e Tempo de Relação com a Figura Privilegiada
Par do Mesmo Sexo*

Figura 2.5.28 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Amizade com o Par do Mesmo Sexo (N = 9)



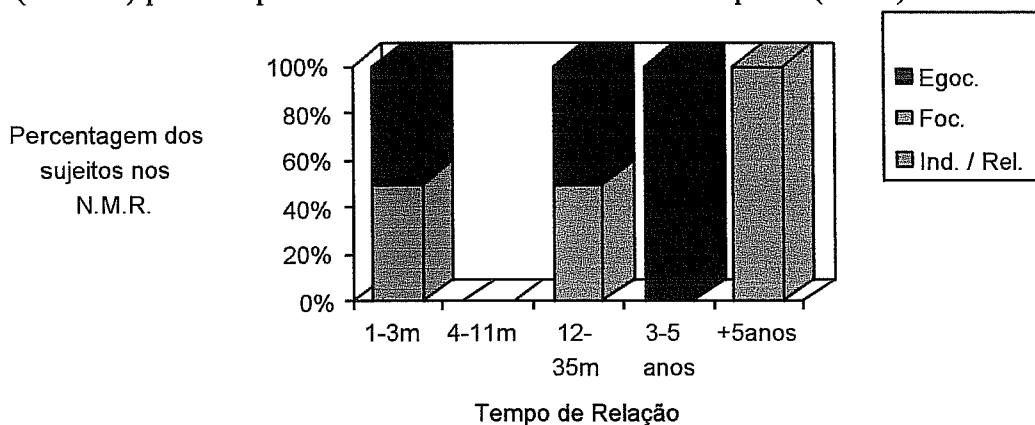
N = : 1- 3 meses - N = 0; 4 -11 meses - N = 0; 12 - 35 meses - N = 1; 3 - 5 anos - N = 0
+ 5 anos - N = 8

Como podemos observar quase todos os sujeitos que escolheram para figura privilegiada um par do mesmo sexo têm com ele uma relação de duração superior a cinco anos. De notar que a maior parte destes sujeitos demonstraram um nível de maturidade relacional intermédio, isto é, o nível focalizado no desempenho de papel.

Devido ao pequeno número de casos, não se justifica a construção de uma figura, no entanto podemos dizer que deste 8 casos, apenas um é do sexo masculino, e é amigo da sua figura privilegiada há mais de cinco anos. Os restantes casos pertencem ao género feminino.

*Níveis de Maturidade Relacional e Tempo de Relação com a Figura Privilegiada
Par do Sexo Oposto*

Figura 2.5.29 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Amizade com o Par do Sexo Oposto (N = 7)



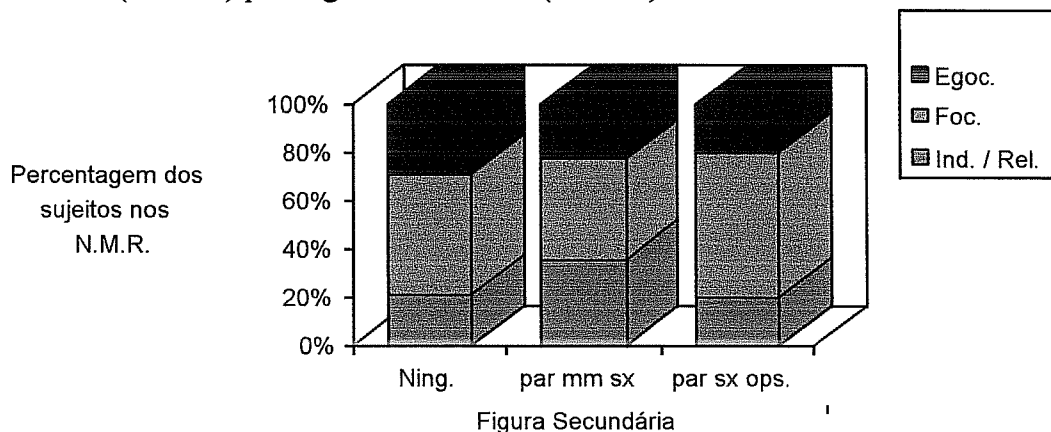
N = 1- 3-meses - N = 2; 4 -11 meses - N = 0; 12 - 35 meses - N = 2; 3 - 5 anos - N = 1;
+ 5 anos - N = 2

Nos sujeitos que escolheram como figura privilegiada pares do sexo oposto, encontra-se o mesmo padrão que nos sujeitos que escolheram o(a) namorado(a): as amizades mais recentes são as mais maduras, e as mais antigas são as mais focalizadas no papel.

Pelas mesmas razões apresentadas no caso anterior não se justifica a apresentação de uma figura, podemos no entanto dizer que dos sete casos nesta situação, quatro são do sexo masculino e três são do sexo feminino. Dois dos rapazes estão no nível focalizado e dois no nível egocêntrico, e as três raparigas distribuem-se pelos três níveis de maturidade relacional.

Níveis de Maturidade Relacional e Figura Secundária

Figura 2.5.30 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Figura Secundária (N = 50)*



Legenda e N :

ning. = ninguém (sujeitos que não escolhem ninguém para figura privilegiada) - N = 14

par mm sx = par do mesmo sexo (sujeitos que um par do mesmo sexo para figura privilegiada) - N = 31

par sx ops = par do sexo oposto (sujeitos que um par do sexo oposto para figura privilegiada) - N = 5

* Por lapso esta questão não foi colocada a um dos sujeitos

Como dissemos anteriormente os sujeitos que têm namorado escolheram o namorado para figura privilegiada, razão pela qual a opção "namorado(a)" não aparece aqui na figura secundária que corresponde à pessoa que os sujeitos indicam como segunda pessoa mais importante em termos de intimidade.

Encontramos uma distribuição mais ou menos equilibrada dos diferentes níveis de maturidade relacional pelas diferentes figuras escolhidas, inclusive na opção em que ninguém é escolhido.

A realçar apenas que encontramos uma percentagem ligeiramente superior de sujeitos no nível individuado / relacionado no grupo dos que escolhem pares do mesmo sexo, e uma percentagem também ligeiramente superior, de sujeitos de nível egocêntrico no grupo dos que não escolhem ninguém para além do namorado(a) ou amigo (a) escolhido em primeiro lugar.

Figura 2.5.31 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Figura Secundária (N = 26)

Figura 2.5.32 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Figura Secundária (N = 24)*

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.

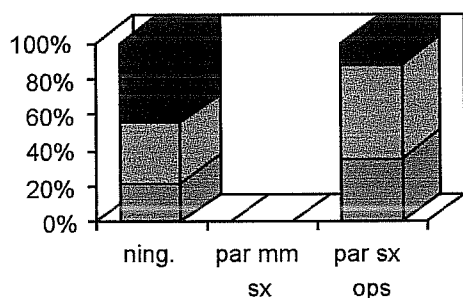


Figura Secundária
 N = ning (ninguém)- N = 9
 par mm sx (par do mesmo sexo)- N = 17
 par sx ops (par do sexo oposto)- N = 0

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.

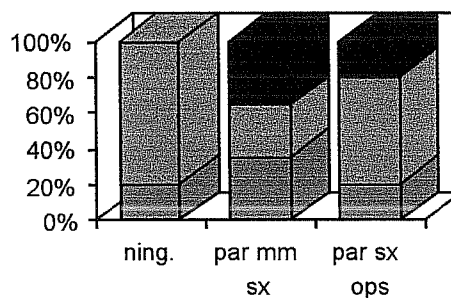
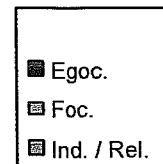


Figura Secundária
 N = ning. (ninguém) - N = 5
 par mm sx (par do mesmo sexo)- N = 14
 par sx ops (par do sexo oposto) - N = 5

*Por lapso esta questão não foi colocada a um dos sujeitos



Como dissemos já noutra secção deste capítulo, nenhum rapaz escolhe outro rapaz para figura secundária, preferindo antes escolher raparigas para amigas mais próximas.

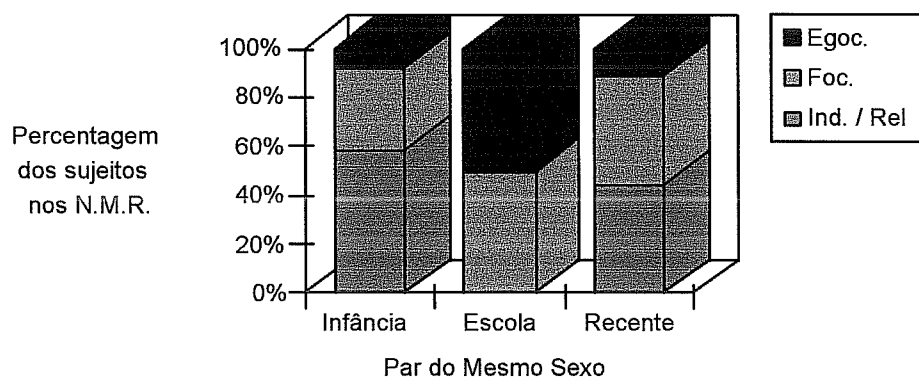
Os rapazes que não escolhem ninguém tendem a ser em maior percentagem egocêntricos, relativamente às raparigas neste grupo que são na sua maioria focalizadas no papel.

A maior percentagem de rapazes mais desenvolvidos em termos de nível de maturidade relacional na relação de amizade, encontra-se nos rapazes que escolhem pares do sexo oposto, e nas raparigas que escolhem pares do mesmo sexo para pessoas com quem têm um relacionamento de proximidade afectiva.

Ou seja, quer rapazes, quer raparigas preferem relacionar-se com raparigas, levando para essas relações, níveis mais profundos de maturidade relacional, relativamente àqueles sujeitos que para além do namorado(a) e/ou amigo(a) privilegiado não escolhem ninguém ou escolhem um par do sexo oposto.

Níveis de Maturidade Relacional e Tempo de Relação com a Figura Secundária Par do Mesmo Sexo

Figura 2.5.33 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Relação com a Figura Secundária Par do Mesmo Sexo (N = 31)



N = Amizade de infância (+ de 8 anos) - N = 12

Amizade de escola (3 a 5 anos) - N = 10

Amizade recente (até 3 anos) - N = 9

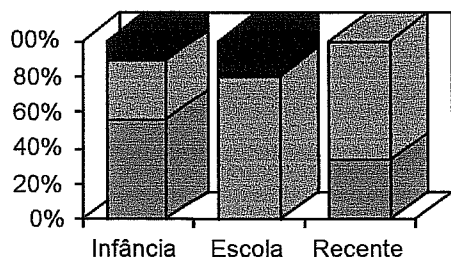
Como podemos observar, a maior percentagem de sujeitos num nível elevado de maturidade relacional, encontra-se no grupo dos que escolhem como segunda pessoa mais importante um par do mesmo sexo, amigo(a) de infância.

Os sujeitos que apresentam como segunda pessoa mais importante, colegas de curso e amizades recentes, são também em grande parte sujeitos no nível mais elevado de maturidade relacional. Os sujeitos que apresentam como segunda escolha amigos(as) do tempo do liceu são também aqueles que são os mais imaturos, dividindo-se de forma equitativa pelos níveis egocêntrico e focalizado no desempenho de papel.

Figura 2.5.34 - Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Relação com a Fig. Sec. Par do Mesmo Sexo (N=17)

Figura 2.5.35 - Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por Tempo de Relação com a Fig. Sec. Par do Mesmo Sexo (N = 14)

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



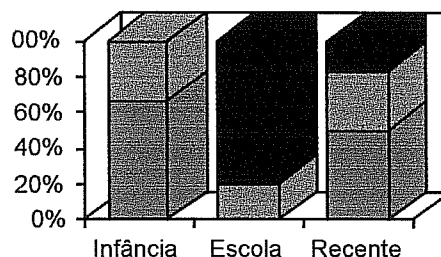
Par do Mesmo Sexo

N: Amizade de Infância - N = 9

Amizade de Escola - N = 5

Aamizade Recente - N = 3

Percentagem de sujeitos nos N.M.R.



Par do Mesmo Sexo

N: Amizade de Infância - N = 3

Amizade de Escola - N = 5

Amizade Recente - N = 6

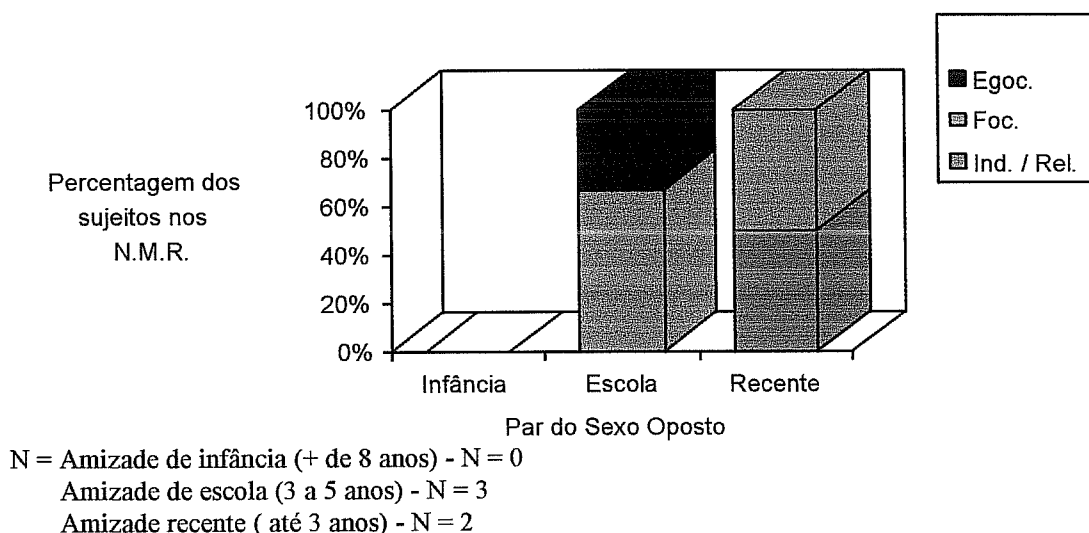
Quando comparamos os dois géneros de pertença no que respeita aos Níveis de Maturidade Relacional em função da segunda pessoa considerada como mais importante, a diferença mais saliente é a elevada percentagem de sujeitos focalizados no desempenho de papel no grupo de rapazes que escolhem amigos de escola, que contrasta com a elevada percentagem de raparigas do grupo equivalente, mas que se posicionam no nível egocêntrico de maturidade relacional.

Assinale-se que em ambos os sexos é no grupo dos que escolhem os amigos de infância que encontramos a maior percentagem de sujeitos mais desenvolvidos em termos de maturidade relacional.

Finalmente, o peso dos sujeitos focalizados no desempenho de papel parece ser nesta variável maior nos rapazes do que nas raparigas, para as três categorias consideradas.

Níveis de Maturidade Relacional e Tempo de Relação com a Figura Secundária Par do Sexo Oposto

Figura 2.5.36 - Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional (N.M.R.) por tempo de Relação com a Figura Secundária Par do Sexo Oposto (N = 5)



Nos sujeitos que escolhem como segunda pessoa mais importante pares do sexo oposto, trata-se sempre de amizades com um tempo de duração inferior a 5 anos. Novamente são as relações mais recentes aquelas onde maior número de sujeitos se relacionam de forma mais madura.

Note-se, já atrás o referimos, que estes cinco sujeitos pertencem todos ao sexo feminino, na medida em que na nossa amostra não houve um rapaz que escolhesse como figura secundária um par do sexo oposto: os rapazes, que não têm namorada, escolheram pares do sexo oposto como figuras privilegiadas, e aqueles que se encontravam envolvidos numa relação de namoro, escolheram pares do mesmo sexo.

Discussão

Antes de passar à discussão sobre os dados apresentados nesta secção, gostaríamos de ressaltar que, tal como anteriormente referimos, a constituição da amostra segundo as categorias definidas previamente foi efectuada *a posteriori*, o que, dado o reduzido tamanho da amostra, originou categorias com um número de sujeitos bastante baixo, e bastante diferente entre si.

Tentámos minorar esse facto comparando percentagens de sujeitos por categoria, no entanto, entendemos que por esse facto, é provável que muitas das relações entre variáveis que verificámos e que nos vão servir de base para o levantamento de hipóteses que vamos fazer nesta discussão, se devam ao acaso, e não a uma real associação entre as variáveis.

Idade

Quando observamos a relação obtida na nossa amostra entre estatuto de identidade e nível de maturidade relacional e idade, aquilo que verificamos é que a uma idade mais elevada não corresponde necessariamente uma maior maturidade, quer em termos da identidade quer em termos da intimidade.

Na nossa amostra, são os sujeitos mais novos, que apresentam uma maior maturidade, identitária e relacional, não se encontrando um padrão claro do desenvolvimento da identidade e da maturidade relacional ao longo da progressão etária.

Schiedel e Marcia (1985) ao verificarem a evolução dos sujeitos com o estatuto de identidade e com o estatuto de intimidade (Orlofsky, Marcia & Lesser, 1973) mais elevados ao longo da idade em sujeitos entre os 18 e os 24 anos encontraram também uma progressão irregular das posições face à identidade e à intimidade segundo a idade.

Neste estudo, a proporção de mulheres *Achievers* mantém-se constante à medida que a idade avança, enquanto que a proporção de rapazes *Achievers* de 19 anos é menor que a de rapazes de 18. Nos estatutos de intimidade a proporção mais elevada de sujeitos do sexo feminino no estatuto íntimo ocorre nos 19 anos, enquanto que a progressão de rapazes no estatuto íntimo cresce linearmente ao longo da idade.

Julgamos poder afirmar com segurança que a progressão etária não implica necessariamente um aumento da maturidade, quer em termos da definição da identidade, quer em termos da maturidade relacional, que, como temos vindo a expôr são variáveis multi determinadas, onde aparecem implicados factores biológicos, psicológicos e sociais (económicos, políticos, históricos...).

Ao considerarmos uma classe etária definida por sujeitos entre os 20 e os 24 anos, e apesar de poderem ocorrer modificações importantes em termos de maturidade nos sujeitos durante este período, a ponto de podermos considerar que um sujeito de 20 anos difere qualitativamente de um de 24, julgamos que se trata de uma classe demasiado pequena para podermos encontrar uma progressão linear em que a uma maior idade corresponde uma maior proporção de sujeitos mais maduros.

Nível Social

Na amostra investigada verifica-se uma progressão bastante clara do estatuto de identidade à medida que o nível social diminui, isto é, a proporção de sujeitos *Achievers* de ambos os sexos aumenta no nível social médio, relativamente ao nível social alto / médio - alto (optamos por não considerar o nível baixo, por se tratar apenas de uma categoria que reúne dois sujeitos).

Poderemos colocar a hipótese de que os sujeitos cujos pais têm menores habilitações escolares e que têm uma ocupação profissional menos diferenciada (critérios que utilizamos na definição de classe social), e por hipótese menos rentável, são estimulados a encontrarem os seus próprios meios de suporte financeiro, de forma, muitas vezes, a custear os seus estudos. Este tipo de contexto poderá influenciar o desenvolvimento da identidade, levando o sujeitos a definir-se mais cedo, relativamente aos sujeitos de nível social elevado que não têm preocupações deste tipo.

Quanto ao nível de maturidade relacional, na nossa amostra, não parece haver grande influência da classe social dos sujeitos sobre o nível de maturidade relacional que estes trazem para as suas relações de intimidade.

Figura Parental Mais Importante

Como vimos a maior parte dos sujeitos de ambos os sexos inquiridos sobre qual a figura parental que consideram como mais importante, responderam "a mãe" (55,8% dos sujeitos).

Vaz (1988) ao colocar a estudantes universitários dos dois primeiros anos de Medicina e Psicologia uma questão semelhante - "Qual a figura dominante, o pai ou a mãe?" - encontrou 35,3% dos sujeitos que indicavam o pai, contra apenas 23,5% dos sujeitos que indicaram a mãe.

Esta discrepância é importante, porque ela aparece de forma muito clara nas entrevistas. De facto muitos dos sujeitos respondiam que era o pai que "mandava lá em casa", mas que a verdadeira força da casa, o pilar onde todos se apoiavam era a figura materna. Ou seja, o pai tende a ser percebido como o elemento que formalmente domina a família, mas é a mãe que detém o poder informal.

É ela também que está mais próxima dos filhos, independentemente do seu género de pertença, e que, por exemplo, assegura uma boa parte da informação sexual que os jovens adquirem, sejam rapazes ou raparigas. Miguel e Vilar (1986) referem os pais como terceira fonte de informação sexual, a seguir aos amigos e à leitura, assumindo a mãe o papel de fonte principal de informação para 33,9% das raparigas e 9,1% dos rapazes (o que difere pouco dos 12,7% dos rapazes e bastante dos 11,7% das raparigas que referem o pai como principal fonte de informação sexual).

Tal como Vaz (1988), encontrámos também uma percentagem importante de sujeitos que não discrimina nenhuma figura parental (27,9% no presente estudo, 28% no estudo de Vaz).

Na análise da relação entre o estatuto de identidade e a figura parental preferida, como já vimos, são os sujeitos que preferem a figura paterna os que apresentam uma posição face à identidade mais madura, caracterizada quer pelo investimento quer pela exploração.

Os sujeitos cuja posição face à identidade se caracteriza apenas pelo investimento tendem a preferir a figura materna, e os sujeitos que não discriminam nenhuma figura parental são em grande proporção sujeitos de identidade global pouco definida.

Matos (1995) refere que a não discriminação das imagens parentais conduz muitas vezes a problemas de identidade, o que poderá ser traduzido pela elevada percentagem de sujeitos em *Identity Diffusion* que encontrámos nesta categoria. Ressalve-se porém, que no modelo de Marcia (1966, 1985), a difusão de identidade não corresponde sempre a problemas de identidade, identificando também os sujeitos que assumem uma posição "*laissez-faire*" relativamente à sua definição pessoal na maior parte das áreas consideradas (ocupacional, ideológica e interpessoal / sexual).

Poderemos colocar a hipótese de que a fraca identificação com uma figura parental conduz à dificuldade em se auto-definir de forma adulta e madura.

Possivelmente as mães e os pais possuem diferentes modalidades de funcionamento em termos dos balancear do processos de individuação e diferenciação entre o jovem e o seu sistema familiar (Allison & Sabatelli, 1988).

Talvez as mães funcionem como modelos mais tradicionais e conservadores, fazendo pouco apelo à exploração do meio ao mesmo tempo que valorizam a aceitação dos valores mais tradicionais. As mães tenderiam assim a fornecer um nível muito baixo de diferenciação, tornando a individuação dos seus filhos mais difícil, o que poderá levar a que estes, para reduzir o conflito (intra e interpessoal) adquiram uma identidade baseada nos valores parentais e não fruto de uma reflexão pessoal.

Os pais funcionariam como modelos mais favorecedores da autonomia, apelando nos seus filhos à exploração e à reflexão, o que conduziria a uma maior individuação e consequentemente à aquisição de um sentido de identidade mais maduro.

Estado Civil

Vimos já que a maior proporção de sujeitos com um sentido de identidade bem estabelecido são os sujeitos que têm relacionamentos mais estáveis (namoro ou casamento). Os sujeitos sem namorado são maioritariamente os mesmos que se encontram a atravessar um processo de moratória, e os sujeitos que mantêm relações esporádicas de carácter amoroso/ sexual são os que não definiram a sua identidade.

A identidade parece estar assim associada ao estado civil do sujeito, tal como apontava o estudo longitudinal realizado por Kahn, Zimmerman, Csikszentmihalyi e Getzels (1985), onde identidade fraca aparece associada ao estado civil solteiro e aos sujeitos que experimentaram rupturas conjugais. Não é possível afirmar se, terá sido o facto do sujeito possuir uma identidade estabelecida que favoreceu a manutenção de uma relação amorosa estável, ou se esta contribui de alguma forma para o processo de aquisição de um sentido de identidade maduro.

No entanto, quando analisamos a natureza das relações afectivas estabelecidas em termos de maturidade relacional, aquilo que observamos é que os sujeitos estabelecem essencialmente relações de nível focalizado no papel, e embora encontremos uma maior proporção de sujeitos no nível individuado / relacionado entre aqueles que têm namorado, essa superioridade só se verifica no grupo dos rapazes.

Ou seja, o estar envolvido numa relação estável (de namoro) não implica necessariamente que o sujeito se relacione com elevados níveis de maturidade relacional, embora no grupo dos rapazes, pareça haver uma associação entre namoro e maior maturidade relacional.

Estes dados são particularmente relevantes e sublinham o interesse da medida e do modelo de intimidade utilizada neste estudo - a entrevista e o modelo da maturidade relacional de White, Speisman, Jackson & Bartis (1989) - na medida em que muitos dos estudos anteriores, incluíam como critério de cotação para considerar um indivíduo como estando num nível superior de intimidade, o estar envolvido numa relação estável com um parceiro do sexo oposto (Kanh *et al* (1985); Orlofsky, Marcia & Lesser, 1973).

Como podemos observar na nossa amostra nem sempre é assim, ou seja, o estar envolvido romanticamente com alguém não implica necessariamente que esse indivíduo se relacione de forma mais madura do que um outro que não está nessas condições. Mas por outro lado, e como já dissemos, no grupo dos rapazes, um relacionamento de namoro parece estar associado a uma maior maturidade relacional apurada.

A questão aqui coloca-se da mesma forma que para a identidade. Será que é o facto de permanecer numa relação estável que favorece o desenvolvimento da maturidade relacional, ou será que é por se ser capaz de trazer para as relações níveis superiores de maturidade relacional que elas se mantêm mais estáveis?

Para responder a esta questão teremos que analisar o tipo de relacionamento em função do seu tempo de duração e do nível de maturidade relacional do sujeito inquirido.

Namoro

Como também já vimos, são os sujeitos que namoram à menos tempo (períodos de 1 a 3 meses nos rapazes e 4 a 11 meses nas raparigas) que se relacionam de forma mais madura, verificando-se a inversa: os namoros com duração superior a cinco anos são aquelas em que os sujeitos são mais focalizados no desempenho do papel social de namorado.

Ou seja, não parece que a estabilidade e a longa duração das relações de namoro favoreça altos níveis de maturidade relacional.

Poderemos compreender estes resultados se atendermos à idade dos sujeitos. Dado que estamos em presença de rapazes e raparigas que têm entre 20 e 24 anos, uma relação de namoro com mais de cinco anos terá tido o seu início entre os 15 e os 19 anos.

Podemos hipotetizar que o grau de maturidade que a relação tinha no seu início, e que estava de acordo com o desenvolvimento do sujeitos, se terá mantido com a institucionalização da relação de namoro.

Pelo contrário, os sujeitos que namoram à menos tempo, terão tido por hipótese, um maior número de parceiros, o que lhes permitiu ir integrando as suas experiências ao ritmo do seu desenvolvimento, sendo agora mais capazes de investir e de exigir numa relação nova, altos níveis de intimidade.

Amizade

Vimos já que rapazes e raparigas tendem a escolher para amigos íntimos raparigas. Ou seja, quando questionados sobre qual a pessoa com a qual têm uma relação de maior proximidade / intimidade, aqueles que não têm namorado(a) preferem um sujeito do sexo feminino.

Estes dados vêm de encontro aos resultados encontrados por Fischer (1981), que sugere que os agentes de socialização responsáveis pela aprendizagem da intimidade são as raparigas.

Porém na medida em que o número de sujeitos nesta situação é muito reduzido (N=16), preferimos não avançar com nenhuma hipótese.

Quanto aos sujeitos que têm namorado a tendência é para escolher um par do mesmo sexo, que é geralmente um amigo de infância para os rapazes, e uma amiga recente para as raparigas. Essas relações de amizade tendem a ser de nível elevado de maturidade relacional, embora as amizades de infância das raparigas envolvam níveis mais elevados de maturidade relacional do que as amizades recentes.

O papel das amizades de infância parece ser bastante importante na partilha de uma relação de intimidade, quer para rapazes, quer para raparigas, o que poderá indicar que esta aprendizagem da intimidade terá tido o seu início bastante cedo, ou que pelo menos os sujeitos que atingem níveis mais elevados de intimidade nas relações de amizade o fazem com pessoas que conhecem há mais de 8 anos, ou que, pelo contrário, conheceram já como jovens adultos. Os sujeitos que se relacionam de forma mais focalizada no desempenho de papel, são aqueles cujas amizades se reportam aos amigos de liceu.

2.6. Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional

Sequência desenvolvimental identidade - intimidade

Quadro 2.6.I - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade (cotações globais)

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	<i>IDENTITY ACHIEVER</i>	<i>FORECLOSURE</i>	<i>MORATORIUM</i>	<i>IDENTITY DIFFUSION</i>	TOTAL
INDIVIDUADO	6 11,8	5 9,8	4 7,8	1 1,9	16 31,4
RELACIONADO	46,2 37,5	33,3 31,3	30,8 25,0	10,0 6,3	
FOCALIZADO NO	5 9,8	7 13,7	7 13,7	4 7,8	23 45,1
DESEMPENHO DE PAPEL	38,5 21,7	46,7 30,4	53,9 30,4	40,0 17,4	
EGOCÊNTRICO	2 3,9 15,4 16,7	3 5,9 20,0 25,0	2 3,9 15,4 16,7	5 9,8 50,0 41,7	12 23,5
TOTAL	13 25,5	15 29,4	13 25,5	10 19,6	51 100

Quando fazemos a comparação de frequências entre as codificações atribuídas aos sujeitos nos estatutos de identidade e os níveis de maturidade relacional, encontramos algumas interações interessantes.

Não parece haver dúvidas que os sujeitos em *Identity Diffusion* estão nos níveis da maturidade relacional menos desenvolvidos (90,0% dos *Identity Diffusion* estão no nível egocêntrico e focalizado).

Quanto aos *Achievers* encontramos uma tendência, embora menor, para se situarem no nível individuado / relacionado (46,2% dos *Achievers* estão no nível relacionado). Se agruparmos os estatutos *Identity Achievement* e *Moratorium*, então podemos dizer que 62,5% dos sujeitos que se posicionam nestes dois estatutos de identidade, posicionam-se também no nível individuado / relacionado.

Finalmente, os *Foreclosure* e os *Moratorium* tendem a estabelecer relações de intimidade centradas no desempenho de papel - 46,7% dos *Foreclosure* e 53,9% dos *Moratorium* são focalizados no desempenho de papel).

Estes resultados vão de encontro ao esperado, ou seja, confirma-se a hipótese da existência de uma relação entre o estatuto mais desenvolvido (*Identity Achievement*) e o nível de maturidade relacional mais elevado (individuado /relacionado), bem como entre o estatuto de identidade mais imaturo (*Identity Diffusion*) e os níveis de maturidade relacional menos diferenciado (egocêntrico).

Seria ainda de esperar que no nível de maturidade relacional focalizado no desempenho de papel encontrássemos um predomínio de sujeitos *Foreclosure*, uma vez que se trata das duas posições mais conformistas e estereotipadas, pelo que se esperaria encontrar alguma correspondência. Não foi o que observámos.

Pelo contrário, os sujeitos no nível focalizado no desempenho de papel distribuem-se pelos quatro estatutos de identidade, com uma ligeira tendência para se concentrarem nos estatutos *Foreclosure* e *Moratorium*. É provável que este equilíbrio se deva ao peso que os sujeitos focalizados no desempenho de papel têm na amostra total (constituem 45,1% da amostra), não permitindo assim revelar um padrão mais claro destes sujeitos e um dados estatuto de identidade.

Quadro 2.6.II - Distribuição da amostra por gênero de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade (cotações globais)

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	TOTAL
INDIVIDUADO / RELACIONADO					
MASCULINO	3	1	3	1	8
	11,5	3,9	11,5	3,9	30,8
	33,3	25,0	37,5	20,0	
	37,5	12,5	37,5	12,5	
FEMININO	3	4	1	0	8
	12,0	16,0	4,0	0,0	32,0
	75,0	36,7	20,0	0,0	
	37,5	50,0	12,5	0,0	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL					
MASCULINO	4	3	4	1	12
	15,4	11,5	15,4	3,9	46,2
	44,4	75,0	50,0	20,0	
	33,3	25,0	33,3	8,3	
FEMININO	1	4	3	3	11
	4	16,0	12,0	12,0	44,0
	25,0	36,4	60,0	60,0	
	9,1	36,4	27,3	27,3	
EGOCÊNTRICO					
MASCULINO	2	0	1	3	6
	7,7	0,0	3,9	11,5	23,1
	22,2	0,0	12,5	60,0	
	33,3	0,0	16,7	50,0	
FEMININO	0	3	1	2	6
	0,0	12,0	4,0	8,0	24,0
	0,0	27,3	20,0	40,0	
	0,0	50,0	16,7	33,3	
TOTAL					
MASCULINO	9	4	8	5	26
	34,6	15,4	30,8	19,2	100
FEMININO	4	11	5	5	25
	16,0	44,0	20,0	20,0	100,0

Se dividirmos a amostra em dois grupos segundo o género de pertença dos sujeitos inquiridos, encontramos no género masculino o mesmo padrão que na amostra global: a estatutos de identidade mais maduros e caracterizados pela existência actual ou passada de exploração (*Identity Achiever* e *Moratorium*) corresponde o nível de maturidade relacional mais evoluído (individuado / relacionado), e ao estatuto de identidade mais indiferenciado (*Identity Diffusion*), corresponde o nível de maturidade relacional mais baixo (nível egocêntrico).

No género feminino este padrão já não é tão evidente. No nível individuado / relacionado encontramos metade dos sujeitos com uma posição face à identidade caracterizada pelo investimento com ausência de exploração (*Foreclosure*), apesar de encontrarmos também neste nível uma proporção de sujeitos *Achievers* igual à dos rapazes.

Por outro lado, apesar do estatuto de identidade mais frequente para ambos os sexos ser o estatuto *Foreclosure*, nas raparigas este é o estatuto mais frequente nos vários níveis de maturidade relacional, o que não acontece no grupo dos rapazes - posicionam-se no estatuto de identidade *Foreclosure*, 50,0% das raparigas no nível individuado / relacionado, 36,4% das que se encontram no nível focalizado no desempenho de papel e 50,0% das que estão no nível egocêntrico.

Ou seja, no género feminino, não é necessário estar num estatuto de identidade superior, para trazer para as relações com pessoas privilegiadas níveis elevados de intimidade. Mesmo se agruparmos as categorias *Identity Achievement* e *Moratorium* de um lado e *Foreclosure* de outro, verificamos que a amostra se reparte de forma equitativa para o nível de maturidade relacional individuado / relacionado.

Por outro lado, o padrão que se revela nas raparigas, é que o seu nível de maturidade relacional parece ser independente do estatuto de identidade que possuem, na medida em que elas tendem a desenvolver relações de intimidade de nível maturacional intermédio, independentemente da forma como se posicionam relativamente ao processo de aquisição da sua identidade.

Confirma-se assim a hipótese da existência de um padrão desenvolvimental global identidade - intimidade, onde a níveis superiores de identidade correspondem níveis superiores de intimidade, e a níveis inferiores de identidade, correspondem níveis inferiores de intimidade.

Quando procuramos diferenças entre os sexos, verificamos que este padrão global não se aplica ao sexo feminino, mas apenas aos rapazes, já que nas raparigas, o nível de intimidade parece ser independente do estatuto de identidade.

Áreas dos Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional globais

Ocupação

Quadro 2.6.III - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área Ocupacional

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				TOTAL
	<i>IDENTITY ACHIEVER</i>	<i>FORECLOSURE</i>	<i>MORATORIUM</i>	<i>IDENTITY DIFFUSION</i>	
INDIVIDUADO	8 15,7	2 3,9	3 5,9	3 5,9	16 31,4
RELACIONADO	44,4 50,0	50,0 12,5	23,1 18,8	18,8 18,8	
FOCALIZADO	7 13,7	1 1,9	8 17,7	6 11,8	23 45,1
NO DESEMPENHO DE PAPEL	38,9 30,4	25,0 4,4	69,2 39,1	37,5 26,1	
EGOCÊNTRICO	3 5,9	1 1,9	1 1,9	7 13,7	12 23,5
	16,7 25,0	25,0 8,3	7,7 8,3	43,8 58,3	
TOTAL	18 35,3	4 7,9	13 25,5	16 31,4	51 100

Na área Ocupacional, as duas grandes tendências reveladas na comparação dos valores relativos ao estatuto de identidade global, é aqui também visível. De facto, 50,0% dos sujeitos considerados como estando no nível de maturidade relacional individuado / relacionado são *Achievers* na área Ocupacional, bem como 58,3% dos indivíduos no nível egocêntrico estão na área ocupacional no estatuto *Identity Diffusion*.

No entanto é importante salientar, que metade dos sujeitos *Foreclosure* são também individuados / relacionados, e que mais de metade (69,2%) dos *Moratorium* são focalizados no papel.

Em suma, no que diz respeito à identidade ocupacional, a amostra global não revela um padrão forte na associação entre *Identity Achievement* e o nível individuado / relacionado, já que se encontram neste nível de maturidade relacional, sujeitos nos quatro estatutos de identidade na área Ocupacional.

Os padrões mais relevantes são o da associação entre o estatuto *Moratorium* e o nível focalizado, e entre o estatuto *Identity Diffusion*, e o nível egocêntrico.

Quadro 2.6.IV - Distribuição da amostra por gênero de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área Ocupacional

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	TOTAL
INDIVIDUADO - RELACIONADO					
MASCULINO	1	0,0	3	3	8
	7,7	0,0	11,5	11,5	30,8
	40,0	0,0	30,0	27,3	
	25,0	0,0	37,5	37,5	
FEMININO	6	2	0,0	0,0	8
	24,0	8	0,0	0,0	32,0
	46,2	50,0	0,0	0,0	
	75,0	25,0	0,0	0,0	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL					
MASCULINO	2	0,0	7	3	12
	7,7	0,0	26,9	11,5	46,2
	40,0	0,0	70,0	27,3	
	16,7	0,0	58,3	25,0	
FEMININO	5	1	2	3	11
	20,0	4	8,0	12,0	44,0
	38,5	25,0	66,7	60,0	
	45,5	9,1	18,2	27,3	
EGOCÊNTRICO					
MASCULINO	1	0,0	0,0	5	6
	3,9	0,0	0,0	19,2	23,1
	20,0	0,0	0,0	45,5	
	16,7	0,0	0,0	83,3	
FEMININO	2	1	1	2	6
	8,0	4,0	4,0	8,0	24,0
	15,4	25,0	33,3	40,0	
	33,3	16,7	16,7	33,3	
TOTAL					
MASCULINO	5	0	10	11	26
	19,2	0,0	38,5	42,3	100
FEMININO	13	4	3	5	25
	52,0	16,0	12,0	20,0	100,0

Na amostra masculina os dois padrões evidenciados na amostra global são bastante visíveis, com 70,0% dos sujeitos *Moratorium* no nível focalizado, e 83,3% dos indivíduos egocêntricos no estatuto *Identity Diffusion*. Porém, encontramos também uma parte importante do grupo dos *Diffusion* nos outros dois níveis de maturidade relacional, pelo que o ser *Diffusion* na área ocupacional não implica necessariamente a condição de egocêntrico no nível de maturidade relacional.

Os sujeitos nos níveis individuado / relacionado distribuem-se também pelos vários estatutos, com especial incidência para os estatutos *Moratorium* e *Identity Diffusion*, pelo que também não podemos afirmar a necessidade de se possuir um sentido firme de identidade na área ocupacional, para se ser capaz de se trazer para as relações elevados níveis de maturidade relacional.

No sexo feminino observa-se outro padrão de resposta. Parece haver uma forte associação entre o estatuto *Identity Achievement* e o nível individuado / relacionado: de facto, 75,0% dos sujeitos no nível mais maduro de intimidade são *Achievers*, e 46,2% de todos os *Achievers* do sexo feminino na área ocupacional, estão no nível individuado / relacionado. Porém 50,0% dos *Foreclosures*, estão também neste nível, o que poderá indicar que a condição para o desenvolvimento de relações caracterizadas por elevados níveis de intimidade é, no sexo feminino, possuir uma identidade ocupacional estabelecida, independentemente desta ser ou não fruto de um processo de exploração pessoal.

Tal como observamos no sexo masculino, os sujeitos que estão a atravessar um período de exploração de alternativas ocupacionais - *Moratorium* - são os que desenvolvem relações mais centradas no desempenho de papel, e aqueles que não definiram a sua identidade ocupacional - *Identity Diffusion* - são os mais estereotipados e os mais egocêntricos nos seus relacionamentos íntimos.

Religião

Quadro 2.6.V - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área da Religião

FREQÜÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				TOTAL
	<i>IDENTITY ACHIEVER</i>	<i>FORECLOSURE</i>	<i>MORATORIUM</i>	<i>IDENTITY DIFFUSION</i>	
INDIVIDUADO	3 5,9	2 3,9	5 9,8	6 11,8	16 31,37
RELACIONADO	33,3 18,8	18,2 12,5	45,5 31,3	30,0 37,5	
FOCALIZADO	3 5,9	5 9,8	5 9,8	10 19,6	23 45,1
NO DESEMPENHO DE PAPEL	33,3 13,4	45,5 21,7	45,5 21,7	50,0 43,5	
EGOCÊNTRICO	3 5,9	4 7,8	1 1,9	4 7,8	12 23,5
	33,3 25,0	36,4 33,3	9,1 8,3	20,0 33,3	
TOTAL	9 17,7	11 21,6	11 21,6	20 39,2	51 100,0

A distribuição da amostra global pelos sujeitos segundo o seu estatuto de identidade na área da religião não revela nenhum padrão . Efectivamente, encontramos sujeitos nos vários níveis de maturidade relacional, independentemente do seu estatuto de identidade nesta área. Assim ser *Achiever* ou ser *Diffusion* não parece ter grande influência sobre o nível de maturidade relacional apurado.

Encontra-se uma tendência para os sujeitos que se posicionam num estatuto de identidade *Foreclosure*, se encontrarem no nível focalizado no desempenho de papel, e para os sujeitos em moratória se distribuírem maioritariamente pelo nível citado e pelo nível individuado / relacionado.

Quadro 2.6.VI - Distribuição da amostra por gênero de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área da Religião

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	TOTAL
INDIVIDUADO / RELACIONADO					
MASCULINO	3	0	2	3	8
	11,5	0,0	7,7	11,5	30,8
	33,3	0,0	33,3	33,3	
	37,5	0,0	25,0	37,5	
FEMININO	0	2	3	3	8
	0,0	8,0	12,0	12,0	32,0
	0,0	22,2	60,0	27,7	
	0,0	25,0	37,5	37,5	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL					
MASCULINO	3	2	4	3	12
	11,5	7,7	15,4	11,5	46,2
	33,3	100,0	66,7	33,3	
	25,0	16,7	33,3	25,0	
FEMININO	0	3	1	7	11
	0,0	12,0	4,0	28,0	44,0
	0,0	33,3	20,0	63,6	
	0,0	27,3	9,1	63,6	
EGOCÊNTRICO					
MASCULINO	3	0	0	3	6
	11,5	0,0	0,0	11,5	23,1
	33,3	0,0	0,0	33,3	
	50,0	0,0	0,0	25,0	
FEMININO	0	4	1	1	6
	0,0	16,0	4,0	4,0	24,0
	0,0	44,4	20,0	9,1	
	0,0	66,7	16,7	16,7	
TOTAL					
MASCULINO	9	2	6	9	26
	34,6	7,7	23,1	34,5	100,0
FEMININO	0	9	5	11	25
	0,0	36,0	20,0	44,0	100,0

Quando procuramos verificar que indivíduos do sexo masculino se distribuem nos três níveis de maturidade relacional, em termos do seu estatuto de identidade na área da religião, os dados mais salientes são a ausência de indivíduos *Moratorium* e *Foreclosure* no nível egocêntrico.

A concentração de todos os indivíduos *Foreclosure* no nível focalizado não é significativa, uma vez que o total de rapazes com este estatuto de identidade na área da religião é de dois casos.

Nesta área da identidade, não encontramos nenhum padrão em nenhum nível de maturidade relacional, uma vez que encontramos quer *Achievers*, quer *Diffusion* nos três níveis.

No sexo feminino encontramos algumas diferenças na área da religião relativamente ao sexo masculino, uma vez que já encontramos uma maior concentração dos níveis de maturidade relacional relativamente aos estatutos de identidade.

Verificamos que dos sujeitos *Foreclosure*, 44,4% são egocêntricos, 60,0% dos indivíduos que se encontram num período de moratória estão no nível individuado /relacionado, e 63,6% dos *Identity Diffusion* são focalizados no desempenho de papel nos seus relacionamentos de intimidade. Recordamos que não se encontraram sujeitos do sexo feminino no estatuto *Identity Achievement* para esta área.

Quadro 2.6.VII - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área da Política

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				TOTAL
	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	
INDIVIDUADO	3	4	4	5	16
	5,9	7,8	7,8	9,8	31,4
RELACIONADO	30,0	44,4	40,0	22,7	
	18,8	25,0	25,0	31,3	
FOCALIZADO	6	3	3	11	23
NO	11,8	5,9	5,9	21,6	45,1
DESEMPENHO	60,0	33,3	30,0	50,0	
DE PAPEL	26,1	13,0	13,0	47,8	
EGOCÊNTRICO	1	2	3	6	12
	1,9	3,9	5,9	11,8	23,5
	10,0	22,2	30,0	27,3	
	8,3	16,7	25,0	50,0	
TOTAL	10	9	10	22	51
	19,6	17,7	19,6	43,1	100,0

Constatamos aqui que os sujeitos que apresentam um nível mais desenvolvido de maturidade relacional, se distribuem pelos quatro estatutos de identidade, com especial relevância para o estatuto *Identity Diffusion*.

Porém, os sujeitos *Identity Achievement* e *Diffusion* tendem a desenvolver relacionamentos íntimos essencialmente focalizados no desempenho de papel - 60,0% dos *Achievers* e 50,0% dos *Diffusions* estão no nível focalizado no desempenho de papel.

Quadro 2.6.VIII - Distribuição da amostra por gênero de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área da Política

FREQÜÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	TOTAL
INDIVIDUALDO RELACIONADO					
MASCULINO	2	1	3	2	8
	7,7	3,9	11,5	7,7	30,8
	25,0	25,0	37,5	33,3	
	25,0	12,5	37,5	25,0	
FEMININO	1	3	1	3	8
	4,0	12,0	4,0	12,0	32,0
	50,0	60,0	50,0	18,8	
	12,5	37,5	12,5	37,5	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL					
MASCULINO	5	2	2	3	12
	19,2	7,7	7,7	11,5	46,2
	62,5	50,0	25,0	50,0	
	41,7	16,7	16,7	25,0	
FEMININO	1	1	1	8	11
	4,0	4,0	4,0	32,0	44,0
	50,0	20,0	50,0	50,0	
	9,1	9,1	9,1	72,7	
EGOCÊNTRICO					
MASCULINO	1	1	3	1	6
	3,9	3,9	11,5	3,9	23,1
	12,5	25,0	37,5	16,7	
	16,7	16,7	50,0	16,7	
FEMININO	0	1	0	5	6
	0,0	4,0	0,0	20,0	24,0
	0,0	20,0	0,0	31,3	
	0,0	16,7	0,0	83,3	
TOTAL					
MASCULINO	8	4	8	6	26
	30,8	15,4	30,8	23,1	100
FEMININO	2	5	2	16	25
	8,0	20,0	8,0	64,0	100,0

No sexo masculino encontramos uma tendência para o nível focalizado no desempenho de papel, independentemente do estatuto de identidade dos sujeitos, já que encontramos maiores percentagens de *Achievers*, *Foreclosures* e *Diffusions* no nível intermédio de maturidade relacional.

Apenas o estatuto *Moratorium* se encontra distribuído pelos vários níveis de maturidade, observando-se no entanto, uma percentagem importante de rapazes (50,0%) no nível egocêntrico, que estão a atravessar um período de moratória relativamente à sua identidade na área política.

Tal como nos rapazes, observa-se nas raparigas uma tendência dos sujeitos *Identity Diffusion* se situarem no nível focalizado no desempenho de papel, não obstante 83,4% dos sujeitos que estão no nível egocêntrico são *Identity Diffusion*. Nos restantes estatutos constata-se algumas diferenças relativamente ao sexo masculino, nomeadamente a distribuição dos sujeitos *Achiever* e *Moratorium* pelos níveis de maturidade relacional individuado / relacionado e focalizado no desempenho de papel.

De salientar ainda que, 72,7% dos sujeitos no nível focalizado no desempenho de papel e 83,3% dos sujeitos no nível egocêntrico de maturidade relacional, são raparigas que no que respeita à área política apresentam uma identidade difusa. É de notar que estes resultados poderão ser influenciados pelo facto de 64,0% da amostra de raparigas se situar no estatuto *Identity Diffusion* para esta área.

Papeis Sexuais

Quadro 2.6.IX - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área dos Papeis Sexuais

FREQÜÊNCIA PORCENTAGEM PORCENTAGEM DA COLUNA PORCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				TOTAL
	<i>IDENTITY ACHIEVER</i>	<i>FORECLOSURE</i>	<i>MORATORIUM</i>	<i>IDENTITY DIFFUSION</i>	
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL					
INDIVIDUADO	2 3,9	6 11,8	5 9,8	3 5,9	16 31,4
RELACIONADO	15,4 12,5	42,9 37,5	55,6 31,3	20,0 18,8	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL	8 15,7 61,5 34,8	7 13,7 50,0 30,4	2 3,9 22,2 8,7	6 11,8 40,0 26,1	23 45,1
EGOCÊNTRICO	3 5,9 23,1 25,0	1 1,9 7,1 8,3	2 3,9 22,2 16,7	6 11,8 40,0 50,0	12 23,5
TOTAL	13 25,5	14 27,5	9 17,7	15 29,4	51 100,0

Na amostra global encontramos algumas relações interessantes. De facto, os sujeitos que apresentam níveis mais desenvolvidos de maturidade relacional são os sujeitos cujo estatuto de identidade é o *Moratorium* e o *Foreclosure*, enquanto que os *Achievers* tendem a posicionar-se no nível de maturidade relacional intermédio - o nível focalizado no desempenho de papel.

Os sujeitos em *Identity Diffusion* distribuem-se essencialmente pelos níveis focalizado no desempenho de papel e egocêntrico. Destaque-se que 50,0% dos sujeitos egocêntricos são *Identity Diffusion*.

Quadro 2.6.X - Distribuição da amostra por gênero de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área dos Papéis Sexuais

FREQÜÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	TOTAL
INDIVIDUALIZADO / RELACIONALIZADO					
MASCULINO	2	2	2	2	8
	7,7	7,7	7,7	7,7	30,8
	25,0	33,3	66,7	22,2	
	25,0	25,0	25,0	25,0	
FEMININO	0	4	3	1	8
	0,0	16,0	12,0	4,0	32,0
	0,0	50,0	50,0	16,7	
	0,0	50,0	37,5	12,5	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL					
MASCULINO	5	3	1	3	12
	19,2	11,5	3,9	11,5	46,2
	62,5	50,0	33,3	33,3	
	41,7	25,0	8,3	25,0	
FEMININO	3	4	1	3	11
	12,0	16,0	4,0	12,0	44,0
	60,0	50,0	16,7	50,0	
	27,3	36,4	9,1	27,3	
EGOCÊNTRICO					
MASCULINO	1	1	0	4	6
	3,9	3,9	0,0	15,4	23,1
	12,5	16,7	0,0	44,4	
	16,7	16,7	0,0	66,7	
FEMININO	2	0	2	2	6
	8,0	0,0	8,0	8,0	24,0
	40,0	0,0	33,3	33,3	
	33,3	0,0	33,3	33,3	
TOTAL					
MASCULINO	8	4	8	6	26
	30,8	15,4	30,8	23,1	100
FEMININO	5	8	6	6	25
	20,0	32,0	24,0	24,0	100,0

Quando observamos os resultados apenas do gênero masculino, confirmamos duas das tendências observadas na amostra global: a dos *Identity Achievement* desenvolverem relações de nível focalizado no desempenho de papel, e a dos *Identity Diffusion* estarem num nível egocêntrico de maturidade relacional.

Note-se que 50,0% dos sujeitos *Foreclosure* estão no nível focalizado no desempenho de papel, e que os sujeitos em moratória se distribuem apenas pelos dois níveis superiores de maturidade relacional, individuado / relacionado e focalizado no desempenho de papel.

No gênero feminino, encontramos igualmente uma relação interessante entre o nível de maturidade relacional global e estatuto de identidade na área dos papéis sexuais, na medida em que das raparigas consideradas *Achievers* nesta área, nenhuma se encontra no nível mais superior de maturidade relacional. Este nível é preenchido pelos restantes estatutos, com especial incidência para o estatuto *Foreclosure* e *Moratorium* (50,0% dos sujeitos *Foreclosure* e 37,5 sujeitos *Moratorium* estão no nível de maturidade relacional individuado / relacionado).

Quanto àqueles cuja identidade na área dos papéis sexuais é difusa, metade tendem a relacionar-se de forma estereotipada e convencional - nível focalizado no desempenho de papel, distribuindo-se os restantes sujeitos pelos dois outros níveis de maturidade relacional.

Sexualidade

Quadro 2.6.XI - Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área da Sexualidade

NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				TOTAL
	<i>IDENTITY ACHIEVER</i>	<i>FORECLOSURE</i>	<i>MORATORIUM</i>	<i>IDENTITY DIFFUSION</i>	
INDIVIDUADO	8 15,7	4 7,8	2 3,9	2 3,9	16 31,4
RELACIONADO	50,0 50,0	28,6 25,0	20,0 12,5	18,2 12,5	
FOCALIZADO	6 11,8	7 13,7	4 7,8	6 11,8	23 45,1
DESEMPENHO DE PAPEL	37,5 26,1	50,0 30,4	40,0 17,4	54,6 26,1	
EGOCÊNTRICO	2 3,2 12,5 16,7	3 5,9 21,4 25,0	4 7,8 40,0 33,3	3 5,9 27,3 25,0	12 23,5
TOTAL	16 31,4	14 27,5	10 19,6	11 21,6	51 100

Na amostra global verificamos que metade dos sujeitos *Achievers* estão no nível individuado / relacionado, bem como metade dos sujeitos *Foreclosure* são focalizados no papel em termos dos seu nível de maturidade relacional.

Os sujeitos em moratória tendem a distribuir-se pelos níveis de maturidade relacional e egocêntrico e focalizado no desempenho de papel (40% dos sujeitos respectivamente). Já os sujeitos cuja identidade na área da sexualidade se encontra ainda difusa, tendem a relacionar-se com as suas figuras privilegiadas de forma estereotipada e convencional (nível focalizado no desempenho de papel).

Quadro 2.6.XII - Distribuição da amostra por gênero de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional globais em função dos Estatutos de Identidade na área da Sexualidade

FREQUÊNCIA PERCENTAGEM PERCENTAGEM DA COLUNA PERCENTAGEM DA LINHA	ESTATUTOS DE IDENTIDADE				
NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL	IDENTITY ACHIEVER	FORECLOSURE	MORATORIUM	IDENTITY DIFFUSION	TOTAL
INDIVIDUADO - RELACIONADO					
MASCULINO	4	1	2	1	8
	15,4	3,9	7,7	3,9	30,8
	40,0	25,0	28,6	20,0	
	50,0	12,5	25,0	12,5	
FEMININO	4	3	0	1	8
	16,0	12,0	0,0	4,0	32,0
	66,7	30,0	0,0	16,7	
	50,0	37,5	0,0	12,5	
FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL					
MASCULINO	4	3	3	2	12
	15,4	11,5	11,5	7,7	46,2
	40,0	75,0	42,9	40,0	
	33,3	25,0	25,0	16,7	
FEMININO	2	4	1	4	11
	8,0	16,0	4,0	16,0	44,0
	33,3	40,0	33,3	66,7	
	18,2	36,4	9,1	36,4	
EGOCÊNTRICO					
MASCULINO	2	0	2	2	6
	7,7	0,0	7,7	7,7	23,1
	20,0	0,0	28,6	40,0	
	33,3	0,0	33,3	33,3	
FEMININO	0	3	2	1	6
	0,0	12,0	8,0	4,0	24,0
	0,0	30,0	66,7	16,7	
	0,0	50,0	33,3	16,7	
TOTAL					
MASCULINO	10	4	7	5	26
	38,5	15,4	26,3	19,2	100,0
FEMININO	6	10	3	6	25
	24,0	40,0	12,0	24,0	100,0

Quando observamos a amostra masculina encontramos uma tendência para uma associação entre o estatuto de identidade mais elevado - *Identity Achiever* - e o nível superior de maturidade relacional - nível individuado / relacionado.

De facto, 40% dos *Achievers* são individuados / relacionados e 50% dos sujeitos que se encontram neste nível de maturidade relacional são *Achievers*.

Quanto aos sujeitos cujo estatuto de identidade nesta área é o *Foreclosure*, é de assinalar que 75% destes, desenvolvem com as suas figuras privilegiadas relações de tipo focalizado no desempenho de papel. Porém, este nível intermédio de maturidade relacional é aquele que congrega sujeitos independentemente do seu estatuto de identidade - 40% dos *Achievers*, 42,9% dos *Moratorium* e 40% dos *Diffusions* encontram-se neste nível - pelo que o envolvimento afectivo de carácter focalizado no desempenho de papel não é implicado por nenhum dos estatutos de identidade em particular.

Os sujeitos *Identity Diffusion* tendem também a ser egocêntricos nos seus relacionamentos de proximidade, mas também encontramos em igual proporção sujeitos de nível egocêntrico nos estatutos de *Identidade Achievement* e *Moratorium*.

No grupo das raparigas encontramos a mesma tendência observada nos rapazes para uma associação entre o estatuto mais maduro de identidade e o nível mais diferenciado de maturidade relacional.

Os sujeitos cuja identidade não sofreu um processo de questionamento e exploração - *Foreclosure* - distribuem-se de forma equilibrada pelos três níveis de maturidade relacional.

Os sujeitos que se encontram ainda em processo de exploração activa da sua identidade na área da sexualidade - *Moratorium* - tendem a desenvolver relacionamentos de proximidade de tipo egocêntrico, não obstante os sujeitos neste nível egocêntrico de maturidade relacional serem maioritariamente do estatuto *Foreclosure*.

Finalmente, os sujeitos em *Identity Diffusion* tendem a posicionar-se no nível focalizado no desempenho de papel.

Discussão

A descrição dos dados efectuados até ao momento pretende apresentar os pontos mais salientes dos resultados obtidos neste estudo, de forma a responder às perguntas enunciadas anteriormente, e que aqui recordamos:

(1) existe ou não uma sequência desenvolvimental identidade - intimidade, onde aquela precede necessariamente esta ?

(2) existem ou não diferenças ao nível dos géneros de pertença dos sujeitos neste processo

(a) nos padrões desenvolvimentais da sequência identidade - intimidade ?

(b) na maior facilidade e capacidade para intimidade de um dos géneros (feminino) ?

(3) que áreas da identidade são melhores preditoras da identidade global

(4) que áreas da identidade são melhores preditoras de níveis superiores de intimidade?

Operacionalizados que foram os conceitos de identidade e de intimidade em termos de Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional, avaliados os protocolos das entrevistas segundo critérios previamente estabelecidos, tendo procedido à comparação da frequência das cotações efectuadas, vamos tentar responder às questões formuladas.

Porém, como já anteriormente fizemos notar, dada a reduzida dimensão da amostra que impossibilitou um nível de análise dos dados mais aprofundado e consequentemente o uso de estatísticas inferenciais, podemos apenas falar de padrões de resposta dos sujeitos que constituíram a nossa amostra.

No que respeita à questão da sequência desenvolvimental identidade - intimidade, encontrámos uma associação entre o estatuto de identidade mais maduro - *Identity Achiever* - e o nível superior de maturidade relacional - nível individuado / relacionado.

Também ao estatuto de identidade mais indiferenciado - *Identity Diffusion* - encontrámos uma correspondência com o nível mais imaturo de maturidade relacional - o nível egocêntrico.

Estes resultados apoiam a formulação de Erikson (1968), bem como os resultados obtidos por vários investigadores (Marcia, 1976; Orlofsky, Marcia & Lesser, 1973) na medida em que, níveis superiores de intimidade são implicados por níveis superiores de identidade, e níveis inferiores de intimidade são implicados por níveis inferiores de identidade, o que pressupõe a necessidade de negociar primeiro as tarefas da identidade em ordem a ser possível trazer para os relacionamentos afectivos com pessoas próximas, níveis elevados de maturidade.

Quando subdividimos a amostra total em duas sub amostras segundo o género de pertença dos sujeitos, dois padrões distintos emergem.

Um, o masculino, que vai de acordo com a progressão desenvolvimental, em que a aquisição de um sentido de identidade maduro é fruto de um processo de desenvolvimento pessoal, (*Identity Achievement*), e implica a formação de relações caracterizadas pela intimidade (nível de maturidade relacional individuado/ relacionado).

Outro, verificado nas mulheres, em que o estabelecimento de relações íntimas não parece estar relacionado com o ter ou não um sentido de identidade estabelecido resultado de um processo de crescimento pessoal.

Estes resultados vão no sentido dos obtidos em outros estudos (Tesch & Whitbourne, 1982), que encontraram indivíduos em níveis superiores de intimidade com um baixo estatuto de identidade. No entanto não são suficientemente claros para nos permitir afirmar, como Shiedel & Marcia (1985), que se verifica nas mulheres uma inversão da sequência desenvolvimental identidade - intimidade, para o que seria necessário termos encontrado uma proporção importante de sujeitos do sexo feminino em níveis superiores de maturidade relacional, e sem uma identidade solidamente estabelecida.

Ora o que encontramos foi 50% de sujeitos do sexo feminino que se relacionam de forma madura com os seus pares (nível individuado / relacionado) e que apresentam uma identidade estabelecida, mas que não foi nunca atravessada por um período de exploração de alternativas (*Foreclosure*).

Assim, não se tratará tanto de uma inversão do padrão desenvolvimental, mas antes da não evidência de necessidade por parte das mulheres de experienciarem um processo de exploração e questionamento activos, para trazerem para os seus relacionamentos de intimidade elevados níveis de maturidade relacional, na medida em que a posição face à identidade predominante nas mulheres com níveis mais elevados de intimidade é, como acabámos de referir, a que se caracteriza pelo investimento sem exploração.

Por outro lado, não encontramos diferenças na distribuição por sexos pelos três níveis de maturidade relacional, posicionando-se cerca de metade da amostra no nível focalizado no desempenho de papel. Estes resultados contrariam a alegada superioridade feminina em termos do estabelecimento de relações de maior intimidade, e de uma maior competência interpessoal das mulheres, defendida por alguns autores (Fischer, 1981; Hodgson & Fischer, 1979).

Ainda no que respeita às mulheres, o facto de termos encontrado uma tendência no grupo feminino para um funcionamento de carácter estereotipado e convencional, quer ao nível do seu posicionamento face à identidade, quer ao nível da sua intimidade, suscita a nossa curiosidade.

Como vimos, a identidade é para quase metade da amostra feminina, produto das influências dos modelos de socialização sem lugar para um questionar sobre essas influências, e a intimidade é para as mesmas raparigas, correspondente a uma forma de relacionamento de acordo com as expectativas sociais, que regem os comportamentos, as formas de expressão dos afectos, e o modo de sentir e pensar o outro.

Estes resultados fazem-nos pensar na hipótese levantada num estudo realizado em 1969 por Marcia e Friedman (1970), de que o estatuto de identidade *Foreclosure* seria mais adaptativo para as mulheres, na medida em que a pressão social sobre estas, seria no sentido da adopção de um carácter conformista e tradicional, sendo sentida como bastante ameaçador o questionar os valores familiares, na medida em que este processo envolve sempre alguma separação e individuação relativamente à família.

Inversamente os rapazes seriam quase solicitados socialmente no sentido de atravessar uma "crise de identidade".

Mais uma vez não podemos deixar de comparar as datas dos estudos, e de facto, é interessante como a hipótese de Marcia e Friedman (1970), poderá ajudar a compreender os resultados de uma amostra feminina constituída 25 anos mais tarde, em outro país, não obstante todas as modificações de que a condição feminina foi alvo ao longo das duas últimas décadas em toda a sociedade ocidental.

Se pensarmos que em 69 se vivia nos Estados Unidos em plena revolução social e sexual, constituindo esses acontecimentos o embrião de todas as alterações sociais que se seguiram, estas modalidades de funcionamento psicológico e relacional poderiam constituir modalidades defensivas face às mudanças sociais e ao duplo padrão feminino - passivo e activo - que se começava a esboçar.

Poderemos porventura especular, se as jovens portuguesas da nossa amostra não estarão actualmente a atravessar um processo semelhante, dado não só os anos de atraso com que os ventos de mudança social começaram a soprar no nosso país, mas também devido ao forte peso tradicional que a figura feminina / maternal tem nas sociedades mediterrâneas.

Finalmente no que respeita às dimensões da identidade e sua relação com a intimidade e com o género de pertença dos sujeitos, os nossos resultados contrariam a dicotomia masculino / dimensão instrumental *vs* feminino / dimensão interpessoal proposta por Erikson.

Esta noção Eriksoniana de que os homens são mais instrumentais e as mulheres mais interpessoais, traduz-se em termos dos estatutos de identidade por uma maior percentagem de rapazes com um estatuto de identidade superior na área ocupacional bem como uma maior percentagem de raparigas na área interpessoal / sexual, e tem sido confirmada por alguns investigadores (Fitch & Adams, 1983 - para a associação género masculino / área ocupacional; Shenkel & Marcia, 1972 - para a associação género feminino / área interpessoal / sexual).

Ora os nossos resultados apontam para uma tendência por parte do grupo feminino em apresentar uma identidade sólida mas sem exploração na área interpessoal, tendendo o grupo masculino para uma identidade difusa na área ocupacional.

Discutimos oportunamente as razões que poderão ajudar a compreender estes resultados (*vide* 2.3. Estatutos de Identidade - Discussão). O que nos interessa agora discutir é se podemos ou não considerar estas áreas tradicionais (interpessoal para as mulheres e ocupacional para os homens) como importantes no sentido da sua maior contribuição para a identidade global do sujeito.

Julgamos que apenas a área interpessoal na amostra feminina assume este papel de forte contributo para a identidade global do sujeito. Como vimos, o estatuto de identidade em que o grupo feminino se posiciona na área dos papéis sexuais e da sexualidade é o estatuto de identidade Foreclosure, e é o mesmo que classifica a amostra feminina em termos de estatuto de identidade global.

Conforme discutimos anteriormente, a dimensão interpessoal parece ser de grande importância para as raparigas investigadas, constituindo para muitas uma fonte de conflito devido à culpabilidade que está associada à vivência da sexualidade, e às expectativas sociais de sinal contrário que se fazem sentir sobre as mulheres.

Neste contexto, e acrescentando a tudo o que já dissemos a este propósito, o nível de maturidade relacional que estas raparigas trazem para os seus relacionamentos íntimos, é de carácter conformista e estereotipado - nível focalizado no desempenho de papel.

Nos rapazes estudados, a contribuição da área ocupacional para o estatuto de identidade global já não é tão evidente, na medida em que em termos globais, estes assumem uma posição face à identidade caracterizada pela exploração e / ou investimento (*Identity Achievement* e *Moratorium*), e em termos ocupacionais, a sua identidade caracteriza-se pela fraca exploração e ausência de investimento (*Moratorium* e *Identity Diffusion*).

Inversamente, a área ideológica - religião e política - parece ser um melhor indicador do estatuto de identidade global nos rapazes do que nas raparigas estudados, uma vez que os rapazes se caracterizam pela exploração e investimento nestas áreas (*Identity Achievement* e *Moratorium*), tal como no estatuto global, enquanto que as raparigas se evidenciam pela total ausência de exploração e de compromisso quer para com um sistema religioso, quer político (*Identity Diffusion*), contrariando a ideia tradicional que a dimensão religiosa seria um bom preditor da identidade global nas raparigas (Fitch & Adams, 1983).

Finalmente quanto às áreas da identidade que poderão estar associadas a níveis superiores de maturidade relacional, funcionando assim como melhores preditores de uma intimidade elevada, a única associação entre *Identity Achievement* e nível de maturidade relacional individuado / relacionado que encontrámos, foi na área da Sexualidade, e em ambos os sexos.

De facto, os sujeitos que são *Achievers* no domínio da Sexualidade, são também aqueles que trazem para os seus relacionamentos afectivos maiores níveis de maturidade relacional.

Apesar da experiência sexual não ser condição necessária para que um relacionamento possa ser considerado de intimidade (Erikson, 1968; Paul & White, 1990; Roscoe, Kennedy & Pope, 1987), é justamente nos sujeitos que tiveram ou têm experiência sexual, que se encontram os indivíduos que se relacionam com maior grau de intimidade com as suas figuras privilegiadas.

Estes jovens, são aqueles foram capazes de reflectir sobre as suas experiências neste domínio, reflexão a partir da qual formularam um conjunto de valores pessoais, agindo em conformidade com esses valores. Nas suas relações de proximidade são também aqueles que se demonstram mais sensíveis às necessidades e interesses do outro, e aqueles que mais valorizam a expressão de sentimentos e a comunicação.

Estes dados sublinham a importância que uma vivência sexual integrada no todo do desenvolvimento do jovem tem na sua futura capacidade para se relacionar de forma madura, quer em relações de namoro/ casamento, quer em relações de amizade com os seus pares.

Em nenhuma das outras áreas a associação *Identity Achievement* - nível individuado / relacionado foi observada, encontrando-se no nível superior de maturidade relacional grande proporção de sujeitos nos diferentes estatutos de identidade, conforme expusemos de forma alargada nesta secção.

Em jeito de síntese apresentamos uma caixa resumo, com os principais tópicos desta discussão, que sintetizam os resultados obtidos ao nível da análise da relação entre as variáveis identidade e intimidade.

(1) Encontramos sujeitos nos níveis superiores de intimidade, qualquer que seja a sua posição face à definição da sua identidade. Todavia detecta-se uma tendência na amostra global para uma associação entre o estatuto de identidade mais desenvolvido e o nível de maturidade relacional mais elevado, bem como entre o estatuto de identidade mais indiferenciado e o nível de maturidade relacional mais imaturo.

(2) Encontram-se algumas diferenças em termos dos géneros de pertença na relação entre estatutos de identidade e nível de maturidade relacional

(a) Os sujeitos do sexo feminino que apresentam níveis de maturidade relacional mais elevados, são aqueles cuja identidade se caracteriza pelo investimento sem exploração. Os sujeitos do sexo masculino de maturidade elevada são aqueles cuja identidade se caracteriza pela exploração / ou investimento

(b) Nenhum dos géneros de pertença se destaca em termos de uma maior facilidade para o estabelecimento de relações íntimas, tendendo homens e mulheres a desenvolver relacionamentos de nível focalizado no desempenho de papel.

(3) As áreas da identidade que constituem melhores preditores da identidade global são diferentes segundo os géneros de pertença dos sujeitos: nas mulheres a área melhor preditora é a interpessoal / sexual e nos homens é a área ideológica- religião e política. A área ocupacional não parece ser um importante elemento da definição da identidade, quer no sexo masculino, quer para o sexo feminino.

(4) A área da identidade que parece ser melhor preditora de níveis de maturidade relacional elevados é a mesma em homens e mulheres, e é a área da Sexualidade.

Quarta Parte

CONCLUSÃO

O objectivo do presente trabalho consistiu em analisar a relação entre a identidade e a intimidade em jovens adultos, com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos.

O porquê da escolha deste tema, nesta população específica, prende-se com vários factores de ordem social que assumiram algum relevo na sociedade portuguesa, e também um pouco por todo o mundo. Estamos a pensar concretamente nas manifestações estudantis, em algumas manifestações juvenis - mais nos Estados Unidos - de retorno a um certo sabor hippie dos anos 60 (movimento "*grunge*" de Seattle), e nas denominações que surgiram para adjectivar os jovens de hoje. Referimo-nos aos termos "geração X", dos sociólogos americanos, e, ao nacional "geração rasca".

Estas denominações ganharam popularidade, e fizeram correr alguma tinta em termos de produção quer jornalística, quer literária. No caso concreto de Portugal, estes jovens receberam ainda uma outra qualificação: a de "filhos de Abril" por serem os primeiros adultos jovens depois do 25 de Abril de 1974, os primeiros a crescerem em democracia, e a conhecerem uma série de grandes e pequenas liberdades que os seus pais só conheceram depois de adultos.

Daí o título deste trabalho, "E depois do adeus", título da melodia que deu o sinal às tropas revolucionárias para avançar na noite de 24 para 25 de Abril de 74, melodia que ficou assim com uma conotação política inscrita sobre o poema de amor que canta. Ironicamente o seu título - e depois do adeus - fica assim na história como um adeus a um velho sistema social e político, e uma interrogação sobre uma nova ordem que ali se iniciou.

Mas "E depois do adeus" é também (e sobretudo) uma canção sobre o fim da inocência, sobre o que nos acontece depois do fim de um amor, de que forma esse amor pode ser importante para saber quem somos, e de que forma é importante saber quem somos para lhe podermos sobreviver. "E depois do adeus" é por isso uma canção que fala de identidade e de intimidade, sintetizando as questões que procurámos analisar neste trabalho: que relação entre a formação da identidade e a capacidade para a intimidade? De que forma vivem os homens e as mulheres estas questões? De que forma vivem estas questões os jovens que nasceram e cresceram com a "nova ordem"?

O nosso estudo não pretendia assim explicar uma determinada realidade - a da forma como são, vivem e amam os jovens adultos - mas apenas (re)conhecê-la, identificar nela características onde se adivinhassem influências das mudanças sociais, sobre a forma como os jovens se definem e se relacionam entre si, ou pelo contrário, elementos comuns aos jovens de todos os tempos.

Partimos do pressuposto comumente aceite de que diferentes épocas sociais e históricas, produzem diferentes formas do sujeito se perceber como pessoa, de gerir a forma como se auto define (Azevedo, 1992; Baumeister, 1987; Kellner, 1992; Lipovetsky, 1982; Marcia, s.d.) e a forma como se relaciona com os outros (Badinter, 1986; Duby, 1991; Lipovetsky, 1982; Torres, 1987).

Para abordar esta temática com este nível de compreensão, o contexto teórico que nos pareceu mais adequado foi o dos modelos psicossociais do desenvolvimento humano, que se inscrevem nas teorias cognitivo-desenvolvimentais.

Assim a primeira parte deste trabalho faz, após o enquadramento sócio - histórico da problemática da identidade e da intimidade, uma revisão bibliográfica destes conceitos à luz da teoria cognitivo-desenvolvimental, com um especial ênfase na revisão dos estudos efectuados.

Seguidamente é apresentada a metodologia utilizada, onde procurámos ultrapassar algumas falhas detectadas em outros estudos, para logo de seguida apresentarmos e discutirmos os resultados obtidos a partir da análise e cotação de 51 entrevistas clínicas semi - estruturadas de avaliação dos estatutos de identidade e do nível de maturidade relacional, conceitos que após a revisão dos estudos efectuada, nos pareceram ser os que melhor operacionalizam os constructos identidade e intimidade.

Os modos de ser e de se relacionar dos 51 jovens que estas entrevistas nos permitiram *entrever*, deram-nos conta de uma realidade que talvez não corresponda à realidade "real" dos sujeitos, mas antes à forma como eles se descrevem em termos dos seus comportamentos, afectos e cognições. Através desta auto descrição procurámos chegar mais longe, ao nível dos mecanismos subjacentes à identidade e à intimidade, postos em jogo na situação de entrevista, e que nos permitiram inferir acerca do nível de maturidade dos sujeitos, bem como do processo que terão vivenciado em termos de desenvolvimento até ao momento actual.

Dissemos oportunamente que a partir dos dados obtidos não seria possível retirar inferências ou fazer generalizações para outros sujeitos que não aqueles que foram investigados.

O relato dos resultados, bem como a discussão efectuada permite-nos apenas, através de algumas respostas às perguntas formuladas, descobrir algumas pistas, a saber:

Ao nível da identidade, encontrámos uma distribuição bastante equilibrada dos sujeitos pelos quatro estatutos de identidade considerados. Quando comparados com jovens universitários portugueses de há 10 anos, verificamos que houve uma diminuição dos sujeitos com a identidade estabelecida (estatuto *Identity Achievement*) e um aumento dos sujeitos com a identidade difusa (estatuto *Identity Diffusion*). Estes dados poderão apontar no sentido da existência de uma geração X nos jovens portugueses, em termos da sua indefinição ao nível profissional, ideológico (religioso e político) e relacional (papeis sexuais / sexualidade).

Ao nível das relações de intimidade, rapazes e raparigas apresentam formas de se relacionar muito centradas no desempenho de papel social, seja de amigo(a) seja de namorado(a). A capacidade para se colocarem no lugar do outro, o interesse e o compromisso para com o outro e a relação, os padrões de comunicação e a própria vivência da sexualidade (quando existe), desenrolam-se mais de forma estereotipada e de acordo com as expectativas sociais, e menos de acordo com a mutualidade e a genuinidade que caracterizam os relacionamentos mais maduros.

As mulheres não evidenciam assim uma maior competência para se relacionarem intimamente que os homens, contrariamente ao estereótipo feminino. Aliás no que respeita ao grupo feminino investigado, é bastante evidente uma problemática, que atravessa as entrevistas e que coloca as jovens num conflito entre dois padrões morais (tradicional / passivo e moderno / activo) no que concerne aos papeis sexuais e mais especificamente à vivência amorosa e sexual, o que tem consequências ao nível quer da sua identidade, quer da sua intimidade.

O papel das figuras parentais no balancear dos processos de diferenciação e individuação entre o jovem e o seu sistema familiar pareceu-nos oferecer também uma base interessante de trabalho. Constatámos na nossa amostra, que os pais parecem desempenhar um papel mais favorecedor de uma individuação do sujeito e diferenciação do seu meio familiar, e consequentemente de uma maior autonomia dos jovens, relativamente às mães.

Estas pistas poderão servir de base à criação de hipóteses a testar em futuros estudos, onde a questão da construção de uma amostra representativa seja ultrapassada, de forma a podermos tirar conclusões válidas para um grupo mais vasto de pessoas.

Assim, em termos de perspectivas futuras de investigação nesta matéria, julgamos útil fazer algumas sugestões relativamente aos instrumentos utilizados, no sentido de um eventual aperfeiçoamento dos mesmos.

Na entrevista dos Estatutos de Identidade, poderá ter interesse explorar um pouco mais as questões relacionadas com a atribuição de valor às figuras parentais, nomeadamente explorando o porquê da escolha de um dos pais (ou de ambos, ou de nenhum) por parte dos sujeitos.

Na entrevista dos Níveis de Maturidade Relacional afigura-se-nos como uma perspectiva de trabalho interessante, conhecer melhor as relações de intimidade não só entre parceiros amorosos, como entre pares do mesmo e do sexo oposto.

Para tal seria necessário uma reorganização das questões da entrevista, de forma a obter três níveis de maturidade relacional - com um parceiro amoroso, com um par do mesmo sexo e com um par do sexo oposto.

A "maturidade filial" (maturidade relacional no domínio das relações com os pais), desenvolvida pelos autores do modelo, parece-nos também assumir um papel importante, pelo que não deverá ser deixada de fora de um estudo que pretenda avaliar os níveis de maturidade psicológica que os sujeitos levam para os seus relacionamentos afectivos com os outros - ao contrário do que fizemos no presente trabalho.

A entrevista da maturidade relacional, bem como os seus critérios de correcção, suscitam-nos algumas críticas. Uma vez que este modelo se nos afigura como um bom instrumento de trabalho, será proveitoso em futuros estudos que o utilizem, proceder a algumas alterações, pelo que passamos aqui a enunciar as nossas observações.

- Em nosso entender, a entrevista está pouco estruturada sendo difícil discriminar as subescalas entre si (tomada de perspectiva do outro, interesse, compromisso, sexualidade e comunicação).

- A sequência das perguntas também não é muito facilitadora, tornando-se particularmente difícil abordar as questões relativas à sexualidade, que deveriam ser reformuladas.

- As questões referentes às escalas interesse e compromisso mereceriam também uma atenção especial, na medida em que estão construídas para avaliar relacionamentos íntimos, sendo difícil aplicá-las aos relacionamentos de amizade, dada a inclusão de termos considerados desadequados pelos sujeitos (nomeadamente o termo "comprometimento" aplicado às relações de amizade, considerado também por alguns sujeitos como inadequado para aplicar às relações de namoro.

- As duas partes da entrevista (relacionamento íntimo e relacionamento de amizade) aparecem pouco distintas, o que obriga à repetição de questões, e a um difícil manusear da entrevista.

- Parece-nos existir alguma desarticulação entre a estrutura da entrevista e o manual de cotação, o que dificulta a mesma.

- Os critérios de cotação também não estão claramente definidos, o que levanta algumas ambiguidades ao nível da sua interpretação. Particularmente difícil é a cotação do primeiro patamar da progressão desenvolvimental proposta pelos autores - o nível egocêntrico - na medida em que os sujeitos neste nível parecem ter, em algumas situações, maior maturidade do que os do nível seguinte, teoricamente mais desenvolvido, o nível focalizado no desempenho de papel.

Alguns sujeitos considerados como estando no nível egocêntrico, evidenciam uma maturidade relacional que não é ainda a do indivíduo no nível individuado / relacionado, mas não é de forma alguma a do centrado no desempenho de papel, podendo-se ainda supor que este é um estágio pelo qual eles não passarão. Assim, julgamos que deveria ser incluído um outro nível intermédio nesta progressão desenvolvimental, onde estes sujeitos fossem mais justamente considerados.

Como referimos anteriormente, constatamos que a realização das entrevistas constituiu uma ocasião de desenvolvimento pessoal para os sujeitos. Assim a sugestão final que deixamos, seria a da realização de um estudo, onde se medissem os efeitos desta observação sobre os estatutos de identidade e sobre o nível de maturidade relacional dos sujeitos.

A verificarem-se algumas mudanças, poderíamos começar a imaginar e a desenvolver formas de promover o desenvolvimento da identidade e da intimidade nos sujeitos, quer ao nível da clínica psicológica, quer ao nível dos vários contextos educacionais .

Em jeito de balanço final e ao retermos o percurso histórico social dos conceitos de Identidade e de Intimidade que efectuámos na primeira parte, as pistas que encontrámos ganham contornos mais sólidos, evidenciando algumas intuições dos autores que visitámos.

A "era do vazio" (Lipovetsky, 1982) revela-se na indiferença com que os nossos entrevistados se posicionam relativamente às grandes questões que configuram a sua identidade pessoal (profissional, política, religiosa).

Esta deserção dos grandes referentes orientadores configura a figura mitológica que espelha a condição humana actual: um Narciso esvaziado, à procura no Outro da verdade sobre Si próprio. Um sujeito hiperinvestido, que no consumo ávido de respostas sobre Si se dessubstancializa e *desliza* sem pontos de ancoragem estáveis, nas suas relações afectivas. Narciso "foge diante do sentimento" (Lasch, citado por Lipovetsky, 1982) devido ao medo de ser decepcionado, de perder a sua independência, de perder o controle dos seus impulsos.

Uma resposta possível a estes receios poderá ser a estereotipia dos relacionamentos amorosos e de amizade, onde os sujeitos evitam a comunicação genuína, temem o compromisso, demonstram dificuldades em se colocar no lugar do outro e em demonstrar o seu interesse por ele, e por vezes fazem uma clivagem entre sexualidade e sentimentos.

Queremos crer porém que não estamos perante uma catástrofe que não hesita em prognosticar desgraças para as novas gerações privadas dos grandes valores. Pelo contrário, pensamos que estamos a atravessar mais uma época de transição, onde diferentes propostas sociais, éticas e políticas confluem, e que atravessada a crise, novos valores surgirão e traçarão o esboço de novos homens e novas mulheres, numa sociedade radicalmente diferente das que a precederam.

Nesse sentido poderemos começar a assistir à queda dos estereótipos do masculino e do feminino, esboçada no nosso trabalho. Vimos que pais e mães bem definidos contrapõem-se a jovens rapazes e raparigas onde a identidade de género não garante modalidades específicas de funcionamento social e afectivo. No futuro as metades perdidas do andrógino talvez se encontrem, e façam ouvir a sua voz dominante (Gilligan, 1982, citado por Dyk & Adams, 1990).

A necessidade de compreender os novos padrões de comportamento assume, em nosso entender, uma importância fundamental para o psicólogo clínico. O que procurámos fazer neste estudo foi *entrever* estas novas modalidades de funcionamento, numa perspectiva compreensiva e sempre enquadrada pelo social como pano de fundo.

Por essa razão não fizemos incursões por outros modelos teóricos, nem estudámos grupos sinalizados com alguma patologia ou qualidade específica. Se entendemos que a psicopatologia começa onde acaba a nossa compreensão (Abreu, 1995), será que em época de profundas mudanças sociais não teremos de a alargar, estudando em primeiro lugar os sujeitos ditos normais?

ÍNDICE de QUADROS

	Pág
Primeira Parte - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Capítulo II	
Quadro I :	Etapas do desenvolvimento psicossocial 51
Quadro II. :	Estatutos de Identidade em função dos critérios (dimensões) Exploração e Investimento 74
Quadro III. :	Formação dos Estatutos de Identidade 76
Segunda Parte - METODOLOGIA	
Quadro I :	Distribuição do género de pertença dos sujeitos pelo género de pertença dos entrevistadores 136
Quadro II :	Distribuição da ordem de apresentação das entrevistas em função do género de pertença dos sujeitos entrevistados 136
Terceira Parte - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	
2.1. Variáveis de Caracterização Pessoal	
Quadro 2.1.I :	Distribuição em percentagens da amostra por Idade em função do género de pertença dos sujeitos 145
Quadro 2.1.II :	Distribuição em percentagens da amostra por Estado Civil em função do género de pertença dos sujeitos 146
Quadro 2.1.III :	Distribuição em percentagens da amostra por Figura Privilegiada em função do género de pertença dos sujeitos 147
Quadro 2.1.IV :	Distribuição em percentagens da amostra por Tempo de Relacionamento com a Figura Privilegiada em função do género de pertença dos sujeitos 148
Quadro 2.1.V :	Distribuição em percentagens da amostra por Figura Secundária em função do género de pertença dos sujeitos 149
Quadro 2.1.VI :	Distribuição em percentagens da amostra por Tempo de Relacionamento com a Figura Secundária em função do género de pertença dos sujeitos 150
Quadro 2.1.VII:	Distribuição da amostra pelas Variáveis de Caracterização Pessoal 152

2.2. Variáveis de Caracterização Familiar

Quadro 2.2.I :	Distribuição em percentagens da amostra por Nível Social em função do género de pertença dos sujeitos	153
Quadro 2.2.II:	Distribuição em percentagens da amostra por Situação Habitacional em função do género de pertença dos sujeitos	154
Quadro 2.2.III:	Distribuição em percentagens da amostra por Número de Irmãos em função do género de pertença dos sujeitos	155
Quadro 2.2.IV :	Distribuição em percentagens da amostra por Figura Parental Referida como mais importante em função do género de pertença dos sujeitos	155
Quadro 2.2.V :	Distribuição da amostra pelas Variáveis de Caracterização Familiar	157

2.3. Estatutos de Identidade

Quadro 2.3.I :	Distribuição da amostra total pelos Estatutos de Identidade - global e por área	158
Quadro 2.3.II :	Comparação entre os Sexos da Distribuição da amostra pelos Estatutos de Identidade - global e por área	159

2.4. Níveis de Maturidade Relacional

Quadro 2.4.I :	Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional - global e por área	187
Quadro 2.4.II :	Comparação entre os sexos da distribuição da amostra pelos Níveis de Maturidade Relacional - global e por área	188

2.5. Estatutos de Identidade, Níveis de Maturidade Relacional e Variáveis de Caracterização Pessoal e Familiar

Quadro 2.5.I :	Variáveis comparadas entre si	205
----------------	-------------------------------	-----

2.6. Estatutos de Identidade e Níveis de Maturidade Relacional

Quadro 2.6.I:	Distribuição da amostra total pelos Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade (cotações globais)	237
Quadro 2.6.II :	Distribuição da amostra por género de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade (cotações globais)	239
Quadro 2.6.III :	Distribuição da amostra total pelo Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade na área Ocupacional	241
Quadro 2.6.IV :	Distribuição da amostra por género de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade na área Ocupacional	242
Quadro 2.6.V :	Distribuição da amostra total pelo Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade na área da Religião	244
Quadro 2.6.VI :	Distribuição da amostra por género de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade na área da Religião	245
Quadro 2.6.VII:	Distribuição da amostra total pelo Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade na área Política	247
Quadro 2.6.VIII	Distribuição da amostra por género de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade na área da Política	248
Quadro 2.6.IX :	Distribuição da amostra total pelo Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade na área dos Papeis Sexuais	250
Quadro 2.6.X :	Distribuição da amostra por género de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade na área dos Papeis Sexuais	251
Quadro 2.6.XI :	Distribuição da amostra total pelo Níveis de Maturidade Relacional global em função dos Estatutos de Identidade da Sexualidade	253
Quadro 2.6.XII:	Distribuição da amostra por género de pertença dos sujeitos pelos Níveis de Maturidade Relacional em função dos Estatutos de Identidade na área da Sexualidade	254

Fig. 2.5.30 :	Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Figura Secundária	226
Fig. 2.5.31 :	Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Figura Secundária	227
Fig. 2.5.32 :	Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Figura Secundária	227
Fig. 2.5.33 :	Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Tempo de Relação com a Figura Secundária Par do Mesmo Sexo	228
Fig. 2.5.34 :	Percentagem dos sujeitos do género masculino nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Tempo de Amizade com o Par do Mesmo Sexo	228
Fig. 2.5.35 :	Percentagem dos sujeitos do género feminino nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Tempo de Amizade com o Par do Mesmo Sexo	228
Fig. 2.5.36 :	Percentagem dos sujeitos nos vários Níveis de Maturidade Relacional por Tempo de Relação com a Figura Secundária Par do Sexo Oposto	230

ÍNDICE de APÊNDICES e ANEXOS

Pág.

APÊNDICES

Apêndice 1 :	Matriz de Recolha de Dados de Caracterização dos sujeitos	1
Apêndice 2 :	Matriz de Recolha dos Estatutos de Identidade e dos Níveis de Maturidade Relacional	5
Apêndice 3 :	Matriz de Classificação do Nível Social dos sujeitos	7

ANEXOS

Anexo I :	Manual dos Estatutos de Identidade	
	Entrevista dos Estatutos de Identidade	1
	Critérios de Cotação dos Estatutos de Identidade	7
Anexo II :	Entrevista e Critérios de Cotação dos Níveis de Maturidade Relacional	
	Carta do Autor	1
	Entrevista da Maturidade Relacional	2
	Critérios de Cotação Maturidade Relacional (Sinopse)	10
	Critérios de Cotação da Maturidade Relacional	18
Anexo III:	Critérios de Classificação do Nível Social	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS *

ABREU, M.V. (1985). Identidade. In João Bigotte Chorão (Eds) *Polis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Lisboa, Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa.

ABREU, P. (1995). Jaspers: o psicopatologista. Aplicação do método fenomenológico à psicopatologia. Comunicação apresentada no *Ciclo de Formação Iniciação às Psicoterapias Existenciais* do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (não publicado).

ALLISON, M.D. & SABATELLI, R.M. (1988) Differentiation and Individuation as Mediators of Identity and Intimacy in Adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 3(1), 1-16.

ARAGÃO, R. (1985) *Portugal e o desafio nacionalista - psicologia e identidade nacionais*. Lisboa, Editorial Teorema.

ARIÈS, P. & DUBY, G. (1990, 91). *História da vida privada*, vol II, III, IV, V. Porto, Edições Afrontamento.

AZEVEDO, J. (1992) Perspectivas psicossociais no estudo da identidade. *Revista de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2 (1), 111-110. Porto: Faculdade de Letras.

BADINTER, E. (1980). *O Amor incerto - História do amor maternal do século XVII ao século XX*. Lisboa, Relógio d'Água Editores.

BADINTER, E. (1986) *Um é o Outro*. Lisboa, Relógio d'Água Editores.

BADINTER, E. (1992) *XY A identidade masculina*. Lisboa, Edições Asa.

BARTHES, R. (1977). *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa, Edições 70.

BAUMEISTER, R. (1987). How the self became a problem: a psychological review of historical research. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (1), 163-176.

BOURNE, E. (1978a) The state of research on ego identity. A review and appraisal. Part I. *Journal of Youth and Adolescence*, 7, 223-251.

BOURNE, E. (1978b) The state of research on ego identity. A review and appraisal. Part II. *Journal of Youth and Adolescence*, 7, 371-392.

BUKOWSKY, W.M. & NEWCOB, A.F. (1983) The association between peer experiences and identity formation in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 3(3), 265-274.

CARVALHO, F. (1994). Os nossos amores. - tratamento dos resultados de um inquérito sobre sexualidade realizado em 1993. *Revista do semanário "Expresso"*, nº 1147, 22/10/94.

CHINEN, A.B. (1989). *...E foram felizes para sempre - Contos de Fadas para adultos*. S.Paulo, Editora Cultrix.

- CLAES, M. (1985) *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Edições Verbo
- COBLINER, W.G. (1988). The exclusion of intimacy in the sexuality of the contemporary college-age population. *Adolescence*, 23(89), 99-113.
- COIMBRA, J. , SERRA, M., MAGALHÃES, A., GUIMARÃES, B & ALVES, G. (1986). Consulta psicológica e desenvolvimento interpessoal de jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 59-70.
- COIMBRA, J.L. (1991) *Desenvolvimento de estruturas cognitivas da compreensão e acção interpessoal*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. (Policopiado).
- COSTA, M.E. (1986) *Estatutos de identidade em estudantes universitários*. Dissertação elaborada para pretensão de provas de aptidão científica e capacidade pedagógica. Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. (Policopiado).
- COSTA, M.E. (1991) *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica
- COUPLAND, D. (s.d.). *Geração X - Contos para uma cultura acelerada*. Lisboa, Editorial Teorema.
- COUPLAND, D. (1994). *A vida depois de Deus*. Lisboa, Editorial Teorema.
- CRAIG-BRAY, L., ADAMS, G.R. & DOBSON, W.R. (1988). Identity formation and social relations during late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 17(2), 173-187.
- DOUVAN, E. & ADELSON, J. (1966) *The adolescent experience*. New York: Willey & Sons *
- DUBY, G.(1991). A mulher, o amor e o cavaleiro. In Georges Duby (Ed), *Amor e sexualidade no ocidente*, Lisboa, Terramar.
- DYK, P.H. & ADAMS, G.R. (1987). The association between identity development and intimacy during adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 2(3), 223-235.
- DYK, P.H. & ADAMS, G.R. (1990) Identity and intimacy: an initial investigation of three theoretical models using cross-lag panel correlations. *Journal of Youth and Adolescence*, 19 (2), 91-110.
- ERIKSON, E. H. (1972) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Trad. ERIKSON, E (1968) *Identity: Youth and Crisis*. New York: Norton.
- ERIKSON, E.H.(1976). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.Trad. ERIKSON, E. H. (1963) *Childhood and society*. New York: Norton.
- FISCHER, J.L. (1981) Transitions in relationships style from adolescence to young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 10(1), 11-23.
- FITCH, S.A. & ADAMS, G.R. (1983) Ego identity and intimacy status: replication and extension. *Developmental Psychology*, 19(6), 839-845.
- FOUCAULT, M. (1977). *História da sexualidade - I. A vontade de saber*. Lisboa, Edições António Ramos.

- FRANK, S.J., JACOBSON, S. & TUER, M. (1990). Psychological predictors of young adult's drinking behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (4) 770-780.
- HAZAN, C. & SHAVER, P.R. (1993) Adult romantic attachment - theory and evidence. In D. Perlman & W.H. Jones (Eds), *Advances in personal relationships - A research manual*, vol 4, p. 29-70. New York: Jessica Kingsley Publishers Ltd
- HAZAN, C. & SHAVER, P.R. (1987) Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524 *
- HODGSON, J. & FISCHER, J. (1979). Sex differences in identity and intimacy development in college youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 8 (1), 37-50
- JEUDY, H.P. (1988). A irresistível ascensão do conceito. *Revista de Comunicação e Linguagens - Moderno/Pós-Moderno*, 6/7, 233-238.
- JOHNSON, J. & ALFORD, R. (1987). The adolescent quest for intimacy: implications for the therapeutic alliance. *Journal of Social Work and Human Sexuality*, 5(2), 55-66.
- JOYCE-MONIZ, L. (1979). Perspectivas cognitivistas no desenvolvimento socioafetivo do self. In Pereira, O.G., Jesuíno, J.C. e Joyce-Moniz, L. (Eds.), *Desenvolvimento Psicológico da Criança*, 2 (2). Lisboa: Moraes Editores.
- KACERGUIS, M.A. & ADAMS, G.R. (1980). Erikson stage resolution: The relationship between identity and intimacy. *Journal of Youth and Adolescence*, 9, 117-126.*
- KAHN, S.; ZIMMERMAN, G.; CSIKSZENTMIHALYI, M.; & GETZELS, J. W. (1985). Relations between identity in young adulthood and intimacy at midlife. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (5) 1316-1322.
- KELLNER, D. (1992). Popular culture and the construction of postmodern identities. In Scott Lash & Jonathan Friedman (Eds), *Modernity and Identity*, Blackwell Publishers.
- KNOKE, D. & BURKE, P.J. (1980). *Log-linear models. series: quantitative applications in the social sciences*. Sage University Paper.
- LEVITZ-JONES, E.M. & ORLOFSKY, J. (1985) Separation -individuation and intimacy capacity in college women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1985, 1, 156-169
- LIPOVETSKY, G. (1982) *A era do vazio. - ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio d'Água Editores.
- LUCAS, J.S. (1993). Sida - A sexualidade desprevenida dos portugueses. Lisboa, Ed McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- LUZES, P. (1979) Psicanálise e desenvolvimento da criança. IV parte - Evolução das estruturas e mecanismos do Eu. In Pereira, O.G., Jesuíno, J.C. e Joyce-Moniz, L. (Eds.), *Desenvolvimento Psicológico da Criança*, 2 (2). Lisboa: Moraes Editores.
- MARCIA, J.E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3 (5), 551-558.

- MARCIA, J. E. & FRIEDMAN, M.L. (1970). Ego Identity status in college women. *Journal of Personality*, 38, 249-263.
- MARCIA, J. E. (1976). Identity six years after: a follow-up study. *Journal of Youth and Adolescence*, 5 (2), 145-160.
- MARCIA, J.E. (1980). Identity in adolescence. In J.Adelson (Ed). *Handbook of adolescent Psychology*. New York: Willey & Sons. *
- MARCIA, J. (s.d.). *Identity status in late adolescent: scoring critérios* (policopiado).
- MARCIA, J.E. (1986). Clinical implications of the identity status approach within psychosocial developmental theory. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 23-34.
- MARCIA, J. , KOWAZ, A. & BRADLEY, C. (1990). Industry and generativity: new directions for present and future research on psychosocial development. In C. Vandenplas-Holper and B. P. Campos (Eds) *Interpersonal and Identity development - new directions.*, p.113-116. Porto, Instituto de Consulta Psicológica Formação e Desenvolvimento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- MARTINS, M.J. (1994) Geração X - A invenção da identidade. *Jornal de Letras Artes e Ideias*, ano XIV, nº 622, 17/08/94.
- MATOS, A.C.(1995). A depressão - tonalidades depressivas nas diversas patologias. Comunicação apresentada no *Ciclo de Formação Específica da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica* (não publicado).
- McADAMS, D.P.; LESTER, R.M.; BRAND, P.A.; MCNAMARA, W.J. & LENSKEY, D.B. (1988). Sex and the TAT: Are women more intimate than men? Do men fear intimacy? *Journal of Personality Assessment*, 52(3), 397-409.
- McADAMS, D. & BRYANT, F.B. (1987). Intimacy motivation and subjective mental health in a nation wide sample. *Journal of Personality*, 55(3), 396-413.
- MEAD, M (1982) *Trois sociétés primitives de Nouvelle-Guinée*, trad. Sex and temperament in three primitive societies (1935). in *Moeurs et sexualité en Océanie*. Collection Terre Humaine, Paris: Presses Pocket.
- MELO, F. (1994). O que resta do amor livre? *Revista Visão*, nº 72, 4/08/94.
- MIGUEL, N. & VILAR, D. (1986). Afectividade e sexualidade no novo contexto social e cultural. *Desenvolvimento - Revista do Instituto para o Desenvolvimento* (número especial), 103-126.
- MOORE, S.M. & BARLING, N.R. (1991) Developmental status and AIDS attitudes in adolescence. *Journal of Genetic Psychology*, 152(1), 5-16.
- ORLOFSKY, J.L. & GINSBURG, S.D. (1981). Intimacy status: relationship to affect conition. *Adolescence*, 16(61), 91-100.
- ORLOFSKY, J.L. (1978). The relationship between intimacy status and antecedent personality components. *Adolescence*, 13, 419-441.
- ORLOFSKY, J.L., MARCIA, J.E. & LESSER, I.M. (1973). Ego identity status and the intimacy versus isolation crisis in young adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27, 211-219.
- PAIS, J.M. (1993). *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda

- PAUL, E.L. & WHITE, K.M. (1990). The development of intimate relationships in late adolescence. *Adolescence*, 25 (98) 375-400.
- PRAGER, K.J. (1991) Intimacy status and couple conflict resolution. *Journal of Social and Personal relationships*, 8(4), 505-526. *
- RASKIN, P. M. (1986) The relationship between identity and intimacy in early adulthood. *Journal of Genetic Psychology*, 147 (2), 167-181.
- REIS H.T. & SHAVER, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S.W. Duck (Ed) *Handbook of personal relationships*. New York: Jonh Willey & Sons Ltd.
- ROSCOE, B., KENNEDY, D & POPE, T. (1987). Adolescent's views of intimacy: distinguishing intimate from non intimate relationships. *Adolescence*, vol 22, (87), 511-516.
- ROSENTHAL, D.A., GURNEY, R.M. & MOORE, S.M. (1981). From trust to intimacy: a new inventory for examining Erikson's stages of psychosocial development. *Journal of Youth and Adolescence*, 12, 387-399.
- SAMPAIO, D. (1994). *A crise da adolescência não explica sintomas de depressão*. Entrevista concedida ao jornal *Tempo de Medicina*, nº 555, 11/07/94.
- SANTOS, B.S. (1988). O Social e o político na transição pós-moderna. *Revista de Comunicação e Linguagens - Moderno/Pós-Moderno*, 6/7, 25-48.
- SCHAEFER, M.T. & OLSON, D.H. (1981) Assessing intimacy: The PAIR inventory. *Journal of Marital and Family Therapy*, 7 (1), 47-60.
- SCHIEDEL, D.G. & MARCIA, J.E. (1985). Ego identity, intimacy, sex role orientation and gender. *Developmental Psychology*, 21(1), 149-160.
- SELMAN, R.L. & BYRNE, D.F. (1974) A structural-development analysis of levels of role taking in middle childhood. *Child Development*, 45, 803-806.
- SHEA, J.A. & ADAMS, G.R. (1984). Correlates of romantic attachment: a path analysis study. *Journal of Youth and Adolescence*, 13(1), 37-44. *
- SHENKEL, S. & MARCIA, J.E. (1972). Attitudes toward premarital intercourse in determining ego identity status in college women. *Journal of Personality*, 3, 472-482.
- SIMMONS, D.D.(1970) Development of an objective measure of identity achievement status. *Journal of Projective Techniques and Personality Assesement*, 34, 241-244. *
- SOARES, I.& CAMPOS, B.P. (1986) Concepção de amizade nos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 47-58.
- SOARES, I.M.C. (1984) *O desenvolvimento Interpessoal nos Jovens*. Porto: Serviço de Consulta Psicológica e Orientação vocacional (policopiado)
- SOT, M. (1991). A génese do casamento cristão. In Georges Duby (Ed), *Amor e Sexualidade no ocidente*, Lisboa, Terramar.
- TAKAHASHI, H. (1988). Sex differences in the resolution of identity and intimacy crisis. An examination of the concrete validity of ego identity status by Rasmussen's E.I.S. *Japanease Journal of Educational Psychology*, 36(3), 210-219.*

TAKAHASHI, H. (1990). Modification and development of intimacy status and an examination of sex differences in the relationship of identity to intimacy status. *Japanese Journal of Educational Psychology*, 38(3), 240-250. *

TESCH, S.A. & WHITBOURNE, S.K. (1982). Intimacy and identity status in young adults. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 1041-1051.

TIMMERMAN, G. M. (1991). A concept analysis of intimacy. *Issues in Mental Health Nursing*, 12, 19-30.

TORRES, A. (1987) Amores e desamores - para uma análise sociológica das relações afectivas. *Sociologia* (3), 21-33.

VAVAKOVA, B. (1988). Lógica cultural da pós-modernidade. *Revista de Comunicação e Linguagens - Moderno/Pós-Moderno*, 6/7, 103-116.

VINCENT, G. (1991). O corpo e o enigma sexual. In P. Ariès e G. Duby (Eds) *História da Vida Privada. V - Da primeira Guerra Mundial aos Nossos Dias*, p.307-389. Porto. Edições Afrontamento.

VAZ, J.M. (1988). *O ensino da sexologia*. Dissertação de Doutoramento. Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

WHITE, K., SPEISMAN, D. JACKSON, D. BARTIS, S. (1989). *Intimacy Scoring Manual*. (policopiado).

WHITE, K.M., SPEISMAN J.C., JACKSON, D. BARTIS, S. & COSTOS, D. (1986). Intimacy maturity and its correlates in young married couples. *Journal of Personality and Social psychology*, 50 (1), 152-162.

WHITE, K.M., SPEISMAN, J.C. & COSTOS, D. (1983). Young adults and their parents: individuation to mutuality. In H.D. Grotevant & R.C. Cooper (Eds), *Adolescent development in the family, new directions in developmental psychology*. Jossey-Bass.

WHITE, K.M., SPEISMAN, J.C., COSTOS, D. & SMITH A. (1987). Relationship maturity: a conceptual and empirical approach. *Contributions to Human Development*, 18, 81-101.

WHITE, K; HOULIHAN, J.; COSTOS, D; SPEISMAN, J.C. (1990). Adult Development in individuals and relationships. *Journal of Research in Personality*, vol 24(3), 371-386.

* Os textos assinalados com asterisco não foram consultados directamente

APÊNDICES

APÊNDICE 1: MATRIZ DE RECOLHA DE DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Nº CÓD	ORDEM DA ENTREVISTA		SEXO	IDADE							ESTADO			CIVIL	FIG.			PRIVILEGIADA			TEMPO DE					RELACIONAMENTO						
	ID-IN	IN-ID		20	21	22	23	24	1	2	3	4	0		1	2	3	4	5													
1	X		X				X			X																						
2	X		X								X																					
3	X		X								X																					
4	X		X		X																											
5		X	X				X																									
6	X		X				X																									
7		X	X				X																									
8	X		X		X																											
9			X		X																											
10		X	X		X																											
11		X	X		X																											
12		X	X			X																										
13		X	X				X																									
14	X		X																													
15		X	X		X																											
16		X	X			X																										
17	X		X			X																										
18	X		X					X																								
19	X		X						X																							
20	X		X				X																									
21	X		X		X																											
22		X	X		X																											
23	X		X				X																									
24			X																													
25		X	X						X																							
26	X		X		X				X																							

APENDICE 1 : MATRIZ DE RECOLHA DE DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS (continuação)

	FIGURA			TEMPO			DE	NÍVEL			COM		QUEM	VIVE	FRATRIA			FIG. PARENTAL	
	SECUNDÁRIA			RELACIONAMENTO				SOCIAL			C/	OS			PAIS	(Nº	IRMÃOS)	+	IMP.
	0	1	2	3	0	1		2	3	I									
NºCÓD	0	1	2	3	0	1	2	3											
1	X				X				X				X			X			X
2			X				X		X									X	
3			X				X			X								X	
4	X				X					X			X					X	
5	X				X				X				X					X	
6			X					X			X							X	
7			X			X			X			X						X	
8			X			X				X									X
9			X			X				X			X				X		
10	X				X				X								X		
11	X				X					X							-	-	-
12			X				X		X								X		
13	X				X					X		X				X			X
14			X			X			X				X				-	-	-
15			X			X			X							X			
16			X				X		X						X				X
17	X				X				X								-	-	-
18			X			X			X			X							X
19			X							X		X				X			
20	X				X					X			X				-	-	-
21			X					X							X			X	
22			X					X								X			
23			X							X							-	-	-
24	X							X	X				X			X		X	
25			X				X				X					X		X	
26			X						X					X					X

	ORDEM DA ENTREVISTA	SEXO	IDADE						ESTADO CIVIL			FIG. PRIVILEGIADA				TEMPO DE					RELACIONAM.																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																												
			20	21	22	23	24	1	2	3	4	0	1	2	3	4	5	0	1	2	3	4	5																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																										
Nº CÓD	ID-IN IN-ID	M F	F																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																														

APÊNDICE 1: MATRIZ DE RECOLHA DE DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS (continuação)

NºCÓD	FIGURA SECUNDÁRIA				TEMPO RELACIONAMENTO				NÍVEL SOCIAL			COM QUEM		VIVE		FRATRIA (Nº IRMÃOS)		FIG. PARENTAL				
	0	1	2	3	0	1	2	3	I	II	III	C/ OS 2	OS PAI	OS MÃE	FAM	S/ OS	PAIS OUTR.	0	1 ou 2	3 ou +	MÃE + IMP.	PAI OS2/NS
27				X				X	X								X		X			X
28			X					X		X		X							X			
29	-	-	-	-	-	-	-	-			X	X								X		
30				X			X		X			X							X			
31			X					X	X	X					X							
32			X				X		X			X								X		
33	X				X				X			X							X			
34	X				X				X			X							X			
35	X				X				X	X		X							X			
36			X					X	X			X							-			-
37				X			X			X		X								X		X
38			X			X			X			X										X
39			X			X			X									X				X
40			X				X		X			X										X
41				X				X		X		X										X
42			X				X			X		X							-			-
43			X						X			X							X			
44			X				X		X			X						X	-			-
45	X				X				X			X								X		
46				X			X		X			X						X				X
47			X				X			X		X						X				
48			X					X		X		X						X				
49			X					X	X			X						X				
50	X								X			X						X				
51			X		X				X	X		X						X		X		X

ESTATUTOS										IDENTIDADE										NÍVEL										DE										MATURIDADE										RELACIONAL									
																																																		</									

APÊNDICE 3

NÍVEL SOCIAL DOS SUJEITOS

(Segundo dois critérios da classificação de GRAFFAR)

Número do Sujeito	Gênero de Pertença	Instrução	Profissão	Nível Social
1	M	3	1	I
2	M	1	2	I
3	M	3	2	II
4	M	3	3	II
5	M	1	2	I
6	M	4	4	III
7	M	2	2	I
8	M	4	3	II
9	M	2	4	II
10	M	1	1	I
11	M	4	3	II
12	M	1	2	I
13	M	3	2	II
14	M	1	2	I
15	M	1	2	I
16	M	1	1	I
17	M	1	1	I
18	M	2	2	I
19	M	2	4	II
20	M	3	4	II
21	M	3	2	II
22	M	3	4	II
23	M	3	4	II
24	M	2	2	I
25	M	3	4	II
26	M	1	2	I
27	F	2	2	I
28	F	2	4	II
29	F	4	5	III
30	F	2	2	I
31	F	3	2	II
32	F	1	1	I
33	F	2	2	I
34	F	1	1	I
35	F	3	2	II
36	F	1	2	I
37	F	3	2	II
38	F	1	2	I
39	F	1	3	I
40	F	1	2	I
41	F	4	2	II
42	F	3	2	II
43	F	1	2	I
44	F	1	2	I
45	F	1	2	I
46	F	2	2	I
47	F	3	3	II
48	F	2	4	II
49	F	2	2	I
50	F	2	2	I
51	F	3	2	II

ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTA E CRITÉRIOS DE COTAÇÃO

DOS

ESTATUTOS DE IDENTIDADE

(J. MARCIA, 1980)

ENTREVISTA DOS ESTATUTOS DE IDENTIDADE

INTRODUÇÃO

- Que idade tem?
- Em que ano é que anda?
- Naturalidade
- Vive em casa dos pais, sozinho ou com outra pessoa?
- Residência fora do período escolar
- Os seus pais são ambos vivos?
- (Se não tem pai(s) vivo(s)) Que idade tinha o seu pai/mãe quando morreu?
- Que idade você tinha?
- O que lhe aconteceu? Foi viver com quem?
- Existem madrastas/padrastos?
- Alguma vez os seus pais estiveram separados, ou estão divorciados?
- Se sim, que idade tinha quando isso ocorreu?
- Como é que isso aconteceu? Com quem foi viver? Existe padrasto/madrasta
- Quem é a figura parental mais importante para si?
- O seu pai frequentou a universidade? Onde? (Se não frequentou, qual o nível mais elevado de escolaridade)
- O que faz ele agora?
- A sua mãe frequentou a universidade? Onde? (Se não frequentou, qual o nível mais elevado de escolaridade)
- O que faz ela agora?
- Tem irmãos/irmãs?

OCUPACIONAL (Universidade)

- Como decidiu vir para (nome da escola)
- Está a graduar-se em quê?
- O que é que planeia fazer com o curso?
- O que é que o atrai neste curso?
- Está no curso porque gosta, ou está no curso por causa do *numerus clausus*?
- Que outras hipóteses é que considerou?
- Quando tomou a decisão? Até que ponto é que reflectiu seriamente nessa decisão?
- Como é que foi esse período da sua vida?
- Como se sente actualmente?
- Muitos pais fazem planos para os seus filhos, coisas que gostariam que eles fizessem. Tiveram os seus pais planos para si?
- O que pensam os seus pais dos seus planos actuais?

Gostaria de mudar de curso, se aparecer alguma coisa melhor? (se o sujeito responder "o que quer dizer com melhor", perguntar "o que pensa ser melhor para si")

Numa escala de 5 pontos, qual a importância que dá à ocupação na sua vida? 5 pontos significa extremamente importante e 1 ponto significa pouco importante

RELIGIÃO

- Tem alguma filiação ou preferência religiosa específica?
- E os seus pais?
- A religião é muito importante na sua família? (Se sim) Dê alguns exemplos
- Fale-me das suas crenças religiosas actuais. (Se o sujeito não articular uma resposta fazer perguntas mais específicas: Acha que existe um deus, o que pensa da religião pessoal, vs religião organizada/instituída, etc)
- Alguma vez teve dúvidas acerca das suas crenças religiosas? (Se sim) fale-me dessa época da sua vida. Que tipo de coisas questionou? Como começou a pensar nesses assuntos?
- Esse questionar assumiu grande importância?
- Como resolveu essas questões?
- Existem ainda pontos acerca dos quais ainda não se decidiu?. São muito importantes?
- É ou foi activo em questões religiosas (ex: fazer parte de grupos religiosos, ser catequista, etc)
- Como acha que irá educar os seus filhos no que diz respeito a este assunto?

Numa escala de 5 pontos, qual a importância que dá à religião na sua vida? 5 pontos significa extremamente importante e 1 ponto significa pouco importante

POLÍTICA

- Tem alguma preferência política específica? (não é preciso referir qual é)
- E os seus pais?
- A política é muito importante na sua família? (Se sim) Dê alguns exemplos
- Fale-me das suas ideias políticas actuais. Há algum tema social acerca do qual tenha uma opinião bem definida? (Se o sujeito não articular uma resposta fazer perguntas mais específicas: acerca do aborto, movimentos ecológicos, intervenção militar em países estrangeiros, etc)
- Como desenvolveu as suas ideias políticas? Qual julga ter sido a(s) maior(es) influência(s) nas suas ideias políticas?
- Alguma vez teve dúvidas acerca das suas ideias políticas? (Se sim) fale-me dessa época da sua vida. Que tipo de coisas questionou? Como começou a pensar nesses assuntos?
- O que é que os seus pais pensam acerca da forma como se posiciona politicamente?
- A sua forma de pensar é diferente da deles?
- É ou foi activo em questões políticas (ex: fazer parte de partidos políticos, fazer campanha eleitoral, etc)
- Pensa que as suas crenças poderão vir a mudar no futuro?
- Como acha que irá educar os seus filhos no que diz respeito a este assunto?

Numa escala de 5 pontos, qual a importância que dá à política na sua vida? 5 pontos significa extremamente importante e 1 ponto significa pouco importante

ATITUDES FACE AOS PAPEIS SEXUAIS

Agora gostaria de mudar um pouco de assunto. Gostaria de conversar consigo acerca das suas ideias relativamente aos papéis que o homem e a mulher desempenham na nossa sociedade actualmente.

- Que características associa com masculinidade /feminilidade?
- Acha que há diferenças psicológicas entre homens e mulheres?
- Se sim, quais são?
- Se não, vê algumas diferenças de comportamento entre as pessoas de cada sexo?
- Como as justifica? (quais são, de onde vêm?)
- Como é que isso tudo se aplica a si?
- Que influência tem isso nos seus comportamentos?
- Pode dar alguns exemplos?
- Foi sempre assim? (sempre pensou dessa forma, ou as suas ideias a este respeito têm-se vindo a modificar?)
- Os seus pais, o que pensam eles sobre isto?
- Discute isto com eles? (O que pensa das ideias deles)
- Permanecem ainda algumas incertezas em si acerca disto?
- Pensa que as pode resolver?
- Consegue imaginar as suas ideias a mudar substancialmente no futuro ou considera que são muito estáveis?

Numa escala de 5 pontos qual é a importância que o facto de ter um papel sexual masculino ou feminino tem na sua vida? (5 significa extremamente importante e 1 significa nada importante)

SEXUALIDADE

Finalmente gostaria de fazer algumas perguntas sobre o que pensa do comportamento sexual

- Quais são as suas atitudes acerca das relações sexuais?
 - Quando é que pensa que está certo ser-se sexualmente íntimo com outra pessoa?
 - Quando é que pensa que não está bem?
 - Como é que essas ideias se aplicam a si? Como as desenvolveu?
 - Foi sempre assim? (sempre pensou dessa forma, ou as suas ideias a este respeito têm-se vindo a modificar?)
- Isso influencia aquilo que faz, os seus relacionamentos? Como?
- E os seus pais o que é que eles pensam?
 - Discute os seus pontos de vista com eles?
 - O que é que eles pensam acerca das suas ideias?
 - Até que ponto é previsível que venha a mudar os seus pontos de vista no futuro?

Numa escala de 5 pontos qual é a importância que as suas atitudes face à sexualidade têm na sua vida? (5 significa extremamente importante e 1 significa nada importante)

CRITÉRIOS DE COTAÇÃO DOS ESTATUTOS DE IDENTIDADE

Nota: Devido à facilidade de leitura do manual, e à familiaridade que já possuíamos com o sistema de cotação dos estatutos de identidade proposto por J. Marcia, uma vez que ele já é conhecido em Portugal, não entendemos necessário proceder à sua tradução para a língua portuguesa.

IDENTITY STATUS IN LATE ADOLESCENCE: SCORING CRITERIA

¹ Introduction

The scoring criteria presented in this chapter are intended for use with late adolescents aged 18-22. The dual processes of exploration and commitment are the primary scoring considerations. The criteria are somewhat more stringently applied for this age than for early and middle adolescence. The reasons for this are directly related to the developmental theory of identity formation. Early adolescence may be seen as a period of de-structuring, wherein previous cognitive, psychosocial, and physiological accomplishments undergo transition to a more pre-adult form. Middle adolescence can be construed as a re-structuring phase in which new organizations of old and new skills are formed. Late adolescence, in contrast to the two earlier periods, is seen as a period of consolidation, of discernible identity composition, and of testing of the newly-constructed identity in the world. Hence, late adolescence is the period in the life cycle when identity "gets done" for the first time for most persons.

¹The author is grateful to Kim Bartholomew and Joyce Nicolls-Goudsmid who culled the interview fragments from identity interview tapes, and to the Government of Canada's Ministry of Labor which provided the grant.

The identity statuses were developed, initially, in order to categorize the primary forms of identity resolution found at late adolescence. The assumption was that by this time in the life cycle, inner and outer demands should have become sufficiently pressing that some form of identity resolution could be expected to be apparent. Hence, at late adolescence, one should see the first, but not the last, coherent identity. By this time one can expect the individual to have realistically evaluated and co-ordinated his/her needs and abilities and to have meshed these with some available societal forms. Whether or not, and how, this is accomplished is intended to be accounted for by means of the identity statuses. Hence, the process of identity formation is incorporated into the identity status categories. If that identity formation process has consisted of little individual decision-making, if the person has generally steered his/her course by a parental compass, then Foreclosure is the status assigned. If another individual, equally committed, has weighed alternatives and arrived at their own resolution, they are called Identity Achievement. If the interview catches someone in the middle of the decision-making process, prior to a resolution, they are termed Moratorium. And, if no specific direction

or commitment is evinced, then Identity Diffusion is the status assigned. The thoughtful reader, at this point, is certainly entitled to ask how one is to know whether or not the identity formation process has occurred in order that a categorization might be made. The answer, although not the method, is a simple one: you ask the individual. But the way in which one asks is very special and requires training both as to style and content. In fact, the major purpose of this book is to discuss the interview style and to describe the relevant content.

In the presence of another genuinely interested and non-judgmental interviewer most persons do not dissimulate. There is no particular motive to do so, especially if one has volunteered to participate in the "conversation." Most of us have sufficient narcissistic needs that we are quite willing to tell our story to an interested listener, especially if that listener queries us thoughtfully and respectfully. Most of us would rather talk about ourselves and our unique history to this interested listener than to fill out an anonymous questionnaire whose wording must, of necessity, be geared to the lowest common denominators of experience. Thus, the identity researcher has the advantage of employing a "subject-friendly" method of

observation.

Of course, there is a price to pay for the wealth of information and for the subject's cooperation and veracity: time. Interviewers must be trained; interviews can be lengthy (the older the subject, the more of a life to cover); and tapes must be listened to in order to be scored. It is hoped that this book will both expedite the task and, perhaps, whet the enthusiasm for it. There are three attributes that an identity/intimacy researcher must go into an interview session with: a genuinely interested and respectful approach to the subject; clinical interview skills; and a thorough knowledge of the interview areas and scoring criteria. A fourth, useful but not essential, quality is a knowledge of psychodynamic theory. Learning to listen to the message beneath the message, a skill valued especially by practitioners and researchers operating within a theory that postulates an unconscious, sometimes can help to make sense out of a whole interview that might otherwise be seen as an agglomeration of disparate parts. Of course, the danger here is over-interpretation. An identity/intimacy status interview is not a psychotherapy session. The goal is to elicit sufficient information from the subject to make a valid

rating. Hence, in administering an identity or intimacy interview, it is probably better to be knowledgeable in psychodynamic theory than not be knowledgeable; however, it is better to under- than over-interpret.

The Identity Status Interview

The identity statuses are based upon the presence, absence, and degree of two processes: exploration (once called "crisis") and commitment. The areas or domains within which these variables operate are less important than the underlying process. The assumption is that the genuine exploration of personally meaningful alternatives followed by the selection of a general direction for one's interests and abilities is the basic indicator of identity formation. A further assumption is that the structure formed as a result of this process will be adaptively assimilative for a limited period of time, after which it will become dis-equilibrated and another exploratory period will ensue, to be followed by subsequent commitment (accommodation). Hence, the variables of exploration and commitment are intended to account for identity formation, change, and reformulation.

Exploration. Exploration in late adolescence is both cognitive and behavioral, although the cognitive aspect

should always be observable in some behavioral manifestation. For example, a person may say that he/she "thought about" alternative religious views while pursuing the faith of her/his childhood, but continued to practice undeterred. One would expect a genuine exploration to have had disruptive effects such as a decrease or cessation in religious ceremonial observation, questioning of religious authority figures, and discussions, perhaps disputes, with family and friends. Even if exploration were primarily cognitive, the subject should be able to discuss, in some depth, the alternatives weighed, and be able to refer to some hiatus in traditional religious observance. Following are some criteria to be used in assessing the presence, absence, and degree of exploration.

Knowledgeability. By late adolescence, the individual should have made a fairly accurate assessment of personal needs and abilities and have a realistic picture of available societal opportunities. For example, a college student who is committed to going into law ought to know that the first year in law school is spent largely in the library, not the courtroom, and that few lawyers have practices like Perry Mason. A psychology major ought not to expect to

hang out a psychotherapy shingle upon completing the B.A. with a psychology major. What one is looking for here is more than a superficial understanding of the details of the education or apprenticeship necessary to a particular occupation as well as some knowledge of the day-to-day activity involved in the occupation. Similarly, for the ideological areas of religion and politics, a mere label (e.g., Protestant, Liberal) is insufficient to indicate exploration of the domain. The interviewer is looking for knowledge of alternatives as well, and, beyond that, for some information about comparisons and contrasts that indicate a subject's thoughtfulness about the ideas underlying the labels.

Activity. What one is assessing here is, essentially, the legwork necessary to obtain information about alternatives. Knowing for certain that one wants to be a dentist because that is what one's parent does, or being certain about one's views on sexuality without ever having been in a relationship where sexuality is an issue, does not indicate much explorative activity. On the other hand, speaking with representatives of several occupational areas, discussing alternative religious views with proponents of those views, self-directed reading about

non-traditional sex role alternatives - all indicate explorative activity. What is important here is some self-initiated in-depth searching.

Consideration of alternative potential identity elements. Most persons as they grow through childhood, become aware of different aspects of themselves, each of which, if pursued, would take them in different life directions. Adolescence is that period in the life cycle during which, at least for some persons, experimentation is tolerated and sometimes encouraged. Not to exploit such an opportunity is to purchase a small measure of security at the price of a large measure of self-restrictedness. At late adolescence, the time remaining before confronting the harder realities of adulthood dwindles, and the world begins to become less patient with the adolescent's experimentation and active consideration of alternatives. Largely, then, when one speaks with late adolescents at age 22, one is most likely to probe for previous considerations of alternatives; by contrast, 18 year olds may be in the middle of such considerations. Whether one looks at present or previous consideration, the primary issue is the authenticity of that consideration. For example, it is one thing to remain ensconced in a childhood

occupational or ideological niche while peering out at alternatives: it is another to leave that niche and to explore actively some different paths comensurate with one's interests and abilities. Whether or not the original directions are returned to is not relevant for the determination of identity status; what is relevant is that attention has been paid to alternatives and that the consequences of their pursuit have been weighed.

Desire to make an early decision. This is an especially important facet of exploration in late adolescence. The goal is not exploration for its own sake, as it may well be earlier in adolescence, or even during subsequent identity crises in adulthood. The goal of exploration in late adolescence is to determine the best-fitting set of occupational, ideological, and interpersonal alternatives with which to begin young adulthood. There is a type of individual, a characterological Moratorium, who seems to be able to maintain the tension of active struggle, especially among ideological and interpersonal alternatives; however, this person requires a fairly rarified supportive environment, and not everyone can work in a University. In general, then, one expects emotionally directed exploration, not just careless "fooling

around". The former would characterize a Moratorium, the latter, an Identity Diffusion.

In summary, exploration may be non-existent, previous in time, or current; and, it may vary in breadth of alternatives considered and depth of consideration. The issue of the extent of exploration is particularly important in discriminating between Foreclosures and Identity Achievements.

Commitment

Commitment becomes more important in late adolescence than it was during earlier periods. Before one can really be an adult, one must assume the role and its associated behaviors: entering or preparing for an occupation, espousing some coherent view of oneself in the world (a "philosophy of life"), and deciding how one is going to define one's adult sexual relationships. No one pretends that this first version of adulthood is the real thing - that one's "grown-upness" is much more than skin-deep. But one must begin somewhere. And that first constellation of occupational, ideological, and interpersonal commitments at late adolescence is a beginning. What is meant by commitment is close to what Erikson describes as the virtue of this psychosocial stage: Fidelity. Commitment, like fidelity, refers to a

definitive choice among possibilities and adherence to the chosen direction in the face of distracting and inviting alternatives. This does not mean an imperviousness to change; but it does mean a reluctance to abandon easily a path set out upon. Following are some criteria for assessing presence, absence, and degree of commitment.

Knowledgeability. Stated simply, the adolescent who is committed knows what he/she is getting into. This knowledge is based upon the individual's reflection upon the results of behavior consistent with his/her stated commitments. One mistrusts the depth of a subject's commitment who says that he/she wants to go into business, yet has taken no commerce courses nor engaged in any entrepreneurial enterprise. The wish to "make money" is not enough to warrant commitment; one must have explored and be able to articulate how he or she intends to go about it and why. Knowledgeability is related to articulateness. One usually has difficulty speaking clearly about something one knows little or has thought little about. An additional assumption is being made: if one is knowledgeable and thoughtful about an area, one will talk about it in an identity status interview. Is it being claimed here that identity achievement is related to one's ability

to articulate one's "story"? Yes, it is. One may have a foreclosed identity without being able to articulate the details of its formative process. However, to have achieved (constructed) an identity means to have examined thoughtfully aspects of one's life; and the results of this thoughtfulness will, in most instances, be verbally communicated in an identity status interview.

Activity. In order to know what one is getting into, one must acquire relevant experience; there is only so much that one can do in one's head. Hence, one aspect of commitment involves behavior in commitment-related areas. For example, one may espouse non-traditional sex roles, but unless one has actually tried out behaving in non-traditional ways, that commitment is suspect. Similarly, one may claim to adhere to a political philosophy, right or left, that clearly calls for activism; yet, if no evidence is found of direct political activity, commitment is assumed to be minimal. In assessing the activity aspect of commitment, one is asking in what ways the subject is "making it real". Having stressed activity, a clarification should be made. Often, much identity-work gets done internally with few visible signs. The general scoring rule is that if almost all

of the work is internal, then the person tends toward Moratorium; if there are some evident external indications of exploration and commitment, then the person is likely an Identity Achievement; if there are obvious behavioral indications of commitment, but exploration is questionable, then a Foreclosure categorization is given. In other words, while behavioral indicators are important, a well-articulated set of beliefs, betokening significant internal work, is good evidence for at least the beginning of the identity achievement process.

Emotional tone. Essentially, one finds five predominant affective tones among the identity statuses; the solid self-assuredness of the Achievement; the inflexible self-righteousness of the Foreclosure; the struggling, intense, somewhat anxious demeanor of the Moratorium; the breezy insouciance of the playboy/girl Diffusion; and the sad, wistful, or remote quality of the more isolated Diffusions. Just as no one of the foregoing characteristics (i.e., knowledgeability, activity, etc.) is, by itself, sufficient to indicate presence, absence, or degree of commitment, neither is emotional tone. Some Achievements may seem smugly inflexible; some Moratoriums are not really suffering. But, in general,

the presence of commitment seems to produce poised self-confidence; and its absence appears to lead to self-doubt, as well as to the extremes of loquaciousness and taciturnity.

Identification with significant others. The presence of significant role models as ideal figures is less important at late adolescence than at early adolescence because, by this time, the ego ideal has already undergone its major modification. At late adolescence, significant figures play a direct and realistic role as teachers, mentors, validators, and exemplars of the possible consequences of certain occupational or ideological decisions. In other words, what important others do with and for the late adolescent individual in reality is more important than who they are or what they stand for in an idealized sense. Usually, the more identity-work an adolescence has done, the less he or she wants to be "just like" a role model, and the more he/she can discriminate positive (emulatable) and negative (avoidable) aspects of significant others. The less identity-work has been done, the more the individual either wishes to copy exactly an admired figure or despairs of ever living up to a model (projected) standard. In short, identification at late adolescent passes from

idealisation to realistic self-interested appraisal.

Projection of one's personal future. As in the previous section, the emphasis is on a realistic projection of one's personal future. One of the hypothesized criteria for identity development in early adolescence is "the ability to construe alternative futures" (Marcia, 1983) without much emphasis on the realistic aspect of those futures. However, at late adolescence, the result of thoroughgoing exploration and firm commitment should produce something like a reasonable five-year plan. One interview area especially sensitive to this issue is that of sex roles, for here one deals with questions of career vs. marriage priorities, child-rearing values, and spousal division of labor. Realistic projection into the future relates directly to commitment. Firm commitment to a particular direction should lead to behavior consistent with that direction, and the resulting accumulation of experience should produce some ideas about what is and is not possible and likely. A lack of commitment leads to either truncated experience or scattered, diffuse experience - "kicks".

Resistance to being swayed. "What would happen if something better came along?" the interviewer asks. "What do you mean, something better?" the respondent

replies. "What would be better in your terms?" the interviewer rejoins. This bit of dialogue occurs repeatedly in identity status interviews. Responses range from a willingness to enter almost any field, endorse any belief, and consider any sexual-interpersonal alternative, to a rigid insistence upon one occupation, one belief system, and one set of sexual standards. Between the easy vacillation of the Diffusion and the intransigence of the Foreclosure lie the strong flexibility of the Achievement and the bounded uncertainty of the Moratorium. A response that indicates advanced identity formation usually has three aspects; an acknowledgement of the possibility of change; a linkage of possible change to the individual's abilities and societal opportunities; and a reluctance to change except under fairly pressing circumstances. As a rule, the subject high in identity can articulate some of the conditions under which a change would occur; but he/she usually shows little enthusiasm for it.

In summary, commitment is a crucial element of identity formation in late adolescence. For many late adolescents, the problem is not saying "yes" to one direction, but saying "no" to the others. There is an Italian saying that "he who leaves the old life for the

new one knows what he leaves but not what he enters." To a certain extent, this is the predicament in adolescent commitment; and many Foreclosures and Diffusions would prefer to "bear those ills they have, than fly to others they know not of." Foreclosures, because they are committed, may seem inappropriately included in the above comment. However, Foreclosures do not make commitments, any more than do Diffusions. Foreclosures simply are, or find themselves, committed in the course of an almost inexorable movement from their past to their present.

General Scoring Issues

Validity of exploration

Determining whether or not a genuine exploratory period has occurred within an identity domain is probably the most difficult scoring issue. It is also where the interview method is at its strongest and questionnaire measures at their weakest. The problem here lies not so much in the scoring as in the interviewing procedure. The interview permits the flexibility to probe, and it is in this area of the validity of a crisis that the interviewer almost always has to probe, sometimes rather creatively. One cannot score what is not recorded on the tape; so an interviewer must be sufficiently cognisant of the

scoring criteria before entering the interview to assure that sufficient questioning is undertaken to determine validity of exploration.

In the process of identity formation, one can return to an initial commitment having undergone an exploratory period. Hence, the presence of the same commitment content in an individual in his/her early and late adolescence is not prima facie evidence for Foreclosure. Nor is a change in commitment content prima facie evidence for Identity Achievement. What is important in the former case is that alternatives have been actively and affectively considered; there should be evidence of a behavioral departure from the initial direction before a subsequent return to it. In the latter case, one must be certain that the changed commitment content is not just an unreflected-upon variation on a childhood theme. For example, moving from a parentally-encouraged Marxist political view to a strong Socialist position without much consideration of alternatives does not indicate sufficient exploration. However, if the Marxism had been temporarily abandoned, some real-life experiences had intervened, the person had reflected on the discrepancies between their experiences and their previous beliefs, and then arrived at a committed

Socialist position, an Identity Achievement scoring would be indicated.

Sex differences in area commitment

In general, women appear to have interpersonal issues more in hand than do men. The sexes seem almost equal in commitment to occupational issues. Women seem a bit more advanced in religion, men a bit more in politics. Also, men tend to take a more serial approach to identity issues - one domain at a time. Women tend more to try to make an organized whole out of all of the elements. Hence, the commitment pattern for males is often characterized by intra-individual scatter among the areas. The commitment pattern for females is frequently marked by a tentativeness of commitment among all areas. Bearing these expectable differences in mind, the researcher should be somewhat stringent in scoring exploration, a process which definitely should have taken place in the past seven or so years of the adolescent's life. The researcher should be somewhat more lenient in scoring commitment, a newer arrival on the identity formation scene.

Multiple status scoring of areas

Very few persons are in the same identity status across all five domains. Most will be in the same status in at least three areas, thus making the majority

of overall status decisions non-problematical. There are no specific scoring rules for arriving at an overall status given a 2-2-1 split among the areas (e.g., 2 areas Achievement, 2 Moratorium, 1 Diffusion). One must rely here on the overall tone or flavor of the interview. However, one scoring method that yields additional information is that which employs a subsidiary status indication for each domain. Just as few persons are in the same identity status across all domains, similarly, identity status within each domain may not be "pure". One may decide that a given individual is Diffusion in, say, religion, but that there is also a possibility of Moratorium. Noting the alternative status for a particular area preserves this information. One way of doing this is the following: a predominant status for a domain is scored, for example, F (Foreclosure); an almost equally strongly possible status as F, say IA (Identity Achievement), combined with the F would yield F,IA. If IA were only a weakly possible alternative, then the scoring would be F(IA). To reiterate, if one is fairly certain that the individual is, say, Foreclosure in a domain, score F alone. If the person is likely Foreclosure, but may very well be Identity Achievement, score F,IA. If the person is very likely Foreclosure, and only possibly

Identity Achievement, score F(IA). In terms of the example given above , the 2-2-1 split could take on a much less problematic nature if the scoring by domain were A,M; A(M); M; M(D); D(M). Here, the decision to call the subject, overall, Moratorium is clear.

The importance of process over content

Most persons giving identity status interviews are likely to share a broadly common outlook. Most will be in the social sciences and will tend to have a similar set of liberal and non-authoritarian values. Hence, identity status interviewers may begin with a bias as a result of the content of their own identity formation process. Sometimes, it is quite difficult to see a traditional, highly authoritarian respondent as being in a high identity status, although this may be the accurate designation. Even more difficult is scoring a non-authoritarian, liberal respondent as being low in identity. Interviewers must keep in mind that it is the process of identity formation, not the content, that is being assessed. There may be a relationship between process and content; going through an identity formation process may make certain content more likely and other content less likely. However, we have no research on that as yet, and until we do - even, perhaps, when we do - we may always be on safer ground

to keep the issues of process and content separate and to score process alone.

The Domains

Occupation

Whether the late adolescent is in college or in the work place, what one is looking for is a psychosocial meshing between an individual's capabilities and needs on one hand and society's demands and rewards on the other. The individual is expected to have assessed his/her abilities and interests, investigated possible societal opportunities, and made a commitment which is being acted upon. This commitment may take several forms: domestic (home-making, child-rearing); occupational (secretary, plumber); or educational (apprenticeship, college major). These forms may also be combined. What is important is that the person has accomplished the transition from a receptive (child) to a productive (adult) orientation, and has done so in a self-reflective manner accompanied by a behaviorally consistent life style.

There is a problem with the occupational area as a criterion for identity formation. Social conditions can limit, sometimes severely, educational and occupational alternatives. In difficult economic

times, just getting a job, any job, is important, with the result that exploration and commitment become luxuries. If there is not much room for variability within an identity interview area (e.g., political ideology in a totalitarian state), then that area becomes disqualified as an indicator of identity. achievement - not as an indicator of identity, per se. The achievement, or construction, of an identity requires important life areas in which choice is possible. If no such areas exist within a particular society, or if the only areas available are rather trivial, then the modal identity status for that society will be, at best, Foreclosure, at worst, Diffusion.

Another issue that has arisen with respect to occupation, and may arise again, is the possibility of an ideological commitment precluding an occupational one. During the Viet Nam War era in the United States, many young people became committed to an ideology of non-participation in the majority culture. A part of that ideology was that to occupy an occupational niche in society was to lend support to an establishment that was acting immorally; hence, no "occupation", as typically defined, was acceptable. These individuals were called "alienated achievements" and the quality of

their performance on dependent variables was similar to, and in some cases exceeded, the more conventional Identity Achievements. The general point being made here is that identity, at its most meaningful level of conceptualization, is organizational, synthetic, and gestalt-like in nature. Domains may be scored separately, and one may speak of an "occupational identity"; but ego identity, which is what this research began as an attempt to measure, refers to a more or less organized whole. Interviewers should be watchful for integrating themes running through the individual domains. For example, there are certain occupations which a Marxist could not legitimately choose; and there are certain beliefs about sex roles and sexuality that an Orthodox rabbi could not espouse. Yet both of these persons may have an overall Achieved identity. Sometimes it is useful, after one has scored the separate domains to reflect upon the whole person who has just been listened to and to attempt to summarize with one of the identity statuses the overall tone or flavour of the individual's identity structure.

Identity Diffusion. There seem to be three types of Diffusion in occupation. The first might be called the "opportunistic." This individual will latch onto whatever looks profitable and not too difficult at the

moment; if computers are in, then it is computers; if ergonomics is the field of the year, than ergonomics it is. The enthusiasms are short-lived and a declaration of commitment in the interview is fairly easily swayed by an astute interviewer who can suggest equally attractive, and possibly more easily achievable, occupational directions. A second type of occupational Diffusion seems to be just drifting, waiting for some occupation to choose him/her. This person tends to make other pursuits the focus of their immediate concern; e.g., "partying". There is a naive faith (with, perhaps, an underlying despair) that something will happen, something will come along. A third type of Diffusion in occupation reflects some degree of psychological disturbance. Here, the occupational choice is based upon a rather megalomaniac fantasy, incommensurate with the reality of the individual's achievements or occupational preparations. Aspiring to be a clinical psychologist in private practice with a "C" average in undergraduate Psychology courses, or setting out for a career in ballet at age 21 are examples of the fantasy-based approach.

What all of the above types of Diffusions have in common is a lack of commitment, or, at least a lack of realistic commitment that lends to occupation-relevant

behavior. They may or may not have experienced an exploration period. If they have, it is usually superficial and brief.

Examples

² A. (female)

>
(interviewer): Why did you come to SFU?

R(respondent): It's close. That's about it.

I: Why did you choose English as a major?

R: It's the easiest course there is.

I: What do you plan to do with it?

R: Teach.

I: How willing do you think you would be to change your plans if something better came along?

R: Yeah, I'm all willing. Not all willing, but I don't really know what I'm interested in, so if I find something else really interesting I'll go into that. It depends how well I'm doing in the course.

B. (male)

I: How did you come to come to SFU?

R: They don't have a first year language requirement. That's it.

I: What do you plan to do with a degree in Psychology?

R: God knows. I don't know. I want to instruct in a prestigious university and do research and write books.....

I: What seems attractive to you about that career?

R: You make lots of money, relatively large sums of money...A lot of prestige

²The following are interview fragments selected from recent full transcripts. They illustrate either exemplary or problematic types of responses. Often, not enough information is contained in a fragment to make a valid rating. However, after reading a number of responses the reader should have a clear enough idea to be able to begin to score identity interviews.

C. (female)

I: Why did you pick the area of business or commerce?

R: Well, it's got to do with career sorts of things and money expectations, where people are hiring. And I didn't really know what was left, that kind of thing. Cause you've got your basic areas, for me anyway, as far as business and that is.

I: What are you getting out of your education right now?

R: I think I'm basically here because I know I want a university education and I don't really want to work right now. And I guess I really don't know what else to do, where else to go.

D. (male)

I: How did you happen to choose economics as a major?

R: Because of my surroundings I guess. Surrounding such as meeting the kind of students that are sort of streamlined into one field. And they happen to be in economics. So I had an association with my friends who were in economics before I started my post-secondary education. I picked up the goal from them.

E. (male)

I: So, did you ever seriously consider anything else or did this (criminology) always seem most interesting to you?

R: Well, I've never considered anything else. But being in university now - well I'm on academic probation right now - I'm finding it tough. And if things don't improve considerably, I'm thinking of we'll say taking a couple of years off.

I: Do you know what you might do?

R: No. Just I guess labor work probably, maybe, for a while.

I: If you decide to take a year or two off would it be with the intention of coming back or would it be up in the air?

R: It's hard to say. It's hard to say what job - it depends on the job. And if I was satisfied with the work I was doing I don't think I'd come back. But today you either have to have an education or a trade, one of the two. Well that's the way I feel anyway. And the job we'll say selection now they're picking the cream of the crop. Or

actually, it's who you know too, which helps me quite a lot.

Comments

A. This person chose to attend a particular university and selected a particular major as a matter of convenience. If something else appears that is both interesting and easy, she will probably go in that direction.

B. B. also chose to attend the particular university as a matter of convenience. What attracts him about his current major does not seem to reflect a thoughtful integration of his abilities and some potential occupation, but the (unrealistically) perceived prestige and power of that occupation.

C. This individual wants to get a job, and thinks she will get a better one if she goes to university. She is probably right. But it is the marketplace that will define her, occupationally, not herself.

D. This is a fairly good example of an occupation finding a person. There is a Foreclosure quality to the response; but it is so offhand, and is occurring so relatively late in adolescence, that one suspects the depth of commitment. It is likely that if there were new friends, there might be a new major.

E. There is a possibility here of a development out of Diffusion. The academic probation may result

from the kind of lack of motivation that can change with some experience in the work world. There is not a sufficient sense of struggle to call the subject a Moratorium, but the willingness to accumulate experience and the general tentativeness suggest possible future movement.

Foreclosure

The Foreclosure is certain about occupational direction and this has been an important identity element for him/her for a number of years. Usually, there is a discernible parental or other authority's influence in the background. Even if one cannot determine a specific figure, if the occupational direction was determined very early, and little thought was given to alternatives then Foreclosure is the only appropriate designation. The assumption is that any occupational decision made during latency is largely influenced by adults, and that if this remains unmodified into late adolescence, the work of identity construction has not taken place.³

Examples

A. (male)

³Foreclosure on an occupation does not mean that the individual will necessarily be less successful in that occupation than one who has chosen an occupation. This is particularly true in the arts; Mozart comes to mind.

I: How did you decide on law as a career goal?

R: I grew up on law. I've always had an interest for it, I guess I've grown up with it. [his father is a lawyer]

I: Did you ever consider going into something else other than law?

R: Ya, - there's all sorts of things I've considered, but they're not really plausible for me. Law is the only thing that I've seriously considered.

I: Is that wrapped up with the fact that your father is in law?

R: Most definitely. Of course, he'd like to see me get into it, but I don't think that's necessarily the reason I'm doing it. I think he would be happy whatever I did.

I: Do you have any ideas of what branch of law you'd like to go into?

R: No, I'm fairly easy on that.

B. (female)

I: Did your parents have any career plans for you, something they'd like to see you go into?

R: No [but] I think they're really happy with what I'm doing now.

I: What if they said, "No, [accounting] is a terrible profession and you'd be unhappy at it." How much weight would that have?

R: Probably quite a bit because we're a pretty close family. So I probably would have sat down and really thought about it then [to decide] if that's really the right thing for me. But as they didn't do anything like that...

C. (female)

I: What would you like to do with [a Bachelor's in nutrition?]

R: I'm in the area of dietetics so I would be working as a dietician, preferably in a hospital.

I: When did you decide upon that as a career choice?

R: Last year.

I: What about prior to that?

R: Prior to that, I knew that I liked working with food and I also was looking for something. Something science-oriented and I just more or less combined the two and figured that was what I wanted.

I: In high school, did you have any set career plans?

R: No, I just more or less knew that I wanted something science-oriented so I took the sciences.

- I: What about your parents? What kinds of jobs or careers have they been doing?
- R: My mom's a nurse and my dad's a dentist.
- I: Was there [any] influence about the health sciences as you were growing up?
- R: There was no direct influence...but there more or less was the influence if not directly, it was indirect just by their being who they were and...stating the advantages of a certain field.
- I: Was there ever a time when you felt a fair degree of indecision or conflict about your interests, academic and professional?
- R: Yeah, there was. There was a time when I wasn't too sure whether I wanted to go and get a linguistics degree...preferably leading to audiology and speech sciences. I took a few linguistics courses but I found that it wasn't what I wanted to [do]...take a programme. I wouldn't have wanted 3 or 4 years of it. So I decided that I should return [to] something that I was initially interested in.
- I: What attracts you to being a dietician?
- R: First of all, it's a helping profession and that in itself is one of the major things that attracts me to it....the degree part of it attracts me to. It could lead to further programmes...
- I: What other things do you think you might possibly diverge to?
- R: If I had to? I would think microbiology and..maybe medicine. I've also always wanted to get my music degree which is something I may work on next year or the year after.
- I: How certain or how tentative are [your] plans?
- R: About 70%.
- I: What about staying within Sciences, health sciences in particular?
- R: Very certain. I would always look for something in that area.

Comments:

A. A. is an almost classic example of a Foreclosure. Although he says that he considered "all sorts of things", the ease with which this is dismissed, as well as its non-specificity, disqualify it as a statement indicating exploration. Frequently,

Foreclosures, as does this person, deny that they are going into an area because of their parents' wishes. It is not especially fashionable to admit this.

However, when there is an absence of an exploratory period, and the individual's choice either is strongly similar to the parents' occupation or the parents' wishes, then Foreclosure can be assumed.

B. This segment is presented because it illustrates two things: some creative probing by the interviewer, and the tendency of the Foreclosure individual to lapse into the first person plural ("we") when speaking of her/him self.

C. Example C. presents a difficult scoring issue. Was there a genuine exploratory period in linguistics? Did taking courses in this area represent a real divergence from earlier parental-supported childhood directions? Two aspects of this interview fragment lead to a scoring of Foreclosure: the individual's statement concerning her parents "indirect" influence, and her persistence in health sciences - even linguistics would have led to audiology and probably to speech therapy. (The music area should have been pursued further by the interviewer.) Based upon this fragment, a scorer would be wise to note a possible element of identity Achievement; hence the suggested

scoring is F(IA).

Moratorium

Moratoriums are engaged in the exploration process and their tendency toward greater verbalization reflects this. Often, one has the feeling of watching a conceptual tennis match as one alternative gets played off against another almost equally attractive one. However, Moratoriums, especially at late adolescence, are usually not all over the occupational map; they tend to be committed within a general area. Nor are they always intensely struggling; sometimes, they are simply rationally considering alternatives and attempting to reach a resolution. Nevertheless, in order to be called Moratorium, they must appear concerned and they must be actively exploring alternatives with the aim of arriving at an occupational commitment.

Example

A. (male)

I: Do you have a clear goal of what you want to do?

R: Not a specific goal. It's broad. I haven't narrowed it down and determined it, but part of going to university was to try to determine what I want to do. I have specific interests - I've declared a major in communications. So I think I'm going to stick with that. I have a real interest in things like public relations and advertising right now. I'm also doing this 100 level psychology course and have developed this inkling of an interest in psychology. So who knows, I may pursue a minor in Psychology or may even switch over and do that. I can't determine that just yet.

I want to be in the academic environment, at least through my underdivision classes and then by the time I get into third and fourth year I'll have a clearer objective in mind in terms of what I want to get out of university.

Comments: Moratoriums' response tend to be quite lengthy. This fragment was taken from an eighty-minute interview. This example contains most of the features of the Moratorium in occupation. He is vaguely committed within the general area of social sciences; he has some notion of this major leading to a future occupation; and he has constructed the broad outlines of a relevant plan. He is undecided and one can observe this in his back-and-forth style of response.

Identity Achievement

Identity achieved persons will have seriously explored at least one viable alternative to their chosen occupation and will have begun to think of themselves as a something (e.g., a teacher, an engineer, etc.); They are not merely "going into" a field; their chosen occupation will have begun to have become part of their identity, their self-definition. They emphasize more what they are going to be than what they are going to do. As a rule, this is manifested in their having already sought work or volunteer experience with their occupational field.

Examples.

A. (female)

I: When did you decide on your plans to take a Masters degree in Social Work?

R: Last year.

I: How did that happen? How did you make that decision?

R: Just by volunteering and working in the social work field. I have my social work certificate, just from a B.A. level. I was in retail (sales) for a while and decided to go back into social work.

I: What has your experience been in that field?

R: I worked on a crisis line for about 3 years and I've done some marriage counselling, and therapy, and I've also worked in a senior citizen's house for about a year now.

I: So you feel fairly happy with that as a choice.

R: Yeah, pretty competent. It's just a matter of getting in and getting accepted now, and that's it.

I: Do you think your career plans now are very much different in their goals than perhaps they were in high school?

R: Yeah, they are. They've changed a lot...they've changed from the sciences, I was going to go on for lab technician; I was going to study biology - now I'm going into a helping profession just because of the experience that I've had in it.

I: What led you to those experiences, that is, volunteering for crisis line and other jobs?

R: I heard about it through college when I was first taking university transfer courses at the college level, about their needing people and I just wanted to fill in maybe an extra 8 hours a week...and then I really enjoyed it.

B. (female)

I: When did you decide to pursue computer technology?

R: I'm 30 years old now. And when I was 25 I started saving avidly to return to school. I realized I didn't want to be a secretary for the rest of my life. Working as a secretary I had opportunities to learn various word processing systems. In fact, I've learned four. I'm now teaching on a system that's quite a sophisticated system - a shared resource system with a central processing unit. So it's more than just word processing; it provided me with an introduction to micro-processors. And I

seem to have an aptitude for it. And I thought, well that's a step if I do go back to school to do a business degree - a natural major may be computer science....Another thing you have to consider when you go back to school late is that you have to pursue something that's going to be marketable. I can't afford the luxury of obtaining a degree in Canadian history or something. That's unfortunate.

I: Was there any planning or ideas from your parents to do something like this?

R: No. Unfortunately my parents were of the school that a woman graduates from high school, gets married and has babies. So, education wasn't necessary. It's unfortunate that I didn't get much encouragement from them and that led me to go into secretarial college and become a secretary, because they more or less pushed me in that direction.

R: What do you envision doing in the future?

I: Well, I thoroughly enjoy teaching. I enjoy teaching a technical subject. I think that given the growth of this technology, there will be room for people who enjoy teaching others how to operate various systems. For instance, I could see myself working for a vendor such as IBM or Xerox as, not a salesperson, but as a marketing support person.

Comments: Both A. and B. are examples of individuals who have made career decisions based upon experience with both their chosen career and alternatives. They are somewhat older than the usual upper level college student; hence, there has been more opportunity for them to garner real-life experience. However, the basic elements of the achievement process remain the same: a significant departure from earlier directions and a subsequent commitment, manifested behaviorally, in either a new direction or an old one reformulated.

Religious Beliefs

Neither religion nor politics, per se, are the primary issues in this portion of the interview. These areas were chosen because they were the most likely to provide access to an individual's ideology. One of the assumptions of psychosocial developmental theory is that as one moves from being a "taker" (childhood) to being a "caretaker" (adulthood) a shift in ideological framework occurs. Religious and political beliefs formulated in childhood are assumed to be relatively nonfunctional in adulthood. Even primitive societies provide rites of passage whose function is to up-date and confirm an earlier imposed identity. One can have an ideology that does not include religious beliefs; however, that ideology must take into account religious questions; e.g., the existence of a god, standards for deciding moral issues, etc. Asking questions about religious beliefs is a fairly easy entrance into the ideological realm; and responses indicating thoughtfulness about religious issues are taken as evidence for the ideological construction assumed to accompany identity formation. However, having or not having a religion is not the criterion for identity achievement; considering ideological issues in some depth is the criterion.

Here, as in the succeeding areas of the interview, content is not relevant for determining identity status. Whether or not one has a religion, per se, or what the content of that religion is, is not relevant for judging identity status. The relevant issue is the depth and breadth of consideration the individual has given to ideological matters. Having said that, in the absence of a rationale, an individual is rated as higher in identity if he/she can specify a particular religious belief than if not. When one listens to the religious portion of the identity status interview, the questions to be asked are: "Does this person have a coherent belief system?"; "Is it identical with the one he/she adopted as a child?"; "Has there been an exploration period - a time of weighing alternative outlooks?"; "Is the person's current life behaviorally consistent with the stated beliefs?".

Sometimes, the individual interviewed grew up in a kind of ideological vacuum. There is a general decision rule that if a person spent their childhood in a diffuse context and is currently diffuse, then that person is scored as Diffusion, not Foreclosure. There is also a possibility that an individual coming out of a diffuse context may "get religion", in some form, around late adolescence. How this is seen depends upon

the extent of the person's knowledgeability and commitment. If the respondent is both knowledgeable and committed, then a rating of either Achievement or Foreclosure is given depending upon the degree of rigidity shown. For example, if there has been no exploration of alternatives and none can be genuinely contemplated, then a rating of Foreclosure is given; however, if there appears to be a willingness to explore alternatives and the beliefs are somewhat flexibly held, the individual is scored Identity Achievement.

Another issue that arises with respect to religion involves the difference between a belief system and a cultural tradition. This becomes especially important with subjects whose religions are closely tied to ethnic origins. For example, if one says that they are Jewish, this appellation can refer to religious beliefs, to an ethnic origin or allegiance, to an adherence to a set of traditions, or to any combination of these three. What the interviewer must determine is what "being Jewish" (or being "Ukrainian Catholic") means to a particular subject. Even if the religious ideological aspect is missing, there may be a sufficient adherence to ethnic traditions to provide a sound basis for an identity.

Identity Diffusion

Diffusions are notable for their lack of thoughtfulness concerning the whole ideological realm. Often they tend to see philosophy-of-life issues as a waste of time. They find nothing in the contemplation of such matters to be gratifying; thinking about the meaning of life is not much fun. Often Diffusions will have constructed a facade of an ideological system that they would like others to believe they espouse. That is, the stated ideology becomes a kind of currency they exchange for signs of respect and even affection from others. However, when this belief system is challenged by a good interviewer, its shallowness becomes obvious.

Typically, Diffusions' responses to questions in the religious domain are notable for their brevity. Often the interviewer will try to push in order to elicit more content, only to find that, in fact, "nobody's home." Another Diffusion pattern is a kind of verbal smokescreen where complicated, pseudo-sophisticated jargon is thrown out ("I'm a pantheistic humanist.") in hopes of being taken for knowledgeability. An interviewer must always ask for the content of a belief system and not just a label.

Examples:

A. (male)

I: Do you have any particular religious affiliation or preference?

R: No.

I: Do you ever think about religious kinds of issues?

R: Occasionally.

I: Do you talk to people about it?

R: No, hardly ever. Unless there's some reason. I've taken a couple of philosophy courses, philosophy of religion. Just for interest though. Not...

I: Did that answer any questions for you at all?

R: No, but it gave me a way to sort of think about it.

I: How does it come together for you then?

R: I don't really have a belief or anything. Just - I don't know.

B. (female)

I: Do you have any particular religious views or philosophy of life?

R: No, it's hard to say. I'm taking a social psychology course right now that covers that. I'm not sure. I haven't really...I'm not against it either. Like I really respect people with - people's religious views. And um, I don't know. I'm just kind of actually trying to decide for myself what - if I have any particular beliefs or not. Nothing that I know of. I like to keep an open mind though and kind of look at everything.

C. (male)

I: Were you brought up in the church?

R: Yeah, I was brought up in the Lutheran Church....I went through confirmation and all that stuff when I was 14 - at 14 you get confirmed - I was boarding and I was allowed not to go; I didn't have to go anymore. So that was just great; I didn't bother going anymore. I don't have strong beliefs at all.

I: Did you ever have any particular feel for the whole thing?

R: I'm not religious at all. I know lots about it....I have friends who are "born again" and all that. I've always kept a pretty open ear to it. If someone wants to be religious that's fine with me....just don't knock at my door.

I: If you had children?

R: Oh, I'd probably put them through the Sunday School programme just to let them know a little bit of what's happening, rather than other people I've

known who've grown up never having gone even to Sunday school, who are just total airheads on the whole.

Comments:

A. Those unacquainted with identity status interviews may find the paucity of A.'s response hard to believe in a college student. This type of ideologically impoverished response happens much more frequently than one would like to believe.

B. This subject's emphasis on "openness" reminds one that the word can mean "empty" as well as "receptive."

C. C. had the ingredients for a Foreclosure or Achievement in that some early structure was provided. However, his current diffidence indicates Diffusion.

Foreclosure

Where Diffusions tend to be rather vacant with respect to ideology, Foreclosures, especially in the area of religion, are usually firm believers in the faith of their childhood. Almost every committed person, Foreclosure or Achievement, says that their beliefs are different from their parents and different from the beliefs they held as children. It is up to the interviewer to determine the validity of these claimed differences. If the respondent says that their

beliefs have changed significantly since they were younger, then they should be able to articulate major departures. For example, if a Roman Catholic has decided that the Virgin Birth is questionable, this does not indicate a major shift. However, if a person brought up Roman Catholic has questioned the Church's social policy and finds themselves favoring birth control, abortion, a Marxist political stance, and denying the authority of the Pope, then this does indicate a significant shift. Similarly, if one says that their beliefs are different from their parents' because they (the respondent) are more "liberal", this does not indicate a significant departure. However, if the individual can cite a period of major difference from the parental faith, such as a period of disbelief or commitment to another religion, then they would not be scored as foreclosed.

Sometimes, one finds a respondent claiming the same religious beliefs as his/her parents but with a very weak commitment. Here, as in the previous section, the lack of commitment takes precedence over the lack of an exploratory period and the individual is

called Diffusion, not Foreclosure.

Examples:

A. (female)

I: Are you active in the church right now, in any type of religion?

R: Yeah, I'm Roman Catholic and before I went to UBC I'd be going [to church] once every week.

I: Is your Catholic faith an important part [of your life]?

R: Yeah, it is...and I wouldn't give it up and if I had any children I would hope that they would be religious. I guess I couldn't push it on them but I would...try to influence them. I think it leads the way to a right way of life, better living.

I: You were exposed to church when you were young and went to catechism?

R: Yeah, for six years.

I: Are your parents still fairly religious right now?

R: My mom is more religious, if you can measure religion at all, than my dad. My dad is Anglican and my mom is Roman Catholic. She was an orphan when she was younger and was brought up in a convent...my dad is religious, he attends church and doesn't say much about it. My mom will say something about it if something needs to be said.

I: Was there ever a time when you seriously questioned or rejected your religious beliefs, the Catholic church, and so on?

R: If I ever did reject my religious beliefs I wouldn't be very happy with my life. I wouldn't have that focus or that basic ground. I have questioned it in a way....I've always ended up criticizing [others] points of view [on religion]. I don't think I'd ever give up my religious point of view.

I: Is there much indecision or conflict right now, [about your beliefs]?

R: There's no conflict. I'll always believe that way. I will always be stable....you can't measure or judge some things. Some things have to be experienced. Some things just are, and there's nothing that you can do to say 'this isn't right' because you can't actually see or measure [them]. Some things just are.

B. (male)

I: Do you have a particular religious preference or belief system?

R: Yes, I've been brought up in the Lutheran church, since I was little. I was in a Church school in elementary school. And I did catechism and confirmation, and everything. I've been brought up and so that's my preference. Just because of the way I was brought up. I didn't have a choice really. But now I do and I still stay there, so....

I: Was there ever a time when you doubted your religious beliefs?

R: No, because my grandparents were Christians and were always helping me and my parents. It's something that's there and you accept it. I don't know.

C. (female)

I: Do you have any religious preferences or beliefs?

R: I'm Roman Catholic, by birth.

I: What does that mean to you?

R: I believe mostly everything what they teach in my faith [although] there are some things that I'm kind of doubtful on... a few little technical things like they say that during the Mass the bread that they have is changed actually into the body of Jesus Christ and I'm not so sure about that.

I: What do you do when you have these kinds of questions or you feel skeptical about some issues? Do you try to resolve the issues or just keep them in mind?

R: I just keep them in mind. I [sometimes] discuss it with my friends [but] most of them are really strong R.C. and they think that I'm silly for even thinking about things like [that]. Sometimes I discuss religion with my parents; they're really strong RC's too so if I go into anything in any detail at all they get nervous.

I: Are those issues very important for you or are they very minor issues?

R: They're minor issues.

I: Are you very active in going to church....?

R: I go to church every Sunday and I do volunteer work with my church.

I: Do you think that your views are the same as they've always been?

R: Yeah...there's been not much change at all.

D. (male)

I: Do you have any particular religious beliefs?

R: We're Sikhs.

I: Has there ever been a time when you questioned [your beliefs] or thought about doing something else?

R: No, I haven't thought about doing something else.

I: If you had children, how would you bring them up?

R: I guess I would teach them the same things I learned in my religion.

I: Do you think there's any chance that in the future you'd start to question [your beliefs] or change your mind about them?

R: No.

Comments:

A. Although somewhat lengthy, A. is included because the "absolute" nature of her beliefs is typical for Foreclosures. "Believing" is equated with "stability" - probably referring to psychological health.

B. B. illustrates the embeddedness of the Foreclosure in his/her family. To be a member of this person's family is to accept their brand of Christianity: to not accept that might lead to ostracism from the family.

C. C. furnishes a picture of what Foreclosures do if they have religious questions. Firstly, the questions are not especially major (such as the issue of transubstantiation here); secondly, doubts are usually discussed with adherents of the same religion, so that one is fairly certain of a supportive, rather than a confrontative, audience.

D. D. is included because of the respondent's immediate lapse into the first person plural "we" when the question calls for an answer in the first person singular "I".

Moratorium

It is probably in the ideological area that the intensity of the Moratorium's struggle is most evident, and the interview is almost always interesting, although sometimes rather wearing. The possibilities considered can become fairly esoteric ("flaky" might be a more accurate, though less kind, description). But one can usually discriminate the seriousness of the Moratorium's endeavor from the verbal smokescreen thrown up by an articulate Diffusion. Again, there should be some boundaries around the belief system and a movement toward resolution in the near future.

Examples:

A. (female)

I: Do you have any particular religious affiliations or preferences?

R: No, a particular non-affiliation perhaps. I don't really believe in churches. It's funny, but religion to me all through our time has been the cause of greatest conflict in the world. And for that reason I almost don't believe in it. [But]...I think people need, I think people naturally create their own beliefs, just for a security. I think everybody sort of fears what's going to happen. So if they don't believe in God, as in whatever their church says God is, people tend to make up their own image of some sort...

I: How does your own belief system work?

R: It's sort of...um. Well, it's very confused actually. And it's sort of always changing. Within my family, my brothers & sisters & that, we discuss it a lot.....But I guess there is an all over spirit, but it's not an "it". And it's within, it's ourselves. How to explain this? So we are all part of this spirit.

I: Do you think your ideas will continue to change?

R: I think they'll probably continue to change. Every once in a while I think that what I think is so far out, probably compared to a lot of other people's religious beliefs. And therefore I haven't completely formulated it and therefore it's sort of combinations of discussions rather than reading. But I don't think I'll ever adopt a "Christian" religion.

B. (female)

I: How would you describe your spiritual beliefs?

R: Well...they don't at all conform with those expounded by most churches.

I: What are your beliefs?

R: It's hard to pin them down and get them out. It's a lot of a mixture of Zen with some...basically it's more a belief in humanity rather than in a God. I don't think there is [a God], I think there's a certain degree of fate, but there is no "Grand Master" up there playing us like a chess game and that you basically get what you deserve; that there must be some kind of a tabulation going on as to how well or how poorly you are as an individual, how bad you are, and that you eventually pay for it in some direction or other. As to hereafter or heaven or whatever, I don't believe in any kind of a wonderful ending to it all, pie in the sky kind of thing. But I think that there is some continuous after life. I don't think this is "it"; I don't think it can be "it".

I: How did you come to decide that?

R: Just reading and speaking with people with strong religious beliefs, especially Christians.

I: So your parent's beliefs would be different than yours? [Yes]. Would they be more traditional?

R: Yes

I: When did you start thinking about that or taking on that belief system?

R: It's been a gradual thing. You grow up with the Judeo-Christian ethic and you start to question it

when you hit puberty; you find flaws in it...and then things have just expanded from there.

I: Do you feel confident in your position now, or are there still uncertainty for you?

R: I think there are areas of uncertainty but I'm confident that..I refuse to say that I'm right because there are so many religions that claim that they're right that I don't think there even is one particular correct theory or view on religion. It's more or less a personal theory that you form yourself. But in what I believe, I think I'm fairly confident in it.

Comments:

A. This is a fairly good example of a Moratorium in the midst of formulating a belief system. She has a vague idea about what it will look like when finished, and she differentiates it from Christianity. She is clearly involved in the exploratory process.

B. B. is a bit further along than A. in the articulation of a belief system. Both A.'s and B.'s ideas about religion have a somewhat "do-it-yourself" quality typical of Moratoriums. The "in process" nature of the Moratorium is also evident in B.'s responses.

Identity Achievement

The person who is called Identity Achievement is one who has considered seriously at least one belief system different from his/her own, or who has departed significantly from the belief (or no-belief) position of their childhood, and has now located themselves within a definable structure to which they exhibit some

behavioral commitment. They are not usually as definite about raising their children in their chosen faith as are Foreclosures. However, neither are they as laissez-faire as Diffusions or Moratoriums. They are not usually as interesting to listen to as Moratoriums; one is hearing more about the end of a process with Identity Achievements, than about the process itself. There is a self-assuredness and comfortableness about their current position, however, this is not the inflexibility or self-righteousness of the Foreclosure.

Examples:

A. (male)

I: What do you believe in?

R: I definitely believe in the God of the Judeo-Christian bible.

I: And your parents?

R: No particular belief - I suppose a humanistic world view, but not very consistently.

I: How did your beliefs come about?

R: I had rejected the whole tradition [as a young teenager]. At 18 I started going through some real questions about why I was doing what I was doing and whole life issue questions...[such as]: "Where do we get our acceptance of others from?"; "What basis do we have for security?"; "How can we judge good and bad?"; and "Who am I?"....My uncle presented me with the existential point of view. I was fairly attentive to the thinking I had unconsciously accepted as I grew up...[Then] I picked up the Bible and started reading it, and it seemed to be answering the questions that the other ones weren't.

B. (male)

I: Can you tell me about your religious beliefs?

R: I decided at this point that I'm agnostic. When people talk about God...and their belief in God, they deal with it in terms of a fear and I don't see it that way and I will continue to profess that, as Christians say God is supposed to be representative of love,...you don't fear love. Until Christianity recognizes that inherent contradiction I'm not prepared to accept it as my religion. It may even be a self-contradiction that even though I profess to be an agnostic I believe that if, in fact, there is a God that we just have various levels of His acceptance of us or our acceptance of Him. I don't think that as Christianity preaches that if you don't accept him as your eternal saviour that you're condemned to the fiery depths of hell. If in fact God exists he encompasses all people...I'm a very spiritual person, there's no question about it [but] it's an individual or interpersonal thing.

C. (female)

I: Was there ever a time when you doubted or questioned your religious beliefs?

R: Yes, I would say by the time I was in high school I started questioning Christianity. When you're a child, you think that Christianity is the only faith that exists, because in North America that is what is promoted. But then you find that half the population of the world follows some other kind of religion and you realize how relative it all is. I mean, does that mean that only the Christians are going to go to heaven, that the Moslems and so on are not? So you start asking a lot of questions about it. So for me religion is more a guideline to being a good person and conducting your life in a brotherly fashion.

I: How did you resolve these questions?

R: Well, I did some reading. I read about the Moslem faith, and I did some reading about Buddhism. Then I realized that no one is going to know for certain what the right road to follow is, but that you can get something from them all. I think that in life you can never go wrong by adopting a certain code of ethics or morals that you can follow, and hopefully whatever God is up there - whether he be a Moslem God or Christian God or whatever - is going to recognize that.

Comments:

The examples presented illustrate three different ways of arriving at an achieved position. A. had rejected traditional beliefs, and an "existential" authority figure, finally choosing what appears to be a rather fundamentalist, Bible-oriented position. B. defines himself as an agnostic, in opposition to establishment Christianity, but retaining the ethic of Christian love. Defining oneself "in opposition" has somewhat of a Moratorium quality to it; however, B. seems too committed to be scored as a Moratorium. Probably an IA(M) scoring would be appropriate here. C. is a little vague about her final resolution which sounds somewhat Universalist-Unitarian, although not labelled as such. However, it is clear that she has left her childhood position and that she does not seem to be struggling to achieve a resolution. In the absence of more information about the structure of her belief system, one might score this fragment IA(D).

Political Beliefs

This area seems to be the most variable in terms of its importance to different late adolescent cohorts. It, like religion, is intended to furnish a way of eliciting a world-view. The transition from childhood to adulthood requires the assumption of responsibility

for the life cycles of others. Commitment to views on social-political issues is one manifestation of this sense of responsibility. Interest in social-political issues seems to wax and wane with the times; for example, there seems to have been a decline in interest from the 1960's until the present. One may then legitimately ask why this domain is still included in the identity status interview. The answer is that it, together with religion, provides a fairly concrete entrance into a subject's "philosophy of life", if one exists. People with no religious commitments may have social-political ones, and vice-versa. Hence, it is not so much specific religious and political commitments that one is looking for, but whether or not an individual has reflected on the significance of his/her life in the larger scheme of things and is acting consistently with their values.

Frequently if an individual cannot describe his/her political beliefs, he/she can respond to questions about social issues or concerns. However, care must be taken in the interview not to consider obviously trivial or narrowly self-interested positions as evidence for an ideology. For example, "banning leghold traps" or "saving the whales", as isolated issues, not imbedded in a larger ideology, reflect a

level of sophistication one might expect from a concerned fourth-grader. "Lowering the drinking age" or "raising the speed limit", because the person would like to drink unhindered or drive faster, are examples of political issues that are narrowly self-concerned. Both of these issues, if put into a civil libertarian context, complete with an appropriate well-thought-out rationale, might be examples of commitment. However, it is the rationale that suggests identity formation, not the bald statement of conviction.

If one is scoring an interview for overall identity status, it may be wise to consider politics and religion together as "ideology", and to score a respondent positive for commitment if one gets a coherent sense of self-definition in terms of a philosophy of life. The questions that the subject is being asked in these two ideological areas are: "Have you thought much about what you believe about religious, moral, political, and social questions?"; "Have your ideas about these things changed much since you were a child?"; "Can you articulate your beliefs now - is there some organization and rationale to them?"; "Do you act consistently with these beliefs?".

Identity Diffusion

Politics is the interview area which most often elicits Diffusion responses across subjects. Hence, a Diffusion score here is probably not as telling in terms of overall identity status as in another area. Persons who are diffuse in political ideology feel little sense of social responsibility or power. Often they will answer with cliches: "I vote for the person, not the party." "Everyone should be free to do as they wish, but they shouldn't hurt anyone else."; etc. Sometimes what appear to be statements of commitments to issues are just statements of self-interest. It is important for the interviewer to attempt to elicit underlying rationales for stated commitments.

Examples:

A. (male)

I: Do you have any particular political preferences?
R: No, I hate politics. They always lie. Never true.
I: So, you don't concern yourself with it?
R: No.
I: Is there any broader, social issues that you feel strongly about?
R: Like what?
I: Abortion, nuclear disarmament,....
R: No.
I: Were either of your parents ever politically involved at all?
R: Not at all. They never talk politics.

B. (male)

I: Do you have a political philosophy?

R: No, not really much. I'm not really into politics that much. Sort of in a way I feel that I'm just one small cog in the wheel. No, I don't really have any political concerns at all. I don't have any sides at all.

I: How about social issues? Do you have strong feelings about any social issues?

R: Some, I guess, ya. Like - let me think of one - say even something like loans are cut. Stuff like that. Something that involves me. Say what's happening in another country or something like that, I'll watch it and that, but I won't make too strong of an opinion on it.

C. (male)

I: Do you have any particular political preferences or beliefs?

R: I'm more or less - I don't really have any beliefs - I'm more or less just following in my Dad's footsteps. I vote New Democratic because my dad was New Democratic, supposedly. Except federally, I'm not necessarily a Liberal supporter, but I think I'm the only person in Western Canada that supports Trudeau. I just like the guy, I like his charisma, I guess.

I: Are there any issues, either political or social that you feel particularly strongly about?

R: Ahm...I'm not really sure on a lot of like - as I said I come from a sort of biased family, where I haven't really been exposed to the other side of view. So I really don't know if I could take a view. However, I don't like things like cutbacks, restraint and everything to that effect. But, I'm basically still in the middle. I see the pros and cons, but I just haven't weighed them.

D. (female)

I: Do you have a particular political position?

R: No, I try to stay pretty apolitical, if I can. [Why is that?] Because it upsets me...No matter what kind of a political system is working, a party or belief is prevalent, it's wrong in some way or other. Nothing is perfect. And under all the (?) between the Americans and the Russians and all the rest of it, that particularly bothers me because...the Mexicans Americans speak of of Communists taking over the world and as far as I'm

concerned the Americans are taking over as much of the world as the Communists. Even so, Communism is just a system and in the course of time it is eventually going to work itself out just as every other system has. It's just not that important.

I: Would you actually argue that point of view, against somebody that strongly believes one position or another, or do you just try not to get involved on that whole debate, period?

R: It depends a lot on who I'm talking with but I think in most cases I would defend my position.

Comments:

A. This is a good example of an "impoverished" Diffusion response. The subject neither knows nor cares about social issues.

B. B.'s only discernible social concern has to do with a personally-relevant issue: student loan cutbacks. No particular ideological position is articulated.

C. This subject might have been a Foreclosure were he committed to some definable position. However, his lack of commitment precludes Foreclosure, and his apparent lack of concern precludes Moratorium.

D. D. has some ideas, but they are rather superficial. She might be talking about a rivalry between two professional football teams rather than competing political and economic ideologies. That she feels "upset" and that she wants to be fair does not qualify as a commitment to a coherent political philosophy.

Foreclosure

It can be difficult to discriminate between Diffusions and Foreclosures in politics because many persons adopt their parent's views but they are not very committed to them. Hence, it becomes the interviewer's task to ascertain the degree of commitment to these adopted views. Whether or not the respondent takes some kind of political action becomes an important issues in making this discrimination.

Examples:

A. (female)

I: Do you have any political preferences?

R: That's another thing that's sort of hard because it's all influenced by my parents, or my dad at least. So if I did, on a federal level, I'd have to say Progressive Conservative, because I can't stand Trudeau. I just know that I don't like the way the Liberal government runs the country. And I know that I don't ever want to see a socialist or communist [government].

I: Have you engaged in any political action?

R: When I was 15 I was quite involved in campaigning for the conservative party.

I: What in particular do you dislike about the Liberals?

R: Probably just listening to my parents talking....like when they were talking about western separatism, I was so - I was going "go for it" because we could if we had only B.C. and Alberta and Saskatchewan. We could do fine without the east....I know that if the NDP ever came into power they [my parents] would move. I know that for sure. I know that most of my father's really good business friends - if NDP came into power, half the city would be gone. So there's no other. I don't really like the Social Credit but there's no one else to take power.

I: So are your political beliefs similar to you parents'?

R: Yes, they are. Just because - I guess I'm just for anything that's okay for the businessmen. Because that's my whole family. It's based on capitalism. If the NDP ever came into power, like that would be it. We would have to move to the States.....I guess my dad has influenced me so much like we think along the same lines or I think along his lines. It's just sort of come naturally. Just because he always offers me advice, like on financial matters and tells me how to invest my money and stuff. And so I just automatically listen to him about politics too.

B. (male)

I: Do you have any political preference?

R: Oh, I sure hate communism.

I: And what about your parents?

R: Yes, the same. My parents hate Japan, My father hates Japan, both my parents hate Japan very much. Because when they were teenagers - that's the high time to study - they had this war between China and Japan that lasted for eight years and it ruined his schooling.

I: When did you decide on your political ideology - that you like democracy and not communism?

R: Ever since I was young, because I'm under the influence of my father. The whole family is the same.

C. (female)

I: Do you have any political preference?

R: Well, I don't really know that much about politics but what I do know - I would say that I'm Liberal.

I: Are there any social issues about which you feel very strongly?

R: Abortion is one of them...I'm very strong pro-life and I've been to seminars on it and I've been a counsellor with it for a while and I feel very strongly about that.

I: Does it relate somehow to your religious beliefs?

R: My church is also pro-life, but it's more of a coincidence...it's my own thoughts.

I: From where do you think these thoughts came and how did they evolve?

R: I've studied human anatomy...and I know that there's no point where you can say a child is a fetus today and a baby tomorrow...it's a baby from the point of conception.

I: How long have you felt this way?

R: For as long as I can remember.

Has there been any change in your ideas in this.

R: No, I've always thought this way.

Comments:

A. This is a good, strong Foreclosure statement. It is not particularly thoughtful, but it is committed, even impassioned. She does not "like" socialism; she "likes" capitalism; and, above all, she believes what her father believes.

B. This is an abbreviated form of A.'s response from a more ethnic point of view.

C. C. is somewhat more problematical than A. or B. The respondent has done some thinking about the issues. But thinking is not necessarily exploring; and the co-incidence of her views with her church's views (her disclaimer notwithstanding) plus the apparent absence of any exploratory period ("for as long as I can remember") suggest a straight Foreclosure rating. Not even an F(IA) seems warranted here.

Moratorium

Moratoriums sometimes come up with interesting political dilemmas in their interviews, ones that mirror the apparently insoluble problems with which

political philosophers grapple. Above all, one has the sense that Moratoriums really want to make a resolution and that they feel that they ought to have a definable position. This wish for resolution and attempts at formulating some position is what distinguishes them from the more unconcerned Diffusions.

Examples:

A. (female)

I: Are politics not important to you then?

R: I think politics are very important, but I feel that I lack any kind of formal knowledge of politics....I find myself very naive and a lot of people are very politically minded, and I feel I'm lacking in something. I'm attempting to learn now, but it's a very slow process.

I: What about your parents, do they have any particular preference?

R: Definitely not NDP...My parents were very concerned when they saw a lot of small companies going under when the NDP got in, because they're conservatives. My dad was a banker...but I find too that they don't listen to both sides of the issues. They're stuck in their ideas. I think this is maybe one of the reasons why I'm so mixed up when it comes to politics. Because I hear an extreme viewpoint on one hand, then I hear the other extreme from other sources, other students for instance. That kind of polarity...[is hard] for me. I just don't have enough knowledge to really be able to form my own opinion. So it's more of an emotional issue for me, it's not a cognitive thing.. I ask questions now. I didn't start asking questions until a couple of years ago when I started thinking that I should get myself involved, start becoming a bit more of a constructive citizen. And that's when I started going to the rallies and so on. I took a history course at one point, hoping that would help. And just sitting around really listening. But I just guess I'll have to keep hacking at it.

C. (male)

I: Do you think there's a lot of room in yourself for developing some political views?

R: Yes - but I don't think I'm ready to make an issue

out of it. I'm not really within myself...I don't think it would be fair because I'm still learning about who I am and what I'm capable of doing and the more I learn, the more frightening it is because I feel that I'm capable of doing a lot more.

I: So, you don't want to make any strong (political) commitments right now 'cause you feel you owe it to yourself to do a lot more exploration.

R: That about sums it up.

Comments:

A. A. presents a good contrast to the Foreclosure A. in the previous section. Both come from conservative families; but what each has done with respect to their parents' political ideologies is quite different. The Foreclosure A. buys the whole package; the Moratorium A. struggles to forge her own political philosophy.

B. This interview fragment indicates a thoughtfulness that distinguishes Moratoriums from Diffusions. One has a sense that this person will move toward commitment. In the absence of more information, however, the fragment should be scored M(D).

Identity Achievement

Identity Achievers have thought through political issues and can articulate a position to which they show some commitment. Unfortunately, Identity Achievement in politics is rather rare; it is likely the last of the identity domains to be resolved. Anyone who is scored Identity Achievement should be able to discuss

issues from both their own and an opposed position.

Examples:

A. (female)

I: How about your parents, do they have political preferences?

R: Yes. They're Social Credit (populist, capitalist) and we argue about it a lot. Around election time I had big discussions with my mother and within our whole family we always line up on (opposite) walls and throw tomatoes at each other.

I: Was there a particular time when you decided upon your political orientation [socialist]?

R: In high school. I used to talk about it a lot with my boyfriend then. And...with my father and brother - we talked about it around the house. Politics came up a lot. I began to formulate it back then. (More upon the provincial level at that point). Also in high school I had a history teacher who did more current events than anything else. And he really stressed the fact that we're going to be voting in the next couple of years and we better get our shit together and figure out what everybody represented.

B. (male)

I: Do you have any particular political preference?

R: Yes. I would call myself a socialist, but very much a democratic socialist. I believe in the democratic system.

I: Have you taken part in political activities?

R: Yes, I've worked on the campaigns before.

I: Are there any political issues that you feel strongly about?

R: I dislike both the existing federal government and the provincial government, and the patronage, especially in the federal scene.

I: What about your parents?

R: Mom was a NDP'er, fairly strong. Dad was a conservative, less strong I think. Therefore he didn't work within the party...I didn't discuss [politics] very much with my father. He was very set in his beliefs - we argued but we didn't discuss.

I: Was there any particular time when you became aware of political issues?

R: I'd have to probably say in my teens. I've always need a lot and need the newspapers and kept myself

up on it. So there's always been some awareness of politics.

C. (male)

I: Where do you stand in the political arena?

R: If you wanted to give me a label or if I wanted to give myself a label and identity with a particular classification, I'd say that I'm a democratic socialist. I feel that there is a degree of social injustice and I recognize the need for a change. I'm not politically affiliated, I'm not a member of any political party, because I have a difficult time with party politics...If you could call humanism politics, then I'm a humanist. I believe that "what we wish for ourselves, we would wish for all people"...I also believe that the system has to be changed in order to satisfy those things [basic needs for all] and...I think the individual, not the system, has to change, that their perspective or outlook on life has to change for the system to change. Instead we allow ourselves to be manipulated or influenced by that system, even though the system does not represent our best interests..

I: Were you influenced by your parents' beliefs?

R: As a child I don't think my parents' political beliefs had that much of an influence. I don't think that they were political enough for it to have an influence. To get into classifying my parents in any political sphere, it would have to be conservative, just sort of middle of the road, not ultra right-wing. My political beliefs really weren't developed until the past few years as I matured. In high school and that sort of thing I was political for the sake of being political. I've been in demonstrations too. I was involved in the pro-abortion movement in Saskatchewan. I guess I do consider myself a feminist even though I was born a male and unfortunately I have to live with the fact that I am a male and I have been raised with these male values and male attitudes, so I don't always maintain probably a true feminist perspective, but I certainly respect the concept of feminism and try as much as possible to abide by..or recognize what feminism is about.

Comments

A. Although this is a rather brief fragment, there is evidence here for both exploration and commitment, in the form of family discussion. However, there is not much rationale provided spontaneously or asked for by the interviewer. Nevertheless, the minimal criteria for an IA scoring are met.

B. Again, there is not much ideology presented, but there is evidence for differentiation from parents as well as some commitment.

C. C. provides an unusually full description of his political beliefs. One has the sense that he could have gone on at some length. This kind of thoughtfulness is, unfortunately, rather rare.

Sex Role Attitudes

At some times and in some cultures, this area, as an indicator of identity construction, would be useless because the role requirements of gender would be so clearly defined and hedged around with social sanctions that there would be no room for individual choice. However, at this time in Western culture, for various economic, technological, and social reasons, gender does not necessarily define role. Hence, this area meets the twin criteria for an identity status domain: it is important to the individual and there is room for choice and variability in resolution.

Both sex roles and the next area of sexuality constitute the sexual-interpersonal area of the identity interview. At this stage in the life cycle, late adolescence, one is dealing with sex roles and sexuality not in terms of defining oneself as a male or female (that should have gotten done in early and middle adolescence), but in terms of what social meaning masculinity and femininity have, and how this applies personally, as well as the personal meaning of one's own sexual expression and how this will be dealt with socially.

There is a conceptual danger, here, of overlap in content with the next psychosocial stage of intimacy-isolation. It is important to keep the focus on identity. Some overlap with intimacy is unavoidable, just as some overlap with the preceding stage, industry-inferiority, is unavoidable. In fact, the theory itself postulates the presence of all stages at every age, and a particular reliance of adjacent stages upon each other. The differentiation to be made between late adolescent identity formation in the sexual-interpersonal area and intimacy development at early adulthood is as follows. Identity issues are couched in terms of the individual's construction for him/herself of a set of attitudes, a personal theory,

that defines him/herself with respect to the sexual interpersonal area, and the degree of commitment of those beliefs. Intimacy, by contrast, is assessed in terms of the actual nature of the relationships the individual establishes; e.g., the depth and breadth of mutual self-disclosure, range of emotional expression within the relationship, etc.

In terms of sex role attitudes in general, what the identity status interviewer is looking for are indications that the individual has thought about the social consequences of gender and has made an ideological and behavioral commitment to this self-constructed set of beliefs. The content of those beliefs - traditionally masculine or feminine or androgynous - is not important. What is important for identity achievement is that the person has given thought to alternatives, some behavioral expression to those alternatives, and is committed to a current position. Hence, hypothetically, one could come from a family espousing a "liberal" androgynous sex role position, become traditionally masculine, and, if this were the result of thoughtful consideration of alternatives, be judged as Identity Achievement.

Identity Diffusion

There are at least two levels of Diffusion in sex roles. The first is a kind of pathological lack of differentiation of both gender and role that suggests delayed psychosexual development and an essentially narcissistic position. There is limited differentiation within the self, between the self and others, and among others. Other people exist as objects for one's own gratification and almost anyone will do; individuals are interchangeable. This is a level of pathology that one rarely finds in identity status interviews. The interview does not "pull" this kind of material and these individuals are not numerous in the general population. The level of Diffusion that one is more likely to find is the unreflective individual who is so preoccupied with day-to-day psychological survival that he/she cannot afford the luxury of introspection. With these individuals, the question: "What does it mean to you to be a woman (man)?" usually just draws a blank. One senses that what is going on in this person's mind is an internal dialogue similar to the following: "What does he(she) mean, what does it mean? That's just what I am. Everybody knows that. What's he/she really trying to get at? I wish this whole thing were over."

Diffusions have difficulty answering the questions because they have not thought much about them: they have usually permitted themselves to be defined as externally as possible. Hence, if they are a given gender, and if people tell them that is how they are supposed to act, that is what they will do. Because it is a current topic of concern, respondents often feel as if they should have some thoughts on this issue, and they will usually come up with something. However, it is up to the interviewer to probe both the origins and depth of their convictions as well as their commitment to them.

Examples:

A. (female)

I: Have you thought much about sex roles and [your] femininity?

R: Not at all...because I've never found it an issue for myself. I don't like to see women being discriminated against, and when I go to get a summer job if I'm getting \$10/hour whereas a guy can go out and get \$15 or 16 [for the same job]...that's frustrating...that would where I would be inclined to stand up and say something. But other than that, I don't think sex roles is a big issue. It could change but it doesn't affect what I do that much.

I: Where do you think the behavioral differences between males and females came from?

R: Maybe their [due to] schooling. When I went to school, girls tended to take more pride in their essays and the guys were looking forward to the soccer game and lunch...guys do as well [academically] but I'm not sure it's to the same degree.

I: If you had children, a boy and a girl, what kinds of differences would you expose them to?

R: As far as sports, they could both get involved in

sports. I'd expose them to it but not thrust them into it, the difference being what they take to.. just let them know that what one can do the other can do. I wouldn't buy my son a doll [though] I remember I got one when I was really young and I was just at a loss. It just wasn't in sync with the rest of my development. It just doesn't jive with me; partly because it doesn't seem masculine.

I: Would you give a girl trucks?

R: I don't know. I think it's more to do with the people around you than the objects you're involved with..objects like a doll for a girl or a boy isn't a big concern. I'd rather see them both in swimming.

C. (male)

I: What characteristics do you associate masculinity?

R: That's an issue that I really haven't paid much attention to. Maybe idealistically and morally if I ever get married I'd like to have an equal person-to-person relationship, not woman-man relationship in the manner of "I'm man; I'm boss". I'd like to spread the work around evenly. That's maybe more idealistic than realistic, but that's the way I feel right now.

I: Do you see that there are any psychological differences between men and women?

R: That's hard. We've been trying to discuss that in courses. It depends on how you look at it. In some manner, probably....the subject of emotionality, in some way there are differences but that could be as much environmental as built in..women are probably more emotional. However, I know men that are just as emotional and are willing to make decisions on that emotional basis, which is attributed to women a lot.

I: Any other differences?

R: I wouldn't think so, other than physical differences.

I: How did these ideas about sex roles evolve?

R: It's more personal or maybe something that I don't like that I see at home where there is, I believe, [an inequality between my mom and dad]..plus the cultural change that's gone on in the last 15 years. I know people that live together and they treat each other as equals; the guy washes and cleans half the time and the woman washes and cleans half the time.

Comments:

A. The only issue that concerns A. is that of direct self-interest; beyond equal pay for equal work, she has not thought much about the issue, nor does she care.

B. At first B. sounds fairly androgynous in his child-rearing plans; however, he soon disconfirms this - to the point that one is uncertain about what he does think. "I'd rather see them both in swimming." is a typically non-committal, though possibly charming, Diffusion response.

C. While C. shows some possibility for eventual resolution of this issue, aside from equal sharing of the workload (an apparent self-interest concern), he has not thought much about it. One has the feeling that someone else is going to decide the matter for him.

Foreclosure

Foreclosures do not want this particular boat rocked - perhaps less than any other. From our research findings (see Chapter 2) we have some reason to suspect an oedipal origin for identity foreclosure, and to the extent that sex roles are learned during this early period, one can surmise that the importance of being really masculine or really feminine - or,

conceivably, really adrogynous - is more important to the Foreclosure than to the other statuses. There is a possibility that sex role attitudes are the bedrock upon which Foreclosure identities in the other domains rest since they are so closely tied to parental identification at an early age. Whether this is accurate or not, Foreclosures present a picture of unreflective certainty and commitment in this area particularly.

Examples:

A. (female)

- I: Where do you think your bias toward fairly structural sex roles come from?
- R: My parents have always stressed-not pressuring-but influencing, modelling along the way that [girls] don't walk with big steps, for instance; you walk with smaller steps because this is the way you should be.
- I: How would you describe your parents in terms of sex roles? Do you think they're fairly conservative?
- R: Yeah, I do think they're traditional. My parents are comfortable in their [traditional] roles [although] I think it's more of a partnership - I don't think it's male or female dominated.
- I: How do you think your ideas on sex roles have changed, if at all, since you were younger?
- R: I'm able to accept other people's behavior that I wouldn't consider right but...knowing that different things are for different people and that if we're all the same it wouldn't be right and that they probably think by behavior is "off the wall"...
- I: Do you feel fairly comfortable and do you feel quite stable about the views you have right now about yourself in relation to sex roles?
- R: Yeah, I don't foresee any major changes.

B. (male)

- I: What characteristics do you associate with masculinity?
- R: Probably more of the athletic type person. And intelligence. I feel if you're a strong, intellectual male then you're masculine.
- I: What kind of characteristics do you associate with being feminine?
- R: Well, those are kind of changing. First you can think they're sort of delicate sense. And now I would say they're more opinionated and take a dependent type of role. The male is the one that supports the family and the female is supposed to be one that takes care of the house [from conditioning]. But if I got married I wouldn't really mind if my wife worked. But if we got kids, it would be time for her to stop working. So in that particular sense, he would dominate and control, but she would have the say and when it came down to taking care of the family she would do it.
- I: Would you bring up a male child and female child differently?
- R: I would probably raise a son more than I would a daughter..cause I wouldn't know what a female is supposed to be doing.. I'd probably look after the son more than I would the daughter.
- I: Where do you think your ideas about this came from?
- R: I don't know. No one has ever told me. Something I probably grew up with.

C. (female)

- I: I'd like to find out something about how you feel about sex roles. What characteristics do you associate with female.
- R: I guess the sex role of women is just as a housewife. That is very important...they can still go out to work but they should put more emphasis on housework and family after marriage. It has something to do with my religious beliefs; it's mentioned in the bible. It doesn't mean that women are not that capable but I feel that their role is as a housewife and that a man should go out [and work]. I don't have a husband now but in the future if I have my own family I think I would give up my achievements...maybe I will work part-time but I think my husband's achievements [would be] more important than mine... the final goal of women is [a] family; that's my bias.
- I: If you had a son and a daughter would you treat them differently?

R: They should receive equal education. I won't force a daughter to learn cooking [unless she wants to].... but if I have sons I want them to learn cooking and to care for themselves. But I want my daughter to do the proper things.

D. (male)

I: If you had kids, would you make any special efforts to bring them up in a particular way?

R: Ya, I would...I'd like them to be brought up in a stereotyped way as far as boys being masculine & girls being feminine...I just think that should be the way. I don't know why, but it just seems to make sense.

I: Do your parents conform to that stereotypical pattern?

R: Ya, for sure...well my dad - we played hockey when I was six, and soccer and football and baseball. Hey, I hated them all. But I'm still, you know, I mean I never like guys that played piano and ballet and stuff. I have no respect for them, even though I didn't particularly like playing football or soccer or whatever...But I liked to fit into that sort of - so I could look down on people playing music and dancing and that sort of thing.

Comments:

A. While A. has learned to "tolerate" other people's behavior, she reflects fairly directly her parents' prescriptions for her: "walking with small steps."

B. B. is also trying to learn to be "tolerant"; however, one suspects that he has a fairly strong commitment to traditional masculinity, and, more importantly, that he cannot locate the source of his ideas as arising from himself. He just "grew up with [them]."

C. Is this a Foreclosure response? If one goes by one's likely bias as a social scientist, yes. The response is traditional, narrow, and strongly held. However, what is missing in this fragment is any statement about the origin of the ideas. Unless one has evidence that the person has adopted their ideas and not constructed them for themselves, one cannot call them Foreclosure on the basis of content alone. Since we have no information in this fragment about the process of commitment formation, we cannot score it.

D. The poignancy of this response requires no further comment.

Moratorium

As with the other domains, one finds Moratoriums to be in the middle of attempts to resolve this issue. Usually, they are in a relationship or situation that precipitates their immediate concern. Probably more androgyny is expressed during this period than will be apparent after the Moratorium moves into Identity Achievement. One may also find a great deal of experimentation among Moratoriums, trying one form and then the other before finding what suits them best. Again, the Moratorium is characterized by his/her searching quality.

Examples:

A. (female)

I: Do you think your parents see femininity the same way you do?

R: I think so, I know my Dad has always wanted me to be his little girl, with little pigtails and the little skirts and stuff. And I guess my Mom has wanted to see me that way too. I think my Mom has influenced me a lot in a way, and I think my Dad has too. Cause my Mom, when I look at her, I just want to slap her around, because she's really feminine, but the thing is when it comes to business she's just a wimp. She can't handle it. That's where I'm like her to a certain extent, but I'm also like my Dad. Like I can stand up for myself, I won't take it sitting down like my mother does - she lets people walk all over her. And it's not good...She's just always been the lady that's been taken care of...which I think is one trait of femininity from way back. Cause I guess women have always been sort of taken care of...But now it's sort of changing...You can still be feminine but you can stand up for your rights.

I: What if you had daughters of your own?

R: If I had daughters of my own, I'd probably treat them differently from my parents. I'd make them more independent. Because I'm still totally dependent on my parents. Like I'd like to - like I had some friends that as soon as they graduated, they moved out, had jobs and I couldn't do that. Well I guess I'm still too attached to home and stuff...[With a boy and girl] I wouldn't have a double standard. Like my parents do have a double standard. Like I have a brother that's sixteen, but he's allowed to do things at 16 that I never was. He's allowed to do things now that I'm still not allowed to do...I don't know. That's so hard to say. It's like I don't want to have the typical little girl that does the housework and the boy that plays with his trucks. It's not fair.

B. (female)

I: Have you always had these attitudes, in terms of your ideas of men and women being basically equal?

R: No, no, not at all. I was brought up really paternalistically, authoratative and I then found

out about women's lib and I thought "Hey, that's really neat. I like that."

I: When did you find out about that?

R: Oh, as I grew older I had contradicting views because I had my parents doing one thing whereas in the world around me I saw something else happening. I saw women's lib emerging and in that sense it's been two-fold. I tend to reject my parents' views in that sense.

I: Is that a gradual thing? Is it still changing?

R: Yeah, it is, because I'm finding that the things I believed in the past now I think they're wrong or I was misled to believe certain things and things have turned over.

I: Do you feel like you've figured it out?

R: Not really, no. There's still some things I have to figure out.

I: Is it of major concern?

R: No, it's just a gradual assimilation of knowledge...I feel sorry for people who are [stuck in my hometown] cause they're not growing up, they're growing old.

I: You said tht you're still sort of sorting out questions [about sex roles] or are you pretty set?

R: The reason I said, just now when you were asking me about how do I classify feminine and masculine, I thought "What a contradiction within my own mind" because I was labelling femininity with all the stereotypes; the same with masculinity. I hadn't thought about it until that very moment, that you asked me, so I have to think about that now!

I: Has it not really been a major issue then?

R: yeah it's been ...another minor aspect but there's nothing really [about it] that overtakes my whole mind. It's important but it's not really, really important.

What is really, really important?

R: Generally the whole aspect of everything, about going through all these processes right now of growing up still. Learning all kinds of new things and each one of them involves all these things that we've discussed. I'm just basically starting out...because I'm on my own for the first time and I'm learning all sorts of things every day; I learn so many new things. How to deal with life and how to survive and how to learn new skills and techniques and all kinds of stuff like that. I love it; it's great; I'm so glad that I came here .*

Comments:

A. A. is a young Moratorium who seems to be just emerging from a Foreclosure position. She is still dealing with individuation issues and appears to be struggling as much to separate herself, physically and economically from her family as she is trying to differentiate herself psychologically. What is important is that she is struggling.

B. B. is in the middle of an exploratory process that concerns her whole life; sex roles is just a part of it, and, right now, not a crucial part. However, when the interviewer brings up the topic, it immediately becomes grist for the Moratorium mill. What is striking about this interview fragment is the insight it provides into the exploratory process itself.

Identity Achievement

Identity Achievements may be somewhat less clear in this area than in the others. To some extent, the sex role one plays depends not just upon what one believes for oneself, but also upon other members of the cast; committed behavior in this area necessarily involves close interaction with others who are likely to differ from oneself. Hence, some continuous modification of ideas and behavior may be expected. One cannot pursue relationships in the same directed

way in which one pursues occupational goals. Occupations hold still, people do not. Therefore, what one looks for in an identity interview is the presence of an exploratory period, some defined ideas, and some behavioral commitment.

Examples:

A. (female)

I: Do you ever find yourself being self-conscious of your femininity insofar as you feel uncomfortable about what you're doing because it doesn't look particularly feminine?

R: No, I've never felt that way. I've actually been proud of a lot of the things I've done. Like there's two of us who back-packed through Mexico and Guatemala and when people said "Listen, you're girls. You can't do this", we said "well, we're going to do it anyway" and we did it. We had a great time; no problems at all and for me that was something like "Hey, we've done this. Males have done this so why can't females? That made me feel good because we broke loose out of that idea.

I: How settled and how clear do you feel about sex roles and yourself?

R: There's leeway, probably. I'm not strict in my roles other than what I want. I'm not a strong feminist by any means. I just go for the goals that I want...and roles don't make any difference that way. There [may be] more of a difference in my personal where I'm not a dominant person.

B. (male)

I: Was there any time in your life when your ideas in this area changed?

R: I always knew that I wasn't the same as most of the people back home. It was a very redneck area. But my biggest change would be when I started working full time with teenagers. The people that I met started introducing me to ways of thinking that were outside a northern Alberta community. And

reading books and talking...and I started seeing people whose household weren't set up in the traditional method.

I: Do you feel pretty stable in your ideas about femininity and masculinity?

R: I think it's fairly stable. My treatment of people and my attitudes towards people hasn't really changed that much over the years and I don't think it really will. It's just my understanding of it has developed.

C. (female)

I: How do you think being female has made a difference in the things that you've been able to do in your life or have done in your life?

R: Well for a while when I was a teenager I used to be really upset that I was a female, because every man just wanted to get me pregnant - that used to get me so upset. Now, I feel good that I am a woman. I was always, no matter what, I used to be more shy and more scared. I used to respect men. And then I went to university and I used to be this pretty woman and I wanted to be nice & beautiful - wear a lot of makeup and things like that. But then I joined this organization - once I became politically involved and more aware and more conscious - not conscious of women's drawbacks so much as differences between classes - changed. I was around men all the time. They used to tease me every time I put lipstick on...used to say "Who are you trying to impress?" so because of that environment I began to change. And they used to come and tell me their problems: I saw men as they really are, you know. They are humans as we are.

Comments:

A. There is no question that A. has put herself into an exploratory situation. The question is, how committed is she to a defined set of beliefs? We do not have much information on that from this fragment; and her parting comment about not being dominant in

personal relationships has the ring of unfinished business. However, the overtone comes across as more definitive than the typical struggling Moratorium. A scoring of I A.M. can be given here.

B. Although we do not have much information in this fragment about the actual content of beliefs, both a differentiation from the past and a sense of continuity with it are clear. As with the Moratorium process exemplified in the previous section, one has a sense of an Achievement process having been undergone here.

C. Contrast C. with the Foreclosure women discussed previously. That she was even open to joining an apparently feminist political organization is somewhat remarkable given the power she likely wielded with her physical attractiveness and her "respect" for men. Although "they(men) are humans as we are" does not exactly constitute an elaborated ideology, the entire fragment illustrates an identity formation process. Whether or not C. has "arrived", in an Achieved sense, one cannot tell for certain; perhaps the most accurate scoring would be IA(M).

Sexuality

No one expects a twenty year old man or woman to have had sufficient experience with their sexuality to

have achieved a final identity in this area, any more than one expects the same person to have had sufficient experience in the work world to have arrived at a final occupational identity, or in societal participation to have a final ideological identity. However, the expectation with respect to sexuality, as with the other domains, is that the individual will have enough sexual experience, actual or vicarious, and will have reflected sufficiently on that experience, to formulate an initial set of values and to make some initial commitments consistent with these values.

Again, the content of the commitments is not important. Celibacy, exclusively, pre-marital chastity, sexual freedom - all can be the content of any of the identity statuses. One may be celibate by default; for example, an isolated Diffusion. One may be sexually "free" having foreclosed on similar parental values. While these are not frequent outcomes, they are possible ones and the identity status interviewer must make a sufficient separation between content and process, and between their own values and their ratings of respondents, to allow for even unlikely possibilities.

This area was placed last in the interview because of its delicacy for some subjects. It was hoped that

by this point in the interview, sufficient rapport would have been established to put respondents at ease. Thus far, very few subjects have taken offense at the sexuality questions. Of course, if a subject does feel intruded upon, the interviewer should cease questioning. Conceivably, even an Identity Achievement subject might balk at answering these questions; however, he/she would have a coherent and thoughtful rational for doing so.

What is being asked here is whether or not an individual has a self-constructed set of values concerning the sexual sharing of their body in a relationship with another person, and whether or not they act consistently upon this set of values.

Identity Diffusion

Diffusion women tend to be vague about values in this area. Diffusion men tend to have a sort of "nudge-nudge-wink-wink" attitude, out for what they can "get" - without hurting anyone, of course. Both men and women seem not to take either their own sexuality or the relationship with the other person seriously. Frequently, one hears cliches from Diffusions: "You should respect the person."; "You should be in love."; "You should wait until you get married.". However, when pressed to give a rationale for any of these

statements, one usually hears just a repetition, in different words, of the same cliché.

Examples:

A. (female)

I: When do you think sex is okay and when is it not?

R: I would say after marriage.

I: Why do you think you should wait until after marriage?

R: I guess to maintain your self respect.

I: Are your views pretty similar to those of your parents?

R: Ya, but they could change. I might have different views later on.. it depends what kind of relationship you [sic] have.

B. (male)

I: When do you think sexual involvements is okay?

R: I - for myself- it's okay by me. But I imagine if I had children I wouldn't feel that way. If you find someone you really care about or whatever sure. I don't know - I don't really...I guess I don't find anything wrong with it as long as they're [i.e., children] not being silly about it.

I: Where do you think your ideas come from?

R: I really have no idea. I really wouldn't know. I used to talk to my brothers a lot, we joked around - but that's more now, not when I was younger. I really don't know where the influence came from. It's something that's always been there, you know and I really don't know where it evolved from.

I: How likely do you think you are to change your views in the future?

R: Maybe when I have children - I can imagine that affecting me. You know, I wouldn't want to run any risk of my daughter, or whatever...I don't know if I will have children. But if I did have children I think that would be that could change my views.

I: What about if you got married? Would that place restraints on your sexual behavior?

R: It would very definately. I believe in the old one woman system supposedly. Although who knows when I'm married - you know, again I could become just as sexually promiscuous as ever.

C. (female)

- I: When is it okay to get sexually involved and when isn't it?
- R: I think it's okay once you've gotten into a relationship where it's a serious relationship and you're committed to one another and you're in love with that person. And I don't feel it's right when - it could be a deep friendship or something like that or even just a casual thing - I don't think it's right.
- I: How does that apply to your own behavior?
- R: For myself, I don't feel ready to get involved sexually. And I don't know if I'll wait 'till I get married and I don't know if I'll just wait 'till we got get further involved. I'm not sure. I'll just have to wait. Because you may lose something when you're married if you have sex before your're married.
- I: Why do you think your views aren't as definite as those of your parents?
- R: I don't know, I guess it's the way society is now. Everybody's saying that it's okay and I've had a few friends that have had sex and didn't have good relationships to start with. And I've had friends that haven't had sex and had good relationships and now it's over and they should have had. So it's kind of...
- I: What do you think the chances are that you will get sexually involved without being married?
- R: Right now I don't think they're very high but I'm not sure.

D. (male)

- I: Do you have any roles or ideas about when sex is okay?
- R: Well these days you just bugger around and get to know the person. But that's generally somewhat of how I see relationships start anyway. You know, just right with a girl and if you like her you come back and stuff like that. I think that's about how it ended up with me too. I don't know. What was the question again?

Comments:

A. This is an example of the lack of responsiveness, assumed to indicate a lack of

thoughtfulness, of some Diffusions. Sometimes when reading interview fragments such as this, one thinks that if the interviewer would only question more, more material would be forthcoming. However, with most Diffusions, that is not the case. Pressing only reveals emptiness, and that quickly becomes uncomfortable for both the interviewer and respondent. Respondents may be taciturn because that is their nature and questioning is required to "bring them out". However, especially with Diffusions, respondents are taciturn because they have nothing to say.

B. It appears that it will be the responsibility of this man's children to define his sexual values for him. And when he says "very definately" one has no faith at all in the meaning of those words, given what follows immediately after thereafter.

C. This person seems rather phobic of her own sexuality and would prefer to avoid the issue. Having stated her initial cliché about love, she spends the rest of this interview fragment backpedalling and equivocating.

D. There is nothing to add to this clearly Diffuse statement.

Foreclosure

Foreclosures, in this domain as in othe others, are quite certain of their beliefs and values, even in the absence of direct experience. The experience that is the most relevant for the Foreclosure is not their present experience in the external world, but their previous experience within their family setting. They then tend to seek current external experiences within that limits that were learned from that earlier setting; hence, even their non-familial experiences tend to validate their familial ones.

Sexuality, because of its ambiguousness and "tempting" nature, is particularly threatening for Foreclosures who generally prefer order and "high moral standards". Hence, one finds Foreclosures becoming especially defensively dogmatic in this area - rigidly certain about right and wrong. One also has the sense that the Foreclosure will constrict his/her experience in such a way as to validate, or at least not invalidate, his/her foreclosed beliefs. Again, it shoud be borne in mind that "constriction of experience" does not mean constriction of the number of sexual encounters. Rather it means avoidance of situations in which one's preconceived ideas might be disconfirmed. Hence, a man with a double standard may have many sexual encounters, but he will avoid sexual

relationships with a woman with whom he might find that standard challenged.

Examples:

A. (male)

I: What are your attitudes concerning sexual intercourse? When do you think it's okay?

R: Well the way I've been raised, that's after marriage. That's from my religious background. Since I was one year old, I was raised that way, so that's the way I feel about it.

B. (female)

I: When do you think sexual involvement is okay for you?

R: I was married a virgin and I've never had any extramarital affairs and I doubt I ever would - at least I can't perceive it at this time..I don't believe, like some people do, that when you're out of sync with your mate it's okay to go off and have affairs. It's up to you to resolve that and remain loyal: that's why you got married in the first place.

I: What about your parents?

R: They've been married for 32 years and neither of them have had extramarital affairs and neither of them had sex before they were married. So, to that extent I am very similar to my parents.

I: How do you think they would have reacted if you had chosen not to follow that pattern?

R: They would have been hurt, very hurt, very disappointed.

C. (male)

I: Do you have any particular beliefs about when it's right for people to be sexually involved?

R: I don't know why I feel this way, but I think guys should be able to do whatever they want to, as much as they want to. And girls should only do it if they're involved in a relationship whereas I don't really mind, but I really don't have that much respect for - I don't know why, but I can't respect a girl who is sexually permissive. And I've always felt that way. I know it's strange, but I felt

that.

I: Do your parents have a similar sort of position or have you ever talked to them about it?

R: Well since I don't have any sisters, it's never really come up about girls. But I've always - I mean my parents offered to buy me contraceptives when I was fifteen.

Comments: These persons differ in terms of gender and life experience yet all share in common a belief about sexuality to which they are committed, and these beliefs reflect directly the precepts of their parents. Although they are all older than eighteen, one might have obtained similar responses from them when they were ten years old.

Moratorium

Moratoriums' attempts to resolve this issue usually involve fairly high levels of sexual activity. It is difficult to find out about one's sexuality without being sexual. In addition, Moratoriums' intensity and enthusiasm make them attractive to others. One often finds Moratoriums vacillating between extreme views on sexuality, from permissiveness to celibacy. Regardless of the particular content being dealt with, what is most central in scoring the individual as Moratorium is evidence for a genuine attempt at achieving a resolution.

Examples:

A. (female)

- I: When do you think it's alright to have sexual involvement, and when is it not?
- R: When I was 15 there were girls [that age] having sexual relations and I used to feel that there was something wrong with me that I wasn't. However, I still feel that's too young and I'm glad that I didn't because maybe it would have become something other than what it is, to me. It's a release of a drive, I suppose, but I like to think that there's a little more to it and maybe that's my upbringing. I don't know. At 15 I don't think you've developed enough emotionally to understand what you're doing.
- I: Have your views on this changed, say in the last 5 years?
- R: Yes. There's a lot of peer pressure when you're younger to have indiscriminate sexual activity and I thought that long term involvement wasn't important [as a criterion for sexual involvement] but maybe it was actually. I feel that I do think differently now but that's probably cause I'm firmly committed to someone now and I'd never have sex with anybody else.

B. (female)

- I: How did you come to have the views that you hold now about premarital sex?
- R: It was definitely on my own. You're brought up a certain way but it was a decision [to have premarital sex] that I made and no one else did at the time.
- I: Was it difficult for you to sort that out?
- R: Well, being 17 and rebelling against your parents isn't too hard. My parent's opinion didn't really worry me..but it's really hard getting comfortable [with premarital sex] 'cause you're always worrying that "maybe I'm doing too much" or "maybe I'm not sure."
- I: Do you still feel unsure about whether you should be more easy about it or whether you should be the opposite.
- R: I'd like to say I'm not worried at all. I don't really worry about it... at this point in my life I think I've made the right decision.

Comments:

A. This interview fragment shows thoughtfulness about the issue of sexuality, but not much resolution. The comment about my "upbringing", in addition to the respondent's current committed relationship, suggests the possibility of a Foreclosure element. In the absence of more information, the score should be M(F).

B. This respondent has departed from the parental position, but has not clearly arrived at one of her own. Likely, further experience will help her to resolve the issue of "maybe too much" and "not sure".

Identity Achievement

Identity Achievements in this area tend to be people who have paid their sexual-interpersonal dues, in some form or another, and, based upon their own experiences, have made commitments to certain beliefs in this area. They tend to be more sexually experienced than either Moratoriums or Foreclosures, and, of course, more thoughtful than Diffusions. They are also more likely to be older, on the average, than individuals in the other statuses. One has a sense of solidity and interpersonal maturity about them, a feeling that they could be trusted in a relationship, even if one did not agree with their position.

Examples:

A. (female)

I: Under what conditions do you think sexual involvement is okay and when is it not okay?

R: I think when you're old enough to know what's going on, when you know exactly what the consequences are...if you're responsible about it and you're not jumping into bed with anyone, and [have] been seeing the same man for some time...then I think it's fine.

I: How do you relate these ideas to yourself? Does this apply to what you do?

R: Yes...when I was a bit younger, I didn't understand how relationships work and it wasn't until I actually got into a serious relationship that I actually thought seriously about it and understood what was going on.

I: What did you learn from the relationship?

R: I [used to think] that women should get married [before they get sexually involved] but that changed after my own experience.

I: How do your parents feel about this issue?

R: They say that it's wrong to have sexual relations before you're married, but they know that people today don't really believe that.

I: You've had discussions with them about this issue?

R: Yeah. They believe that it's wrong before marriage, but they accept the fact that 9 times out of 10 it happens....

B. (female)

I: Do you have a particular belief, or principles, about people who get sexually involved?

R: I don't believe in having a relationship with someone who is married, but then again circumstances could be different. But if you are married or having a relationship with someone else who is married...that is not the best possible way to conduct things, depending on circumstances.

I: Have you been in the position where you've had to make that decision, or, at this point, is it more theoretical?

R: I have been in the position; I made the wrong decision and it came back at me, so I think that's where that comes from.

I: Did you change how you felt about [extra-marital sex] as a result of that?

R: I think so, yeah...before I really didn't really have any thought one way or another about sexuality. I was just sort of "Hey, it's fun"; I'd

never really brought it down to a personal level of human relationships....I was very naive and I think that's what it was....I just didn't realize what was going on with all these things....my position now is that it's not a good idea to involved with people who are involved already in longstanding relationships.

I: Is that related to [an extra-marital relationship that] happened to you?

R: Yes.

Comments: Both of these respondents had changed their views of sexuality on the basis of their experiences. B. has somewhat of a Moratorium quality in that she defines herself more in terms of what she will not do, rather than in terms of what her general values are. Hence, she should be scored IA(M) of what her general values are. Hence, she should be scored IA(M) top in the absence of more information.

ANEXO II

ENTREVISTA E CRITÉRIOS DE COTAÇÃO

DOS

NÍVEIS DE MATURIDADE RELACIONAL

(K. WHITE, J.SPEISMAN, D.COSTOS, D.JACKSON E S. BARTIS, 1989)

Boston University

Department of Psychology
64 Cummington Street
Boston, Massachusetts 02215



June 1, 1993

Cláudia Constante Carvalho, Psychologist
R. Francº Sanches, 10 - 5º dtº
1100 Lisboa
Lisbon
PORTUGAL

Dear Ms. Carvalho:

I am enclosing a copy of the Intimacy Scoring Manual (July 1989 version) by Professor Kathleen M. White and the scoring manual team in the Department of Psychology at Boston University. This manual contains the interviews you requested in your letter of May 26, 1993.

Prof. White will be most happy to have you translate the interviews into Portugese and use it in your work.

She wishes you success in your pursuit of your masters degree.

Sincerely yours,

Marcia Johnston

Secretary to Prof. Kathleen Malley White

ENTREVISTA DA INTIMIDADE

CONSIGNE

Básicamente estamos interessados em saber um pouco mais acerca das relações de proximidade que as pessoas têm com membros do seu sexo e do sexo oposto.

Vamos começar com o relacionamento que você considera ser o seu relacionamento mais próximo/ de maior proximidade.

Quem seria esta pessoa?

INSTRUÇÕES

CONFORME A RESPOSTA COMEÇAR POR:

I PARTE - RELACIONAMENTO INTIMO (solteiro ou casado)

OU

II PARTE -RELACIONAMENTO DE AMIZADE

A ordem das entrevistas segue a prioridade dada pelo entrevistado.

Ex: Se o entrevistado responde que a pessoa mais importante é o/a namorado/a ou marido/mulher, fazer primeiro a Parte I e depois a Parte II

Ex: Se o entrevistado responde que a pessoa mais importante é um amigo/amiga, começar pela parte II e depois tentar averiguar se há algum relacionamento de intimidade - parte I.

Se não houver, utilizar a SECÇÃO B, para averiguar acerca das amizades com o mesmo sexo e com o sexo oposto

Ex: Se o entrevistado responder que a pessoa mais importante é o pai, mãe ou outra pessoa que não seja do seu grupo etário, pedir para pensar em outra pessoa, que seja um par.

NOTA: NO FINAL DA ENTREVISTA VERIFICAR SE FOI OBTIDA INFORMAÇÃO PARA OS RELACIONAMENTOS DE PROXIMIDADE COM PARES DE AMBOS OS SEXOS

ÍNDICE

PORTE I - RELACIONAMENTO INTIMO

SUJEITOS CASADOS

SUJEITOS SOLTEIROS

PORTE II - RELACIONAMENTO DE AMIZADE

I PARTE

RELACIONAMENTO ÍNTIMO

(Sujeitos casados ou vivendo com um companheiro(a))

- Há quanto tempo estão próximos
- Descreveria brevemente essa pessoa?
- Como é que ela é?
- Qual é a visão que ela tem de si?
- Que tipo de actividades é que fazem juntos, ou seja como é que passam o tempo quando estão juntos?
- Que tipo de actividades realizam em separado? (Você e ela)
 - Como é que se sente quando a sua mulher (namorada) realiza actividades sem si? Porquê
 - Como é que a sua mulher (namorada) se sente quando você realiza actividades sem ela? Porquê?
 - Fica incomodado quando a sua mulher (namorada) se envolve em novas actividades ou interesses? Porquê?
 - A sua mulher (namorada) importa-se quando você se envolve em novas actividades ou interesses? Porquê?
- Que tipo de assuntos é que vocês habitualmente conversam quando estão juntos? Ex (Vocês partilham preocupações e problemas? Ex)
- Conversa acerca do seu relacionamento com outra(s) pessoa(s)? De que assuntos referentes à relação é que fala? Ex
- Partilha problemas ou divergências no contexto da relação? Ex
(Se o sujeito diz que não têm problemas usar as questões opcionais)
 - Como lidam com os problemas ou divergências? Porquê dessa forma?
 - Quem inicia habitualmente esforços no sentido de lidar com estes problemas? Se desigual, porquê?
 - Como é que reage quando ela levanta problemas ou preocupações acerca da vossa relação? Porquê?
 - Como é que ela reage quando você levanta problemas ou preocupações acerca da vossa relação? Porquê?
- Existem mais formas através das quais ela poderia abrir-se mais consigo?
- Existem mais formas através das quais você poderia abrir-se mais com ela?

QUESTÕES OPCIONAIS - Para a secção acima - revelação e comunicação.

- As pessoas às vezes irritam-se mutuamente. Há alguma coisa Na sua mulher (namorada) que você não gosta? Discutiu isso com ela? Como?
- Há alguma coisa em si que irrita a sua mulher (namorada)? Ela exprimiu-lhe esse desagrado?
- Como reage quando a sua mulher (namorada) comenta ou dá feed-back. Porquê?
- Alguma vez vocês tiveram discussões? Como é que elas começam habitualmente? Como é que vocês lidam com essas diferenças?
- De que formas você mostra à sua mulher (namorada) que se preocupa/ gosta dela.
 - Ela gostaria que você expressasse a sua preocupação/ carinho de forma diferente?
- De que forma a sua mulher (namorada) mostra que se preocupa/ gosta de si?
 - Você gostaria que ela expressasse a sua preocupação/ carinho de forma diferente?
 - (Vocês fazem coisas um ao outro sem o outro pedir?)
- A sua mulher (namorada) acha que você está tão preocupado com as necessidades dela como com as suas? Se não, porquê?
- No que respeita à vertente sexual da vossa relação você está satisfeito com a forma como as coisas são?
- A sua mulher (namorada) está satisfeita com a vertente sexual do seu relacionamento?
- Como casal, vocês discutem os aspectos sexuais da vossa relação um com o outro?Ex
 - Qual é a frequência dessas discussões?
- Você gostaria que alguma coisa mudasse? Explique.
 - Que pensa dessas mudanças?
- De uma forma geral tem havido algumas mudanças importantes na sua relação sexual?
 - Como reagiu a essas mudanças ?
 - Como é que ela reagiu a essas mudanças?
- No que se refere à sua relação de uma forma geral, algum de vocês mostra mais envolvimento que o outro? Se sim, porquê e qual é a fonte das dificuldades?
- Até que ponto está comprometido na sua relação? E a sua mulher (namorada) ?
 - Alguma vez se sentiu em conflito acerca deste relacionamento?
 - Alguma vez pensou em alternativas à sua relação actual?

- Dado que qualquer relação tem tendência para crescer, como é que poderia contribuir para aumentar a qualidade global do seu relacionamento tal como ele existe actualmente?

A SEGUIR: II PARTE - RELACIONAMENTO DE AMIZADE

II Parte

RELACIONAMENTO DE AMIZADE

A. RELACIONAMENTO COM O MESMO SEXO

- Até agora estivemos a discutir relacionamentos próximos com o sexo oposto. Agora gostaríamos de aprender um pouco mais acerca das relações com o próprio sexo. Há alguém do seu próprio sexo de quem você é particularmente próximo? (Se vários, há alguém que se distinga?)

SE SIM, PASSAR ÀS QUESTÕES DA SECÇÃO B

Se NÃO existe nenhum amigo íntimo perguntar:

- Como são as suas amizades correntes com pessoas do mesmo sexo?
- Teve algum amigo próximo no passado?
- Quais são os seus interesses para o futuro no que se refere a amizades do mesmo sexo?

Nota: (Tentar avaliar porque é que não há amizades próximas actualmente)

Se existe uma amigo(a) íntimo, proceda às seguintes questões:

- O que é particular a esta relação que levou à escolha desta pessoa para ser o seu amigo do seu sexo mais próximo?

B. ESTA SECÇÃO SERVE PARA AVALIAR AS SEGUINTE SITUACÕES:

AMIGO DO MESMO SEXO

AMIGO DO SEXO OPOSTO

PESSOA COM QUEM SE TEM UM RELACIONAMENTO SEXUAL,
(continuação da I PARTE - SUJEITOS SOLTEIROS, e antes das perguntas sobre SEXUALIDADE)

- Há quanto tempo são amigos próximos?
- É capaz de descrever brevemente esta pessoa? Como é que ele/ela é?
- Qual é a visão que ele/ela tem de si?
- Que género de coisas conversam quando estão juntos? ex
(Partilha problemas e preocupações com ele/ela?ex)

- As pessoas algumas vezes irritam-se mutuamente. Há alguma coisa em si que ele/ela não gosta? Ele/ela expressou-lhe esse aspecto? Como é que respondeu?)

- Há alguma maneira através da qual pode ser mais aberto com ele/ela? Ex

Em referencia à amizade com o mesmo sexo ou com o sexo oposto há algumas mudanças que que gostaria de ver na forma como se relaciona com os outros?

I PARTE

RELACIONAMENTO ÍNTIMO

(Sujeitos solteiros ou que não vivem com um companheiro(a))

- Quem seria esta pessoa?
- Há quanto tempo estão próximos
- Descreveria brevemente essa pessoa?
- Como é que ele/ela é?
- Qual é a visão que ele/ela tem de si?
- Que tipo de actividades é que fazem juntos, ou seja como é que passam o tempo quando estão juntos?
- Que tipo de actividades realizam em separado? (Você e ela)
 - Como é que se sente quando ele/ela realiza actividades sem si? Porquê?
 - Como é que ele/ela se sente quando você realiza actividades sem ele/ela? Porquê?
 - (Fica incomodado quando ele/ela se envolve em novas actividades ou interesses? Porquê?)
 - (Ele/ela importa-se quando você se envolve em novas actividades ou interesses? Porquê?)
- Que tipo de assuntos é que vocês habitualmente conversam quando estão juntos? Ex
(Vocês partilham preocupações e problemas? Ex)
- Conversa acerca do seu relacionamento com outra(s) pessoa(s)? De que assuntos referentes à relação é que fala? Ex
- Partilha problemas ou divergências no contexto da relação? Ex
(Se o sujeito diz que não têm problemas usar as questões opcionais)
 - Como lidam com os problemas ou divergências? Porquê dessa forma?
 - Quem inicia habitualmente esforços no sentido de lidar com estes problemas? Se o esforço é desigual, porquê?
 - Como é que reage quando ele/ela levanta problemas ou preocupações acerca da vossa relação? Porquê?
 - Como é que ele/ela reage quando você levanta problemas ou preocupações acerca da vossa relação? Porquê?
- Existem mais formas através das quais você poderia abrir-se mais com ele/ela?
- Existem mais formas através das quais ele/ela poderia abrir-se mais consigo?

QUESTÕES OPCIONAIS - Para a secção acima - revelação e comunicação.

- As pessoas às vezes irritam-se mutuamente. Há alguma coisa no seu amigo(a) que você não gosta? Discutiui isso com ele/ela? Como?
- Há alguma coisa em si que irrita o seu amigo(a)? Ele/ela exprimiu-lhe esse desagrado?
- Como reage quando o seu amigo(a) comenta ou dá feed-back. Porquê?
- Alguma vez vocês tiveram discussões? Como é que elas começam habitualmente? Como é que vocês lidam com essas divergências?
- De que formas você lhe mostra que se preocupa/ gosta dele/a.
 - Ele/ela gostaria que você expressasse a sua preocupação/ carinho de forma diferente?
- De que forma ele/ela mostra que se preocupa/ gosta de si?
 - Você gostaria que ele/ela expressasse a sua preocupação/ carinho de forma diferente?
 - (Você faz coisas por ele/ela sem que ele/ela peça. ou modifica os seus planos para o/a ajudar?)
- O seu amigo/a diria que você está tão preocupado com as necessidades dele/a como com as suas? Se não, porquê?
- No que se refere à sua relação de uma forma geral, e dado que todas as relações têm tendência para crescer, como poderia contribuir para aumentar a qualidade geral do seu relacionamento tal como ele existe actualmente?
- Algum de vocês mostra mais envolvimento na relação do que o outro? Se sim. porquê e qual é a fonte das dificuldades?
- Até que ponto está comprometido na sua relação? E ele/ela?
 - Alguma vez se sentiu em conflito acerca deste relacionamento?
 - Alguma vez pensou em alternativas à sua relação actual?
- Há alguém actualmente com quem está sexualmente envolvido?

NOTA:

Se o envolvimento sexual é com outra pessoa que não a da secção anterior usar as questões da parte II - RELACIONAMENTO DE AMIZADE - SECÇÃO B. antes de passar às questões seguintes

Se é a mesma pessoa da qual esteve a falar continuar com as questões seguintes

- Relativamente ao aspecto sexual do seu relacionamento, está satisfeito pelo modo como as coisas estão?
- Ele/ela está satisfeito com a vertente sexual do seu relacionamento?

- Como casal, vocês discutem a vertente sexual da vossa relação um com o outro?
Ex

- Qual é a frequência dessas discussões?

- Gostaria de que alguma coisa mudasse? Explique

- Como julga que ele/ela veria essas mudanças?

- Ele/ela gostaria que alguma coisa mudasse? Explique

- O que é que pensa dessas mudanças?

- De uma forma geral, tem havido mudanças importantes no vosso relacionamento sexual?

- Como é que reagiu a essas mudanças?

- Como é que ele/ela reagiu?

SEGUE-SE PARTE II - RELACIONAMENTO DE AMIZADE

Para facilitar a cotação das entrevistas por parte do júri, elaborámos uma tradução resumida dos critérios de cotação, que apresentamos, encontrando-se o original a seguir.

CRITÉRIOS DE COTAÇÃO

SINOPSE

TOMADA DE PERSPECTIVA DO OUTRO

Capacidade de perspectivar o ponto de vista do outro. Requer no seu nível mais elevado, um sentido completo do outro como um indivíduo autónomo com motivações complexas.

Está implícito nas questões:

- Descreva o seu companheiro(a)
- Como é que ele/a o/a descreveria a si
- O que é que ele/ela pensa disso
- Porque é que ele/a pensa ou sente dessa forma

Quanto mais tridimensional for a resposta, mais elevada é a cotação do indivíduo.

NÍVEL EGOCÊNTRICO

Pequena ou nenhuma capacidade de tomar a perspectiva do outro "Não consigo descrevê-la"

Julgamento do parceiro como mau ou errado quando este se comporta de forma contraditória aos seus desejos

Sensibilidade à personalidade do outro apenas na medida em que esta afecta o próprio

Incapacidade de ver o mundo pelos olhos do outro

Visão do outro em termos dos seus planos pessoais

"Porque é que ela há-de sair à noite? Eu não saio."

ESTÁDIO 1: Julgamento e auto centrado

NÍVEL FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL

Reconhecimento do direito do parceiro ao seu ponto de vista.

Descrição do parceiro em termos das suas necessidades

"Eu sei que tem sido duro para ela eu estar a trabalhar e a estudar á noite. Ela sente-se como se nunca estivesse comigo"

e do seu papel "É um bom marido, um bom pai", dando o sentimento de uma descrição estereotipada e socialmente aceitável, onde falta o sentimento de individualidade.

"É como o meu pai, de confiança, uma boa pessoa"

Estes indivíduos não antecipam as necessidades do parceiro, têm dificuldade em manter este nível de orientação em situações de stress ou de conflito

ESTÁDIO 3 : Descrição, julgamento, reconhecimento da causa e do efeito

ESTÁDIO 4 : concreto, aceita o ponto de vista do outro.

NÍVEL INDIVIDUADO/RELACIONADO

Compreensão do ponto de vista do outro de uma perspectiva intuitiva e sensitiva, que vai para além da repetição do que o parceiro explícita.

No ESTÁDIO 6: os indivíduos antecipam as necessidades do outro e consideram motivações que mesmo o parceiro não está completamente consciente.

Capacidade de manter o sentido do ponto de vista do outro mesmo quando em desacordo ou discussão.

INTERESSE

Mede a expressão afectiva e a preocupação com o relacionamento. Importante distinguir entre a preocupação com o parceiro e os passos que dá no sentido de lhe expressar esse afecto.

Está implícito na questão:

" Como é que mostra à sua mulher que se preocupa?"

NÍVEL EGOCÊNTRICO

Inclui atitudes negativas ou de juízo relativamente ao companheiro, e/ou expressão de pouco ou nenhum interesse na relação.

"Ele diz que eu não me troco que me preocupo. mas eu acho que ele está a ser criança. Porque é que ele precisa que eu esteja sempre a dizer amo-te?"

NÍVEL FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL

Inclui o conhecimento do suporte habitual no papel de companheiro, mesmo o inatingível.

ESTÁDIO 3: "Eu mostro-lhe que me preocupo através do meu trabalho, pois assim ganho bastante dinheiro para nos sustentar aos dois." (Expectativa social básica)

ESTÁDIO 4: "Eu certifico-me que ele tem as roupas limpas, cozinho o que ele gosta e estou sempre a abraça-lo" (Papel social convencional, com algum conhecimento dos factores emocionais)

NÍVEL INDIVIDUADO/RELACIONADO

Inclui todas as actividades adequadas ao papel, mas também a preocupação focalizada no suporte emocional, com evidência de que tal é posto em prática. faz-se coisas pelo outro sem ser preciso dizer.

ESTÁDIO 5: Combina responder às necessidades não faladas com uma acomodação activa e não egoísta às necessidades do parceiro.

ESTÁDIO 6: Suporte emocional.

COMPROMISSO

Está implícito nas questões:

"Até que ponto é que está envolvido nesta relação?"

"Alguma vez considerou alternativas à sua actual relação?"

NÍVEL EGOCÊNTRICO

Alguém que está prestes a romper a relação, ou que se mantém nela por razões de dependência ou conveniência

"eu tenho de estar ligada a ele. Ele é o meu único meio de suporte"

"Eu não sei o que vou sentir dentro de um ano ou dois"

NÍVEL FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL

Mostra o socialmente aceitável, a intenção estereotipada de permanecer na relação, que é vista como instituição

ESTÁDIO 3: Eu pensei recentemente em divorcio e quero ir ao psicólogo para que a nossa relação possa resultar. Agora estou mais aberta, falo acerca do que me preocupa"

ESTÁDIO 4: "Eu estou muito comprometida, isto é a minha relação mais importante"

NÍVEL INDIVIDUADO/RELACIONADO

Mostra comprometimento com aquele indivíduo específico, bem como a solida intenção de permanecer na relação, através do investimento em coisas concretas e o investimento amoroso no parceiro. Mostra elevada apreciação pelo parceiro.

ESTÁDIO 5: Compromisso com parceiro específico, sentimento de trabalhar na evolução da relação.

ESTÁDIO 6: "Vamos sentar-nos neste quarto e envelhecer juntos. E isso faz-me muito feliz".

SEXUALIDADE

Implica estar confortável na sua natureza sexual, e descrição da sua relação sexual de uma forma que enfatiza a mutualidade. Preocupação com o prazer do outro, ternura e aspecto afectivo do sexo, vontade de falar na componente sexual da relação; capacidade de tolerar a frustração.

Está implícito nas questões:

Está satisfeito com o lado sexual do seu relacionamento?

Se não quais são as dificuldades?

Pensa que o seu parceiro está satisfeito?

Discutem as vossas dificuldades?

Houve algumas alterações no vosso relacionamento sexual?

Que mudanças é que gostaria que acontecessem?

NÍVEL EGOCÊNTRICO

Descrição da vida sexual apenas em termos da frequência ou variedade. A preocupação com estes assuntos sugere que o parceiro é tratado como objecto sexual. Similarmente, cota-se neste nível sujeitos que evidenciam uma falta de preocupação com o prazer do parceiro ou intolerância pelas diferentes preferências sexuais do parceiro. É também apropriado para indivíduos que demonstram uma identidade sexual pobre.

"Eu sempre tive muito medo do sexo. Pensei que as coisas mudariam automaticamente quando eu casasse, mas não resultou assim."

NÍVEL FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL

Produz uma descrição do tipo "está tudo bem" quaisquer que sejam os problemas, pois esta é a resposta aceitável típica. Os conflitos ou complicações são vistos como vindo de factores externos.

ESTÁDIO 4: "Sim é bastante satisfatório. O único problema é que vimos ambos tão cansados do trabalho que não temos a energia para o sexo que tínhamos antes. Ao fim de se estar casado há alguns anos já não se é tão apaixonado, mas há mais afecto"

NÍVEL INDIVIDUADO/RELACIONADO

Aceita frustrações ocasionais e valoriza a expressão de ternura. Outros factores que também contribuem para uma cotação elevada são: falar abertamente acerca da relação sexual com o parceiro, evidência de que o sexo é melhor quando passam mais tempo juntos, a capacidade de ser brincalhão, valorizar a expressão da ternura.

ESTÁDIO 5: "Sexo é ainda mais maravilhoso quando estamos a tentar ter um filho. Dá uma profundidade ao que estamos a expressar".

Mesmo quando relatam uma disrupção na sua relação sexual, a avaliação é feita segundo a maturidade da sua atitude face à sua situação.

COMUNICAÇÃO

Há muitas questões na entrevista que retiram informação acerca da comunicação:

Acerca de que é que fala com o seu parceiro?

Até que ponto é que é aberto com o seu parceiro?

Há alguma coisa que você não quer partilhar?

Partilha preocupações e problemas?

Fala acerca das diferenças que surgem na relação?

Como reage quando o seu parceiro o critica?

Como resolvem as vossas divergências?

O propósito desta escala é cotar o comportamento comunicacional do indivíduo com o parceiro no contexto do relacionamento descrito, distinguindo do comportamento comunicacional com um entrevistador e dos competências de comunicação em geral.

Esta escala envolve quatro comportamentos:

AUTO-REVELAÇÃO - Refere-se à capacidade para partilhar sentimentos e reacções

ESTÁDIO 2: "Falamos de tudo, da família do trabalho, que vida teríamos quando focarmos ricos, o que se passou no trabalho" (tópicos concretos, e externos à relação, mas com alto valor em partilha)

ESTÁDIO 2 ou 3 : "Nós falamos acerca de como estamos emocionalmente...como vamos nas nossas carreiras, se estamos felizes, acerca dos nossos sentimentos um pelo outro, de planos para o futuro". (O conteúdo inclui tópicos afectivos e relativos ao relacionamento).

INICIAR - Significa introdução de discussão dos problemas e temas no contexto da relação.

"Quem é que habitualmente levanta os problemas na relação?"

A avaliação deste parâmetro é ajudada pela avaliação dos depoimentos prestados na áreas relativas ao afecto, cognição e comportamento comunicacional.

OUVIR - Refere-se à vontade de ouvir as preocupações e queixas do parceiro de forma não defensiva. É solicitado pela questão "Como reage quando o seu parceiro levanta problemas no relacionamento"?

RESPONDER - É usado no sentido de denotar a prontidão para prosseguir uma discussão sobre divergências no sentido de alcançar a resolução. O conceito inclui a vontade de se comprometer e de se comportar de forma a ser responsivo às preocupações do outro, no sentido da prevenção de discussões futuras e no sentido do bom entendimento"

É a combinação destes quatro parâmetros, que permite a cotação do sujeito nesta .

NÍVEL EGOCÊNTRICO

Descreve indivíduos que dão muito pouco valor à comunicação e ao relacionamento. Usualmente estas pessoas têm competências de comunicação muito pobres. também se cota neste nível indivíduos que usam as suas competências de comunicação para manipular o outro.

"Falamos de quanto dinheiro temos no banco, e qual vai ser a próxima coisa a arranjar na nossa casa"

Se sinto que vai haver uma discussão, saio de casa durante um bocado, em vez de discutir, o que acho que não serviria para nada. Não gosto de falar nos nossos problemas e evito-o. Não vejo grande interesse em falar das coisas. Se alguma coisa está mal, mudo-a"

NÍVEL FOCALIZADO NO DESEMPENHO DE PAPEL

Inclui tópicos externos e concretos nas suas conversas com os parceiros. Dão porém valor à comunicação nos seus relacionamentos, e tipicamente incluem alguma partilha ou sentimento com o parceiro.

Sujeitos que dizem "Falamos de tudo" sem dar especificações, cotam-se neste nível, bem como indivíduos que demonstram fazer esforços sinceros nem comunicar, mas que são bloqueados terminando em discussões.

"Nós falamos acerca da maioria das coisas, mas eu não gosto de falar acerca do meu trabalho, porque há muita terminologia que ele não compreenderia. Tento evitar assuntos que possam trazer desacordo, mas falo acerca da casa, e da nossa situação financeira, coisas assim. Não acho que falar com detalhe dos meus anteriores relacionamentos tenha algum interesse, mas à parte isso partilhamos as nossas preocupações e problemas"

NÍVEL INDIVIDUADO/RELACIONADO

O estilo de comunicação inclui tópicos externos, bem como discussão centrada na relação e nos afectos.

Há habitualmente um esforço no sentido de criar tempo para conversar, apesar dos obstáculos. Para uma classificação neste nível é necessário evidenciar a capacidade de resolução de conflitos. A ênfase é dada na capacidade da pessoa valorizar suficientemente a comunicação de forma a ouvir o material doloroso e avançar no sentido da resolução das dificuldades.

"Discutimos as nossas divergências, mas acho que de início somos um pouco defensivos. Quando relaxamos, a discussão é muito mais produtiva. Partilhamos preocupações e problemas. Partilhamos as nossas inseguranças acerca do trabalho e das preocupações financeiras. Inseguranças acerca de nós próprios enquanto indivíduos. É importante para nós discutir os nossos problemas e divergências. Sentimos que assim os dois podemos mudar numa direcção positiva e aprender com o outro."

ESTÁ DIO	REVELAÇÃO DE SI	INICIAR	ESCUTAR	RESPONDER
1.	Partilha informação	Nunca inicia	Sente-se atacado ou ferido, pela iniciativa do parceiro	Comunicação está sempre interrompida Apenas consegue responder pelo ataque
2.	Relata actividades diárias externas e concretas Linguagem relativa à relação estereotipada	Discute detalhes que afectam a relação: Planos e actividades		Sente que falar faz piorar as coisas Ignora ou reprime o conteúdo da comunicação do parceiro
3.	Aberto acerca de eventos passados pessoais e familiares (concretos e externos mas com contexto) Partilha material afectivo externo à relação (pontos de vista religiosos e políticos)	Inicia por vezes Pode exprimir as reacções afectivas ou o material interno à relação	Reconhece que o outro ponto de vista é possível, mas desvaloriza a comunicação do parceiro com um julgamento distorcedor.	Responde à comunicação do parceiro, mas não estabelece uma comunicação recíproca. Pode desvalorizar a comunicação Sente que a comunicação é um valor, mas não gosta de falar com o parceiro. Pode ter regras rígidas acerca de quando, como e acerca de quê a comunicação deve ter lugar
4.	Partilha simples reacções emocionais aos eventos diários externos à relação (trabalho, filhos)	Discute sentimentos acerca de transacções externas que afectam a relação Pode dispor-se a expressar apenas as reacções "aceitáveis", ou pode ter um estilo ineficaz de comunicação	Pode por vezes por de lado as suas reacções em ordem a ouvir verdadeiramente a expressão do ponto de vista do parceiro	Comunicação é muitas vezes rompida antes de alguma resolução ter lugar, mas o assunto é retomado mais tarde.
5.	Muitas vezes e voluntariza informação, inclui todas as áreas acima, mais sentimentos acerca do self e acerca do relacionamento afectivo, com excepção para temas demasiado ameaçadores ou difíceis	Inicia discussão em aspectos positivos e negativos da relação, mesmo quando eles podem ser problemáticos	Habitualmente ouve o ponto de vista do parceiro, excepto quando o conteúdo é altamente carregado	Inicialmente resiste à comunicação do parceiro, mas junta-se ao processo, partilhando os seus pensamentos Habitualmente sente-se bem quando fala, com excepção para os problemas que parecem nunca conseguir resolver-se Comunicação resulta em satisfação parcial (apenas um parceiro satisfeito, e o outro menos, ou algumas assuntos são plenamente resolvidos, e outros são discutidos indefinidamente)

General Scoring Guidelines Intimacy Maturity

General Overview of Levels

LEVEL 1: Self-focused (Stage 1 or 2)

The individual at this level sees the partner as a means to personal and self-serving ends--or as an obstacle to those ends. Descriptions of the other as a source of supply, or as a hostile rival for supplies would rate a stage score of 1 or 2. At this level, there is little or no acknowledgement of the other's equality or separateness, little or no concept of the other's views and feelings. Language which objectifies the other, or treats the other as an extension of the self is a tipoff for ratings of stage 1 or 2. Descriptions of the relationship focus on the subject's own needs (which may be described in glowing detail), and on the partner's success or failures in meeting those needs, but not on the processes internal to the relationship. For some subjects at this level, the quality of description may indicate a paucity of inner experience and a feeling of interior emptiness. Extreme dependency on the other person, which may take a hostile form, is one possible manifestation of a Level 1 relationship.

LEVEL 2: Role-focused (Stages 3 and 4)

At this intermediate level, individuals have a basic understanding that the other has needs and feelings, too, but descriptions of relationships lack complexity and depth. Responses rated at the role-oriented level tend to focus on concrete, external things as the source of problems or as the way to express support.

"The only thing I'd like to change in the relationship is to have a better work schedule and be making more money."

"I hug him and kiss him and make sure his dinner is cooked and he has clean clothes to wear to work."

"He pays the bills and makes sure the car is running."

Role-focused descriptions of the relationship often take the form of stereotyped images of a happy marriage. They are socially acceptable responses, lacking specific examples that would demonstrate an appreciation of the partner's individuality. For example, the statement "Oh yes, we talk about everything. I share everything with her--we're very close," when unsupported by examples of sharing and communication, would rank at the role-focused level. One senses that the subject sees the self as a "good spouse" and makes a reply based on an internal model of "a good marriage." Even when describing problems in the relationship, the role-focused subject's responses are

characterized by a lack of introspection and a tendency to generalize. The level 2 individual lacks an imaginative, intuitive sense of what it is like to be inside the other's skin. He or she needs to have the partner's needs or feelings spelled out.

At the higher end of the conventional level, one can find acknowledgements that not all in marriage is rosy, but everyday problems may be dismissed with a certain glibness reflective of conventionality.

"I used to get upset about how bitchy she was when I came home from work, but she explained to me how ragged she gets after being with the kids all day, and now I try to take that into account."

Such evidence of attempts to compromise in order to take the partner's needs into account would be likely to raise the stage score from a 3 to a 4. Many relationships at this level are comfortable and happy, with both partners carrying out roles that society expects from good citizens. Replies that fall in the role-focused level but show positive appreciation for the partner and the marriage are usually rated stage 4.

LEVEL 3: Individuated/Connected (Stages 5 and 6)

The stage 5 and 6 ratings indicate that intimate behavior goes beyond a stereotyped, socially acceptable format, with a resulting depth of connection. A mature ability to cope with disappointment, tolerate struggles, and make compromises must be evident in order for the subject to be rated at stage 5 or higher. An answer which convincingly demonstrates that conflicts in the relationship are faced and dealt with, and which goes on to express satisfaction and even joy in the partnership would be scored stage 6. To rate individuals at the Individuated/Connected level, scorers must see evidence that a free choice is made to be close with the specific partner--a choice made from a position of autonomy, rather than out of need or convenience. The subject should demonstrate the ability to recognize the partner's individuality, to appreciate the other's unique qualities and to take pleasure in enhancing the development of the other's talents and powers.

At this level, subjects refer to more than the concrete, visible signs of the relationship's quality. They have a concern with the emotional and even the spiritual satisfactions to be gained from intimacy with this particular partner. They place a high value on these intangible qualities and generally demonstrate a willingness to pay a lot of attention to "our relationship" and how it is going. This takes the form of committing time and energy to the partnership, both for working out problems and for

sharing valued activities.

Scoring the Subscales

Subsequent sections of this manual describe the basis for assigning these three developmental levels--Self-focused, Role-focused, and Individuated/Connected--to respondent descriptions of the relationship on each intimacy subscale. We make the general suggestion to scorers that they first identify the level for each component, then decide whether the subject's response is at the upper or lower end of that level. In giving examples, we have done our best to find succinct and representative quotations that illustrate particular stage scores. In reality, scores are seldom assigned on the basis of isolated quotes such as those provided; our examples are merely representative of the types of things said by individuals scored at a particular level. As will be shown, scoring for a particular dimension is often based on several statements made by the subject over the course of the interview. It is, of course, important that scorers use any statement from the interview for one scale only, in order to avoid confounding the dimensions of the Intimacy Scales.

Scoring interviews for intimacy maturity is facilitated by mastery of our other scoring system--filial maturity. Table 1 summarizes the parallels between each scoring system for each of the six stages of relationship maturity.

Insert Table 1 About Here

C. Subscale I: Orientation

Orientation refers to the ability to take the other's point of view, requiring, at the highest level, a full sense of the other as an autonomous individual with complex motivations. High level orientation is characterized by a tolerant, nonjudgmental attitude towards the partner and includes a sense of the systemic qualities involved in a reciprocal relationship between two partners.

The request at the beginning of the interview to "describe your spouse" gives the scorer a sense of how clearly and with what differentiation the respondent can see and describe the partner. The request "How would your spouse describe you?" generally provides some evidence of the respondent's ability to view the self from the partner's perspective. The more three-dimensional the picture of the partner that emerges from these questions, the higher the respondent's score on the orientation dimension. As the interview progresses, orientation may be evaluated in any response describing the partner's point of view or demonstrating a disinterested view of the partner's motivation. Whenever the interviewer asks "How do you think your wife/husband feels about that?" or "Why do you think she/he feels that way?" the scorer should look for evidence of the respondent's orientation in his or her reply. In addition, statements that show that the respondent takes the partner's feelings into account by modifying his or her own behavior contribute to the orientation score.

SELF-FOCUSED LEVEL

At the self-focused level, there is little or no perspective-taking in the respondent's orientation to the other. The respondent may be rendered completely inarticulate by the task of describing the spouse (e.g., "she's just...You know...(long pause) I can't describe her.") Respondents scored at this level consider the partner wrong or bad for behaving in ways that contradict their own wishes, or think that explaining their own point of view to the partner should do away with any opposition. This person is sensitive to the other's personality only as it affects the self. Unable to see the world from the other's view, such respondents see the other in terms of their own personal plans;

"I tell her, 'Why should you go out at night? I don't go out.' I figure, she's married to me, she ought to stay home and be with me. I don't want her going to any of those classes."

(Judgmental, self-focused, typical of stage score 1)

ROLE-FOCUSED LEVEL

Respondents at the role-focused level typically acknowledge their partner's right to a point of view. They know that respecting this other point of view is part of being a good spouse and helps to maintain the stability and comfort of the marriage. Orientation at this level is often expressed in the form of descriptions of the partner's needs, and sometimes the respondent seems to be repeating a lesson that has been the theme of many arguments.

"She seems to be very upset when I don't show her nonsexual affection. She gets into what I call her bitchy mood."
(Descriptive, somewhat judgmental, acknowledges basic cause & effect; representative of stage 3)

"I know it's been hard for her with me working and going to school nights. She feels like she never gets to see me."
(Fairly concrete, accepts partner's view; representative of stage 4)

When asked to describe their partner, role-focused respondents often respond in terms of the partner's role (e.g., "He's a good husband, a good father") or give what sound like stereotypical, socially acceptable replies that lack a sense of individuality.

"He's just like my father--very quiet, reliable. Very good person."

Role-focused individuals are not likely to anticipate the partner's needs, especially if such needs depart from the expected spouse role. However, once informed, the stage 3 or 4 person can make accommodation to the partner. This level of orientation may be difficult to maintain during times of stress or conflict.

INDIVIDUATED/CONNECTED LEVEL

At the individuated/connected level, a respondent gives evidence of comprehending the other's point of view from a feeling, intuitive perspective.

"It's the difference in our backgrounds. In his family they never say anything angry to each other at all, so when I get mad at him he thinks that the sky is falling."

(nonjudgmental, understands the feeling reaction; typical of stage 5).

Such individuals do not necessarily understand everything without being told, but their understanding is of an active nature that goes beyond simply repeating a description of what the partner has explained. It is not enough to have a highly developed sense of why the partner feels a certain way without some evidence of

attempts to take those feelings into account through some behavioral accommodation.

"I know I'm hard to live with because I find it very difficult to communicate my feelings. So when she asks me how I feel about something, I do my best to respond, even though it's hard for me. I make the effort to talk with her every day. I know this helps her feel better about me and our relationship."

(Typical of stage 5)

Respondents receiving the highest stage score can anticipate the other's needs and consider motivations of which even the partner may not be clearly aware. The stage 6 individual has the capacity to maintain a sense of the partner's point of view even during disagreements or fights.

ORIENTATION: REPRESENTATIVE QUOTES¹

	Stage Score	Quotation
Level 1	1	I'm not in her head. I have no idea what her view of me is.
	1	She doesn't work so usually her problems are insignificant whereas mine are important like how the bills are going to get paid.
	2	Well, she is a perfectionist. So she tends to be overcritical about things. She wants everything immaculate. I try not to let it get to me, just for convenience sake--it's not worth an argument. (more descriptive, still judgmental, self-focused in avoiding argument for convenience.)
	2	There are certain things about him that annoy me to no end. I just can't put up with some of his habits. I can't understand why he does those things.
Level 2	3	He's very concerned about getting ahead in the company and when he talks about success it's like what he needs and naturally I think I'm a little more correct...I want to formulate what I want out of life. I'm not sure he's that kind of person. (Still descriptive and somewhat judgmental. Some effort at coordinating goals, other's point of view seen as a role.)
	3	You know, like when he's out with his friends playing golf, I get angry because I feel he's not devoting enough time to me, but on the other hand, he deserves to relax. So it's hard but I try to be understanding.
	4	We have different styles, and different ways of going about child-rearing. I really don't think it will get resolved; I've learned to live with it. He just tends to be the "strict father"--he looks for things and I don't. He often gets angry over trivial things, which many times can lead to an argument if we don't agree. (Some effort to coordinate, compromise. Other still seen in terms of a role; perspective shows less judgmental language, more tolerance.)

¹Quotations are considered representative of the statements respondents are making which lead to a particular score. Generally subscale scores are based on more material than is provided in the sample quotations.

- Level 3
- 4 I understand that he's uptight because he's unemployed, but he's smart and I think he's worrying too much about finding a job.
- 5 You know, she has ways of doing things that she did when she lived at home and I have my ways of doing things when I lived at home--we're now able to come to a compromise. I mean I can't feel the same feelings she has, but can understand them if we talk things over. We can see each other's side and say, "Can you see how I was feeling?" and, "Yeah, I can see where you said that."
- I don't think he's in touch with a lot of parts of himself...I think he's sort of insecure about his emotional feelings even though he's very loud and outgoing. A lot of people don't understand his style but I recognize he's capable of great love even if he doesn't know how to show it.
- (Sees other outside of role, attempt to understand other's motivations.)
- 5 I can tell if something's bothering him. He's not comfortable discussing his problems, so usually I ask him what's up, then I try to help him relax and talk about what's bothering him.
- 5 She's a family person. That's the way she's been raised, whereas my family is not as close, so that spending time with her parents is important to her, although I wish that time could be used for ourselves.
- 5 Sometimes we'll protect each other, like he's going through a bad time now and he's unemployed, so if I get angry at him, even though it's not his fault, I try to keep it to myself or let it out elsewhere. He does the same for me.
- 5-6 There are certain things that will never change, like some of her outlooks on values and things. Because the way we were raised, somewhat similar, but yet vastly different backgrounds. It's hard to put a finger on any one thing. There are certain issues we agree on, but maybe not whole-heartedly. We can understand each other's feelings fairly well and can easily tell when each of us is bothered by something. We don't think any less of each other because of these differences--we view each other as independent people and therefore accept those differences more easily.

D. Subscale II: Concern

The concern scale measures the respondent's expression of affection and caring in the relationship. In developing this scale, we were led to distinguish between the impression a respondent may give in the interview of caring deeply for the partner and the steps that he or she takes to express this emotion to the partner. We concluded that the latter category was especially relevant in scoring caring/concern.

The issue of concern is directly addressed in the question, "How do you show your spouse that you care?" However, we found that this question often draws forth very concrete responses, and the scorer needs to be aware of places elsewhere in the interview where there may be examples of emotional concern.

SELF-FOCUSED LEVEL

A self-focused response may include some negative or judgmental attitude towards the partner.

"Oh, he's always telling me I don't show enough caring. But I think he's just being a baby. Why should he need me to say 'I love you' all the time?"

"Basically [I show I care] by tolerating her. She is so weird, I tell her nobody else would put up with her."

Those who express little or no caring in the relationship would be scored at this level.

ROLE-FOCUSED LEVEL

Role-focused responses, by contrast, may include all the activities expected in the role of wife or husband. The high end of the role-focused level for caring may include some acknowledgement of the intangible type of support ("I try to be there for her when she's upset") without specific examples of how that would take place.

"I show her I care by working hard so that I make enough money to support us."

(Basic role expectation - Stage 3)

"I make sure he has clean clothes to wear and I cook his favorite things. I hug him and kiss him a lot."

(Conventional role, with some acknowledgement of emotional factors - Stage 4)

INDIVIDUATED/CONNECTED LEVEL

To rate at the highest level (Stage score 5 or 6), a respondent may include all the concrete and role-appropriate activities listed by the conventional, role-focused person, but

must also go on to include a concept of concern that focuses on emotional support and gives evidence of ways in which the respondent practices this concern in the relationship.

"I knew something was bothering him and I kept inquiring until finally I wormed it out of him, how upset he was about his friend, this fight they're having. So when I heard the whole story I said, 'That's it--you better take some time off and fly out to Chicago and straighten things out with X.'"

(Combines responding to unspoken needs with an active, unselfish accommodation to partner's needs - Stage 5)

A tipoff for the 5 and 6 ratings is the notion of doing things for the other without having to be told.

"I knew she was very upset the day she found out she didn't pass the bar, so I called her at work and told her I would pick her up and take her out to dinner. I just told her I loved her and it would be ok."

(Emotional support - Stage 5)

CONCERN: REPRESENTATIVE QUOTES

Stage

- 1 I'm too busy to worry about all her feminine needs. She's got to take care of herself.
- 1 He's got to depend on himself. I just can't keep helping him, he's got to take care of himself.
- 2 I guess I should try to bring her flowers sometimes, or something like that. But I feel I've got my hands full trying to meet the bills every week and I'm supporting us, so she should know I care about her.
- 2-3 I usually buy her candy or flowers when I show her how much I care about her.
- 3 When she's distressed, I usually try to help her, although I never promise to succeed.
- 4 [I show I care by] helping out around the house. Sometimes I'll bring her a little present, or a card that says "Hey I'm thinking about you." And I show it by kissing and hugging her, and by our sexual relationship.
- 4 I show him by keeping the house the way he likes it, and by dressing nicely and taking care of myself, which he appreciates. Sometimes I'll leave him little notes, or cook one of his favorite things. And I show him when we make love.
- 5 When his father died, we talked a lot about how he felt and about us. But it doesn't have to be a traumatic experience like death, but we do try to help each other if there is a problem. We'll talk about things, and I'll try to be supportive to him.

5-6 I try to show her how much I care by remembering what's important to her, like Sunday mornings are a special time for her, so I like to plan to just have the time to ourselves. I try to be aware of times when she's got extra pressure on her--like the first and last weeks of the semester--and then I take on all the household chores for her. I tell her a lot how much she means to me, and I express my caring physically.

E. Subscale III: Commitment

At the end of the interview, the respondent's answer to the question "How committed are you to this relationship?" provides the basis for rating level of commitment. However, responses to other questions sometimes include clear statements about commitment. A very brief answer such as "Very committed" might be amplified by the information that the couple have been discussing setting up a retirement fund or are planning a pregnancy. These would be conventional, external signs of commitment that generally would contribute to a stage 3 or 4 score. The same "Very committed" answer would probably earn a lower rating when combined with the information that the respondent was having an affair or was unwilling to deal with some glaring problems in the relationship. Again, scorers must be careful to score any one statement on only one scale.

The follow-up question "Do you ever consider alternatives to this relationship?" is chiefly of interest in amplifying doubts about the respondent's commitment. If a respondent acknowledges occasional fantasies about other relationships, this does not necessarily lower a high commitment score. However, a long discourse about how inconvenient it would be to get a divorce can clarify that what someone means by "Very committed" is quite concrete, or even opportunistic.

"Oh, no, we have the children, and we have our house just the way we like it. So I would never want to mess up my life with a divorce."

(Typical of stage 2)

On the other hand, an answer such as the one that follows demonstrates that what is valued is a quality of connection that cannot be easily replaced.

"Oh yeah, every now and then I have fantasies about being with someone else. But they are only fantasies. I know that what she and I have together is really special to me."

(Typical of stage 4)

SELF-FOCUSED LEVEL

Someone who is ready to leave would clearly rank at the lowest end of the commitment scale. Likewise, a respondent who needs to stay in the relationship out of dependency or reasons of convenience would also rate in the lowest, or self-focused category, too.

"I have to be committed to him. He's my only means of support. I know I couldn't make it on my own."

(Typical of stage 2)

Sometimes at stage 2 or a little higher (i.e., stage score 2-3), we find people who first express some commitment but then reveal that in their hearts have not made a commitment to the relationship. The "considering alternatives" question often draws forth information about their doubts.

"I tell her that if she can't stop nagging me about smoking I'll leave her. And she knows it's only half a joke. I'm just not sure I can tell, right now, what I'll feel like in a year or two."

(Typical of stage 2)

Some people may describe themselves as "very committed" but in the follow-up question may reveal strong wishes and fantasies about divorce, love affairs, or the spouse's death which belie that commitment. For example, consider the respondent who provides four paragraphs of detailed plans about who would get the furniture, where she would take an apartment on her own, and who she would go out with in the case of a divorce, but then says: "But I know that's just a fantasy."

ROLE-FOCUSED LEVEL

When the relationship is in big trouble, a respondent who is considering divorce but devoting some energy to repairing the damage may rank above the self-focused level in the role-focused range.

"Yes, as I said, I've thought about divorce recently, and he knows it. That's why I want us to go for counseling, so we can see what we can do to make this work. I'm trying to talk to him openly now, about the things I'm upset about."

(Typical of stage 3)

A more usual response for scoring in the role-oriented level of commitment is one that shows a socially acceptable, role-stereotyped intention to stay in the marriage. Commitment at this level often appears to be more to marriage as an institution than to a particular individual.

"I'm very committed. This is my most important relationship."

"I'm very happy with things as they are and I want to stay married. He has become an integral part of my life and we both see our futures together."

(Typical of stage 4)

INDIVIDUATED/CONNECTED LEVEL

At the upper end of the commitment scale is someone who shows commitment to the specific individual to whom he or she is married. To rate the highest score in commitment, respondents must show a solid intention to stay in the marriage through thick and thin--as shown by investment in such concrete things as children and home combined with a loving investment in this particular partner. That is, they must attest to placing a high value on the relationship with their specific partner--not just tolerance for foibles but positive appreciation for his or her individuality.

"There's just a sense that we belong together, we're right for each other, that goes very deep. I can't think of much that would seriously threaten our marriage. I think we would always work things out."

(Commitment to specific partner, sense of working things out; typical of stage 5)

"We were stripping the woodwork in our house, and it was really a lot of work. And she really throws herself into that kind of project. So the place was a mess and we were both all sweaty and covered with muck. And I was just looking at her and thinking: we're going to live in this house for the next thirty years. We'll be sitting in this room when we're old together. And it made me really happy."

(Typical of stage 6)

COMMITMENT: REPRESENTATIVE QUOTES

Stage

- 1 I don't think we're going to make it. We've split before and then got back together again, but all we seem to do is fight.
- 2 It's just been a constant circle lately. I just keep saying I'll try to stay with him 'til he's out of school, you know, and not pressure him and stuff, but...my needs are beginning to overflow.
- 2-3 We never talk about our future, although she brings it up now and then. I believe in living for the here and now. Things may be different for us in five or six years, then all this planning would have been wasted.
- 3 As for the future, I just want to enjoy life, and I just, I, I, don't, so far we have it together pretty much. The only one we have hassles with is like her sister. And I just want us to keep our shit together and worry about everything when it comes. And you know, we both want, we're both working towards having the perfect kid.
- 4 My marriage means everything to me. My wife and family mean everything to me.
- 4 I guess [my relationship with my wife is the] number one concern of mine.

- 5 I love him very much. I want us to have a family, grandchildren, great grandchildren. I hope we'll be around for that....Um, I'm sure everything will work out. We discuss our problems and he's seen his sister get divorced three times so he's trying very hard not for that record. And I'm the type to work something out.
- 5 This one's for real. I mean, we're married. We work out our differences, stay together. I'm willing to do most anything to make it work.
- 5-6 My relationship with my wife is my life right now, I guess you could say. My family's the ones I'm workin' for and the ones I want to be with the rest of my life....I look forward to proving to myself that I can be a father, I can be a good husband and a good provider....I'm going to give my 100% plus, if I can.

F. Subscale IV: Sexuality

Our concept of mature sexuality is that people be comfortable with their own sexual nature and describe their sexual relationship in a manner emphasizing mutuality. Concern for the other's enjoyment, emphasis on the tender and affectionate aspect of sex, willingness to talk about the sexual relationship with the partner, and the ability to tolerate frustrations in the service of long range development of the relationship are all important in this concept.

Interviewers ask the respondents some or all of the following questions about sexuality in the relationship:

Are you satisfied with the sexual side of the relationship?

If not, what are the difficulties?

Do you think your partner is satisfied?

Have you discussed these difficulties? or, Do you talk about your sexual relationship?

Have there been any changes over time in the sexual relationship?

What changes would you like to see in your sexual relationship?

SELF-FOCUSED LEVEL

Respondents who describe their sex life only in terms of frequency or variety cannot score beyond the self-focused level (i.e., stage score 1 or 2) no matter how glowing their reports. Their preoccupation with such concerns suggests that the partner is being treated as a sex object. Similarly, respondents who evince a lack of concern for their partner's pleasure, or intolerance for their partner's differing sexual needs would be scored at the self-focused level. If the interview shows that the respondent has a very poor sense of sexual identity, then a stage score of 1 or 2 would also be appropriate.

"I was always afraid of sex--the way I was brought up made me very frightened. I guess I thought things would change automatically when I got married, but it hasn't really worked that way. I guess you could say we don't really have a sexual relationship."

(Typical of stage 1)

ROLE-FOCUSED LEVEL

The role-focused level description of the sexual relationship is, in general, a statement that, whatever problems there may be, "everything is fine." This is the socially acceptable "right" answer, one where any conflict or complications are seen as coming from external factors.

"Yes, it's very satisfying.... the only problem is that we both get so tired from school and work that we don't have as much energy for sex as we used to. After you've been married a few years, you're not as passionate, but there's more affection there."

(Typical of stage 4)

The preceding quote is scored at the high end of the role-focused level because the respondent acknowledges tenderness and affection underlying the sexual relation. A respondent who reports occasional sexual difficulties can score higher than one who says simply "Oh yeah, everything is fine" if the former respondent includes affection for the partner and tolerance of frustration in his or her answer.

INDIVIDUATED/CONNECTED LEVEL

Accepting occasional frustrations and valuing the expression of tenderness are also necessary for an individuated/connected level score. Other factors that can contribute to a high score, when combined with a general valuing of the sexual relationship, are: talking freely about the sexual relationship with the partner, evidence that sex is better when they spend more time together (e.g., on vacation, or after talking intimately), the ability to be playful, a high value on the expression of tenderness.

"Sex is even more wonderful now that we are trying to get pregnant. It adds a deeper meaning to what we are expressing."

(Typical of stage 5)

Respondents who report a disruption in their sexual relationship are evaluated according to the maturity of their attitude towards the situation. Again, tolerance of frustration and an emphasis on the emotion expressed are key factors.

"Well, we're not having sex right now because she's eight and a half months pregnant. But this has been a very affectionate time. We realize that after the baby comes we won't be alone with each other nearly as much, and we've agreed that we'll have to make a real commitment to keep our sexual relationship going, because it's important to both of us."

SEXUALITY: REPRESENTATIVE QUOTES

Stage

- 1 I've had more desire for sex than he has the last two years or so of our marriage. And I guess it's been a year now since I quit taking the pill for medical reasons--not because the doctor told me to, but because I think taking

it is not the greatest thing to do. But I would have kept taking it if we'd been having sex as frequently as we should. But since we weren't I could see no point at all in keeping it up, so I quit. And now, as I see it, he's using that as an excuse, and doesn't want to use condoms, and we don't want to have children now, so sex is not that good for him.

2 Sex is not extremely important--I would say it's medium to very important. It's more a friendship relationship where each one has emotional needs and they are very well satisfied.

2-3 The sexual side of the relationship is not so good now that we're fighting so much. When we didn't fight so much, it was fine. It's not a very important part of our relationship now that he doesn't have time for anything. I mean, uh, so I've sort of had to adjust to that, you know. I wouldn't have any problems about sex if I felt closer to him. But I don't feel very close to him right now because he doesn't even have time to talk to me.

3 Well--we can talk about sex--if one party's not up for it, or something. We don't put pressure on each other, at all. I'm getting to the age, you know, it's not as important any more.

4 Sex is pretty important. It's not a be all and end all, but we both enjoy it and need it to some extent. We expect it not at any particular time but on a pretty regular basis.

5 I feel that the sexual side of our relationship is very good. It is fairly important to us because it's a deeper expression of our relationship, it's sort of a need to give each other something on a different level.

5-6 We have always had an incredibly powerful sexual attachment--that was there before we really got to know each other. And that is still there. Even when we're exhausted, or angry at each other, that feeling draws us together and helps us express how much we care.

G. Subscale V: Communication

There are many questions in the interview that draw information about communication, among them:

- What do you and your partner talk about?
- How open are you with your partner?
- Is there anything you wouldn't share?
- Do you share worries and problems?
- Do you talk about differences that arise in the relationship?
- How do you react when partner raises a problem of criticism?
- How do your differences get worked out?

In addition, other areas of the interview may sometimes yield information about how well the respondent communicates with the partner. Scorers should note that the purpose of this scale is to rate the individual's communication behavior with his or her partner within the relationship described, as distinct from the respondent's communication behavior with the interviewer or communication skills in general.

The communication scale is the most complex of our scales because it involves considering four behaviors (self-disclosure, initiating, listening, and responding) as well as the affect accompanying the communication process and the respondent's conception of self and other in the communication process.

Openness/self-disclosure refers to the ability to share feelings and reactions on a wide range of respondents.

"We talk about how we're doing emotionally . . . how we're doing in our careers. Whether we're happy. We talk about our feelings for each other, what we think our problems are. Plans for the future."

(Content includes affective topics and the relationship itself. Openness of this sort is typically found only at Level 2 or 3)

"We talk about everything: our families, our jobs, what kind of life we'd like to lead when we're rich, what happened at work. We go to the movies a lot and we like to talk about the movies."

(Topics fairly concrete and external to the relationship, but high value on sharing. Openness of this sort is characteristic of Level 2)

Initiating means raising discussions of problems and issues within the relationship. The interview addresses this issue by asking "Who is more likely to bring up problems in the relationship?" Statements about initiating are often difficult to classify by themselves; evaluation of initiating is best done in the context of other statements concerning communicative behavior, affect, and cognition.

"I feel it's important not to let things smolder, so I tell him right away when I'm upset or angry. It's like that old saying, I try never to go to bed angry."

"These things only happen when you have a wall up between you. And when you have a wall up between you, you don't want to talk about it. And when things are going rosy, you don't think about saying it."

Listening here refers to the willingness to hear the partner's concerns and complaints non-defensively. The question "How do you react when your partner brings up problems in the marriage?" solicits information about this kind of listening. Answers relevant to the issue of willingness to listen often provide good information about the affective dimension of communication as well as the respondent's conception of self and partner in the communication process.

"Ah, you know, neither of us likes to take any criticism from the other. When she tells me how I bug her, I clam up like a little kid. I don't like criticism."

"I welcome it. I want her to let me know what's going on--even if sometimes I don't like what I hear."

Responding is used to denote the willingness to follow through on a discussion of differences to achieve resolution. This concept includes the willingness to compromise, to behave in ways that are responsive to the other's concerns. What scorers should look for here is evidence that the exchange of complaints between the partners is effective in preventing future fights or furthering mutual understanding, instead of becoming a pointless exchange of hostilities that may be repeated again and again. Effective responding is the keynote of successful conflict resolution--a task which is likely to require exercise of all four communication skills, as well as a mature conception of the communication process and an ability to tolerate differences of opinion.

"She lets me know how she feels and I let her know how I feel and we just let it blow over if we don't agree."

"At first, when she tells me stuff that she's upset about, I get mad and want to deny it. But then I listen to what she's saying, because if she's upset it's important to me. So then we discuss it, and we can just about always work something out. If I'm making her unhappy I try to change what I'm doing."

It is the combination of these four components that leads to a respondent's communication rating. To be scored at the highest level of communication (stage scores 5 and 6), a respondent would have to provide evidence of proficiency in all four areas. An individual who rates low in one or more of the four areas cannot receive a stage score of 6 for communication.

SELF-FOCUSED LEVEL

Table 2 gives a comprehensive overview of communication behaviors that are scored at Stages 1 to 6. The reader can see

Insert Table 2 About Here

that a Level 1 rating (stage score 1 or 2) in general describes someone who places a very low value on communicating in the relationship. Usually such a person has very poor communication skills. However, sometimes a respondent is rated at the self-focused level because he or she uses communication skills to control or manipulate the other--for example, by lying or by attacking the other's position. Level 1 communicators usually focus exclusively on concrete issues and matters external to the relationship (as opposed to affective and relationship-centered material).

"We talk about how much money we have in the bank, and what's the next thing we're going to fix on our house."

"If I feel a fight brewing I usually leave the house for a while, rather than having a battle which will serve no purpose. I don't enjoy talking about our problems and so I avoid it. I see little value in talking about things. If something's wrong it should just be changed."

(Topics are concrete)

"Our main problems are my work schedule and her mother."

"We may discuss things that require a decision, mundane things like the bills. I don't usually bring up too many problems. Generally I accept things at face value."

(Locates the problems as external to relationship)

ROLE-FOCUSED LEVEL

Role-focused or Level 2 communicators (stage score 3 or 4) also include many concrete and external topics in their conversations with partners. However, they place a value on communication in their relationships, and typically include some sharing of feeling with their partners. Respondents who make generalizations about their communication such as "We talk about everything" without giving any specifics to support the claim are usually scored at Level 2, as are respondents whose sincere efforts in communicating sometimes become blocked and end in fighting or withdrawal.

"We talk about most things, but I don't like to talk about my work, because there's a lot of terminology he wouldn't understand and it's boring. I try to avoid subjects that may cause a disagreement, but I do talk about the house and our financial situation, stuff like that. I don't think that going into detail about my past relationships serves a useful

purpose, but other than that we share our worries and problems."

"There are certain things that I would rather not discuss because I'm afraid we might end up fighting, but usually we talk out what's on our minds. When we don't really communicate our feelings, then all of the sudden, one person will get upset and we'll have a fight."

INDIVIDUATED-CONNECTED LEVEL

Respondents rated at the individuated/connected level in communication express a very high valuing of communicating in their relationships. Their communication style includes concrete and external topics as well as a great deal of affective and relationship-centered discussion. There is usually evidence of a commitment to making time to talk, despite busy schedules and other obstacles. Evidence of ability to resolve conflicts meaningfully is necessary for a Level 3 score. In this context, we have concluded that a respondent who reports some initial defensiveness in listening to criticism may still be scored at the highest level, since we do not expect people to respond like automatons. The emphasis is rather on whether the person can value communication highly enough to listen to painful material and then go on to resolve difficulties.

"We discuss our differences, but at first I think we are both a bit defensive; once we relax our discussion is much more productive. We share our worries and problems. We share our insecurities about work or financial worries. Insecurities about ourselves, each of us as individuals. It is important for us to discuss our problems and differences. We feel that we can both change in a positive direction and learn from each other."

"I usually am the first to bring up an issue if there is tension in the air, but we always talk about it. Of course, sometimes the discussion becomes heated, but the problems are always resolved, nothing is ever left unresolved. It's just too upsetting not to discuss these things. We always resolve our fights. We talk it over and see each other's side and say 'can you see how I was feeling' and 'yeah, I can see why you said that' and then we try to straighten it out."

Table 1. Parallels Between Relationship Maturity Stages for Filial and Intimacy Maturity

I. Self-Focused	
Filial Maturity	Intimacy Maturity
Stage 1: Adolescent, dependent/counterdependent Least conceptual/global Virtually no perspective on parents as people or parents Subject's views = parent's views, can't see as different Egocentric, unreflective Parents-providers/withholders Neg - rejection, hostility, avoidance of bad int'ns Grown up/relationship with parents unchanged	Stage 1: Global, simple, undifferentiated Inarticulate Wrong for intimate other to contradict own wishes Assumes own pt. of view prevails with no opposition
Stage 2: Caught up with emphasizing independence separateness self-right/parents-wrong Describes parents as oppositional to self old fashioned "Grown up" - above and beyond parents Self protectiveness "Respect" tied to parents'ability to supply needs / not to meeting social expectations Relationship different cause of changes in self "I" statements description of parents = description of self	Stage 2: Sees other's personality only as it affects self in terms of personal plans Judgmental Avoid arguing for convenience

Table 1. (Continued)

II. Role-Focused	
Filial Maturity	Intimacy Maturity
Overall: - Stereotyped / bland - Control of expressions - Stereotyped notions of duty, respect, meeting obligations - Interactions - in safe areas - Emphasis on getting along / not rocking boat, ambivalence possible	Overall: - Acknowledge partner's right to a point of view, but view seen as a role - part of being a "good spouse" - Helps maintain stability and comfort in marriage - Restating, recapitulating present argument - lessons, themes - Partner's needs = role
4 Stage 3: - Increased awareness of own contributions to parent-child relationship--still in relation to self (new pt of comfort w/ individuation) - New tolerance of parents - no perspective - parents = separate adults - Trying to understand relationship - how it's changed over time - Reflect on child-rearing practices as impacts self - Change in view -> changed affect and behavior	Stage 3: - Acknowledged basic cause and affect - Concrete, accepting - Stereotypical, socially acceptable - Still lack sense of individuality - Not likely to anticipate partner's needs - especially if different from sp's role - If informed of partner's needs - can make accommodation to partner - Difficult to maintain this orientation in stress/conflict
Stage 4: - Beginning to view parents as people too, trying to see as separate people - lives of own, past problems/mistakes - described in conventional/concrete terms - More psychological view - Pedestal theme--tolerance linked with seeing them as a person too - Looking back at parental role as was for parents	Stage 4: - Some effort at coordinating goals/compromising - More tolerant - still can be somewhat judgmental

Table 1. (Continued)

III. Individuated/Connected Level	
Filial Maturity	Intimacy Maturity
Overall: Value for parent as a person Strong positive bond In-depth psychological perspective/peer-like interactions	Overall: Intuitive perspective
Stage 5: Ability to see things thru parent's eyes Parent more human - humanness described with complexity and forgiveness Clearly describes change in way has viewed parent over time Elaboration of pedestal theme Empathetic with current life situations parent is facing	Stage 5: Nonjudgmental - sees feeling reaction Outside of role - attempts to understand motivations Active-understanding Takes feelings into acct, may change own behavior
Stage 6: Indepth perspective Acknowledgement of interactive quality of relationship Insight into way parent's personality has affected child Acceptance of one another's faults	Stage 6: Insightful - anticipate other's needs/motivations of which even partner not aware Maintain sense of partner's point of view even during fights

Table 1. (Continued)

Transitions

Filial Maturity (only)

- 2/3 - Calmer
Still self-focused
Expressed desire to understand
Recognize that there is probably a
difference between their view and
parent's perspective
- 4/5 - Superficial
Norm-dominated beginning understanding
of relationship
Moving toward a real understanding of
how their particular parent's
experiences world and relationships

Table 2. Summary of Characteristics of Relationship Maturity Stages Across Four Aspects of Communication

	Self-disclosure	Initiates	Listen	Respond
		<u>Self-oriented Level</u>		
		Low value placed on communication.		
1	Shares basic information: Where the car is parked.	Never initiates. Rarely initiates-- has to be asked.	Feels attacked or harassed by partner's initiating. Unable to listen to partner's point of view.	Communication is always broken. Can only respond by attacking or shutting down.
2	Reports about daily activities: events at work, what the kids said. (External, concrete) May be unable to distinguish what is or is not disclosed or discussed.	Will discuss concrete details affecting the relationship: plans, activities.		Feels talking makes things worse. Ignores or represses content of partner's communication.

Table 2. (Continued)

Self-disclosure	Initiates	Listen	Respond
<u>Role-oriented Level</u>			
Some value placed on communication			
3 Open about events in past live, family background (concrete, external but provides context.)	Sometimes initiates--will volunteer concrete, low-threat material.	Can acknowledge that another point of view is possible, but may privately devalue partner's communication with judgments or distortion. "Oh, she's just overreacting" or "He only feels that way because men are so stupid.")	Responds to partner's communication but does not reciprocate or join in dialogue. May devalue communication.
Shares affective material external to relationship (e.g., religious or political feelings.)	May have to be coaxed to express affective reactions, or material internal to relationship.		Feels communication is a value in general, but does not feel positive about talking things over with partner. May have rigid rules about <u>when</u> , <u>how</u> , and <u>about what</u> communication can take place.
Stereotyped language regarding relationship.			

Table 2. (Continued)

Self-disclosure	Initiates	Listen	Respond
<u>Role-oriented Level</u>			
4 Share simple feeling reactions to daily events external to relationship (work, kids)	Will discuss feelings about external transactions affecting the relationship--e.g., family, friends, childrearing.	Can sometimes put aside own reactions to truly listen when partner expresses point of view.	Communication is often broken off before any resolution takes place (e.g., a discussion of differences degenerates into a shouting match, or person cries and refuses to talk any more) but the issue does get taken up again later.
All of the above--only more often and more freely.	Sometimes openness likes and dislikes within the intimate relationship (internal affective) but may be willing to express only "acceptable" reactions, or may have ineffective style of communication, e.g., bad timing, ad hominem attacks, or sulk-and-be-coaxed.		

Table 2. (Continued)

Self-disclosure	Initiates	Listen	Respond
<u>Individuated/Connected Level</u>			
Medium to high value or extremely high value placed on communication			
5 Often discloses, volunteers information including all the above content areas, plus feelings about self and about the intimate relationship, with some exceptions for material that is particularly difficult or threatening.	Initiates discussion of both positive and negative reactions within the intimate relationship--even when they may be problematic in some way (angry feelings, discussions about sex).	Can usually listen to partner's point of view, except when certain highly charged issues are raised.	Initially resists partner's communication but then joins in the process, shares own thoughts. Usually feels positive when the talk, with the exceptions of some problems that never seen to get resolved. Communication results in partial satisfaction (e.g., one partner satisfied, the other less so, or some discussions get fully resolved, others get played out again and again.

ANEXO III

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DO NÍVEL SOCIAL

(GRAFFAR)

CLASSIFICAÇÃO DO NÍVEL SOCIAL

(Descrição dos dois critérios da classificação de GRAFFAR)

O nível social é definido em termos do agregado familiar, podendo assumir um de dois significados:

- No caso dos indivíduos solteiros é definido em termos do nível social de origem (os pais)
- No caso de indivíduos casados ou vivendo juntos, o nível social é o do seu próprio agregado familiar.

Para determinar esta variável, utilizamos uma versão reduzida da classificação social de Graffar, que através de um sistema de pontuações parcelares, permite classificar os sujeitos em três níveis, segundo os critérios profissão e nível de instrução, que passamos a descrever.

1. PROFISSÃO

(considerar a pessoa com nível profissional mais alto)

1. Quadros superiores da administração pública ou privada e especialistas das profissões científicas, técnicas, liberais e similares. Directores de bancos, directores técnicos de empresas, licenciados, engenheiros, profissionais com títulos universitários ou de escolas especiais e militares de altas patentes.
2. Empregados de escritório em posições de chefia, chefes de secções administrativas ou de negócios de grandes empresas, subdirectores de bancos, comerciantes, operários altamente qualificados, peritos e técnicos ou trabalhadores especializados, oficiais.
3. Profissionais "artistas" - serralheiros, cozinheiros - trabalhando por conta própria em oficina de dimensões reduzidas; ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros, contramestres, oficiais de primeira, encarregados, capatazes e mestres de obras.
4. Empregados de escritório, operários, funcionários, subordinados em geral; motoristas, polícias, cozinheiros.
5. Jornaleiros, mandaretas, ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza, pessoal auxiliar, etc.

1. NÍVEL DE INSTRUÇÃO

(considerar a pessoa com nível de instrução mais elevado)

1. Ensino universitário ou equivalente (licenciatura ou bacharelato de curso superior - mais de 12 anos de estudo)
2. Curso técnico ou profissional; ensino médio, ou técnico superior (10 a 12 anos de estudo)
3. Terceiro ciclo, ensino secundário, complementar dos liceus, curso comercial ou industrial; ensino técnico inferior.(7 a 9 anos de estudo)
4. Ensino primário completo, ou ciclo preparatório (4 a 6 anos de estudo)
5. Ensino primário incompleto ou nulo

Os níveis considerados foram:

Alto / Médio - Alto - famílias com pontuações entre 2 e 4 pontos

Médio - famílias com pontuações entre 5 e 7 pontos

Médio - Baixo / Baixo - famílias com pontuações entre 8 e 10 pontos